



45

NOV. - DEZ. - 1957

HABITAT

ARQUITETURA E ARTES NO BRASIL

Handwritten signature

WALLIG produz hoje

o fogão do futuro!



Há 53 anos um símbolo de qualidade em:

Fogões domésticos e industriais a gás, lenha, carvão, óleo e eletricidade - Fogareiros a gás, querosene e eletricidade - Caldeirões - Cafeteiras - Fervedores de leite - Frigideiras - Pias - Fritadeiras - Bifeteiras - Máquinas de descascar batatas - Máquinas de moer carne - Preparadores de água quente - Máquinas de lavar roupa de diversas capacidades - Máquinas centrífugas - Secadores de roupa - Calandras - Caldeiras de alta e baixa pressão - Planejamento de instalações completas.

METALURGICA WALLIG S.A.

PÔRTO ALEGRE: Rua Voluntários da Pátria, 2213
FILIAIS: CURITIBA: Rua Lourenço Pinto, 219 - SÃO PAULO: Rua
Conselheiro Crispiniano, 57 - RIO DE JANEIRO: R. Uru-
guaiana, 141 - BELO HORIZONTE: Av. do Contorno, 459
- RECIFE: Cais de Santa Rita, 396 - LA PAZ, Bolívia.

KNOEDLER

Established 1846



Eugène Boudin (1824-1898), «Natureza morta», (32" x 22 1/4").

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

NEW YORK CITY

14 East 57th Street

LONDON

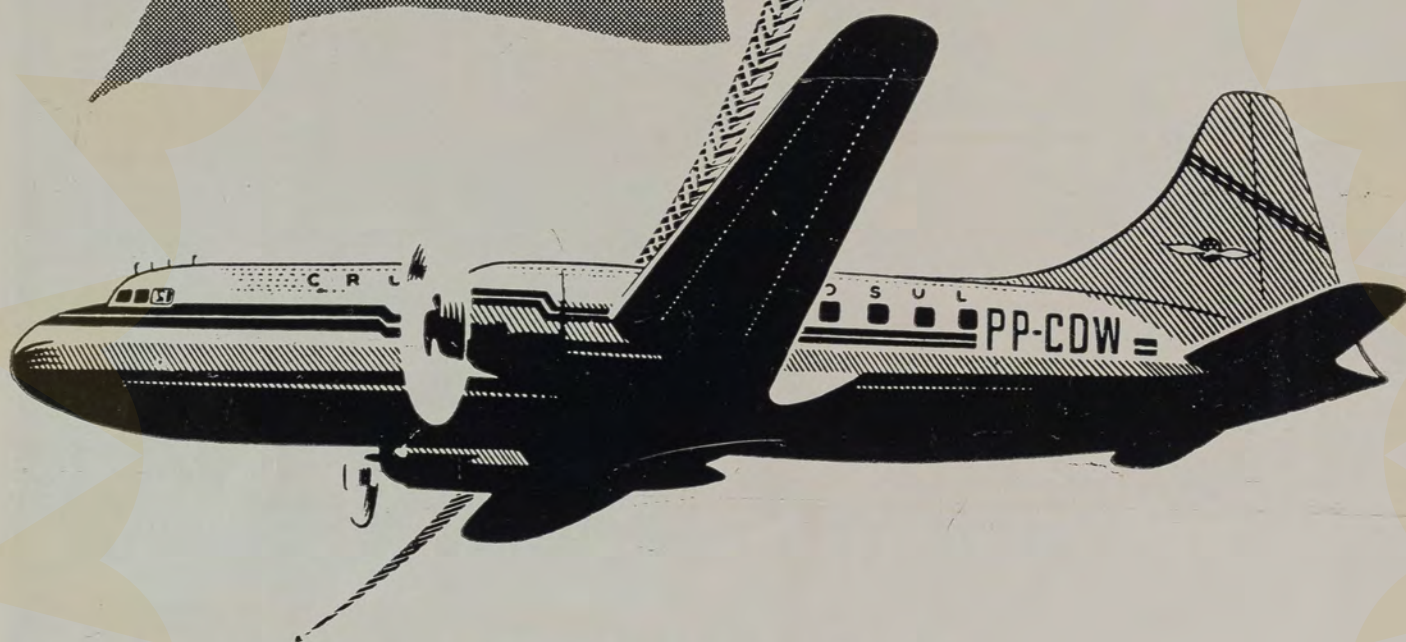
14 Old Bond Street

PARIS

22 Rue des Capucines

aviões
CONVAIR
340

Modernos e rápidos
possantes e
confortáveis



da CRUZEIRO DO SUL S.A.

Os possantes e modernos CONVAIR-340
da CRUZEIRO DO SUL, proporcionam
as mais confortáveis e rápidas viagens
aéreas.

a negócio ou a passeio prefira sempre



SERVIÇOS AÉREOS

CRUZEIRO DO SUL S.A.

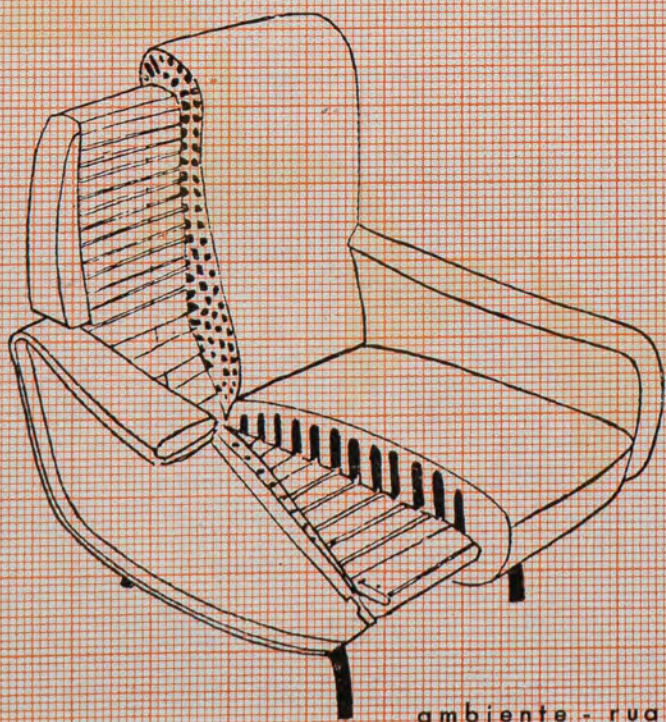
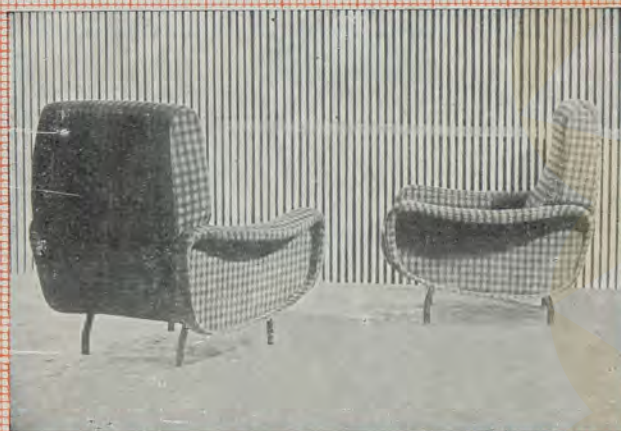
Av. Rio Branco, 128 - Tel. 42-6060
Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tel. 32-7000



as superfícies que envolvem o corpo humano numa poltrona são o assento, encosto e braços. todos estes elementos exigem diversos graus de espessura no estofamento, que se realizam neste modelo com o uso de "espuma de latex" de várias compressões aplicada sobre "nastro-cord" em diferentes tensões. também os braços são revestidos em borracha adequada. pés de ferro, pintados a duco.

modelo "lady", criado pelo arquiteto Marco Zanuso - milano, Italia. direitos exclusivos de fabricação para a américa latina, adquiridos por ambiente - ind. e comércio de móveis s. a., são paulo - brasil. todas as poltronas levarão um rótulo com o número de ordem e assinatura do arquiteto criador.

patente n.º 53.014



decorações

móveis modernos

desenhos exclusivos

tecidos originais

ambiente - rua martins fontes, 205 - tel.: 37-8248 - são paulo

Recentes publicações do Museu de Arte

P.M. BARDI

THE ARTS IN BRAZIL

A New Museum in São Paulo

Livro de 300 páginas, 60 pranchas em côres, 400 gravuras, em magnífica encadernação

L A S A R S E G A L L

Livro de 64 páginas, 15 pranchas em côres e 24 gravuras, brochura

A venda em todas as principais livrarias do Brasil



os últimos devem ser os primeiros...

Os instantes festivos que assinalam o fim desse ano devem se estender pelo de 1958, eivado de prosperidade e ventura

são os votos do
BANCO TIETÊ
a todos seus
Acionistas,
Amigos
e
Clientes.

BANCO TIETÊ S.A.
SÃO PAULO

errêfe - Relações Públicas

Resolvido o seu
problema de espaço!



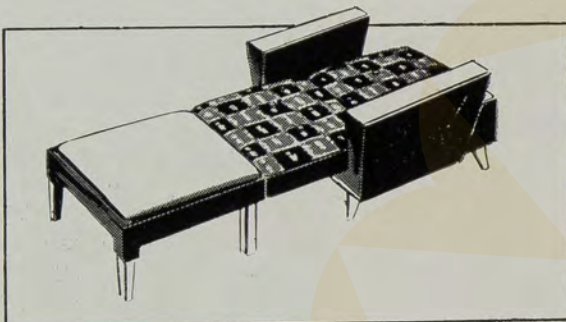
POLTRONA **CAMABEL**

UM PRODUTO

Probel

Sem o aspecto de poltrona-cama! Atraente, elegante, de linhas moderníssimas. Revestimentos originais e variados. Combina com os melhores ambientes! Braços anatômicos. Pés torneados. É uma cama prática e confortável, facilíma de abrir — é

só puxar o encôsto! Molejo de molas No-Sag em toda sua extensão, para proporcionar repouso perfeito... sem os inconvenientes das poltronas-camas comuns! Dobradiças embutidas de funcionamento perfeito, absolutamente silenciosas.



Ótima cama, com molejo nas 3 almofadas, proporciona perfeito repouso.



Modelo sem braços, de desenho simples e funcional

PROCURE SEU REVENDEDOR
e adquira a Poltrona Camabel por
muito menos que V. pensa!

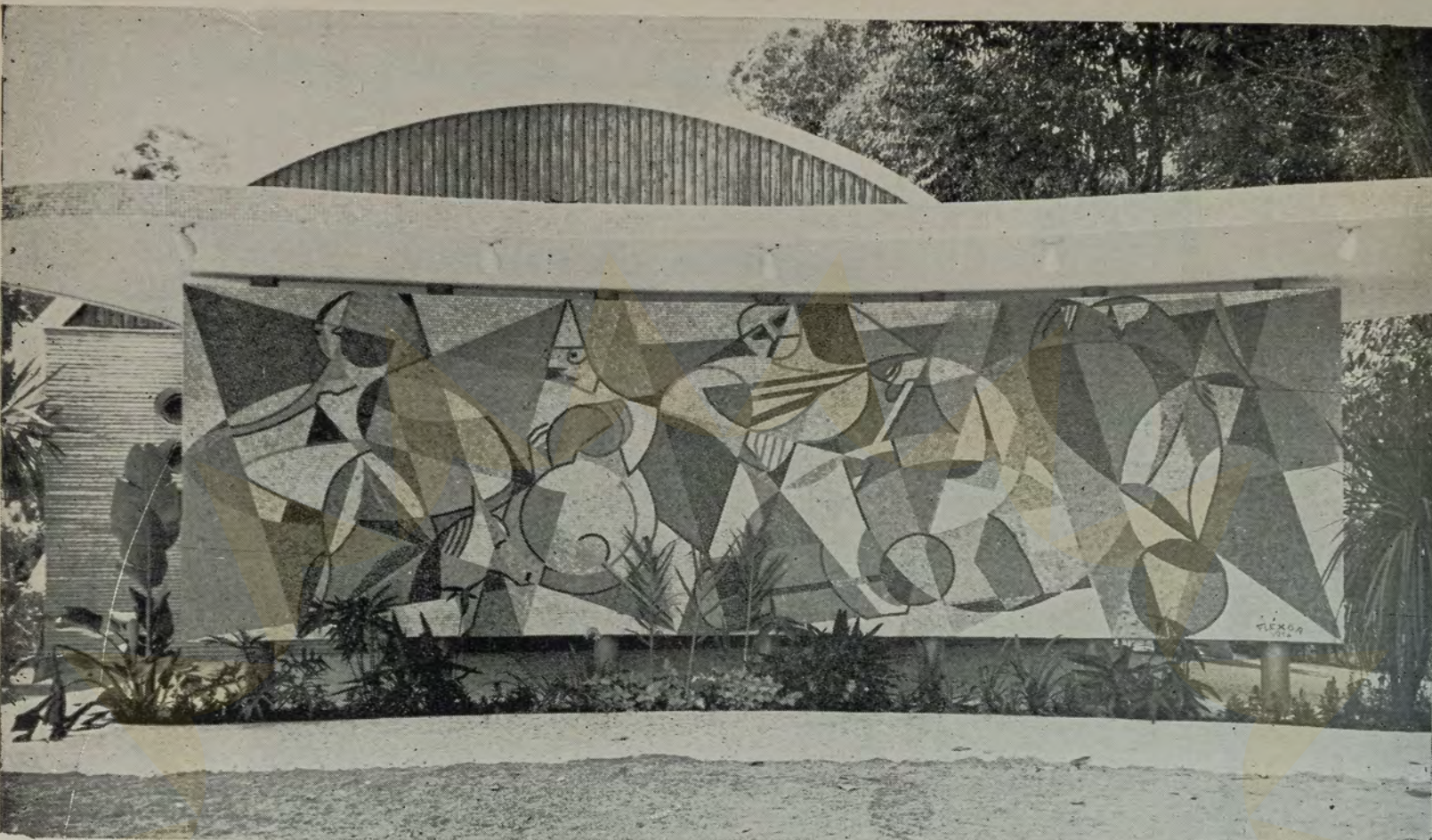


ARMAÇÕES DE AÇO **PROBEL S. A.**



Pioneira da Industrialização do Conforto no País

Rua Vilela, 307 (Tatuapé) — Tel.: 9-0927 (P.B.X.) — Cx. Postal 1711 — São Paulo



Mural de Flexor

Mosaico Vidroso

VIDROTEL

VENDAS:

SÃO PAULO:	S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326
RIO DE JANEIRO:	ARTHUR P. KRUG - Rua Prefeito João Felipe, 382 - Fone, 34-9177
SALVADOR (Bahia):	GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8 - 1.º andar - Fone, 2850
FORTALEZA:	RAIMUNDO MATTOS JUNIOR & CIA. - Rua do Rosário, 300 - Fone, 1-3395
RECIFE:	ODILON AGUIAR - Edifício Phoenix Pernambucana - 9.º and. - Fones, 6428, 7671 e 7681 - Ram. 46
FLORIANÓPOLIS:	APEX LTDA. - Rua Tenente Silveira, 29 - Fone, 5271

AS CHAPAS LISAS

interflex



SÃO INCOMBUSTÍVEIS E NÃO EMPENAM..!

devido as excelentes propriedades das matérias primas — amianto e fibras vegetais, empregadas na sua fabricação. Especialíssimas para trabalhos que requerem longa duração e apurado acabamento, as chapas lisas INTERFLEX, substituem com êxito a madeira compensada, nas mais diversas aplicações, notadamente pelas inúmeras qualidades de que são possuidoras.

INDEFORMÁVEIS ✓

INATACÁVEIS POR INSETOS E ROEDORES ✓

INCOMBUSTÍVEIS ✓

FLEXÍVEIS ✓

IMPERMEÁVEIS ✓

QUANDO QUIZER
QUALIDADE E
GARANTIA EXIJA...!

interflex



UM PRODUTO Eternit

Outros produtos Eternit...

chapas onduladas e lisas,
materiais de cobertura, colhas,
tubos para esgoto, descarga e
ventilação, vasos para flores,
caixas d'água e descarga,
tubos de pressão, etc.

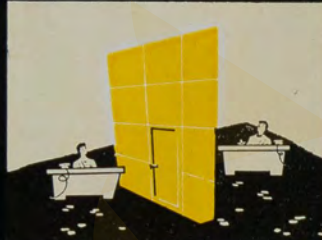
PARA FORROS...

de fábricas, armazéns,
cinemas, residências...



PARA DIVISÕES...

de escritórios, lojas,
apartamentos...



PARA MÓVEIS...

fundos de armários,
folheaturas em geral,
almofadas de portas...



REVESTIMENTOS...

de casas pré-
fabricadas, armários
embutidos, lambris...



DECORAÇÕES...

painéis de estradas
stands, displays,
silk-screen...



ETERNIT - Sec. Publicidade

PEÇA-NOS... sem compromisso amostras e folhetos através da Caixa Postal 7044 — São Paulo

DISTRIBUIDORES EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL

TUBOS PARA ESGÔTO, DESCARGA E VENTILAÇÃO...

Os tubos **Eternit*** de superfície interna lisa que facilita o escoamento, são apresentados em comprimentos de 1,2, 3 e 4 metros e nos diâmetros de 50 até 400 mm.; são mais econômicos porque:

- ★ o peso reduzido facilita o transporte e economiza frete;
- ★ de durabilidade ilimitada, não requerem gastos de conservação;
- ★ são fáceis de instalar;
- ★ podem ser reaproveitados;
- ★ os grandes comprimentos diminuem o número de juntas.

As inúmeras aplicações, entre as quais: instalações sanitárias, captação de águas pluviais, acondicionamento de ar, proteção de cabos elétricos, coletores de lixo, irrigação, chaminés industriais, etc., consagram os novos tubos, que representam o alto nível técnico atingido pela **Eternit** no decorrer de 50 anos na fabricação de produtos de cimento amianto.

TUBOS

Eternit

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S. A.
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO

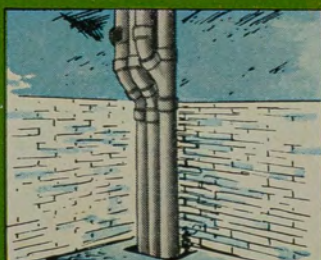
DISTRIBUIDORES EM
TODO O BRASIL

- ✓ ECONÔMICOS
- ✓ LEVES
- ✓ NÃO ENFERRUJAM
- ✓ RESISTENTES
- ✓ IMPERMEÁVEIS

★ Satisfazem as especificações da Associação Brasileira de Normas Técnicas



Esgôto...



Ar condicionado...



Chaminés industriais...

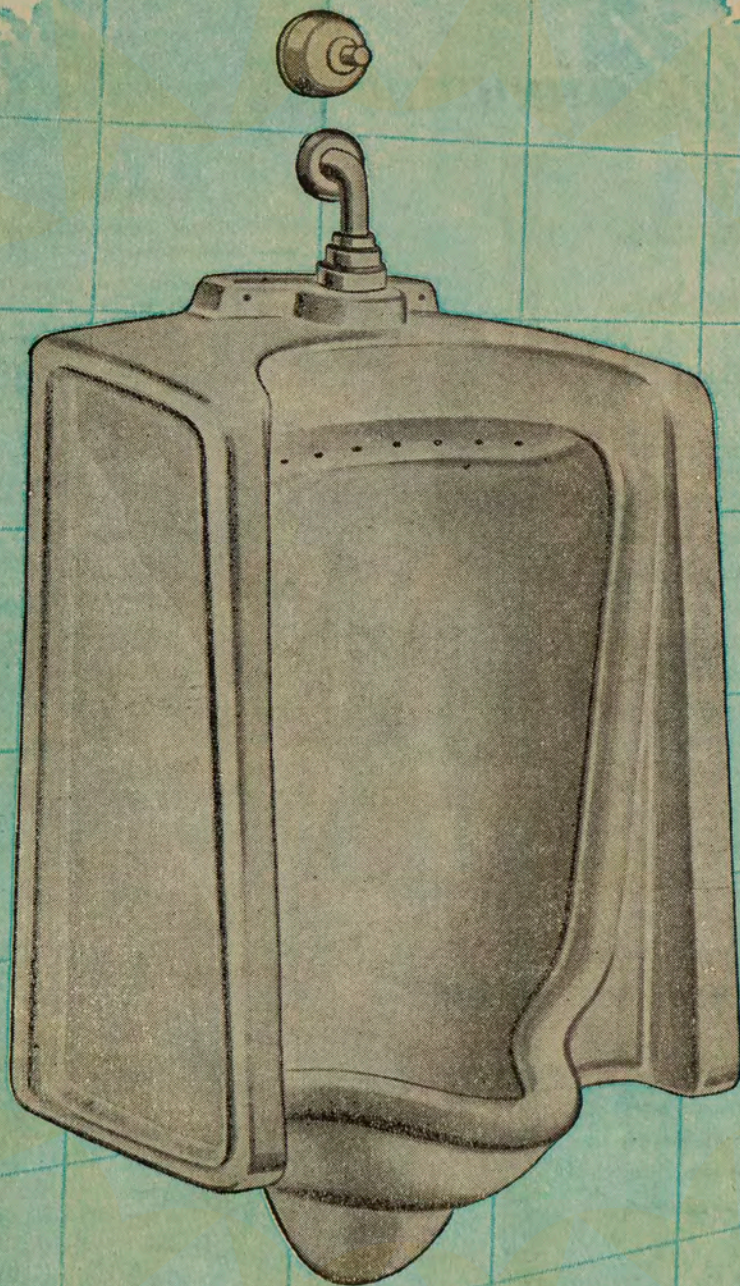


Protetor de cabos elétricos...



Irrigação...

QUALIDADE COMPROVADA...



CELITE
S

LINHAS MODERNAS!

mictórios sifonados M-3 CELITE

**PARA ESCOLAS,
CLUBES, CINEMAS,
TEATROS, ETC.**

Principalmente nas instalações sanitárias de escolas, cinemas, teatros, ou de quaisquer outros recintos públicos, a higiene é requisito indispensável. Particularmente recomendados para as instalações sanitárias dessa natureza, os MICTÓRIOS SIFONADOS M-3 CELITE, de alta qualidade e linhas modernas — são fabricados com grés cerâmico vitrificado... oferecem o máximo em durabilidade e asseguram um índice de inabserção comprovado!

Os metais cromados para as ligações dos encanamentos podem ser fornecidos juntamente com os mictórios

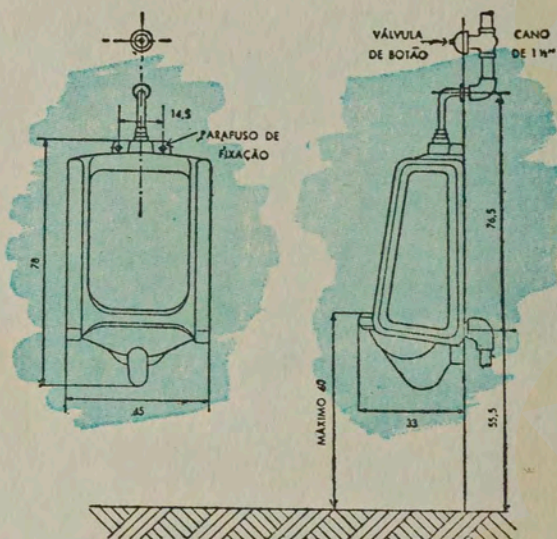
DADOS TÉCNICOS

LIGAÇÃO DE ÁGUA — Convém usar uma válvula de botão e peças especiais (vide detalhe)

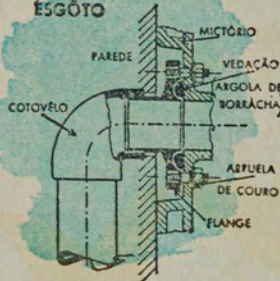
LIGAÇÃO AO ESGOTO — Deverá ser feita com o flange e a argola de borraça especiais de 2" (vide detalhe)

MONTAGEM — Verificar que as ligações de água e esgoto estejam na distância de 76,5 cm, no prumo uma da outra, e perpendiculares à parede.

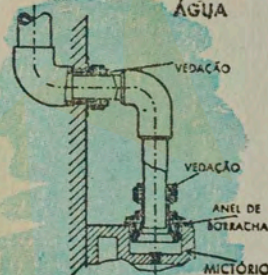
A tolerância nas medidas das peças é de mais ou menos 5%.



LIGAÇÃO AO ESGOTO



LIGAÇÃO DE ÁGUA



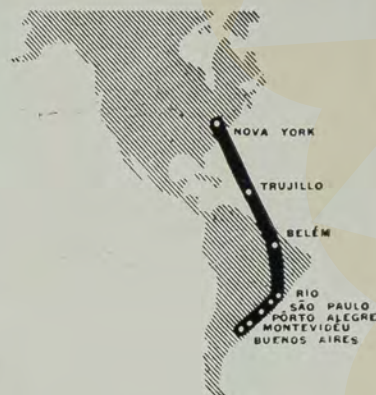
CERÂMICA SANITÁRIA PORCELITE S. A.

RUA ITAPURA, 626 - FONE: 9-1183 (RÉDE INTERNA)
CAIXA POSTAL 2818 - END. TELEGRÁFICO "PORCELITE" - SÃO PAULO



*a mais luxuosa
aeronave comercial na rota da amizade*

Rumo a **NOVA YORK**



Viajando a Nova York pela VARIG
você irá pelo caminho mais curto
e no menor tempo de voo.
Conheça de passagem Ciudad Trujillo,
sobrevoadando o lendário Mar das Caraíbas.
A bordo do Super G Constellation
você terá as mais variadas formas de conforto
e serviços especiais oferecidos nesta rota.



- três luxuosas cabines
- ar condicionado e pressão regulada
- saleta de estar artisticamente decorada
- quatro toaletes com toucador e água corrente
- cozinha a bordo para serviço de lanches quentes e frios e preparo dos mais finos e apetitosos pratos do cardápio internacional.
- esmerado serviço de bar.



Reserve sua passagem
com antecedência

VARIG

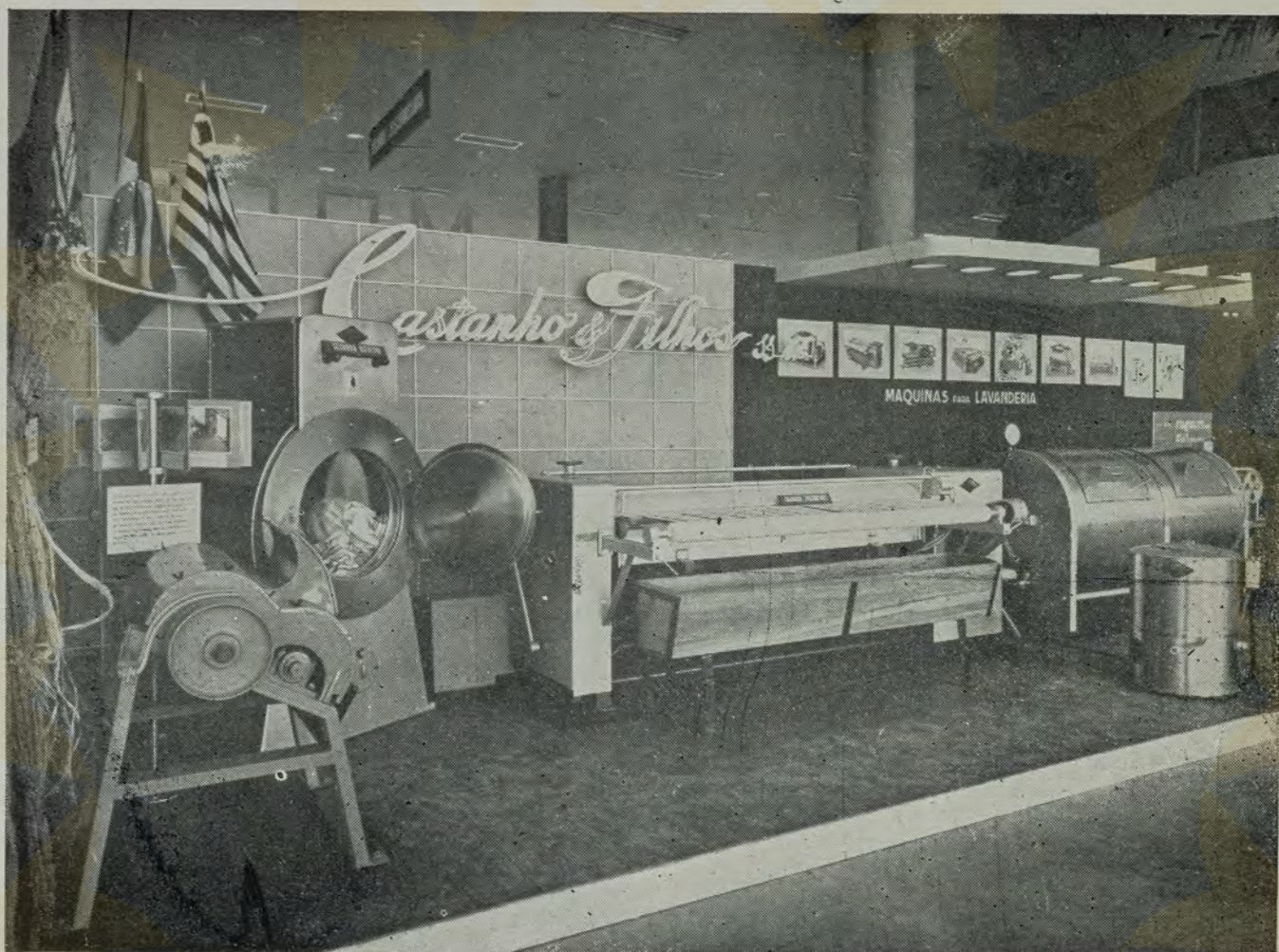


um serviço aéreo tradicional

Castanho & Filhos S/A

COMERCIO E INDÚSTRIA

Rua Clélia, 98 — Tel. 62-1721 — End. Telegr. CASTANHO — SÃO PAULO



Stand na Exposição do IV Centenário, no Parque Ibirapuera

- Fornecemos um tipo de lavanderia de acôrdo com a finalidade do estabelecimento a que se destina.
- Planejamentos, plantas e orçamentos sem qualquer compromisso
- Máquinas em aço inoxidável de ótima qualidade e acabamento esmerado
- Garantia contra qualquer defeito de fabricação
- Serviço completo de assistência

REPRESENTANTES

RIO DE JANEIRO: Alfredo Rodrigues Ferraz - Av. Almirante Barroso, 90 - sala 1107 - Fone 42-5529.
CURITIBA: Comércio e Representações Cunha Ltda. - Rua Monsenhor Celso, 211 - conj. 602/603 - Fone 3044.
BELO HORIZONTE: Emilio Gaissler & Cia. Ltda. - Rua Curitiba, 767 - Fone 2-3049.
PORTO ALEGRE: Ary Vicente Boller - Rua Pinto Bandeira, 350 - 1.º - sala 5 - Fone 9-1481.
RIO GRANDE: A. A. Asti - Rua Riachuelo, 197 - Fone 738.
SALVADOR: Gastão Sampaio - Rua Miguel Calmon, 37 - 8.º - sala 81 - Fone 1704.
RECIFE: Sociedade Internacional de Representações e Comércio Ltda. - Rua Floriano Peixoto, 85 - 3.º - sala 301 - Fone 7366.
FORTALEZA: Lima & Albuquerque - Rua Barão do Rio Branco, 910/914 - Fone 1-3430.
BELEM: Miranda & Cia. - Travessa Campos Sales, 101 - Fone 4827.
CATANDUVA: Eletro Tamoio Ltda. - Rua Brasil, 264 - Fone 1355.
RIBEIRÃO PRETO: Joffre Petean - Rua Tibiriçá, 535 - Fone 2713.

Parquet Paulista

Parquet Tropical

Parquet Bacellar



EM TODO O
BRASIL
TACOS E
PARQUETES DE

BACELLAR^{S/A}

SE IMPÕEM
PELA SUA
QUALIDADE

Escritório e Fábrica: Rua do Bosque, 645 - Caixa Postal, 1819
Fones 51-4109 e 52-2274 - São Paulo



originalidade com bom gosto

f o r m a

móveis de classe

- decorações de residências e sugestões para acabamento interno.
- instalações completas de lojas e escritórios.
- confecção e colocação de cortinados modernos e exclusivos.
- estudos e orçamentos sem compromisso.

facilidades de pagamento até 12 meses
(para capital e interior)

f o r m a

s. a. móveis e objetos de arte

lojas em são paulo: rua b. de itapetininga, 274
fone: 32-7862
rua augusta, 2399 - fone: 80-8983

loja em recife: rua conde da boa vista, 88
fone: 2404

represent. no rio: representações milner ltda.
av. churchill, 129 - fone: 22-4125

CLICHERIA

Universal

F. GRABENWEGER & CIA. LTDA.

RUA AURORA, 186 TEL. 34-0818 SÃO PAULO

Executou todos os clichés desta edição, como também de todas as outras publicação de Habitat Editora Ltda.

BANCO F. MUNHOZ S. A.

FUNDADO EM 1941

Capital e Reservas: Cr\$ 37.218.941,80

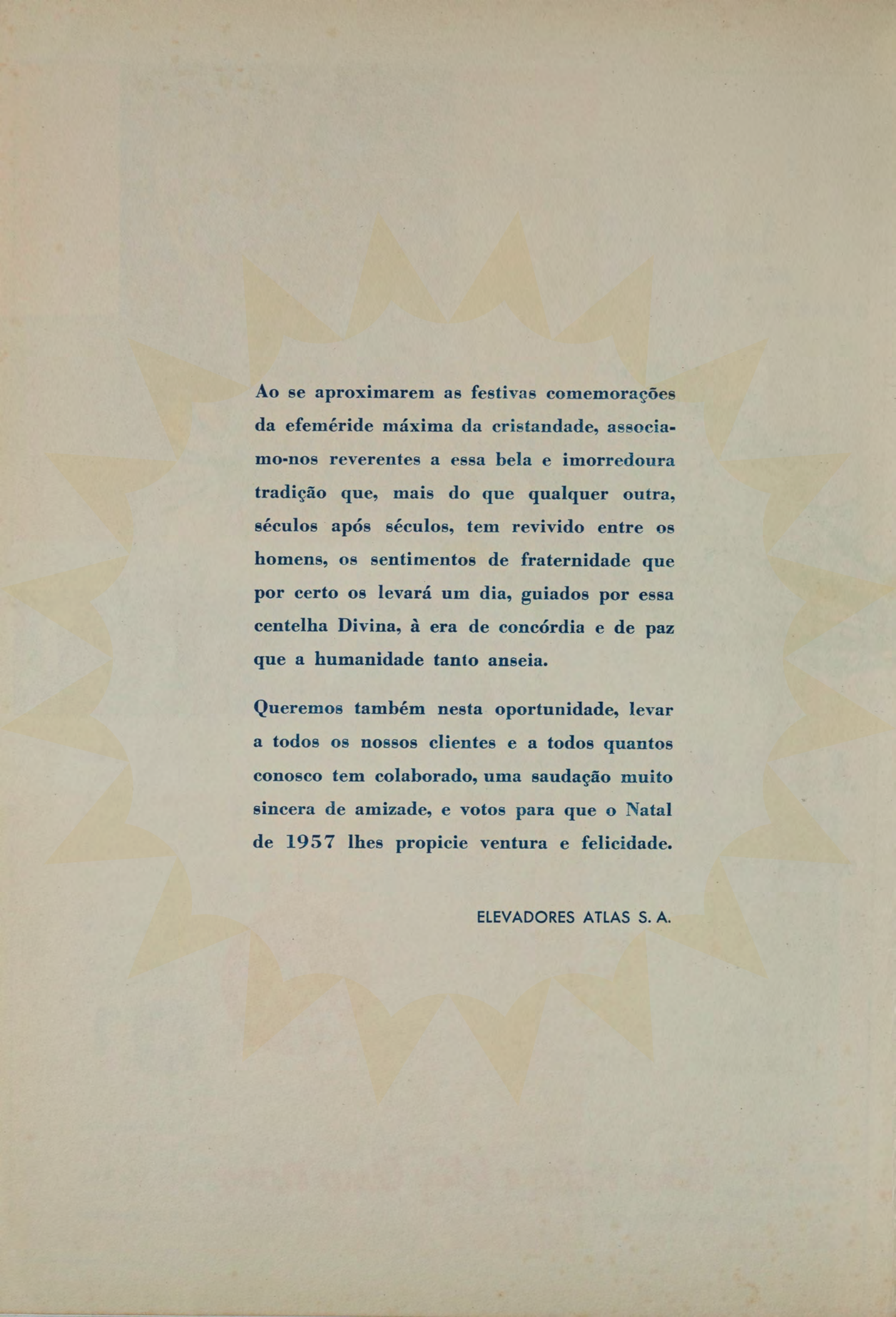
OPERAÇÕES:

- DEPÓSITOS • CAUÇÕES
- DESCONTOS • COBRANÇAS

Rua São Bento, 293 (Sede própria) - Fones: 35-1171,
35-1272 e 35-2283 - End. Telegr.: "MUNHOZBANK"
Caixa Postal, 5820 - São Paulo



Bons Festas e feliz Ano Novo



Ao se aproximarem as festivas comemorações da efeméride máxima da cristandade, associamo-nos reverentes a essa bela e imorredoura tradição que, mais do que qualquer outra, séculos após séculos, tem revivido entre os homens, os sentimentos de fraternidade que por certo os levará um dia, guiados por essa centelha Divina, à era de concórdia e de paz que a humanidade tanto anseia.

Queremos também nesta oportunidade, levar a todos os nossos clientes e a todos quantos conosco tem colaborado, uma saudação muito sincera de amizade, e votos para que o Natal de 1957 lhes propicie ventura e felicidade.

ELEVADORES ATLAS S. A.

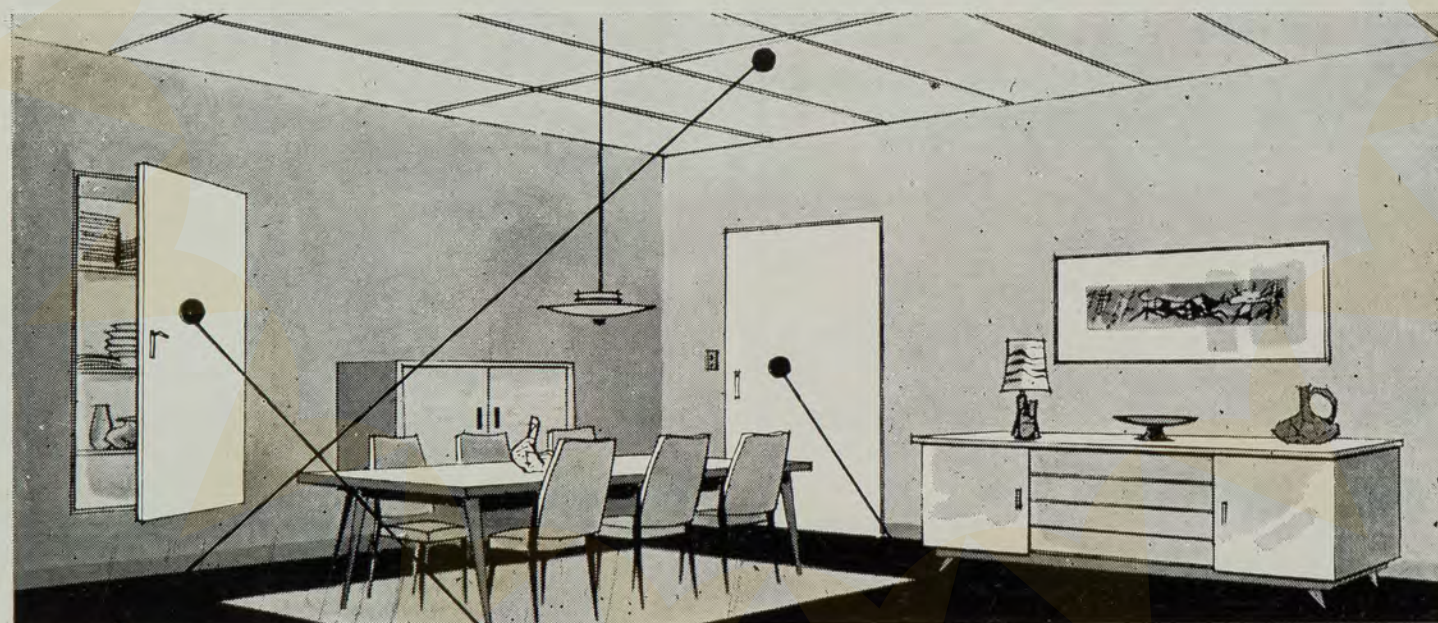
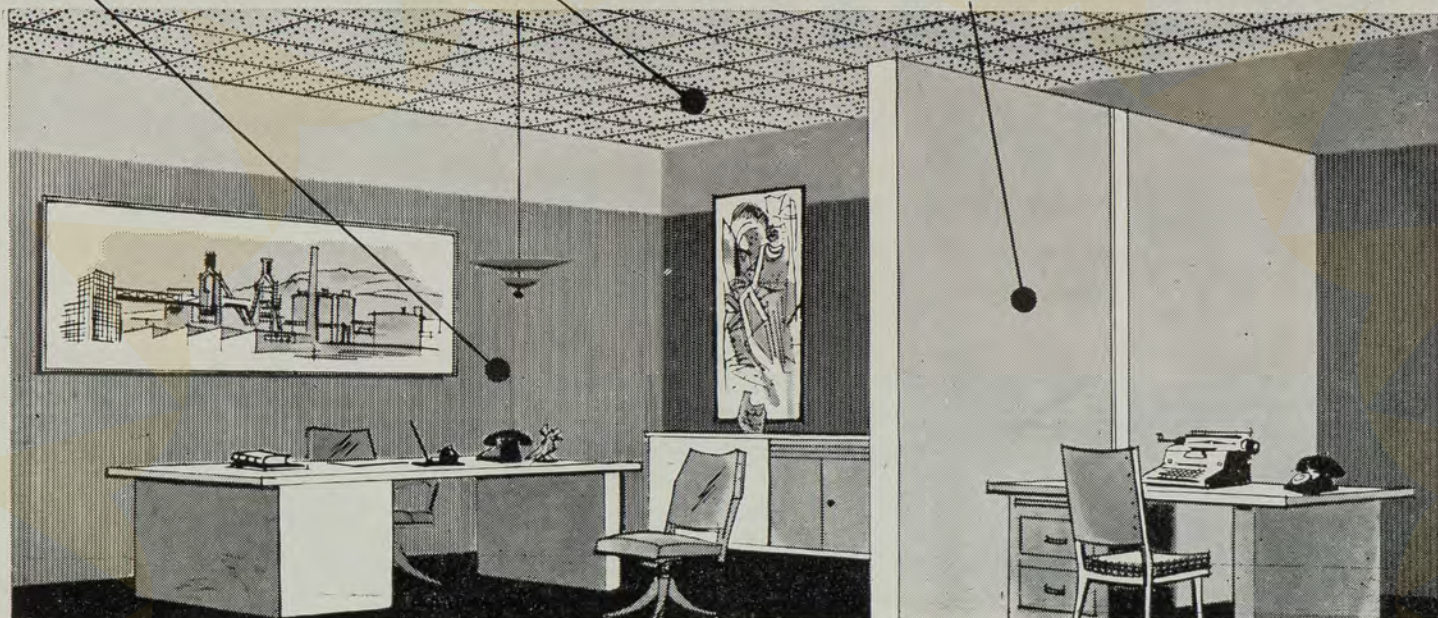
EUCATEX

oferece o material certo para a aplicação certa!

Faça Lambris com Eucatex Duro Canelado ou Couro - dão classe e categoria ao escritório!

Elimine os Ruídos com Eucatex Acústico - forrando tetos e paredes, elimina até 93% dos ruídos!

Para Paredes Divisórias nada melhor que Eucatex Durotermic - torna divisões à prova de som, removíveis, desmontáveis e reaproveitáveis.



Faça Forros com Eucatex Isolante (12 mm) - economiza material, mão-de-obra e embeleza o ambiente!

Faça Móveis e Armários Embutidos com Eucatex Duro Liso - supera a madeira com grandes vantagens!

Para Portas sólidas e à prova de som, o mais indicado é Eucatex Durotermic!

EUCATEX S.A.

Indústria e Comércio

— Única fabricante na América Latina da linha completa de chapas de fibra de madeira: chapas isolantes, chapas acústicas e chapas duras.

Av. Francisco Matarazzo, 530 - Tel. 51-9108 - SÃO PAULO
Av. Presidente Vargas, 435-s/902 - Tel. 43-3828 - R. DE JANEIRO
R. Rio de Janeiro, 282 - s/ 1.006 - Tel. 4-1636 - BELO HORIZONTE
R. Santo Antônio, 120 - Tel. 5232 - PORTO ALEGRE

definitivamente resolvido
o problema das

COBERTURAS PLANAS

pelo processo

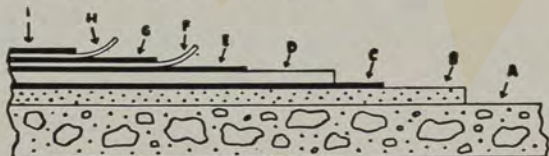
Wadimex

A estrutura celular mineral, exclusiva de Wadimex, envolvendo as partículas asfálticas, evita o perigo da oxidação e do derretimento do asfalto pelo calor. As camadas de Wadimex, intermeadas com véus de lã de vidro, aderem completamente sobre qualquer superfície, garantindo **proteção elástica e inalterável!**



- O nosso departamento técnico está apto a atender prontamente qualquer consulta sobre problemas de impermeabilização.
- Dispomos de turmas de operários especializados para executar qualquer serviço de impermeabilização, sob a orientação de nossos técnicos.
- O processo Wadimex, sendo a frio tem um campo de aplicação ilimitado, alcançando sempre os mais perfeitos resultados.
- O processo Wadimex é ideal para a impermeabilização de todo tipo de cobertura, bem como de alicerces, piscinas, calhas, juntas de dilatação, etc.

- A - Laje
- B - Argamassa niveladora
- C - 1 demão de Wadimex A
- D - Isolação Térmica
- E - 2 demãos de Wadimex A
- F - Véu de lã de vidro
- G - 2 demãos de Wadimex A
- H - Véu de lã de vidro
- I - 3 demãos de Wadimex A



é um produto da

WAMEX S/A

Indústria
Química

Esc. Rua Cons. Crispiniano, 120 - 13.º andar
Telefones: 32-0174 • 32-0349 - Cx. Postal 3607
End. Telegráfico "TECNICOM" - São Paulo
Fá. Rua Padre Cursino, 586 - Fone: 80-8397

DISTRIBUIDORES E APLICADORES AUTORIZADOS:

Rio de Janeiro (D.F.) - Impe o Ltda.
Av. Nilo Peçanha, 155 - 8º - s/ 815 - Fone: 42 4850
Goiânia (Goiáz) - Mercurio Ltda. - Rua 3 - n.º 80
P. Alegre (R. G. do Sul) - R. Uruguai, 91 - s/ 523 - Fone: 7657
B. Horizonte (M. Gerais) - Impermeabilizações Neso Ltda.
Rua da Bala, 2100 - Fone: 2-6469
Curitiba (Paraná) - Ransolin, Falce Ltda.
R. Voluntários da Pátria, 93 - Fone: 4406
Cx. P. 1512 - End. Tel. "LINFA"
Blumenau (Sta. Catarina) - Ransolin, Falce Ltda.
R. 4 de Fevereiro, 97 - Fone: 1127 - Cx. P. 578
End. Tel. "ZADROSNY"

Filiada à Organização Wadimex Internacional: Holanda - Suíça - França - Áustria
Itália - Espanha - Alemanha - Inglaterra - Bélgica - África Francesa

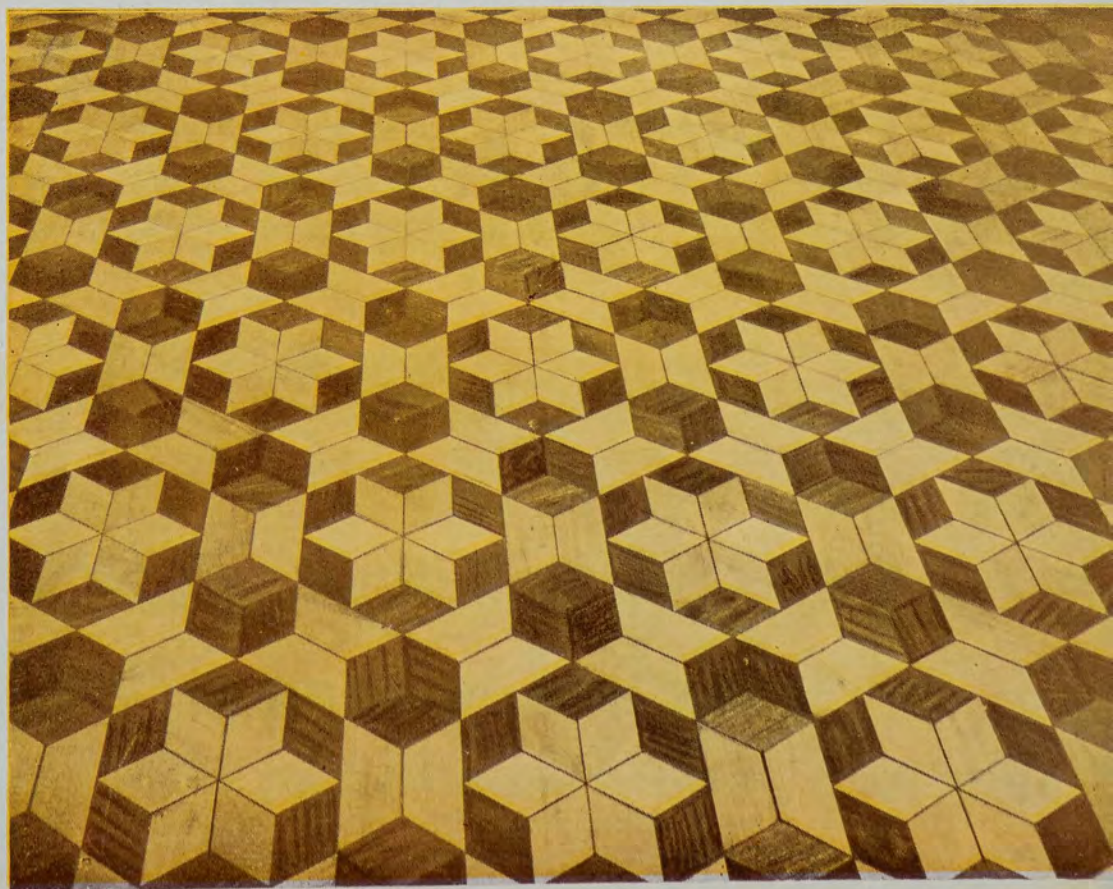


Em sua obra, o melhor e mais perfeito acabamento com tacos e parquetes técnicamente secos em estufas, nas condições de satisfazer as exigências do mais fino gosto.



PEDRO KAPOR
TACOS E PARQUETES

FÁBRICA E ESCRITÓRIO:
ESTRADA DA CASA VERDE, 3294
FONE: 51-1118 — SÃO PAULO



Painel executado com Pastilhas "VIPAX" especial



PASTILHAS DE VIDRO:

VIPAX ESPECIAL

VIPAX ESTANDARD

REFLEX

MASSA VIDRAX

VIDROBRÁS

INDÚSTRIAS REUNIDAS VIDROBRÁS LTDA.

Sede: **SÃO PAULO** - Praça D. José Gaspar, 30 - 7.º e 8.º and. - Tel. 34-6745 - Caixa Postal, 5623
End. Tel. "VIDROPLANO" e "VIDROBRÁS"

Filial: **RIO DE JANEIRO** - Rua Debret, 23 - 14.º and. - Tel. 22-5076

English Summary

Piloto Plan for Brasília

Page 12

The Pilot Plan for Brasília, the future capital of this country, has been accompanied by not few arguments and critical views. According to architects Mindlin and Palanti, people really interested in the solution of the problem, should in the first place endeavour to explain all details of this project, in order to harmonize not only the fundamental conception and recommended plans, but the responsibilities of their completion as well: in such a way this undertaking could be brought to the desired accomplishment.

The aim is, naturally enough, a model-city, capable of responding in a pleasant and efficient way to the established requirements of the political and administrative capital of a great modern nation, consciously striving to improve itself. Everywhere in the world, cities have suffered the impact of both industrial civilization and disorderly real estate speculation. The ideal of a different city, adequate to the present and to the future we wish to build, is already outlined in the minds of the planners. But between the planning of the city and bringing it to life goes the same distance as between the theory of an adequate cultural and educational programme and the actual formation of a whole generation of men. In the case of the new Brazilian capital, the Pilot Plan can only try to be the scheme of an idea and of an aim. The final result will depend upon the general development of the country, upon the policy capable of giving an economic meaning to the new capital, directed to make it the centre of a pulsing country. The present study is limited to a satisfactory organization of the essential elements of a city in the chosen site. This plan is based upon an assumed initial population of half a million inhabitants, of which seventy thousand are civil servants, and approximately hundred thousand more are working in industries, transports, commerce and so on. Since not all civil servants will be possibly included in a city with such a limited population, the plan has left a possibility for future expansion. This Pilot Plan endeavours to create a city surrounded by large green areas, a pleasant and human place with a well articulated traffic system, all the required sectors naturally and organically worked out, in accordance to a logical structure and to the nature of the site. The plan of the city is grouped around two main axes: the first one, running from the East to the West, links the Presidential residence to the highest part of the city where the Capitol building will be the seat of the three National Powers. Along this axis are placed the areas reserved for the federal administration buildings. The second axis, from the North to the South, crosses the first one at the site of the civic and commercial centre, linked to the residential zones that spread out in the North and in the South. The site of the Capitol is separated from the railroads and parkways by a large park that should be started from the very beginning of the construction of the city. On the West, the industrial zone with houses for the workers. From the rail and road stations, a secondary West-East axis links the centre of the city and allows an easier supply of food and goods, both for the central and the residential zones. The site of the hospitals and the University has been chosen between two branches of the artificial lake. On the opposite side, the sport and swimming centres are sufficiently far from the airfield. The green belt surrounding the city will not only avoid its disorderly growth, but will also provide for its agricultural needs. For the residen-

tial zone, apartment-houses 10 stores high, have been regarded as the most economic and adequate solution. Each residential zone, including a commercial centre, schools, health centre, play-grounds for children etc., will be outlined by its own green area. Larger residences, on the contrary, will be built on the lake shore or near the parks surrounding the embassies. The civic centre has been planned not only in view of the needs of the capital itself, but also of these deriving from the political and administrative function of the city, that means, for example, more extensive financial professional or bank activities, wider use of hotels, restaurants, entertainment facilities, by the itinerant population converging toward the Capital from other parts of the country and from abroad. This plan tries to solve the traffic problems without the use of a subway, system, but by means of cars and trolley-buses. Within the objective reality the architects endeavoured to follow in their planning, they have foreseen four different stages of building, and have suggest a larger use of the iron structure instead of reinforced concrete. The architects suggest at the same time a system for selling quotas of real-estate in order to promote, in the first place, the idea of investment and of a vital market: such a system should be flexible enough to allow the New Capital Company an immediate and easy transference of its potential funds, especially those represented by the site of future urbanization.

Pilot Plan for the new Capital Brasilia

Page 16

The team of architects that have worked out the Pilot Plan for Brasília, regard the moving of the capital to the chosen site, almost in the geographical centre of the country, not only as a constitutional need, but as an imperative one as well, for the very survival of the country. In the first part of the accompanying essay, the authors of this plan examine the conditions in which the country has grown and, first of all, the reason of its development along the coast in contrast to the backward situation of the interior zone. The hostility of the Amazon forests, the almost desert zone of the North-East, the coastal mountain range, have always prevented a larger expansion toward the interior regions. The lack of a second sea front on the Pacific has not provided such an immediate urge, that in the United States, has forced the constant crossing of the territory, and concurred, thus, to its colonization. The beginning of industrial production in Brazil has encouraged a wider exodus from the country, which went on unhindered by any governmental aid programme for the rural population, that would have helped a parallel development of industry and agriculture, instead of an antagonistic situation. The North, North-East and West, that means two thirds of the country, are practically abandoned. From this state of things derives the need of a great polarisation of the lively forced in progress. The moving of the capital to the new site will bring to this enormous region a centre of cultural irradiation, of material progress and commerce; furthermore, the needs of a large population will stimulate agriculture, will require an expanded rail and road system, to the advantage of the whole country. Another factor that justifies the moving of the capital is a geopolitical and strategic consideration, in view of the excessive coastal population if compared to other almost desert regions. The city of Rio de Janeiro, if it loses its social and political importance, will on the contrary benefit from the development of the interior regions: the goods produced there will flow through the already well equipped port and the city life will be relieved of the present excessive number of inhabitants that arouse scores of

HABITAT

ARQUITETURA E ARTES NO BRASIL

DIR. RESPONSÁVEL: GERALDO N. SERRA

7.º ANO - NOV.-DEZ. DE 1957 - N.º 45



Nossa Capa: Xilogravura de Karl-Heinz Hansen, "Altar-mór da Igreja de São Francisco, Salvador", (Especial para HABITAT).

PROPRIEDADE DE HABITAT EDITORA LTDA.
RUA 7 DE ABRIL, 230; 8.º AND.; CONJ. 837/8
TELEFONE: 35-2837; SÃO PAULO — BRASIL

REDATOR-CHEFE: GERALDO N. SERRA
REDATOR: RODOLFO KLEIN
ARTES PLÁSTICAS: JOSÉ GERALDO VIEIRA
ARQUITETURA: GERALDO FERRAZ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA 7 DE ABRIL, 230; 8.º AND.; CONJ. 837/8
TELEFONE: 35-2837; SÃO PAULO — BRASIL

ESTABELECIMENTO GRÁFICO:
RUA DOS LAVAPES, 536-538 — FONE: 36-3689

CLICHÊS: CLICHERIA UNIVERSAL, RUA
AURORA, 186; FONE: 34-0818 — SÃO PAULO

DISTRIBUIDORES:

RIO DE JANEIRO e DISTRITO FEDERAL:
Brasiloto Ltda. Av. Alm. Barroso, 54, térreo.

ARGENTINA: Dr. Carlos Hirsch, Florida, 165,
Buenos Aires.

URUGUAI: Ibana S/A, Convención, 1488, Montevideo.

PORTUGAL: Aricie Ltda., Av. Almirante Reis,
106, 1.ª esq., Lisboa.

IMPRESSO NO ESTABELECIMENTO GRÁFICO
DA HABITAT EDITORA LTDA., RUA DOS
LAVAPES, 536-538 - TEL.: 36-3689 - SÃO PAULO

transport and living problems. The site of the new capital has not specially high possibilities of immediate agricultural production, that can, nevertheless, be increased in the future. The preservation of the forests is an essential point for the future development of the whole zone and for the creation of hunting grounds. The old custom of burning down the forests to make place for pastures, should be strictly prohibited, and, on the contrary, a programme for new tree-plantations should be immediately enforced. The existing rivers will provide the possibility of creating new artificial lakes for the various needs of the region, in the first place, then for water-sports and for growing several species of edible fishes. A well equipped centre for ecological research should be established in the site of the new capital to study the economic possibilities of the surrounding areas of further away regions. The site of the capital is thousand two hundred metres above sea level and is almost completely surrounded by an artificial lake. The plan comprehends two perpendicular bands, running North-South and East-West, that outline the quadrants of the city zones. The access of rail and road transport will be located in the band North-South. The neighbourhood will be protected from the disadvantages that might derive from this vicinity, by a four hundred metres large zone of woods. The various sectors that form the urban nucleus have been situated in the wider band running from the East to the West. In the crossing of the two bands, the rail and road stations are foreseen, being this the distribution centre of the city. On the West and near to the stations are the supply centres, and on the opposite side, that reaches the lake shore, the noble parte of the city, that comprehends the civic, commercial, cultural and sport centres, as well as the University. This arrangement aims to provide a satisfactory balance between the different sectors and allows a simple circulation, in view also of future urban growth.

The architects have endeavoured to make the city more pleasant, by means of several six hundred metres large parks, that are at the same time adequate reserve for possible expansion. The capital does not imply a large industrial zone: anyhow, some small manufactures can be established outside the city zone, along the railroad that connects Anapolis and Planaltina, a natural way for the supply of the industries and the outflow of its products. The residential sectors for the workers spread along the railroad and highways. The site for the industries has been chosen mainly, after studying the direction of the wind that blowing from the East will avoid air pollution. Special attention has been devoted to the air transport, which is of vital importance because of the distance of the capital. The architects have availed themselves of the already existing airport in the South of the city, and have planned a second one in the West. As for the traffic in the city itself, the architects have foreseen a collective transportation system on roads on a lower level, in order to permit the construction of parkway for regular speed on the surface level. The city will comprehend different types of persons that require different kinds of housing. It is therefore, fairly impossible to create a unique standard of living no matter its ideal degree. Never can the social and political structure of a city be disregarded, because without it, the city itself cannot exist. Any social status has a corresponding outward expression: the architects have planned the different zones so as to answer, within feasible limits, to the difference of types and of organization, by means of not only interior characteristics, but also of localization and treatment.

The unity planned for the diplomats is an example of this conception: the residences of ambassadors will be built with a certain

luxury, in the middle of large gardens, while those of the Embassy's staff will be smaller, but in the same zone. Large hotels are also planned in this neighbourhood, that is located near the Presidential residence. Sport, nautical and entertainment facilities, as well as pavilions for congresses, exhibitions and open air shows, are situated in an adjoining zone. The planning of the residences for the permanent inhabitants of the new capital, follows the same principle and divides them into three categories, according to the various degrees of prosperity. The organization of the city is based on the "neighbourhood", a unity shaped on human scale. Its extension is limited by the maximum distance a child can go alone between his home, the school and the recreative areas. Its feature is determined by the need of isolating the school and the houses from the noise and dangers of the traffic (Munford). In this case, each centre will comprehend a police and first aid station, health and association centres, club, church, theatre, shopping centre, post office market, restaurants, repairing shops, and so on. To maintain its autonomy, each unity must have a reasonable number of inhabitants that, according to observation and experience, has been established between seven and twelve thousand. To establish a unity, the density of the population and the distance between residences and community activities, are of basic importance. Anyhow, the density varies with the chosen kind of habitation, whether isolated cottages or apartment houses. The street leading to the neighbourhood divides this unity in two sections but being on a lower level, it does not interfere with pedestrians. In the centre of the city are located the museums, clubs, theatres, luxury and specialized stores and the activities each neighbourhood cannot possibly maintain. Public buildings transcend the importance of each single one, and form together a group of a monumental character, of highly historical and symbolic significance, that is one of the outstanding features within the urban frame. People can easily reach the civic centre, which the authors tried to make also an attractive walking site. The architects have devoted a special attention to the use of the central zone, in different times of the day. Starting from the idea of avoiding as much as possible the emptiness of the urban core, the sectors have been arranged in such a way as to make certain the continuous use of the centre throughout the hours of the day and the different activities. Large apartment-houses have been placed near to centre, since the house is one of the elements that contribute in a high degree to enliven a given area. A sport centre has been established on the lake shore, that together with the botanical and zoological gardens and the woods that surround them, provide recreative activities for the population. The University has also been situated in the lake zone, on the extreme East of the city, and its installations are expected to attend to ten thousand students. The central market is planned in the West part of the central zone, close to the rail and road terminals. Conveniently isolated are the hospitals and industrial and commercial schools. The study of the Pilot Plan for Brasilia, concludes with a series of suggestions that refer to real estate deals and to the economic and social organization.

Oswaldo Bratke

Page 21

Oswaldo Bratke belongs to the group of architects that have strengthened the ground conquered by modern architecture in São Paulo. As soon as his studies were over, Bratke got involved in the polemics of the young architects that wanted to assert their new views and personalities. Coming from the country, Bratke brought with him all the qualities of a young man setting off to con-

quer city. The biography of the architect witnesses the all but easy start: in 1932, together with Carlos Botti, he began his career as builder. This was a long period during which he had to deal constantly with the problems of building materials and of human relations with committents but that enabled him also to crystalize the ideas he was to propound later on. After the death of his companion, Bratke pursued his work as a builder during three more years. Only in 1945, when he felt that his formation as an architect was adequately accomplished, Bratke took to planning. The architect had now a complete authority over reality and was able to assert his conceptive individuality in the manifold projects for houses, factories, hospitals and in the problems of city-planning. If his actual experience was made in the "fastest growing city", frequent trips all over the country and abroad allowed him to keep constantly up-to-date with the progress of architecture and of the general and human problems linked to it. His office was a kind of a laboratory of ideas and of new values: scores of young architects and students worked with him and made there their first approach to professional experience. When Bratke speaks about his work, he never fails to remember the architectural fealty by the new conceptions. There were at that time very few architects; plans were mostly made by builders who followed obediently the whims of their customers, usually enriched immigrants that wished for themselves miniature nostalgic copies of the manners they had seen in their country of origin.

Their efforts, both of customers and of builders, were directed to reconstruct the setting enviously admired in the Old Continent. But meanwhile abroad, architecture was acquiring a new feature and was defining its aims under the guidance of Le Corbusier, Gropius, Mies van der Rohe and many others that were devoting their attentions to the adjustment of modern materials and of architectural conceptions derived from the analysis of the new urbane situation. Bratke was impressed from the very beginning by the attitude of contemporary architecture and developed accordingly his personal views not only with reference to what was usually called the "modern plan", but also about popular housing and city planning problems. The vertical solution for popular housing is the one generally propounded, but Bratke believes that it involves habits, hygiene methods, the possibility of acquiring modern appliances, washing machines and so on, without which it is not possible a rational functioning of this solution. In several circumstances it would imply sudden changes and unsatisfactory adjustments, that would arise unfavourable reactions like any time false conditions are enforced. As to the problems of São Paulo as a fast growing city, Bratke points out the impressive agglomeration of sky-scrapers in New York and the well-proportioned buildings of Buenos Aires. Both cases are far from being an architectural anarchy of urbane landscape and prove the necessity of strictly controlling the building of each street and zone, for the advantage of the individual and collective living conditions as well as for a satisfactory composition of architectural volumes.

Building for the Bank of Colombia in Cali

Page 37

The building for the Bank of Colombia offers one of the best solutions in Latin American countries, for the co-existence of an adequate and aesthetical feature and the requirements of practical functioning. This building has been planned to hold the offices of the Bank of Colombia, and private offices in the upper floors. In view of the duplicity of independent articulation between

the street and the offices, the architects have planned a complete separation not only of the interior, but even of the exterior architectural structure. Avoiding all aesthetical exaggeration, the building, the main elements of which are cement, glass and aluminium, is remarkable for the balance of its volumes, the solution of light and shadow, the outward elegance of the base. The project published in these pages, asserts its important contribution to the new Colombian architecture, that is starting with very personal features.

An apartment-building in the Liberdade

page 40

The planning of the building started in 1948, but could be brought to completion only at present. The distribution of the pavements offer a new practical solution.

- 1) The basement is linked with the street by means of a ramp and holds a storage room, the electric and heating system, a water-reservoir, the service and garage entrances, connected with the apartments above through the elevators.
- 2) In this building, the ground-floor is actually the second one. The main entrance is surrounded by a shopping centre.
- 3) This floor is part of the stores and communicates with the lower section on the ground-floor by means of an internal flight of stairs. Washroom facilities of the stores are situated here.
- 4) This floor, a play-ground for the children of the building, has in the central part a living-room with large sliding glass doors. Over this complex basic structure the architects have added fourteen floors. The plan, looking like an H, allows each of the four apartments on every floor to have three outward looking sides. The elevators, the flight of stairs and service rooms are in the middle of the H. The structure of reinforced concrete deserves a special mention, pillars, usually employed in this kind of building are substituted in the fourteen upper floors by reinforced concrete walls, 12 cm. large, that change into round columns in the lower pavements beneath the play-ground floor.

Pavilion in Itaipava

Page 48

This pavilion has been built to group creative activities in an estate near Itaipava. It rests on a granite deck, the floors is of wooden beams, the cantilevered overhang is supported by a series of steel tubes columns. The large fireplace is also of granite. The swimming-pool, in the form of L, completes this pavilion especially studied for week-end purposes.

Ambiente - Store

Page 52

The remodeling of this store has been studied from the point of view of a satisfactory expression of form and content, and of its efficient functioning as a gallery for interior decoration, furniture and art. Aesthetically, the organization of space had to depend on the irregular concrete pillars and the need of an adequate background for furniture and objects on display. In view of the over five metres high ceiling, Carlo Fongaro, the architect in charge of the remodeling, has built an additional mezzanine, whose wooden pre-fabricated structure has been set up in a few hours, without interrupting the normal activity of the place. The structure is at the same time ceiling and floor, and provides a decorative effect by means of the black beams. The movable panels are at the same time division walls and allow easily changes of the setting and background of the store. The only source of light are the Japanese lamps rhythmically hung from the ceiling left free by the wooden structure of the mezzanine. Various mate-

rials have been used with very good result, setting each group of furniture and the objects of art in their full value. 70% of space has thus been added to the prior available one. "Ambiente" is at present one of the best set up stores in S. Paulo, and has a peculiar atmosphere of art and decoration that answers to the notion of modern living.

Wooden Plates

Page 56

Our readers have certainly remarked the frequent absence from our pages, of industrial design and Brazilian crafts. The reason is that manufacture do not, as yet, devote special attention to the feature of products and usually take to examples easily found in catalogues and magazine published abroad. The only serious attempt of a school for industrial design has been unsuccessful because the most gifted students chose to start their career as soon as they had acquired some very slight notion, instead of pursuing a more ambitious aim. Another reason is the usual lack of interest architects have for this field of decorative production, like ceramics furniture and so on. But everytime an architect has made an exception to the rule, HABITAT has recorded his doing. The architect Wit Olaf Prochnik, whose works are published now, belonged in the past to the atelier of Roberto Burle Marx. His series of wooden plates and bowls show a restrained good taste and attain a remarkably aesthetic result. He gives us an example of the spirit that directs contemporary architecture, that means, that architecture can start with a simple plate.

Drawing art and architecture

Page 58

The author examines at the beginning the origin of art, which, as everything else, has a visible and an invisible one. The first can be studied throughout the history of man, while the other belongs to the intellectual and emotional field. In animals nothing proves the existence of an artistic seed. Art belongs to the performances with no use, that means, not absolutely necessary for the preservation or defence of life. The first artistic performances of Magdalenian men mark the most important date in the whole history of organized beings. These useless acts hold the germ of abstract ideas, of the idea of God, morality, philosophy and science. This sudden appearance in the life of men until then devoted only to fight off hunger and wild beasts, proves the fundamental and essential difference between man and animals. The cosmic dread man felt in front of nature, is the origin of primitive religions, whose outward manifestations were of magic order. The primitive cave-drawings of the Cro-Magnon have a magic significance and are an eloquent witness of the visible origin of Drawing and Art. The invisible origin, on the contrary, can be explained only by intuition (Bergson), by the will of art (Riegl); it pre-exists, potentially, in the inner worlds of each artist. The inner and outer worlds of primitive men or today's savage tribes, are perfectly fused and thanks to it the first sign of Art could manifest itself with full expression. The artist urge is imbued with a mental and emotional content, that varies in quantity and quality. The work of art provokes generally both an emotion and a philosophic thought, two things it has already in itself as a kind of remembrance of the passing through the mental and emotional fields of the artist (Jinarajadasa). In this way, the old Indian idea adjusts itself to today's theory of "sentimental projection" (Lipps), that moves from the classic aesthetic notion of objectivity to a subjective sphere, and propounds to study the behaviour of the individual contemplating the object instead of considering the form of

the object itself. This is the newest stage of the old argument of beauty: on one side line up the aesthetics of Form, on the other, those of Content.

Drawing is divided in two quite different branches: drawing as a language and artistic drawing. The first means utility, while the second is culture. To understand how common man needs to a very great extent utilitarian drawing, it will be enough to review it from the initial effort of securing, by means of symbols, the sounds of articulate language, the origin of pictogram up to the modern technical drawings or even traffic signs. It exists an endless range of artists, going from the lowest degree of common man (who is not yet included among them), to Michelangelo. The author endeavours to conclude his essay, pointing out the importance of drawing in the Faculty of Architecture, and to what extent the students should practice it. The main point, however, is to enforce in Universities the study of artistic drawing in order to develop the creative faculty of future architects. Artistic drawing exam should be the first in line for matriculation and the students of architecture should be chosen among those with highest marks. Drawing means especially the possibility of improving oneself, of developing the critical spirit, the capability of comprehension and reasoning, of adjusting oneself to the most complex tasks, and of throughout expression by means of form.

Plastic art and botany

Page 64

Morphology of plants, their physiology, geography, histology, can be useful to plastic arts the same way as in literature, a botanic glossary is of assistance in forming metaphorical images. When the theme of figurative art had been saturated or become excessively geometric, sculpture has been the first to turn to botany for plastic inspiration, as we can see in the works of Giacometti and Richier. The artist Theodor Roszak, while lecturing on the "Search of not saturated form and images", has once shown at the Chicago Institute of Art, his works inspired by vegetal and mineral nature. Julien Alvard has also recently written in his essay, that painters like Tsingos, Fautrier, Laubies, are seeking out at present phytology the vegetal structures, the microscopic and chromatic forms, for their creative process in "tachiste" idiom. Vegetal morphology offers the most beautiful examples of construction, composition, space, rhythm and colour. The sadness and unmeaningness of present day's art, its escape from reality into surrealist and onyric manifestations, should encourage and draw wider scientific and lay attention to botany. This branch could richly stimulate the problems of form, texture and values, the original or tamed forces of the earth being an endless source of inspiration. Looking at the onyric paintings by Walter Levy, that arouse the remembrance of some medieval cathedral, one would not suspect that the artist found his inspiration in the morphology of stems, branches and roots. Walter Levy understands that the beauty is not a mere complement of the vegetal world, but a permanent artistic inspiration. This is the reason why he cultivates and keeps plants in his garden and green-houses, with the same interest as a ballet teacher training the groups of adolescents. Plants and their fascinating details respond to the anxiety of finding new forms, new laws of composition: the artists that turn gardeners in their spare time, are proven it.

Poetry and engraving

Page 74

Karl Heinz Hansen came to Brazil with his artistic load of critical-social German ex-

pressionism, that had been the inspiration to his graphic art. After he had settled down in Bahia, the colonial and Baroque spell of the place got hold of him. He started to depict the traditional reality of the sculptured facades of churches and cloisters, the winding lines of the streets. Later on, he widened his field of research: social literature, like the poems by Castro Alves, to which German expressionism easily adjusts itself, was to arouse — sooner or later — the artist's interest. Hansen has recently exhibited a series of wood-cuts based on the theme of the "Slave Boat": he endeavours to render — not the sea, the vanishing land or the expectation of the future — but the promiscuity of the life on board, the holds with their human cargo, the entanglement of sails, ropes, masters and slaves bound to labor. The poem, full of plastic images and metaphores, places at the disposal of the graphic artist, successive shades of the atmosphere in which the figures move.

Modern Brazilian art abroad

Page 77

On two different occasions, very good Brazilian collections have been sent on a visit abroad. The first time, the successful exhibitions of the largest part of the S. Paulo Museum of Art's collection throughout the important artistic centres of Europe and the United States, that have proved the high quality of our patrimony. This year, the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro has organized a remarkable exhibition of painting, sculpture, drawing and engraving by contemporary artists, that is an eloquent witness of the various trends and inspirations of modern Brazilian art. The well known art critic, Jorge Romero Brest, praised the generous effort of the organizers, that has allowed an objective and detailed vision of the progress of Brazilian art, since its first manifestation at the "Modern Art Week" in 1922, the departure from academic formula, the search of new expressions the influence

of pioneer artists such as Lasar Segall, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral and Di Cavalcanti, to arrive at the converging point of generations — both Museums of Modern Art and the Biennial International Exhibition. The works assembled in this show, offer a well balanced panorama of present Brazilian art.

Considerations of an artist

Page 80

The work of art by a figurative artist, is the result of a spontaneous inspiration. Frequently, the original conception undergoes many changes, aesthetical problems arise, but it is the instant of every day's life that has originated a pictorial idea. Abstract art, on the contrary, proclaims its complete independence from the surrounding world, its roots of formal order are closer to mathematics. This does not imply that true artists cannot be found within both artistic conceptions. For the author, art means a way to communicate. When the pictorial instant has been secured and its mission is thus accomplished, a pictorial study sets then in, with countless amends. The artist progresses on a tortuous path: the sketch must be done over and over again, a detail is dropped while the other comes emphatically forth. The elaboration of the work makes almost forget the instant the pencil jotted down the first impression, which has nothing more in common with the final result. The two drawings published in these pages are an example of it. The first, is one of a series that started in a street of Bahia: the small workshop of a shoe-repairer, the beautiful relaxed bodies of the onlookers and the active posture of the man at work. The second drawing has departed from the original conception and changed into its reverse. The original group of negro children playing on the white sand of the beach has undergone the process of composition until the figures have turned white against the dark background.

HABITAT

ARQUITETURA E ARTES NO BRASIL

DIR. RESPONSÁVEL: GERALDO N. SERRA

7.º ANO - NOV.-DEZ. DE 1957 - N.º 45

PROPRIEDADE DE HABITAT EDITORA LTDA.

REDATOR-CHEFE: GERALDO N. SERRA
REDATOR: RODOLFO KLEIN
ARTES PLÁSTICAS: JOSÉ GERALDO VIEIRA
ARQUITETURA: GERALDO FERRAZ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA 7 DE ABRIL, 230; 8.º AND.; CONJ. 837/8
TELEFONE: 35-2837; SÃO PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

Mais uma etapa vencida	1
Transferência da Bienal para o Rio	1
Plano Piloto de Brasília — arqs. Henrique E. Mindlin e Giancarlo Piretti	2
Plano Piloto da nova Capital — Brasília — equipe: Pedro Paulino Guimarães e outros	6
Novos valores na arquitetura moderna brasileira (II — Oswaldo Bratke) — Geraldo Ferraz	21
Edifício do Banco de Colômbia, em Cali — arqs. Fernando Borrero, Alfredo Zamorano e Renato Giovanelli	37
Edifício de apartamentos, na Liberdade — arq. Rino Levi	40
As Escolas de Richard Neutra — Udo Kultermann	44
Um pavilhão de estar em Itaipava — arq. Wit-Olaf Prochnik	48
A pintura na decoração de uma loja	51
Ambiente — arq. Carlos B. Fongaro	52
Pratos de madeira — arq. Wit-Olaf Prochnik	56
Desenho, arte e arquitetura — prof. Benjamin de A. Carvalho	58
Arte plástica e botânica — a propósito de Walter Lewy	64
Artistas Argentinos — Raul Soldi — Oscar Herrero Miranda — Sigwart Blum	67
José Luís Cuevas e a tradição mexicana — José Gomes Siqueira	72
A gravura anela da poesia — Karl-Heinz Hansen «Navio Negreiros»	74
As joias de Nilda Nuñez del Prado	76
Arte moderna brasileira no Exterior	77
Exposições, Museus e Galerias	78
Reflexões de uma artista — Alice Brill-Czapski	80
Exposição Henrique Boese	82

DISTRIBUIDORES:

RIO DE JANEIRO e DISTRITO FEDERAL: Brasitodo Ltda. Av. Alm. Barroso, 54, térreo.

ARGENTINA: Dr. Carlos Hirsch, Florida, 185, Buenos Aires.

URUGUAI: Ibana S/A, Convención, 1488, Montevideo.

PORTUGAL: Aricie Ltda., Av. Almirante Reis, 106, 1.ª eq., Lisboa.

IMPRESSO NO ESTABELECIMENTO GRÁFICO DE HABITAT EDITORA LTDA. - RUA DOS LAVAPÊS, 536-538 - TEL.: 36-3689 - SÃO PAULO

Mais uma etapa vencida

Não poderemos, neste registro de passagem de mais uma etapa, a entrada de HABITAT no seu oitavo ano, deixar de mencionar que este ano que passou foi um dos mais difíceis para esta publicação. De fato, não obstante tenhamos chegado a uma plenitude de realização, certos óbices a um desenvolvimento facilitado para uma publicação especializada em arquitetura e artes ainda permanecem, se não se multiplicam, pela dispersão de esforços verificada, em lugar de uma consciência de unidade, capaz de proporcionar melhores resultados. Efetivamente, com os elementos com que contamos, ser-nos-ia mais fácil manter, ampliar e desenvolver esta publicação, se um apêlo mais generalizado, mais ativo, mais uniforme, acompanhasse os trabalhos que tentamos desenvolver, em benefício da cultura, nas artes plásticas e na arquitetura e urbanismo. A esta altura verifica-se a formação de blocos fechados, em cujas fronteiras se encerram todas as possibilidades de cooperação, tornando-se os meios de divulgação e de sugestão e estímulo, como o nosso o é, elementos restritivos de propaganda, em que um individualismo danoso exhibe as suas próprias e limitadas faculdades.

HABITAT insere a sua presença num serviço permanente de ampla vulgarização dos índices de cultura em progresso, que se espelham neste momento histórico das artes plásticas, quando a IV Bienal de São Paulo consegue, de maneira tão alta e tão significativa, as qualificações pelas quais desdobrou a sua iniciativa, a sua continuidade, a sua vontade realizadora. Este é um dos maiores atos de cultura e de cooperação internacional que se realizam periodicamente no mundo, e este índice, por si só, marca um ponto alto na evolução de nossa vida artística. Surge o edifício do primeiro Museu de Arte Moderna a ter uma construção especialmente levantada para abrigar as suas atividades, no Rio de Janeiro. Ao lado dos Museus de Arte de São Paulo, este ano que passou viu-se fundar em Belo Horizonte mais um Museu de Arte Moderna. Cresce o número de exposições de artes plásticas. A arquitetura amplia o seu terreno. Já vemos no caso do urbanismo, especialistas brasileiros chamados a produzir trabalhos para fora do país. Em Brasília, uma imensa experimentação está em desenvolvimento, e sem considerarmos aqui as suas condicionantes íntimas, devemos pôr em relevo que ali se reúnem o urbanismo e a arquitetura, numa conjugação de esforços muito ampla, importante significativa. Só esta série de fatos, de elementos, de incitações, seria suficiente para a afirmação que desejariamos deixar aqui firmada, de nossa certeza em superar as dificuldades até agora opostas à plena realização do que HABITAT procurará sempre ser, espelhando de maneira extraordinária, melhor e mais numerosamente, os acontecimentos assinaláveis da cultura artística brasileira, nas artes plásticas e na arquitetura e urbanismo.

Inegavelmente, forma-se em ampla escala um ambiente artístico, a que novos fatores humanos estão dando à sua contribuição engrandecedora. Pela primeira vez na história das artes gráficas brasileiras, vimos, neste ano que passou, mais de quarenta artistas gráficos comparecendo a uma exposição de gravura, como a que se efetuou em setembro último, na capital do Uruguai. Este é um índice bem interessante, porquanto registra um desenvolvimento de disciplina básica, quando uma das artes do desenho, a da gravura, em várias técnicas, desdobrando a sua realização, vem a ser considerada fora do país, como expressão bem definida de um progresso real.

Assim, HABITAT se considera justificadíssima em seu esforço para proporcionar a um meio e a um público, de mais esclarecida responsabilidade na etapa de desenvolvimento cultural que verificamos, os seus serviços de divulgação e crítica, de estímulo e de viva participação. Esta participação foi neste ano que passou, assinalada também pela organização da exposição dos Artistas da Bahia, em São Paulo.

Pretendemos que esta orientação seja bem compreendida por todos os que acompanham a biografia desta publicação, quando ela ultrapassa mais um marco cronológico. A tarefa que se efetua nestas páginas não nos pertence. Ela busca despersonalizar-se numa integração contínua, em função de uma necessidade vital como é a cultura dinâmica e criadora das artes plásticas — ao mesmo tempo ligada às manifestações da arquitetura e do urbanismo, fatores imprescindíveis para a vida humana, particularmente em países tão jovens como o nosso, e que se prepara, nas soluções econômicas de uma industrialização crescente, para ocupar o seu lugar proeminente entre as nações mais ricas e mais civilizadas. É nesse sentido, de plena cooperação e largo discernimento, que encetamos o oitavo ano de HABITAT.

Transferência da Bienal para o Rio

Cabe, de toda a forma, registrar o que está sendo ventilado, a propósito de uma definitiva transferência da Bienal do Museu de Arte Moderna, para o Rio de Janeiro, idéia que está sendo admitida entre os responsáveis pela grande iniciativa, a partir de seu principal propugnador, o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho.

Não há, entretanto, até agora, que nos conste, uma justificativa aceitável para essa transferência. Nem se poderá compreender como uma iniciativa paulista, aqui florescendo há oito anos, de um momento para outro seja considerada como elemento passível de deslocamento, mudando-se a sua realização para o Rio, numa erradicação do que até agora foi feito e conseguido. Compreende-se que a oportunidade da terminação das obras do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no próximo ano, venha a favorecer, para 1959, um ambiente a uma exposição internacional do tamanho da que a Bienal costuma oferecer. Mas essa razão nos parece muito precária, eis que um Museu de Arte Moderna não é para acolher Bienais em seu recinto. Mesmo com edifício próprio, a realização das Bienais depende de espaços amplos, que não se encontram vãos, a não ser, como no caso do Ibirapuera, de edificações em que o objetivo de mostras de vários gêneros pode dar lugar, bienalmente, a grandes certames como a IV Bienal.

Assim, a construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, não constitui motivo bastante para se colocar a Bienal de São Paulo à sua disposição... Deve haver outros motivos. Mas, embora a Bienal seja uma iniciativa do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, como órgão de opinião, especializado em assuntos de arte, HABITAT, acha-se habilitado a dar seu ponto de vista, que só pode ser radicalmente contrário à mudança projetada.

Não se compreende, efetivamente, que a Bienal deixe S. Paulo, por mais que possa ser alegada a individualização de um gesto... São Paulo é cidade já numericamente maior que o Rio; seu meio universitário e científico está se desdoblado de uma forma auspiciosa; a formação de escolas de arte — e os cursos que se acham funcionando no Instituto de Arte Contemporânea (Museu da Fundação Armando Álvares Penteado) atestam um desenvolvimento notável —; o interesse que se difunde de uma forma contagiante pelas coisas de arte, chegando associações de classe a promover cursos de conferências sobre temas artísticos, tudo isso mantém em S. Paulo uma série de razões para que não se retire daqui a Bienal.

Quer-nos parecer, pois, que há nisso tudo um equívoco que precisa ser esclarecido em debate amplo, para o qual já contribuimos com este ponto de vista: a Bienal precisa continuar em São Paulo, que é onde tem florescido a sua organização, atingindo o renome internacional de que desfruta. Será um desprestígio para a capital (um tempo "capital artística" do Brasil, e porque não de novo agora?) do Estado mais rico da federação do Estado mais adiantado culturalmente, perder essa manifestação de arte. Os paulistas não devem e não podem sentir nisso.

Plano Pilôto de Brasília

Arqs.: Henrique E. Mindlin e Giancarlo Palanti.

Colaboradores: Walmyr Lima Amaral, Maro Demetre Foundoukas, Anny Sirkoff, Olga Verjovsky, Gilson Mendes Lages e André Gonçalves.

Seria fácil começar este relatório com uma discussão negativa e estéril. Tais foram as controvérsias que cercaram, em seu início, a formação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil e a abertura do Concurso Nacional do Plano Pilôto, que seria possível deixar-se levar pelos aspectos mais superficiais desses debates e chegar a encarar com pessimismo e azedume um grande empreendimento — a construção de uma nova capital para o país. Poder-se-ia criticar aspectos menores, ou formais, da estrutura que serve de base à organização da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil; ou, então, com alguma propriedade, trazer à tona pontos fracos do Edital desse Concurso, produto da transigência de pontos de vista bastante diferentes, de que resultaria à primeira vista a diluição do problema proposto, pois a sua postulação específica quase perde o rigor e a nitidez necessários ao se espalhar em aspectos periféricos, inteiramente à margem da questão central de maior importância. Na realidade, porém, toda essa crítica também não iria ao amago do problema. Cumpre salientar que se trata de um grande sonho a caminho da realidade — um dos grandes sonhos da nossa história de povo independente — não cabendo, portanto, opôr-lhe obstáculos, insistindo em debates de ordem secundária. O que cabe aos realmente interessados na solução do problema é apenas esclarecer todos os seus pormenores a fim de que não só os conceitos fundamentais e planos propostos, como também as responsabilidades de execução se harmonizem, levando o empreendimento à meta desejada.

O que se pretende realizar é, evidentemente, uma cidade-modelo que funcione com amenidade e eficiência e que se caracterize plasticamente como capital político-administrativa de uma grande nação moderna conscientemente em busca de um destino melhor. Ora, não existem em nossos dias, nenhuma dificuldade maior quanto à concepção e ao planejamento de uma cidade capaz de responder a esse objetivo. Em todo o mundo as cidades já sofreram bastante o impacto da atual civilização industrial e os efeitos de uma especulação imobiliária desordenada, estando já fixado, no consenso geral, o ideal de uma cidade diferente, digna do nosso tempo e do futuro que desejamos construir.

Para planificá-la é apenas necessário que se percorra, com honestidade, paciência e imaginação, todas as fases de trabalho sugeridas pela boa técnica — e que, na criação consequente de uma obra de arte eminentemente coletiva, como é, por força de sua essência, uma cidade que cresce através de gerações, se tenha a humildade imprescindível para um trabalho em conjunto, no sentido mais amplo e profundo da expressão. Esse planejamento, entretanto, não poderá ser nada mais que um começo de realização. Entre o conceber uma cidade, e o dar-lhe corpo e vida, vai a mesma distância que há entre o preparo teórico de um bom programa de educação e cultura e a formação e amadurecimento de uma geração de homens capazes e cultos, como consequência da aplicação desse programa.

No caso da Nova Capital do Brasil, cabe no Plano Pilôto apenas a esquematização de um rumo e de uma tendência. Do confronto e da síntese de vários planos assim como da análise dos problemas que esses planos suscitem, poderá emergir uma direção para estudos posteriores, de um Plano Diretor, entrosado com um Plano Regional. Nada disso, porém, terá o menor sentido prático se não se proporcionar aos órgãos responsáveis pela sua execução, por um lado a possibilidade de proteger o empreendimento do jogo de interesses imediatistas, por outro o amparo político, econômico e financeiro indispensável. No primeiro caso, uma legislação apropriada concretizando inovações e princípios ainda não experimentados em nosso meio; no segundo, todo um programa de governo que vise objetivar, na realidade, a marcha para o interior sugerida pela mudança da Capital Federal. Em outras palavras, nem um bom Plano Pilôto — ou, mais tarde, um bom Plano Diretor — nem a sua utilização sistemática e constante, pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital, poderão assegurar, por si sós, o êxito do empreendimento. Esse depende, mais do que qualquer outro fator, da política geral de desenvolvimento do país,

de uma política que dê sentido econômico à nova Capital e a torne o centro de um território em expressão, pujante de vida e cheio de ação.

Nesta fase dos trabalhos relativos à construção da Nova Capital, o problema apresentado pelo Concurso do Plano Pilôto só poderá, por conseguinte, ser encarado com objetividade e proveito positivo, sem digressões acadêmicas ou divagações meramente teóricas, se for severamente delimitado e se a solução, neste momento, permanecer, despretenciosamente, no campo da esquematização preliminar, ou seja, da própria realidade dos fatos a considerar. Em termos práticos e concretos, esse problema é apenas o de sugerir, na área escolhida, uma disposição adequada e economicamente viável dos elementos principais da cidade. A tanto se limita, pois o presente trabalho.

Neste ponto convém referir certos dados relativos à população prevista para a Nova Capital. Em um total de 500.000 habitantes, considerou-se uma proporção de 35% empregados em ocupações remuneradas, ou seja, 175.000 pessoas, incluindo homens e mulheres. Disso resulta uma distribuição, organicamente provável, nas seguintes categorias:

Funcionários	40%, i.e. 70.000 pessoas
(uma proporção provavelmente excessiva, mas que se justifica, a título provisório, nesta fase)	
Indústria	10%, i.e., 17.500 pessoas
Comércio, administração, profissões, negócios, etc.	30%, i.e., 52.500 pessoas
Transporte, agricultura e serviços auxiliares	20%, i.e., 35.000 pessoas

Se a proporção de funcionários parece exagerada, aquela reservada à indústria foi positivamente reduzida, em face do caráter que se pretende dar à cidade. Deriva de um coeficiente provável cujo ajuste final depende dos planos definitivos de construção da cidade. Deve-se contar, ainda, no caso particular da Nova Capital, com uma ponderável população itinerando, de vários milhares de visitantes diários, e exigindo acomodação satisfatória em hotéis e hospedarias.

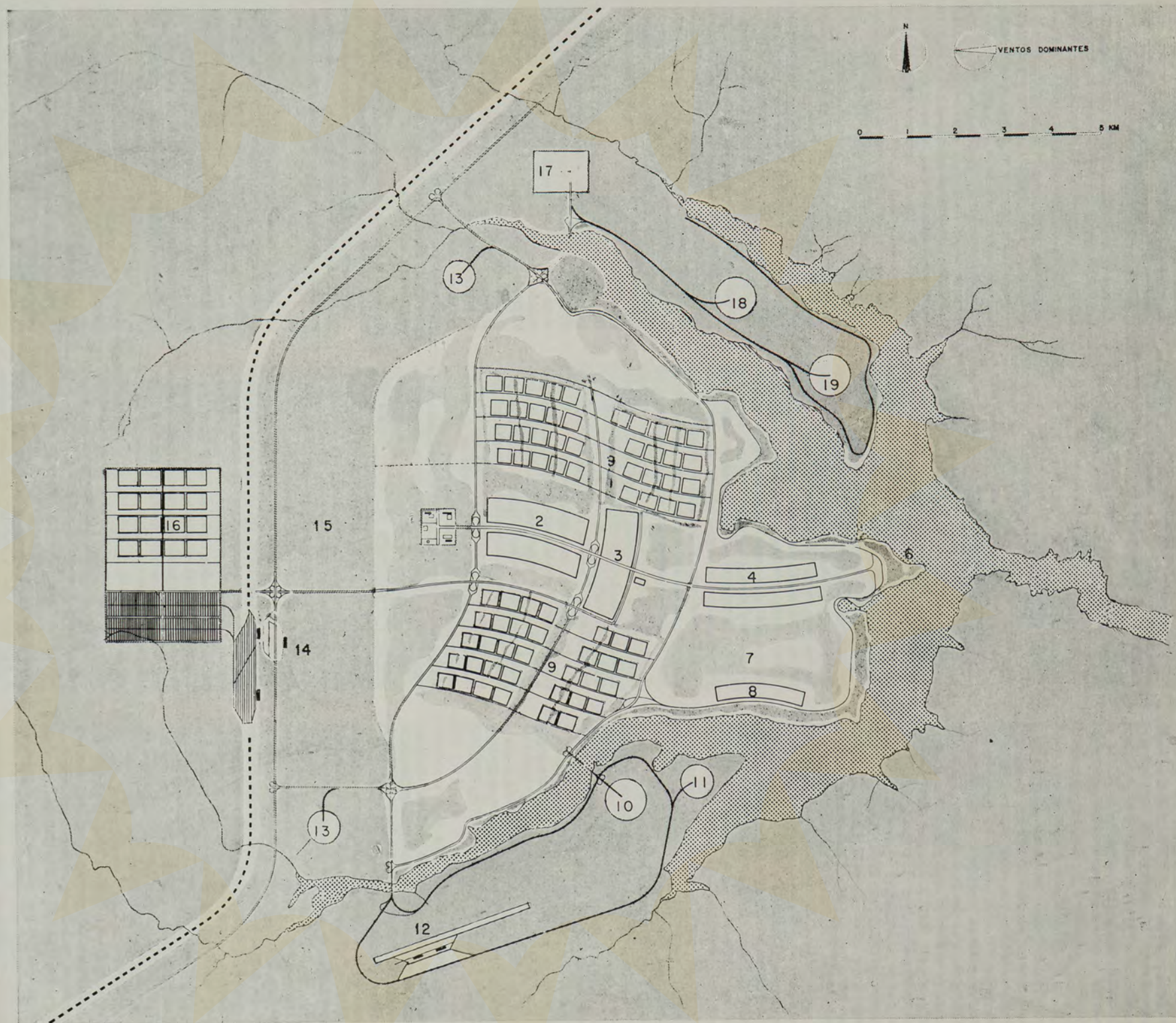
Finalmente, cabe observar que a esquematização proposta inclui uma razoável possibilidade de expansão além do total máximo de 500.000 habitantes indicado aos concorrentes. Isso parece inteiramente justificado, como previsão de longo alcance, se se considerar o provável aumento da população do Brasil, nos próximos cem anos, e principalmente se se estabelecer um paralelo com o desenvolvimento demográfico da América do Norte e o crescimento de Washington, D. C.

Com efeito, embora não se pense em transferir para a Nova Capital, nas primeiras fases do seu desenvolvimento, senão algumas dezenas de milhares de funcionários, não é lícito deixar de prever para um futuro pos-

sívelmente mais remoto um acréscimo maior. Acréscimo que corresponderá, na realidade, à progressiva concentração do governo da República na Nova Capital e à envergadura cada vez maior dos seus órgãos diversos, em função do próprio crescimento da população do país. Em tais condições, torna-se evidente que uma população total de 500.000 habitantes jamais poderá incluir a totalidade dos funcionários em serviço na futura Capital Federal. Consequentemente, parece mais razoável estabelecer, de antemão, margem de expansão suficiente, do que adiar para um futuro que já se pode descontinuar, a solução do problema — solução que, de outro modo, só poderia ser encontrada em "cidades dormitórios" satélites, acarretando distâncias excessivas entre o local de habitação e o de trabalho. Além disso, a previsão de uma área total relativamente ampla não representa, no esquema proposto, nenhum onus considerável no custo dos melhoramentos básicos, pois apenas afeta em grau ponderável algumas das vias de comunicação do eixo dos setores de habitação.

Em suma, um plano adequado para a nova Capital, exige que o problema seja encarado com otimismo. Ou bem Brasília será, den-

- 1 Capitólio
- 2 Ministérios
- 3 Centro Cívico e Comercial
- 4 Embaixadas e Legações
- 5 Hotel (em construção)
- 6 Residência Presidencial (em construção)
- 7 Parque, Jardim Botânico e Zoo
- 8 Residências em grandes lotes
- 9 Zona Residencial
- 10 Centro Esportivo
- 11 Esportes Náuticos
- 12 Aeroporto (em construção)
- 13 Cemitério
- 14 Estações Rodoviária e Ferroviária
- 15 Reserva Florestal
- 16 Zona Industrial
- 17 Zona Militar
- 18 Zona Universitária
- 19 Zona Hospitalar



tro de alguns anos, a Capital do Brasil, e por isso planejada para que efetivamente funcione como tal, ou então se terá desperdiçado o idealismo de toda uma geração e se tornará inevitável que a nova cidade se apresente como um conjunto desproporcionadamente articulado, quaisquer que sejam os critérios urbanísticos adotados.

Neste Plano Piloto procurou-se criar uma cidade imersa em áreas verdes, humana e agradável, dotada de vias de comunicação claramente sistematizadas, com todos os setores necessários orgânica e naturalmente dispostos em função de uma estrutura lógica e aproveitando a conformação do terreno. O seu traçado básico decorre da maneira da localização aproximada das grandes vias com que se espalham os braços da represa e de acesso ao sítio da grande Capital e se desenvolve em torno de dois eixos principais: o primeiro, no sentido Leste-Oeste, ligando a Residência Presidencial ao ponto mais alto do sítio onde serão situadas as sedes dos três poderes da República, que se pode denominar de "Capitólio". Ao longo desse eixo se desenvolvem as áreas destinadas aos órgãos da administração federal, com acesso fácil ao "Capitólio", o segundo, no sentido Norte-Sul, cruzando o primeiro numa área destinada ao centro cívico e comercial da cidade, e ligado às zonas residenciais que se estendem nas duas direções, Norte e Sul. A área destinada ao "Capitólio" é separada das estradas de ferro e de rodagem por um extenso parque florestal que deverá ser criado desde o início da fase de execução. A Oeste dessas vias se localiza um setor industrial, com núcleos de habitação próprios. Das estações rodoviárias e de ferrovia parte um eixo Oeste-Leste secundário, servindo de acesso ao centro da cidade, facilitando o abastecimento de gêneros alimentícios e mercadorias tanto à zona central como às residenciais.

Em uma área especialmente favorável, localizada entre dois braços da represa, no quadrante N-E, estão os centros hospitalares e universitários principais. Ao lado oposto, no quadrante S-E, sempre aproveitando os locais resultantes da configuração acidentada da represa, o centro esportivo e balneário, suficientemente afastado do aeroporto da cidade. Na periferia da cidade ficam também dois cemitérios e um setor de alojamentos militares. Em torno do conjunto, está previsto um cinturão verde, que não só delimitará a cidade e impedirá o seu crescimento desordenado, como atenderá às necessidades de suprimento agrícola.

As zonas residenciais estão organizadas em núcleos bem caracterizados por áreas verdes e próprias e pela previsão dos elementos de uso coletivo indispensáveis, proporcionais à população do núcleo; estabelecimentos de ensino primário e pré-primário, postos de saúde, parques de recreação infantil, centros de comércio, etc. Para efeito da investigação de densidade cabível nesta fase dos estudos, foram projetados em quatro tipos diferentes (três dos quais exemplificados na prancha respectiva), contendo proporções variáveis de blocos de apartamentos e de residências isoladas ou geminadas, como demonstram o quadro seguinte:

Tipo 1

Blocos	30 (de 10 pav.)
Habitantes	7.200
Densidade líquida	576 hab./ha

Tipo 2

Blocos	18 (de 10 pav.)
Lotes para casas isoladas de dois pavimentos	88
Habitantes	5.200
Densidade líquida	412 hab./ha

Tipo 3

(Destinado principalmente à zona industrial).	
Blocos	12 (de 10 pav.)
Lotes para casas isoladas de dois pavimentos	132
Habitantes	4.200
Densidade líquida	339 hab./ha

Tipo 4

Lotes para casas geminadas de dois pavimentos	342 (2 famílias)
Habitantes	3.420
Densidade líquida	342 hab./ha

A concentração de blocos de 10 pavimentos sugerida para a maioria das habitações resultou de madura consideração e visou não somente a liberação do terreno, em consequência de uma taxa de ocupação bastante baixa, e a redução do custo dos melhoramentos públicos, como também o aproveitamento mais econômico possível das instalações e dos serviços mecânicos tais como o de elevadores.

Esses núcleos estão grupados em conjuntos de várias unidades em faixas paralelas ao eixo Leste-Oeste, e separadas umas das outras por zonas verdes onde se localizam de uso coletivo proporcionais ao número já maior de habitantes de cada conjunto de núcleos (igrejas, cinemas, corpo de bombeiros, agências bancárias, mercados, agências postais e telegráficas e etc.). Evidentemente, cabem inúmeras variações no uso das quadras correspondentes a cada núcleo. Nesta fase tentou-se apenas exemplificar os conceitos básicos a fim de demonstrar a possibilidade de alojar toda a população em área relativamente pequena, sem prejuízo das ótimas condições de distribuição, insolação, aeração, tanto quanto as de amenidade geral obtidas no esquema.

Mais adiante, ao se tratar dos problemas de legislação e financiamento, ter-se-á oportunidade de demonstrar que o planejamento rigorosamente preciso de cada núcleo não oporá, necessariamente, nenhum obstáculo à transação fácil e parcelada dos valores imobiliários, indispensável a rápida obtenção, pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital, dos recursos exigidos para o bom desenvolvimento dos seus trabalhos.

Está também previsto, o uso para residências de maior porte, ou de caráter menos citadino, de várias zonas privilegiadas como as das margens da represa ou a dos parques situados junto às áreas das embaixadas e legações.

A zona industrial, organizada adequadamente quanto ao tráfego de matérias primas e mercadorias, compreende apenas o necessário ao desenvolvimento equilibrado da cidade no que diz respeito à distribuição normal das várias formas de atividade e às necessidades manufatureiras mais imediatas. Basta citar, outra vez, o caso de Washington, D. C., onde cerca de 7% da população ativa se acha empregada em indústrias diversas, além de outros 7% na indústria de construção civil, para se verificar que o caráter político-administrativo de uma capital não poderá significar, na prática, a ausência total de indústrias fabris. Ladeando a área reservada aos lotes industriais foi prevista, por conseguinte, uma zona residencial de tipo popular, capaz de alojar cerca de 10% da população total da cidade.

A zona correspondente ao centro cívico, comercial e administrativo, tendo próximo, por razões óbvias, o mercado central, foi proporcionada de maneira a atender não só as necessidades da cidade em si, como àquelas maiores, decorrentes da função político-administrativa dessa cidade no quadro nacional.

Essas necessidades se acentuam, por exemplo, no caso das atividades financeiras, bancárias e profissionais, assim como num maior

número de lojas, hotéis, restaurantes, estabelecimentos de diversões, etc., exigidos pela população itinerante, atraída à Capital Federal, de outros pontos do país e do exterior.

As vias de comunicação correspondem no traçado e no detalhe, à sua hierarquia funcional dentro do conjunto. Dividem-se, por isso, em vias de tráfego arterial rápido (parcialmente em nível elevado), de tráfego local e de tráfego lento, no interior dos núcleos residenciais. Dedicou-se especial cuidado ao estudo dos cruzamentos, a fim de organizar o tráfego de maneira prática e eficiente. O aparente excesso de trevos que se pode notar nos desenhos apresentados prende-se precisamente, à intenção de solucionar todos os problemas de tráfego apenas com automóvel e onibus (elétrico, de preferência), evitando de vez, o "subway" e outros sistemas igualmente descabidos em uma cidade deste tamanho.

As distâncias máximas entre os pontos de ligação constante são, em cada caso, não só inferiores às admissíveis, como efetivamente razoáveis, se considerar que este plano assegura condições de tráfego rápido e fácil. As linhas de transporte coletivo estão esquematizadas na prancha respectiva, onde se pode constatar a simplicidade com que foi resolvido o problema, com um número reduzido de linhas necessárias. Está prevista no sistema, naturalmente, a transferência de passageiros de uma linha para outra, no caso de continuação de percurso no mesmo sentido da passagem inicial.

Os melhoramentos públicos indispensáveis à instalação da cidade constituem, graças ao tipo de utilização do terreno preconizado, um onus inferior ao verificado geralmente em cidades de população comparável à da Nova Capital. Quaisquer coeficientes que pareçam mais altos à primeira vista, como aqueles que se constatarem com relação à arborização de ruas e praças, ou a obras de arte (cruzamentos, trechos elevados, trevos, etc.) se justificam plenamente pelo propósito de criar uma cidade digna de ser a capital da República.

O quadro abaixo, discriminando aproximadamente a extensão dos melhoramentos previstos para a etapa de crescimento relativo a 500.000 habitantes, demonstra claramente o sentido econômico que contém este plano.

I — Pavimentação

a) Ruas e avenidas (inclusive o trecho da rodovia de acesso entre as duas entradas) — asfalto	6.160.000 mq
b) Ruas interiores e ruas de ligação — macadam	1.270.000 mq
c) Passeios	3.450.000 mq
d) Pavimentação de praças	975.000 mq

II — Arborização

a) Ruas e avenidas	7.850.000 mq
b) Praças	3.700.000 mq

III — Obras de Arte

a) Passagem elevada no eixo Leste-Oeste	86.000 mq
b) Pontes (2)	24.000 mq
c) Trevos	6
d) Cruzamentos	7
e) Túnel e pontilhão	1

IV — Utilidades

Fôrça elétrica, iluminação pública, telefone, água, esgoto primário, esgoto pluvial, corpo de bombeiros	400.000 ml
---	------------

V — Parques

	20.000.000 mq
--	---------------

A superfície total abrangida por este plano atinge a cerca de 20.000 hectares. Esse número, entretanto, poderia dar uma idéia falsa da verdadeira distribuição das várias somas e do seu dimensionamento em função da população. Na realidade, essa área de quase 20.000 hectares se decompõe da seguinte forma:

Superfície urbana propriamente dita, inclusive parques	6.300	ha
Superfície para desenvolvimento futuro de:		
habitação	3.362	ha
Ministérios	455	ha
centro comercial	345	ha
residências de luxo .	300	ha
Zonas suburbanas (aeroporto, centros esportivos, balneários, centros universitários e hospitalares, vila militar)	5.500	ha
Zonas verdes para agricultura .	3.720	ha

Na área urbana propriamente dita, de 6.300 ha, as várias zonas se distribuem na seguinte proporção:

"Capitólio"	60	ha
Zona dos Ministérios	270	ha
Centro cívico-comercial	180	ha
Zona das Embaixadas	250	ha
Parques	2.720	ha
Zonas residenciais	2.550	ha
Zona industrial	270	ha

Dentro da realidade objetiva em que se procurou conservar o estudo deste plano piloto, só cabe, quanto à esquematização das etapas de crescimento da cidade, a indicação das áreas a desenvolver em cada fase. É o que consigna, portanto, a prancha respectiva, que prevê os seguintes índices de população para cada etapa:

1. ^a etapa (preliminar) .	57.500	habitantes
2. ^a etapa	143.000	habitantes
3. ^a etapa	230.000	habitantes
4. ^a etapa (final, ressalvadas as observações já feitas)	480.000	habitantes

Cabe aqui, entretanto, uma sugestão: resultaria, sem dúvida, num desenvolvimento mais acelerado o uso, em todas as construções em que fosse possível, de estrutura metálica substituindo a estrutura de concreto armado.

Uma legislação adequado à defesa dos bons princípios urbanísticos e um sistema de financiamento capaz de proporcionar os recursos necessários, são condições essenciais à efetivação de qualquer planejamento de longo alcance.

Entretanto, a forma de obtenção desses recursos, codificada em lei, não deve ser uma simplista aplicação de idéias meramente inovadoras, nem reprodução da experiência de outros povos. Deve-se considerar, sempre, as condições político-sociais do país em que se pretende implantar tal planejamento: a índole de seu povo e as disponibilidades necessárias à consecução do plano.

No caso de Brasília, a adoção de premissas meramente teóricas poderia provocar o fracasso do planejamento pela inaceitação popular. Por isso são inaplicáveis, no nosso meio, muitas das idéias diretoras das legislações estrangeiras. O problema fundamental do urbanismo europeu atual prende-se às necessidades, do após guerra, de reconstrução e desenvolvimento de certas cidades, ou, então, de reconstrução e reequipamento dos respectivos parques industriais.

É o que se depreende, por exemplo, da análise da legislação inglesa de 1947 (Town and Country Act). Além de determinar condições relativas aos problemas referidos, essa lei visa condições particularíssimas da Inglaterra: grande densidade demográfica e um sentido de nacionalização da indústria decorrente das idéias socialistas dominantes.

Assim, a propriedade desapropriada pela Corôa não será revendida, após a urbanização e sim arrendada por prazo nunca superior a 99 anos, exceto em situações muito especiais, sendo, em muitos casos, a iniciativa particular cerceada em favor da iniciativa estatal. Não é esse o problema brasileiro. Em nosso país, devido à baixa densidade demográfica e ao regime político-social vigente, não se torna necessária uma restrição aos direitos de propriedade privada urbana; por outro lado, sendo o Brasil um país de menores recursos e desenvolvimento industrial incipiente, a preocupação constante dos nossos governos tem sido, especialmente a do atual, a criação de condições favoráveis ao investimento de capitais internos e externos. É esta a orientação brasileira, que, só em casos particulares de indústria de base, como a petrolífera, admite o monopólio estatal.

No caso da Nova Capital, os problemas gerais e relativos à legislação sobre o uso da terra e à movimentação dos valores imobiliários, deveriam ser propostos com os seguintes objetivos:

a) manter, dentro de limites compatíveis com a preservação dos planos a serem estabelecidos, o jogo da especulação imobiliária; isto é, aceitando a sua existência como fato real da vida econômica, aproveitá-la como força promotora de recursos e investimentos, e impedindo sua ação no desvirtuamento dos planos urbanísticos tão comum em quase todo o mundo;

b) citar um sistema de venda de terreno vinculado ao seu uso legítimo e, ao mesmo tempo bastante flexível, sob o ponto de vista operacional, para permitir à Companhia Urbanizadora da Nova Capital a imediata e fácil movimentação das suas disponibilidades em potencial, mormente aquelas representadas pelos terrenos a serem urbanizados.

O primeiro objetivo seria atingido, sem dificuldades, pela elaboração de uma legislação apropriada que condicionasse rigorosamente o uso do terreno às determinações pré-estabelecidas pelos órgãos de planejamento competentes, limitando alterações eventualmente indispensáveis a não ser as de exclusivo interesse público.

Quanto ao segundo, poderia a Companhia Urbanizadora da Nova Capital chegar ao fim almejado, mediante uma inovação relativamente simples e inteiramente justificada pelas formas correntes de transação de valores imobiliários. Essa inovação seria a venda de cotas em condomínio, em quadras de tal ou qual tipo, dando direito ao futuro do

terreno, na proporção da cota e do planejamento conjunto da quadra e correspondendo, em princípio a uma unidade de habitação, ou a uma unidade básica, quando se tratasse de outros usos.

A localização específica da edificação, correspondente a cada cota, seria determinada pela escolha do comprador, por ordem de prioridade dependente de integralização de sua compra, à medida que a Companhia Urbanizadora verificasse existir um número suficiente de compradores para a atribuição de propriedade definitiva, em parte ou no todo, de uma quadra, desde que os planos de urbanização o permitissem. Se, na época fixada para a escolha, um conjunto de compradores isolados não atingisse o número necessário para a atribuição do terreno correspondente a determinado bloco e houvesse outros compradores, em conjunto ou individuais, também pretendendo o mesmo bloco embora dispondo de prioridade inferior, aos primeiros seria dado um prazo para integralizar a totalidade das cotas, findo o qual, se não o fizessem, aos segundos seria atribuído o direito de escolha, passando, então, os primeiros, à prioridade seguinte, e assim sucessivamente.

O mesmo sistema poderia ser adotado para a venda de lotes individuais maiores ou menores. E todas essas vendas poderiam ser efetuadas, ainda antes da elaboração do Plano Diretor, pois a prioridade referida asseguraria localização satisfatória. Deste modo, a Companhia Urbanizadora poderia dispor, de imediato, de recursos apreciáveis que viriam facilitar enormemente o prosseguimento dos seus trabalhos. Basta imaginar que, se, por hipótese, a Companhia Urbanizadora pusesse à venda, de início, apenas 50.000 cotas de condomínio em zonas residenciais, a um preço médio de, digamos, Cr\$ 150.000,00, isso lhe traria, em curto prazo, um encaixe de Cr\$ 7.500.000.000,00. Isso, sem se falar das zonas certamente mais rendosas, como os edifícios de uso comercial e outros. A medida que se desenvolvesse a cidade, a Companhia Urbanizadora contaria, evidentemente, com uma progressiva valorização das cotas ainda disponíveis.

O sistema sugerido, apresenta, portanto, consideráveis vantagens. Facilita o planejamento de parte substancial das moradias em apartamentos (com enormes economias nos serviços públicos), pois permite, sem prejuízo para a integridade dos planos de conjunto, que as transações imobiliárias se processem livremente. E certamente contribui para o rápido desenvolvimento da zona comercial central, onde qualquer outro método de venda forçosamente reduziria o volume de operações pois exigiria vultosos investimentos por parte dos compradores de lotes individuais.

Aliás, a passagem do lote individual para a totalidade da quadra, como objetivo da transação imobiliária que aqui se preconiza, encontra precedente na legislação sueca que em 1907, estabelecia não ser o lote individual, mas a quadra, a unidade edificável.

Plano Pilôto da nova Capital - Brasília

Equipe: Pedro Paulino Guimarães, Luiz Mario Sarmiento Brandão, José Lambert de Mattos Dodibei, Theodore Ding-Wen-Wú, Carlos Enrique Virviescas Pinzon e Roger Solórzano Marin. **Planejamento agrícola:** Luiz Mariano Paes de Carvalho.

Imperativo constitucional, a mudança da Capital é, também, imperativo de sobrevivência, pelas circunstâncias que vêm desequilibrando o progresso do país.

Dotado de território vastíssimo e de escassa e mal distribuída população, o Brasil terá, com a medida, não uma panacéia para os males que o afligem, porém uma salutar base de fortalecimento.

Reivindicação dos Inconfidentes de 1789 e, desde então, na ordem do dia, a interiorização da Sede do Governo tem tido suas vantagens e desvantagens amplamente debatidas e a permanência nos dispositivos das Constituições de 91, 34 e 46, representa, por si, argumento decisivo para a realização.

A fixação das fronteiras

As fronteiras políticas do Brasil foram fixadas pelos bandeirantes em brilhante episódio, mas a ação pioneira não se seguiu consolidação que tornasse efetiva a ocupação do território conquistado.

A colonização litorânea

O litoral extenso e os acidentes geográficos que constituíam obstáculos para uma fácil penetração, determinaram cunho litorâneo ao nosso desenvolvimento. Através do Atlântico se estabeleceram as rotas de comércio que pelo regime impôs, orientaram o fluxo de produção para a metrópole portuguesa. A serra litorânea, as regiões semi-desérticas do nordeste, a hostilidade da floresta amazônica desencorajaram os colonos a se estabelecerem no interior do território. Faltou, também, uma segunda frente marítima, para o Pacífico, que à semelhança do ocorrido nos Estados Unidos, forçasse o cruzamento permanente e consequente colonização do território.

A monocultura

Por imposições econômicas, desde os primórdios de sua colonização, o Brasil viveu sob o regime despovoador das grandes propriedades. A monocultura, dominante do nosso crescimento, contribuiu para agravar o desequilíbrio demográfico, provocando, nos sucessivos ciclos de culturas, ora adensamento de população, ora abandono de enormes áreas.

Esse o panorama até o século XVIII; e o advento do século XIX, em pouco ou nada modificou as condições em que se processava o desenvolvimento do país. O aparecimento da máquina não trouxe modificações substanciais dos métodos agrícolas que continuaram, como até então, baseados na exploração do trabalho meramente braçal dos escravos. A falta de métodos racionais e mecânicos na agricultura e a abolição do trabalho escravo, fizeram com que, na impossibilidade de manter a concorrência com produtores estrangeiros mais bem aparelhados, ciclos econômicos, como o do algodão, se extinguissem, acarretando o empobrecimento de vastas regiões que deles viviam.

O êxodo rural

A incipiente indústria que se formava nos centros urbanos e a concomitante queda de fadiga de lavoura, atraíram os contingentes humanos para as cidades, provocando o abandono de regiões já empobrecidas. A essas circunstâncias se ligaram os atrativos, nem sempre reais, de conforto, melhores salários, diversões, que os maiores centros ofereciam, notadamente aos escravos recém-libertos.

A revolução industrial

A revolução industrial, aqui tardiamente iniciada e ainda em processo, determinou a continuação do "status" demográfico do país. A indústria, beneficiada pela abundância de mão de obra, pôde tomar influxo que, se não se equiparou ao de outros países mais mecanizados, por outro lado constituiu elemento perturbador do desenvolvimento agrícola.

Criou-se a situação de antagonismo entre a indústria e a agricultura e, na esquematização dos observadores simplistas, o país seria agrícola ou industrial, não se admitindo a coexistência, em equiparação, das duas fontes de progresso. Ao incremento da indústria correspondeu a falta de amparo, por parte dos poderes públicos, ao campo, sem a consideração elementar de que o real progresso resultaria do desenvolvimento paralelo das duas atividades. Isso ocorreu apesar de constituírem ainda os produtos agrícolas as bases do nosso comércio internacional e a principal fonte de riqueza do país.

Desassistidas, sujeitas à toda sorte de inclemências e, mais, fascinadas pelo que lhes parecia condições ideais de vida, as populações rurais se deslocaram para os grandes centros urbanos. Assim, favorecidas por novas invenções, pelo aparecimento de novos materiais, novas ciências aplicadas e sem problemas de mão de obra, as indústrias de muito se desenvolveram. O seu desenvolvimento mais mão de obra atraía, o que, por sua vez, permitiu novos impulsos de progresso mecânico.

A hegemonia da máquina colocou o homem em face de problemas imprevistos e até então desconhecidos. A escravização do negro sucedeu a escravização do assalariado; o poder econômico do capitalismo industrial urbano se transformou em fonte de opressão, mais poderosa, talvez, do que fôra o poder feudal do senhor de terras.

O crescimento das cidades

O crescimento urbano excessivo, fruto do êxodo rural, se impôs com todos os malefícios que sentimos. No quadro da cidade, apareceram os problemas da superpopulação traduzidos no congestionamento da circulação e dificuldades de transporte, condições deploráveis de habitação, de recreio, de higiene, de abastecimento, o ruído, a inquietação.

O esgotamento nervoso, a debilidade física, o afrouxamento de padrões morais, foram as decorrências para o habitante da cidade, enquanto que, no campo, o panorama era o abandono de terras, a derrocada de propriedades agrárias, o êrmo em enormes áreas.

A interiorização da capital com o elemento de equilíbrio demográfico

Estando o norte, nordeste e centro-oeste, dois terços pois, do seu território, em virtual estado de abandono, o Brasil necessita, nessas regiões, de um grande elemento de polarização para as forças vivas de progresso. A interiorização da Capital, num país como o nosso, de governo pronunciadamente centralizado, cumprirá, de maneira feliz, essa função. O seu deslocamento para o plano central levará a essa enorme região um centro de irradiação cultural e de progresso material, colocando-a, além do mais, em posição de equidistância de todos os seus extremos.

Múltiplos são os fatores que reclamam tal providência e a citação de alguns deles, de ocorrência mais imediata, sugere um sem número de outros.

A massa de funcionários que, com suas famílias, se transportará para a nova Capital, atrairá um importante núcleo de comércio para a região, assim como provocará o desenvolvimento da sua lavoura, estimulada pelo mercado fácil de seus produtos.

Sob esse aspecto, aliás, cabe considerar as condições agrológicas do novo Distrito Federal. Suas terras não apresentam a riqueza exuberante que seria do desejo de alguns. Não são terras especialmente férteis ou estéreis. Dependerá do trato o seu florescimento pleno. Isso, contudo, longe de constituir desvantagem, se apresenta como condição para maior disseminação de benefícios, de vez que evita que todo o abastecimento se produza em uma área restrita em sua volta.

O desenvolvimento do interior

A localização da cidade em região central do país, provocará a intensificação das ligações ferroviárias e rodoviárias entre o Norte e o Sul, entre a costa e o extremo oeste, pela existência, a meio caminho, de um núcleo da sua importância, ligações estas dificultadas anteriormente pelas excessivas distâncias e a inexistência de focos populacionais que as atraíssem e justificassem. Tais percursos serão assim reduzidos à metade, não só do ponto de vista de extensão, mas, também, do ponto de vista econômico, estratégico e de manutenção. A importância dessa ligação é enorme e justifica a mudança dos benefícios que advirão. Representará nova fase de progresso para aqueles dois terços de território praticamente devolutos, povoados e desenvolvendo as regiões diretamente atravessadas. O resultado será somente comparável ao desbravamento feito pelos bandeirantes do século XVII, que infelizmente não tiveram continuadores do mesmo valor

qualitativo, que seria necessário a um país de tão vasto território e de população tão insignificante em relação à área ocupada.

Considerações de ordem geopolítica e estratégica

Considerações de ordem geopolíticas e estratégicas mostram, também, a conveniência do deslocamento da sede do Governo. Se atentarmos nas condições gerais do país, veremos as regiões centrais inteiramente desocupadas, enquanto na orla marítima se concentra todo ou quase todo o seu desenvolvimento. Essa situação implica numa série de perigos para a tranquilidade da Nação, em face de reflexos das conturbações internacionais não remotas que sobre ela possam incidir.

A tremenda concentração de população em certas áreas europeias e asiáticas as levarão, por certo, a filosofias políticas radicais, com vistas às imensas regiões devolutas da América e da África. Na América, é do Brasil a maior extensão territorial nessas condições, não se considerando o Canadá que, com magníficos resultados, vivamente se empenha na ocupação efetiva do seu imenso território.

A formação vegetal ocorrente

Trata-se de uma região coberta por campo-cerrado, uma das mais extensas formações que cobrem o nosso país, pois ocorrem desde o extremo norte, no Território de Rio Branco, até o sul, no Estado do Paraná.

Muitas cidades brasileiras estão edificadas sobre campo-cerrado. Caracteriza-se tal formação por uma vegetação arbustiva, representada por certo número de espécies de poucos metros de altura, profusamente repetidas e esparsadamente dispostas por toda a região, sobre um contínuo tapete de capins duros. A planta típica desta formação é a *Curatella americana*, vulgarmente conhecida como "lixreira" e "sambaíba", no centro-oeste e "caimbé", na Amazônia.

Nas porções ravinadas, com lençol freático pouco profundo, aparece uma vegetação arbórea, mas cuja extensão é, por isso mesmo, restrita pela geomorfologia, a esses veios de drenagem natural, cujas condições permitem uma tênue deposição de matéria orgânica. Nestas porções, em função da presença de maior quantidade de água, é comuníssimo o "buriti", *Mauritia vinífera*, uma grande palmeira. Saindo desses cenais, aparece o "paratudo" ou "carúba", *Tecoma caribba*, elegante bigoniácea de flores amarelas que deve merecer especial atenção no planejamento paisagístico da cidade.

Potencial agrícola

Muito pouco se conhece ainda sobre as possibilidades agrícolas e o potencial econômico do campo-cerrado, pois a agricultura nacional tem se desenvolvido sobre solos mais férteis. Assim mesmo, pela maneira como se tem explorado tais regiões, observa-se não serem econômicas as produções obtidas.

Derrubando áreas onde a vegetação é mais densa e desenvolvida, os agricultores encontram um solo menos pobre que, depois de poucos anos de cultivo, fica completamente degradado. Por outro lado, a capacidade de suporte das pastagens é baixíssima, dada a qualidade de seus componentes e o tipo de manejo das mesmas.

Disso se conclui que não se pode esperar volumosas produções locais, pelo menos por algum tempo, para prover a nova capital, o que não deverá constituir empecilho suficiente para comprometer sua construção e desenvolvimento. Se não vejamos: ponderáveis circunstâncias favoráveis determinaram

Há, portanto, indiscutível relevância no problema e urge um rápido e eficaz aproveitamento de nossa terra interior, onde se dispõem todos os nossos elementos de resistência econômica, social, política e militar contra as incertezas do futuro.

Por outro lado, uma especulação estratégica nos leva ao fato de que, diante do fabuloso poder destruidor das armas atômicas, as concentrações, quer humanas, quer de recursos materiais, tornam o país mais vulnerável. A maior disseminação desses recursos constituirá, assim, a melhor defesa para contingências dessa natureza.

A situação do Rio de Janeiro com a mudança da capital

Queremos analisar, por último, a situação em que ficará o Rio de Janeiro ao deixar de ser sede do Governo Federal. Sabido é que o Rio cresceu fora de limites permissíveis pela sua situação topográfica. Podemos dizer que atingiu a saturação, nas faixas habitáveis. Para uma cidade que nem chega aos três milhões de habitantes, as distâncias a percorrer, da moradia ao trabalho e aos pontos de recreação, são, em geral, exageradas.

Aproveitamento agrícola da região

a escolha do sítio quanto à posição geográfica, às condições geológicas, geomorfológicas, climáticas, sanitárias, estratégicas, políticas e outras mais, o que torna certos obstáculos, aparentemente difíceis, perfeitamente superáveis.

Inicialmente, podemos argumentar que a nova capital será essencialmente administrativa. Sua população não terá, quase em totalidade, outras preocupações. Portanto, o desenvolvimento de uma cidade em tal situação, desde que seja alcançado um mínimo aconselhável quanto à produção agrícola, torna-se perfeitamente cabível.

Possibilidades agrológicas

Comparativamente ao Rio de Janeiro, cujas condições de produtividade são superiores e que se situa dentro de uma faixa mesológica que permite, inclusive, o desenvolvimento de densas florestas, mesmo assim, o Rio importa toda a massa de produtos necessários à alimentação de sua população. A sua grande produção avícola, aliás bastante respeitável quanto ao volume e qualidade poderia, talvez, ser alcançada em Brasília onde as condições para tal produção são perfeitamente favoráveis. É, acrescenta-se que o Rio não é apenas uma cidade administrativa.

Abastecimento da cidade

Como seriam então resolvidos os problemas da produção agrícola para a satisfação da população de Brasília? Se, como dissemos anteriormente, as suas condições não são de molde a esperarmos uma produção volumosa, em regiões pouco distantes encontram-se verdadeiros centros de produção agrícola. E tais centros deverão ser os fornecedores naturais da nova capital. A grande produção de cereais e de outras classes de alimentos nas proximidades constituirá garantia segura para o fornecimento contínuo de gêneros à Brasília.

Na dependência de boas estradas, cogitação aliás do plano de construção, o mercado certo de provisões proporcionará o desenvolvimento rural e urbano, acima de qualquer expectativa, dessas zonas de produção vizinhas. Consequentemente determinará modificações no tipo de produção e afluência de pessoal mais capacitado quanto às modernas técnicas agrícolas pois a aplicação de capital em atividade de tal natureza corresponderá a uma retribuição certa e os pro-

Deficiente é o sistema de circulação, com problemas que vêm desafiando os técnicos pela sua complexidade. As condições de moradia são precárias, como atestam as setecentas favelas existentes.

Por tudo isso, o deslocamento dos funcionários e suas famílias para o planalto central, será altamente benéfico. Mas, não só funcionários se deslocarão. Todos aqueles que, diretamente, estejam vinculados à Presidência da República, sentirão necessidade de para lá se transportarem. Decorrerá daí um des congestionamento salutar à vida da cidade.

Poder-se-ia arguir que haverá com isso perda de importância danosa. Sob aspecto político e até mesmo social, sim. Não devemos nos esquecer, contudo, que o Rio de Janeiro é um dos portos de maior importância do país, escoadouro privilegiado para a produção do centro-oeste e que só terá a lucrar com o desenvolvimento dessa vasta região. É, por outro lado, uma cidade de autonomia cultural e social que, perdendo a posição de sede da Alta Administração do País, não perderá o brilho de cidade representativa dos mais legítimos aspectos da civilização brasileira.

duto não ficarão aguardando, como acontece atualmente, a possibilidade de transporte sem armazenamento eficiente, comprometendo, quase sempre, todo o esforço empregado pelos produtores.

Entre as vantagens que resultarão podemos citar: não interferência dos regimes de vida entre os centros de produção e a capital; desenvolvimento, sob todos os aspectos, dos centros de produção, criação de outros e dinamização das áreas vizinhas, o que, aliás, constitui uma das finalidades da mudança da capital; aumento populacional e do poder aquisitivo das zonas central e oeste, o que proporcionará novas possibilidades para o mercado interno nacional. Quanto à construção de estradas, os traçados devem atender não só ao acesso à cidade mas, também, ao escoamento da produção.

Mentalidade extrativista

A formação vegetal ocorrente na região poderá proporcionar uma série de vantagens aos seus habitantes, se outra for a mentalidade reinante. Acostumados secularmente ao puro e simples extrativismo e caudatários dessa atitude mental, imanente do tipo de exploração, fato, aliás normal em quase todas as latitudes do país, a maior parte dos nossos patrícios não tem sabido, nem de longe, tirar racionalmente as vantagens do que a natureza nos proporcionou.

As queimadas

Sendo a pecuária a atividade mais comum, os criadores queimam os campos anualmente para obterem pastagens menos más. Disto resulta que inúmeras plantas colonizadoras que, mercê da precipitação abundante durante a estação chuvosa e do clima favorável, poderiam ocorrer numa latitude tão vantajosa como a dessa região, são destruídas. Aliás, são destruídos não só os indivíduos adultos como as plantas jovens que teimam em alargar a extensão da faixa arbórea. Com isso, também a caça vai se tornando cada vez mais reduzida. Somente um número pequeno de animais e plantas, os menos úteis quase sempre, consegue sobreviver. Ahamos, portanto, sem condição inicial, para sucesso de qualquer aproveitamento, eliminar a prática das queimadas dentro da área reservada ao novo Distrito Federal e ir tentando estender esta medida pelas regiões vizinhas. Teríamos, assim, um repo-

voamento dos campos, sobre tudo com relação à fauna. Posteriormente, medidas legais, com bases nas observações e estudos dos ciclos vitais da fauna, viriam complementar a providência, possibilitando a exploração esportiva da caça em bases racionais, o que poderá vir a ser um dos atrativos da região.

Conservação das matas existentes

Das manchas de mata existentes, várias delas, segundo relatórios apresentados, deveriam ser destinadas à agricultura. Só se compreende a realização de tal plano pela derrubada dessas matas. O que representam, entretanto, tais áreas com referência a seu potencial agrícola e como recurso natural conservado? Feita a derrubada, e passados os primeiros anos, com as colheitas fatalmente decrescentes, teríamos mais regiões descobertas e estéreis.

Entretanto, se preservadas, essas faixas de mata continuarão a proteger os mananciais, a favorecer o clima local, a abrigar a fauna, a conservar o solo, servindo como equilibradores dos agentes naturais. Bem administradas, as áreas que possuem rios e regatos poderão se tornar ótimos pontos de recreação onde a população, em amenos sítios, poderá ter o agradável e salutar contacto com a natureza. Um estudo regional poderá decidir da possibilidade de piscicultura nos rios e regatos.

A comparação de todos os benefícios que essas pequenas manchas de mata proporcionam, quer sob o aspecto recreativo, quer de proteção à natureza ou mesmo educativo, com a passageira e, talvez, problemática vantagem duma agricultura inicial em grande escala, parece não deixar dúvida quanto à decisão que deverá ser tomada a respeito. Com a preservação das matas e eliminação das queimadas, não queremos significar a impossibilidade de qualquer aproveitamento agrícola da região. O que advogamos é a não continuação de prática agrícola que nada mais tem feito senão quebrar o equilíbrio natural e tornar os solos estéreis.

Práticas agrícolas indicadas

Muitas práticas agrícolas, se bem conduzidas, poderão dar ótimos resultados. Sem a preocupação de produzir o grosso dos alimentos, que poderão provir de centros produtores já existentes mais ao sul e de outros a se desenvolverem em regiões vizinhas, poder-se-á praticar, com êxito, a olericultura e, de certo modo, a fruticultura.

A Região

A região selecionada para a localização da capital está situada a sudoeste de Planaltina, na elevação triangular definida pela confluência do Córrego Fundo e do Ribeirão Bananal, para a formação do rio Paranoá. A elevação, com 1.200 metros de quota, é uma colina plana, com ligeira declividade para os cursos d'água que a circundam, cujos vales estão a cerca de 1.000 metros do nível do mar. Extenso, de perfil suave, sem acidentes topográficos que prejudiquem também o clima, as condições de drenagem e a geologia.

O Partido

O partido adotado procurou explorar fatores locais e aproveitar elementos existentes que, na justa medida, facilitassem a realização. O lago projetado que emoldura, quase inteiramente, o sítio e o eixo rodoviário Anápolis-Planaltina condicionaram a solução. Mereceu especial reparo o fato de Planaltina estar de tal modo próxima da nova capital que desfruta de posição única para

É óbvio que a produção de verduras será mais econômica se for produção local. Em muitos lugares, convenientemente selecionados poderão se ir desenvolvendo tais culturas. Essas faixas, próximas a canais de drenagem natural e de irrigação, poderão ser alargados aos poucos, desde que um plano de aproveitamento de resíduos for cuidadosamente estudado e aplicado. A produção de "composto" em larga escala dará os melhores resultados. Teremos, assim, uma fertilização eficiente e econômica, com recuperação e, mesmo, conquista de áreas antes improdutivas.

Um grande número de culturas olerícolas, quase todas as que normalmente são postas à disposição dos mercados nacionais, poderão ser produzidas satisfatoriamente. A fruticultura, propriamente, por suas características pode apresentar certas limitações. Será mais conveniente a tentativa de culturas de fruteiras com peculiaridades ecológicas que possam ser satisfeitas nessa região, como o "cajeiro", a "mangueira", alguns "citrus", "anonáceas", o "abacaxi", o "umbu", a "mangaba" e várias outras. Posteriormente, quando criteriosas pesquisas agrônomicas puderem prestar melhores informações, essa lista será, certamente, aumentada.

Se há impaciência no que concerne aos anos que devam ser esperados para que tais resultados sobrevenham, podemos argumentar que a obra de construção e desenvolvimento pleno de Brasília é, talvez, para algumas gerações e os frutos serão colhidos durante um número imprevisível de anos.

Florestamento e reflorestamento

O problema do florestamento e reflorestamento deve ser, também, encarado com o máximo de realidade. Ao invés de derrubar o existente o que se deve fazer é escolher áreas estrategicamente dispostas para, com essências apropriadas, realizar extensos plantios. É bem possível que algumas espécies de Eucalyptus possam ser cultivadas com sucesso. O "sabiá", Mimosa cesalpinifolia, bem sucedido em diferentes latitudes, mesmo nas zonas semi-áridas do nordeste, deve entrar nas cogitações. Aos poucos, outras essências serão também aproveitadas, à medida que as pesquisas as forem revelando. É tão óbvio o papel que essas matas representam, quer pelos produtos que podem fornecer, como pelo aspecto protetor de outros recursos naturais e equilibrador dos agentes climáticos, que se torna desnecessário esclarecimento a respeito.

Partido adotado

se desenvolver como cidade satélite, de onde poderá provir parte substancial do abastecimento para a futura população.

A cidade teve sua configuração, aproximadamente triangular, limitada, num dos lados, pelo trecho da ligação entre outros dois, pelo lago resultante do represamento do Paranoá. Basicamente o seu plano obedece a traçado retilíneo, não se afastando do sentido essencialmente orgânico, embora simplificado e racionalizado. Isso porque a distribuição dos seus diversos componentes respeita integralmente as condições do terreno. O traçado permite, ainda, a ligação entre os diversos centros de atividades sem prejudiciais cruzamentos de núcleo.

Divisão da cidade

Dois faixas perpendiculares — nas direções norte-sul e leste-oeste — determinaram quadrantes onde se localizaram os bairros. A faixa norte-sul foi destinada ao acesso do transporte ferroviário e rodoviário destinado à cidade: o ferroviário pelo norte e o rodoviário tanto pelo norte como pelo sul. Os bairros vizinhos foram defendidos dos in-

Represamentos de água

Um acurado estudo da possibilidade de represamentos d'água, em todos os pontos possíveis, dentro da área referida, deve ser feito com urgência, para que toda a região possa contar com numerosos lagos que, além de proporcionarem água para os mais diversos fins e equilibrarem o clima, poderão ser destinados à piscicultura e aos esportes. Possuindo, como a possuímos, ótimos e saborosos espécimes adaptados a esse tipo de criação, como o "apari" e o "tucunaré", pode-se avaliar o alcance que tal medida iria ter com relação à produção de alimentos na região.

A Pecuária

A seleção de áreas para a pecuária, que deve ser de tipo intensivo, deve ser feita imediatamente. A formação de pastagens e seu manejo, segundo as modernas técnicas que ali podem ser postas em práticas, é de importância fora de discussão. Devemos frisar que deve ser dada preferência à pecuária leiteira se não houver possibilidade para a prática, também, da de corte, pelo menos no sítio do novo Distrito Federal, pois o leite, pelas suas peculiaridades é de mais difícil transporte que a carne, exigindo medidas especiais e afetando diretamente a saúde do consumidor. Além do mais, o gado para corte poderá ser transportado continuamente de outras regiões.

Por mais difíceis que sejam as condições locais, acreditamos que um competente trabalho no setor agrostológico, e no zootécnico, pelos conhecimentos já disponíveis, deverá conduzir a resultados satisfatórios.

Conclusão

E assim, procurando trabalhar sob critério conservacionista, isto é, tirando dos recursos naturais um maior número de vantagens, sem prejudicar o seu equilíbrio, para que mais homens, por mais anos, possam desfrutar dos benefícios que eles nos proporcionam; e assim agindo, o Brasil encetará, com a mudança de sua capital, a modificação do tratamento que, até hoje, tem dado à sua natureza.

Um bem aparelhado centro de estudos ecológicos deverá funcionar na região, não só para estudá-la sob o aspecto das possibilidades econômicas, como também beneficiar outras regiões, pois, como dissemos inicialmente, o campo-cerrado continua muito pouco conhecido e é uma das formações mais ocorrentes na fitogeografia brasileira.

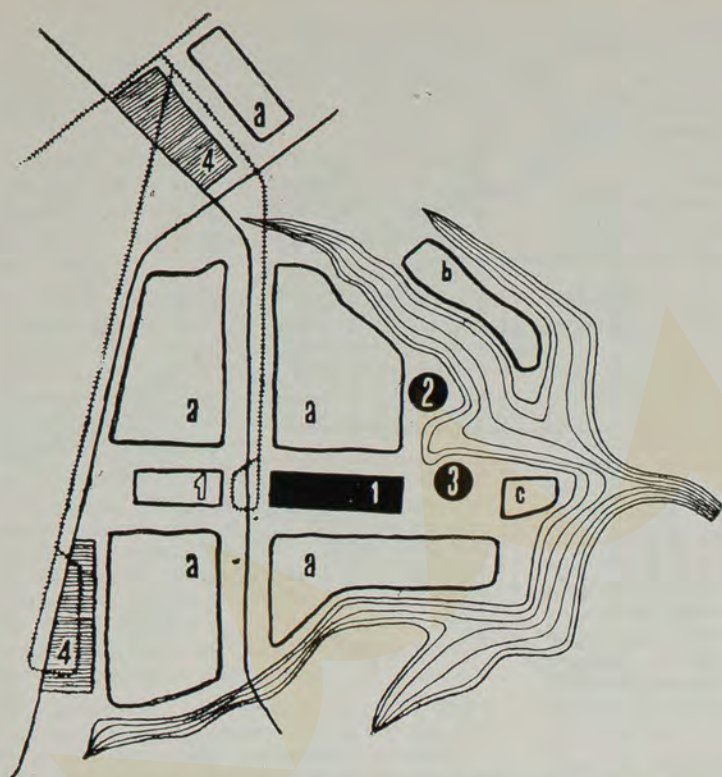
convenientes resultantes do trânsito, por uma zona de 400 metros densamente arborizada. Na faixa leste-oeste, de maior amplitude, os diversos setores que compõem o núcleo urbano foram dispostos

O centro de distribuição

No cruzamento das faixas foram localizadas as estações ferroviária e rodoviária, constituindo o centro de distribuição da cidade. Ali se condensa todo o movimento de chegada e partida, quer huntano, quer de mercadorias. Vários dos coletivos incluem a passagem por esse cruzamento nos seus itinerários, a fim de facilitar o acesso e a distribuição dos passageiros.

O núcleo urbano

Na faixa que comporta o núcleo urbano foram localizados, a oeste e próximo das estações terminais, os diferentes centros de abastecimento; do outro lado, estendendo-se até o lago e nele se espraiando, a parte nobre da cidade, composta das zonas cívica, comercial, cultural, recreativa e, bem assim, o centro esportivo e a universidade.



PLANO GERAL DA CIDADE COM DELIMITAÇÃO ESQUEMÁTICA DOS DIVERSOS SETORES

- 1 Núcleo urbano
- 2 Universidade
- 3 Centro esportivo
- 4 Zonas industriais
 - a Setores de habitação
 - b Bairro para classes abastadas
 - c Bairro para diplomatas

A disposição dos elementos de funcionamento urbano ao longo dessa faixa visou não só proporcionar equilíbrio na localização dos diversos setores mas, principalmente, atender a uma circulação simplificada e facilitar possível crescimento, condições que não seriam obtidas com uma formação mais compacta. Se, ao invés da forma longilínea do núcleo, fosse adotada a retangular ou quadrada, não se conseguiria, tão facilmente, elasticidade de funcionamento e entrosamento das atividades.

Amenização do núcleo

Procuramos amenizar as condições do ambiente, edificado profusamente e equilibrar a alta densidade de população decorrente dos edifícios de apartamentos do núcleo urbano, dotando-o de faixas arborizadas de 600 metros que, além de suas funções de amenização, constituem excelentes reservas para ampliações eventuais e, dado o crescente progresso do setor aeronáutico, possivelmente até para campo de pouso de helicópteros.

As indústrias

Não previmos indústrias de grande porte para a cidade, pois a sua finalidade contraindica estabelecimentos de tal natureza. Fixamos, porém, zonas onde se localizem empresas pequenas ou médias, a fim de suprir certas necessidades da população.

As zonas industriais foram localizadas fora do perímetro urbano, a noroeste e a sudoeste da cidade, às margens da rodovia Anápolis-Planaltina, e atendidas pela estrada de ferro, artérias naturais do abastecimento e escoadouro de possível excesso de produção local. A situação é privilegiada, pois permite a independência de toda a circulação exigida pela sua atividade.

A divisão da zona industrial em dois setores resultou das vantagens que advirão para o tráfego urbano, pois o deslocamento principal dos operários se fará para a periferia, sem cruzamento do núcleo e seu consequente congestionamento.

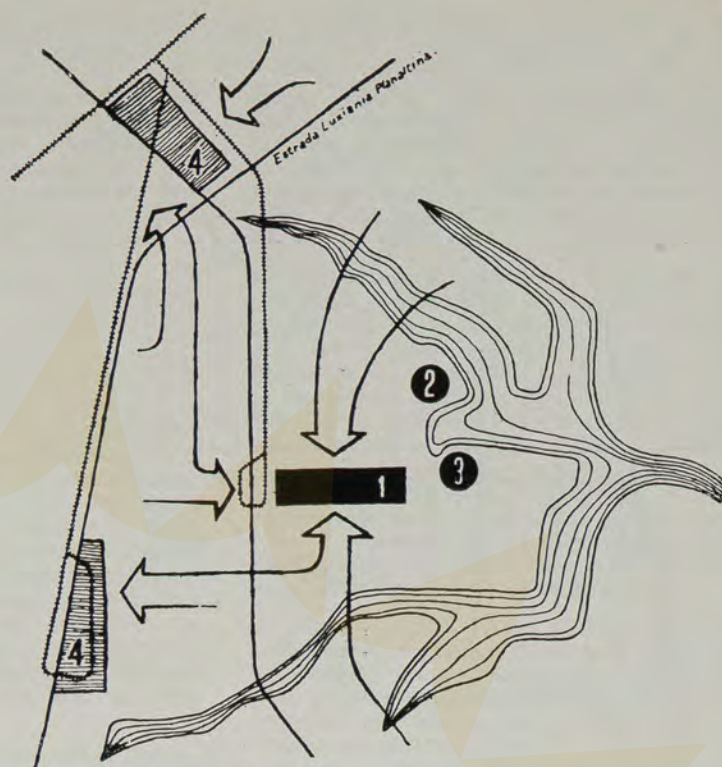
Previmos, não obstante, bairros que facilitem a moradia dos industriários. Foram esses bairros localizados em posição frontal às zonas industriais, desenvolvendo-se linearmente ao longo das estradas de rodagem e de ferro. A posição permitirá ao operário um acesso fácil ao seu local de trabalho, sem perda do tempo que lhe seria roubado do repouso ou da recreação.

Poluição atmosférica

A dominância dos ventos determinou, também, a localização das indústrias, pois soprando de leste, afastará da cidade a poluição atmosférica que resulta da atividade fabril. Como medida higiênica, todavia, em toda a orla urbana, uma zona de reserva florestal deve ser criada e mantida, a fim de absorver a poluição atmosférica, proteger os mananciais e atender a um crescimento urbano além dos limites previstos, ocorrência improvável, mas possível.

Os aeroportos

O transporte aéreo, notadamente no Brasil, onde os outros meios apresentam deficiências insanáveis a curto prazo, tem vital importância como elemento de acesso às mais longínquas regiões. Mereceram, por isso, especial atenção os aeroportos, que devem atender a condições específicas. Não é conveniente situá-los no perímetro urbano em virtude da extensão de terreno que necessitam para funcionar e o estorvo que os edifícios de maior porte podem causar ao tráfego aéreo. O ruído dos motores constitui,



ESQUEMA DE CIRCULAÇÃO DA CIDADE

- 1 Núcleo urbano
- 2 Universidade
- 3 Centro esportivo
- 4 Zonas industriais

também, fator de desconforto para os habitantes. Necessária é, todavia, uma ligação eficiente entre os aeroportos e o centro da cidade. Razão porque aproveitamos o aeroporto existente ao sul do sítio da cidade e prevendo possível intensificação de tráfego em futuro próximo, criamos outro, a oeste, ligando-os ao núcleo urbano por vias diretas.

Os coletivos

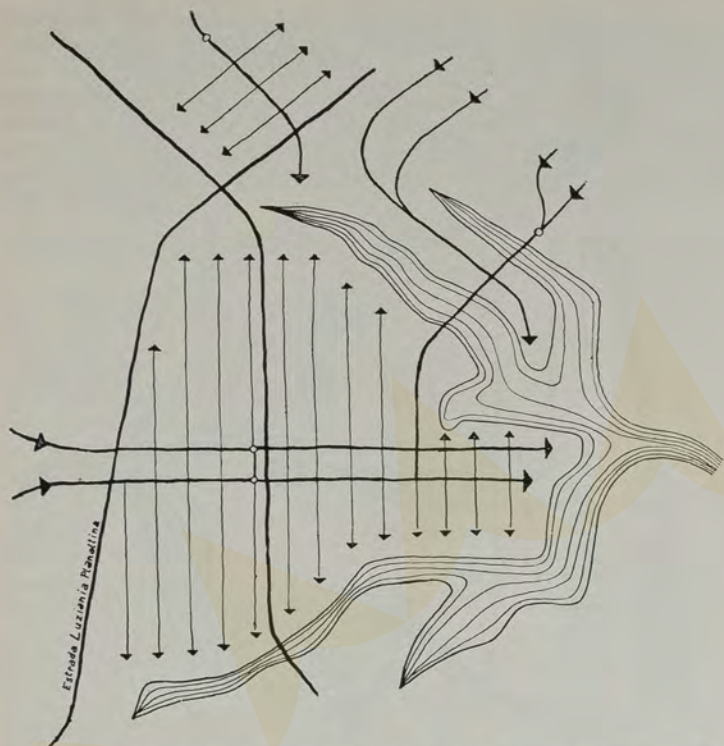
A circulação específica da cidade recebeu a atenção de vida à sua importância. Distinguimos, inicialmente, o transporte coletivo dos demais, estabelecendo os seus cursos em leito rebaixado, de modo a defender os pedestres nas zonas residenciais e a evitar o congestionamento do trânsito, de vez que esses veículos estão sujeitos a paradas frequentes.

As vias de coletivos obedecem à composição orgânica da cidade, isto é, atendem às condições de declividade dos terrenos em direção ao lago. Foram distribuídas de modo a satisfazer às necessidades de ligação dos bairros com os diferentes centros de interesse da cidade.

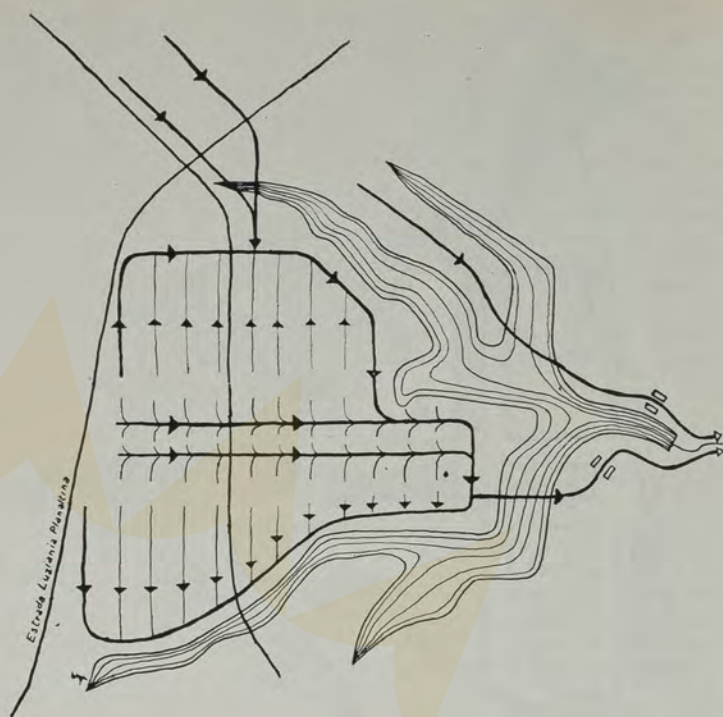
O sistema adotado para o transporte coletivo permite a maior flexibilidade na escolha do tipo de veículo e, além disso, possibilita ao trânsito de superfície se desenvolver em vias independentes, do tipo "parkway", que favorecem a regularidade de velocidade.

Os esgotos

A rede de esgotos foi disposta de modo a aproveitar a declividade natural do sítio. As canalizações principais se estendem ao longo das vias rebaixadas dos coletivos, o que facilita sobremodo seu lançamento e acesso para reparos, até as margens do lago, onde se ligam aos ramais que conduzem as matérias coletadas às estações de tratamento.



ACUMULAÇÃO DE ÁGUA E REDE DE DISTRIBUIÇÃO POR GRAVIDADE.



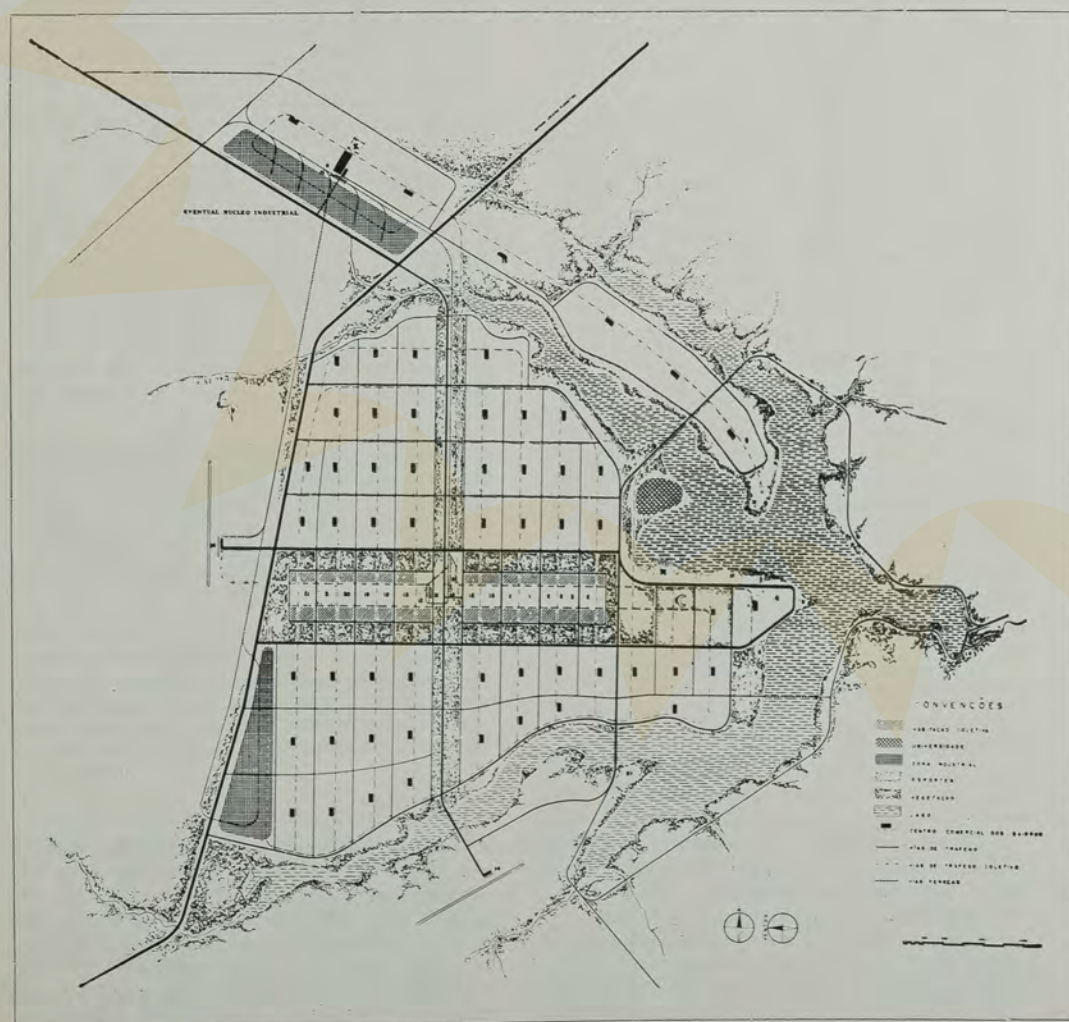
SISTEMA DE ESGOTOS POR GRAVIDADE E ESTAÇÕES DE TRATAMENTO

O abastecimento de água

O abastecimento de água, de vital importância para o funcionamento da cidade, foi previsto com base nos mananciais situados a oeste e a nordeste. Os ramais principais

penetram na cidade pela faixa onde se desenvolve o núcleo, sendo dotados, nas zonas de maior quota, de estações elevatórias que possibilitarão a distribuição a todos os setores urbanos.

A situação da cidade é privilegiada, pois seus mananciais se encontram a montante e os esgotos se despejam a jusante, o que satisfaz às mais rigorosas prescrições higiênicas.



PLANO GERAL DA CIDADE

- 1 Centro Cívico
- 2 Centro Comercial
- 3 Centro Cultural
- 4 Residências para Diplomatas
- 5 Grandes residências
- 6 Residência do Presidente
- 7 Jardim Botânico
- 8 Jardim Zoológico
- 9 Estação ferroviária
- 10 Estação rodoviária
- 11 Estação de cargas
- 12 Mercado
- 13 Órgãos de Defesa Nacional
- 14 Aeroporto
- 15 Cemitério
- 16 Reprêsa
- 17 Hoteis, Feira de Amostras, Espetáculos
- 18 Jornais, Rádios, Televisões
- 19 Comércio atacadista
- 20 Escolas de Ensino Profissional
- 21 Hospitais, Casas de Saúde
- E Centro Esportivo
- N Centro Náutico

Habitação

A função da cidade

A função da cidade é satisfazer as exigências sociais do homem, ajudá-lo no seu desenvolvimento, proporcionando-lhe oportunidades que isoladamente não lhe seria possível obter.

A cidade representa esforço coletivo para conseguir algo mais do que a natureza concedeu ao indivíduo. É o empenho de sobrepujar a dominância do fator puramente biológico e imediato, a fim de atingir existência física mais amena e satisfação de suas necessidades espirituais.

A esse trabalho contínuo, com a contribuição pessoal de cada indivíduo, chamamos civilização, sendo a cidade, seu mais genuíno produto, a testemunha da existência de uma vida diferente daquela que a natureza quis impor ao homem. A cultura representa os conhecimentos de que o homem lança mão como meio de solucionar seus problemas orgânicos e espirituais.

Não é todavia, destruindo a natureza que o homem consegue vencer. Sendo ele um produto biológico, isso equivaleria, também, a uma auto-eliminação. A vitória consiste no aproveitamento dos serviços que os elementos naturais possam prestar-lhe, através de múltiplas aplicações.

É mister achar o equilíbrio entre o homem e o meio que o envolve. Conhecendo os elementos necessários ao bom funcionamento, como o ar, a luz, o calor, a umidade e as condições requeridas para o repouso, trabalho, recreação, educação, circulação, é que o homem pode tornar sua existência mais amena e agradável.

O homem tende naturalmente à alegria. Ele a procura e tenta evitar a dor e o fastídio. Por isso, busca os meios favoráveis a certos estados orgânicos e espirituais de alegria ou de tranquilidade, de liberdade ou de segurança e equilíbrio, de intimidade ou de convivência em grupos, de desenvolvimento da personalidade, sentimento estético e outros mais que constituem a essência do próprio viver.

Necessidade de habitação para os diferentes tipos de pessoas

A cidade reúne diferentes tipos de pessoas que requerem diferentes tipos de habitação. Ocorre, também, na sociedade urbana, a formação de grupos de indivíduos que se caracterizam por certa afinidade entre si; e, embora as suas necessidades médias obedeam a padrões gerais, há manifestações peculiares a cada grupo.

Criar um tipo de vida que atendessem a um padrão único até mesmo ideal, seria não levar em conta esses fatos: e, por mais bem traçada e equipada que fosse a cidade, poderia fracassar, porque representaria um cerceamento de liberdade e uma imposição que a natureza humana repele.

Encaramos, em análise esquemática, cidade sob dois aspectos: da sua índole social dos seus habitantes e da sua organização social.

Índole social

Por índole social entendemos o impulso que leva indivíduo a um meio ambiente em que se sinta integrado e perfeitamente adaptado. Queremos apontar e dar ênfase a um fator cuja influência na vida da cidade não é tão óbvio e não pode ser compreendido em toda a sua significação, numa apreciação de relevo, mas que assume a grande importância de ser a própria essência do nosso estado emocional e intelectual: o sentimento. Através de toda atividade está o indivíduo, cujo comportamento reflete seu estado mental e emocional. Quando existe diferença

de nível entre ele e o meio, na maneira de pensar e sentir, a consequência é o desajustamento. Os conhecimentos adquiridos, a experiência vivida, não são absorvidos e humanizados por sentimento equivalente. A realidade refletida no mundo externo tem, então, poder para aniquilar o indivíduo.

Condições que determinam o comportamento do indivíduo

Nem sempre são as condições econômicas que determinam o seu comportamento, nem mesmo a posição social mas, também, suas aspirações, aptidões, grau de instrução, civilização e sensibilidade. É a profissão que a todo homem, mentalmente e emocionalmente, ajusta; é o ambiente onde viveu sua infância; é a influência que recebeu do meio, quando se fez adulto; são todos os fatores que, enfim, lhe condicionaram e formaram a personalidade. A presença do indivíduo em meios estranhos àquele que elegeu e ao qual se adaptou, lhe afeta a espontaneidade, causando-lhe o desconforto pelo desajustamento ao ambiente que não é o seu meio natural.

Não nos esqueçamos da importância fundamental da estrutura social e política da cidade, pois, sem ela, a cidade não poderia existir. Esses temas de organização social, com suas decorrências econômicas, serão focalizados adiante onde a sua importância específica melhor se enquadre. Apenas quisemos destacar elementos sutis, que não são por isso menos vitais e não podem ser ignorados se nos propusermos a lançar, para o futuro, as bases de uma cidade em escala verdadeiramente humana.

A todo estado social corresponde uma expressão física. Assim sendo, os bairros foram projetados de modo a atender, dentro dos limites possíveis, a essas diversidades de índole e de organização, não só por suas características internas mas, também, por certas diferenciações de localização e tratamento.

Isso visa propiciar as mais amplas oportunidades para se agruparem habitantes da mesma índole social que, por sua própria iniciativa, hão de procurar locais onde, dentro de suas possibilidades econômicas, se sintam mais adaptados e felizes.

Essas considerações são válidas para todos os bairros da futura cidade, de vez que abordam temas de feição eminentemente humana. Servem aos bairros pobres e aos mais luxuosos; aos que apresentam problemas específicos e, ainda, aos que não os apresentam.

A unidade destinada ao corpo diplomático

A unidade destinada à moradia dos componentes do corpo diplomático, pelas suas características próprias, é exemplo da aplicação das idéias expendidas.

Muitos trazem os filhos cujos currículos escolares e períodos de aulas diferem dos nossos, exigindo, portanto, ensino especialmente adaptado às suas necessidades para que não sejam prejudicados.

A vida social e certas diferenças de hábitos terão, logicamente, que se refletir nesses bairros. As residências dos embaixadores terão o caráter de moradias de luxo, a fim de que seus países sejam condignamente representados. São residências que, pela sua própria natureza, devem possuir vastos jardins que ofereçam conforto para grandes recepções.

É tendência dos funcionários das embaixadas viverem perto das residências dos embaixadores, não só pela afinidade e similitude de problemas mas, também, pela necessidade de fácil comunicação. São diversos, todavia, os seus padrões de vida; para atendê-los, de-

vemos dispor de diferentes tipos de moradias que apresentem unidade que satisfaça aos seus propósitos semelhantes. O conjunto comportaria grandes propriedades na vizinhança das quais se distribuiriam outras menores e até apartamentos, para acomodação das várias categorias de funcionários.

Será de grande conveniência a localização de hotéis nas proximidades do bairro dos diplomatas. Essa a razão por que foi localizado esse bairro nas imediações do hotel e da residência do Presidente da República, que se acham em construção. Em locais vizinhos foram previstas instalações para esportes náuticos, praças para manifestações e reuniões, recintos para grandes espetáculos ao ar livre, congressos e exposições. A zona oferecerá ao corpo diplomático grandes atrativos e oportunidades para que, mais facilmente, se integre à nossa índole, apresentada em seus aspectos mais atraentes.

A proximidade do lago, centro esportivo, universidade, jardins botânico e zoológico, certamente proporcionará aos diplomatas uma existência agradável e variada, que se traduzirá em boa recordação da cidade e, consequentemente, do país.

Unidades destinadas as classes abastadas

A despeito do homem caminhar para um humanismo coletivo, não se pode desconhecer o valor estimulante da riqueza pessoal no desenvolvimento social e econômico do país. O progresso de uma nação pode ser medido pela ambição dos seus cidadãos e sua porfia em alcançar, pelo trabalho, engenho e iniciativa, a abundância que lhes possibilite o destaque social e um padrão de vida mais elevado.

Isso sem desprezar e, até mesmo, valorizando atitudes de amparo aos menos favorecidos, oportunidade a todos, a prevalência de direitos coletivos sobre individuais, teses que honram a civilização moderna. Importa, porém, reconhecer que o desenvolvimento dos bens privados é um grande impulso nador da riqueza nacional.

Admitiu-se, por isso, a possibilidade de locais e, até mesmo, unidades inteiras que sejam destinadas àqueles a quem a prosperidade permita legitimamente aspirar condições privilegiadas de moradia.

Seriam essas unidades situadas em locais valorizados, quer por atrativos paisagísticos, quer pela proximidade de centros de interesse social.

As dimensões dos seus lotes seriam maiores, de modo a favorecer construções de porte que atendam a programas mais amplos. A situação econômica dos seus moradores permitiria a existência nesses terrenos de jardins que, cuidados, se constituiriam em elementos de valorização da paisagem e até motivo de atração para visitantes, como ocorre em diversas outras cidades.

As próprias obras públicas poderiam ser mais requintadas, justificadas pelos impostos, necessariamente mais elevados, que incidiriam sobre as propriedades. As condições econômicas e sociais dos seus habitantes facilitariam a presença de comércio luxuoso, estabelecimentos bancários numerosos e clubes bem instalados.

As considerações sobre essas unidades foram feitas para não desconhecer componentes da cidade que, apesar de excepcionais, não deixam de ter importância no seu planejamento.

Unidades destinadas às classes médias

Unidades vicinais de padrão médio e que todavia, fixarão as características do todo urbano. No que se convencionou chamar classe média é que se apoia toda a estrutura social urbana.

Ela constitui a dominante de população da cidade.

Na sua conceituação, porém, está uma imensa gama de valores sociais e econômicos. Composta de funcionários, do poder público e de empresas privadas, de industriários e pequenos industriais, de comerciantes e pequenos comerciantes, profissionais liberais, bancários etc., a classe média é, na realidade, um aglomerado de classes, cujas diferenças sutis não possibilitam um escalonamento fácil e positivo. No seu âmbito encontramos desde a exteriorização franca dos humildes até o hermetismo social das mais altas camadas.

É a classe que define socialmente a cidade, que lhe fixa as diretrizes de organização, não só pela sua expressão quantitativa mas, também, pelo trabalho de renovação que em seu seio intensamente se opera. A unidade vicinal média deve, pois, atender a essas peculiaridades e, na estrutura e no funcionamento, ser fator de valorização educativa dessas classes.

Os lotes dessas unidades são de dimensões que permitem confortável residência isolada, de sorte a satisfazer uma aspiração generalizada entre as famílias médias de nossa população. Foram previstos edifícios de apartamentos que atendam àqueles que, por razões várias, os preferirem, sem, porém, interferir com as propriedades isoladas, prejudicando-se, como vem se verificando nos centros urbanos de crescimento anárquico. Dedicamos, pelos seus aspectos relevantes, especial atenção ao núcleo da unidade. O projeto procurou constituir-lo, como verdadeiro pátio interno da unidade, que desenvolva, no morador, pelo congraçamento com os vizinhos, um interesse operante pela célula da cidade que lhe pertence.

Unidades para as classes menos favorecidas

Não se poderá ignorar, na futura população, a existência de classes menos favorecidas, cujo alojamento deverá ser projetado em bases que afastem os perigos de formação das favelas que vêm ocorrendo nos grandes centros do país.

Haverá, por certo, entre pequenos funcionários, subalternos, operários, comerciantes e outros mais, aqueles em condições de vida que não permitam viver nas unidades de padrão médio.

Neles serão os costumes deficientes em maior escala. Necessário se torna, pois, constituir as unidades de modo a favorecer um processo educativo que sane os seus inconvenientes.

Casas conjugadas, em lotes mínimos, com espaço apenas necessário para o seu funcionamento, atenderão melhor ao aspecto econômico pois facilitarão a aquisição, ampliando o número de residências próprias ou tornando os aluguéis mais baixos. Assim limitados os encargos de manutenção e conservação, poderão os seus moradores, dedicar-lhes maiores cuidados.

Em compensação, essas habitações serão favorecidas com áreas comuns mais amplas que propiciem o desenvolvimento de atividades coletivas, recreativas e educacionais, e onde, notadamente as crianças e adolescentes, se coloquem sob os cuidados e vigilância de educadores especializados. Maior assistência aos indivíduos em formação é vantajosa tanto para os pais como para a coletividade, pois complementará sua educação e aprimorará costumes que, sob orientação puramente doméstica, se apresentem precários.

Os bairros para essas classes apresentam problemas sociais específicos. O espírito comunal já pouco desenvolvido em outras áreas, nêles se rarefaz. Experiências realizadas em conjuntos residenciais mostram que se a sua extensão for grande haverá o desaparecimento desse espírito, com resultados francamente negativos.

Impõe-se, por isso, redução do âmbito dessas comunidades a fim de intensificar o interesse pela sua conservação. A divisão em setores onde se formem autênticas subcomunidades que, incorporadas constituirão a unidade, é solução que apresenta condições para bem sucedida organização.

Exemplo bem característico é o conjunto residencial existente na Ilha de Paqueta, no Rio de Janeiro, projetado pelo arquiteto F. Bolonha, para famílias de condições bem modestas, e que tem contribuído para levantar os padrões de educação social dos seus moradores que se constituem em zeladores espontâneos da sua conservação. Isso porque o âmbito restrito do conjunto lhes favorece a percepção do seu significado para o bem próprio e comum.

Encaramos o problema de bairros mais centrais procurando solucioná-los sem habitações coletivas em apartamentos porque estas, pela própria natureza, exigem um máximo de serviços comuns que seriam negligenciados em face da deficiência de costumes já apontados.

Organização da cidade

Já Aristóteles observava que os homens se reúnem nas cidades a fim de, permanecendo juntos, melhorar as suas condições de vida.

É num ambiente comunal que os homens podem desfrutar do prazer da convivência ao abrigo de perigos a que estão expostos os seres que vivem isolados. Seus esforços cooperados permitem uma racionalização da vida que a torna mais amena. Identificado à comunidade e pela comunidade o homem encontra satisfação plena do seu sentimento gregário.

Quando, porém, uma comunidade cresce além de determinados limites, há como que uma diluição dessa identidade. Os vizinhos passam a ser quase todos desconhecidos. A perfeita integração ao ambiente é substituída por uma sensação de indiferença e o homem volta a ser, moralmente, um solitário. Estranho na multidão, perde o apego ao ambiente comunal.

Eliminar a cidade ou substituí-la por aldeias não seria, no entanto, solução. Ela é necessária ao desenvolvimento da vida moderna, pois representa concentração econômica, cultural e social que possibilita atividades de outro modo inexecutáveis.

A solução consistiria na introdução de pequenas unidades aptas a dirigir a atividade dos habitantes e a participar de todas as suas manifestações, de sua organização e a dar aos elementos materiais, aspecto humanamente assimilável.

Lewis Mumford focaliza o assunto de maneira particularmente feliz, quando escreve: "Em todas as partes da cidade necessitamos unidades nas quais o comportamento inteligente e cooperativo pode substituir os regulamentos das massas, as decisões das massas e as ações das massas, impostas por dirigentes e administradores remotos. Os pequenos grupos, as pequenas classes, as pequenas comunidades e as instituições, adaptadas à escala humana, resultam essenciais para o comportamento bem orientado da sociedade moderna".

Unidades vicinais:

Mumford chama a essas unidades de "neighbourhood" (vizinhança). A correspondência portuguesa da palavra não nos daria idéia da sua ampla significação urbanística. Adotamos, por isso a expressão "unidade vicinal" que, embora integrada por um adjetivo de uso pouco corrente, expressa bem a concepção do urbanista. Mantivemos "parkway" por não encontrarmos no vernáculo palavra ou expressão que plenamente o defina e caracterize. Prossegue Mumford:

"Nas novas cidades uma unidade vicinal é claramente definida. Sua extensão é limitada pela distância admissível para o per-

curso de uma criança da casa mais afastada à escola e às áreas de recreação onde se desenvolve a maior parte de suas atividades. Sua fisionomia é determinada pela necessidade de isolar a escola e a moradia do ruído do tráfego e de seus perigos. Assim, artérias principais de tráfego nunca devem atravessar uma unidade vicinal; podem existir ao seu redor, separadas por questão de segurança e comodidade por um largo "parkway". Qualquer que seja o tipo de tráfego que penetre na unidade vicinal deverá servi-la diretamente, locomovendo-se a uma velocidade que respeite o pedestre". E explica: "A casa é moradia e a escola, com todos os seus serviços comunitários especializados, dos constituintes do núcleo essencial da nova comunidade".

Adiante, diz ainda Mumford, com acuidade de observação admirável:

"A educação dos sentidos, mediante a exploração visual e tátil do ambiente, a intensificação e o refinamento comunal dos sentimentos, nas atividades de grupos de esporte e de teatro, onde o espectador e o ator podem trocar de partes, no festival cívico e no ritual religioso e, acima de tudo, nas relações dos amigos, dos namorados e dos cônjuges, constituem o tema essencial da vida; todas as demais atividades são triviais em comparação, exceto como preparação para levar a cabo essas experiências". (Lewis Mumford, *The Culture of Cities*).

A citação é longa, mas justificada pelos extraordinários conceitos nela expedidos e pela sua clareza que tornaria ociosa qualquer interpretação em outras palavras.

Funcionamento das unidades

Para o funcionamento das unidades de acordo com as idéias expostas foram fixados os seguintes partidos.

Diversidade de soluções

1) A diversidade de idade, meios e temperamentos determinam condições desiguais de modo de viver que exigem, para a sua satisfação, diferentes soluções. Não se buscam soluções pessoais e sim gerais, de modo a atender grupos de indivíduos semelhantes.

A velhice, as famílias numerosas, os amantes da tranquilidade procuram o conforto que as moradias individuais melhor proporcionam. Também os anseios naturais do homem ao trato da terra e a criações domésticas de animais, são atendidos com esse tipo de habitação.

Por outro lado, aqueles a quem a mocidade e o temperamento exigem ambientes dinâmicos, os casos recém-constituídos ou ambos exercendo profissão, os solteiros e viúvos, procurarão facilidades que a residência em apartamentos lhes pode dar.

Nas zonas afastadas do centro é necessária a previsão de áreas maiores em que se estabeleçam propriedades semi-rurais do tipo de chácaras ou pequenos sítios onde os gostos bucólicos da população, quaisquer que sejam as suas possibilidades econômicas, encontrem expansão.

Comodidades das distâncias a percorrer

2) As distâncias que separam a moradia dos diversos elementos que compõem a unidade, foram estudadas de modo a facilitar ao máximo o desenvolvimento da sua vida interna. As medidas adotadas foram as que obtiveram melhores resultados, quando aplicadas em casos análogos. Assim, por exemplo, tomando como referência a residência mais afastada, temos os seguintes valores:

Escola primária	400 metros
Escola secundária	700 metros
Centro esportivo	700 metros
Condução coletiva	400 metros
Centro comunal	600 metros
Sub-centros	400 metros

Esclarecemos que o centro comunal compreende: administração, delegacia de polícia, pronto socorro e assistências médica e dentária, clube, igreja, teatro (cinema), comércio, correios e telégrafos, mercado, bar, café, restaurante, cabeleireiro e salão de beleza, pequenas oficinas, tais como de mecânicos, bombeiros, eletricitas, carpinteiros e outras mais que a população da unidade comporte.

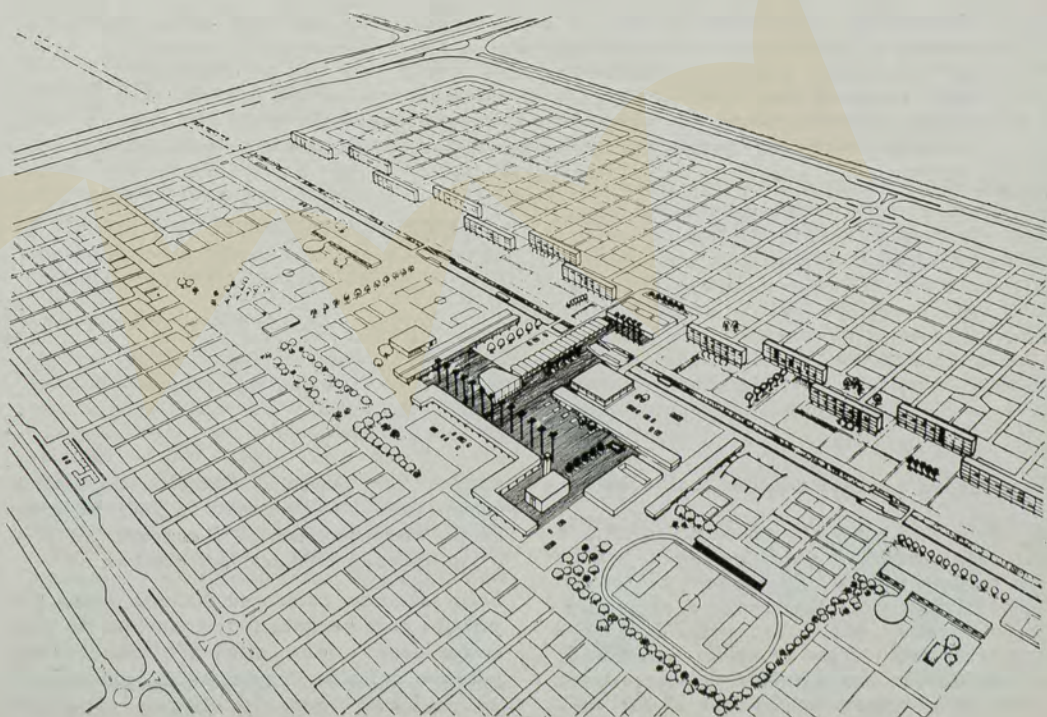
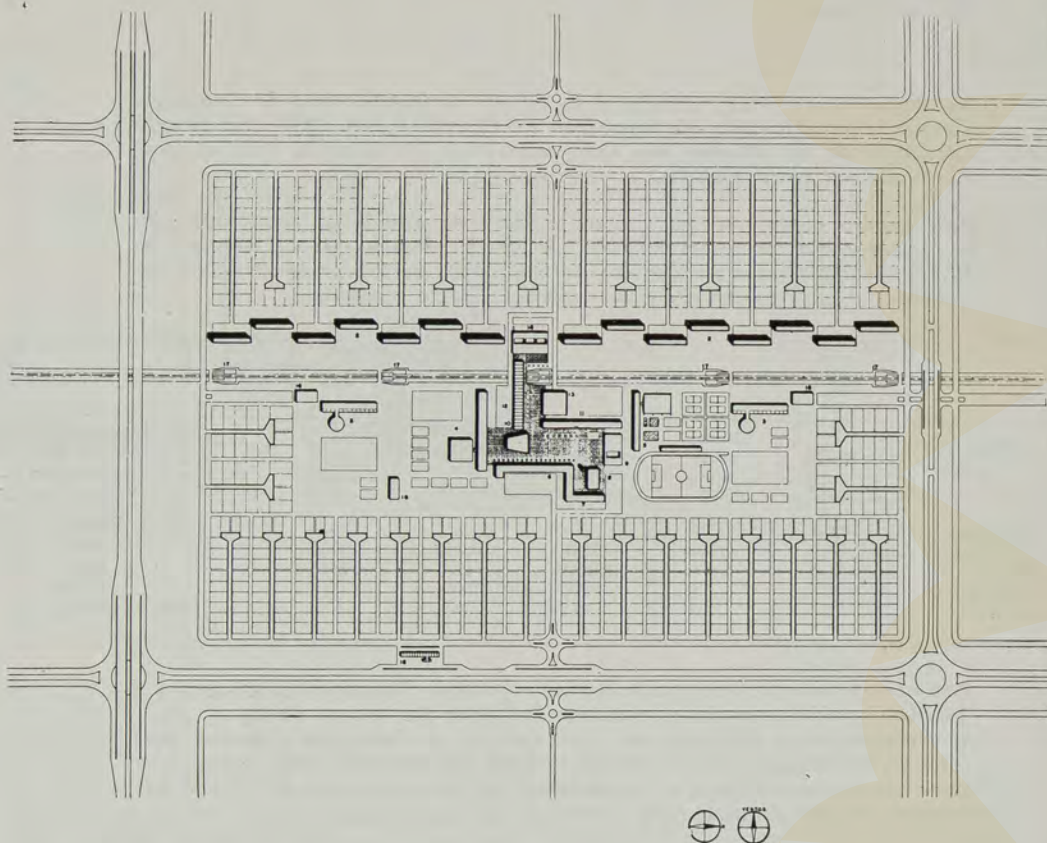
Essas medidas foram fixadas para uma unidade vicinal projetada como modelo e para atender a padrões de vida médios, isto é, dos funcionários públicos em geral, que constituirão a maior parte da população da nova Capital. A alteração, por necessidades específicas de cada unidade, de algumas dessas dimensões, se dentro do devido limite de conforto, não afetará o seu funcionamento, sobre tudo quando se verificar em unidades de grandes lotes.



HABITAÇÃO COLETIVA

UNIDADE VICINAL MODELO

- 1 Habitação individual
- 2 Habitação coletiva
- 3 Escola primária
- 4 Escola secundária
- 5 Centro esportivo
- 6 Administração da Unidade
- 7 Posto de saúde
- 8 Igreja
- 9 Clube social
- 10 Teatro — Cinema
- 11 Restaurantes — Cafés
- 12 Comércio
- 13 Mercado
- 14 Pequenas oficinas
- 15 Garage
- 16 Sub-centros
- 17 Paradas de coletivos



UNIDADE VICINAL

ÍNDICES DAS NECESSIDADES DE UM CENTRO COMERCIAL

Tipo de comércio	Lojas por 5.000 pessoas	Lojas por 10.000 pessoas
Padaria	1,3	2
Laticínios	0,4	1
Frutas e vegetais	0,7	1
Doces	1,8	3
Delicadezas	1	2
Armazem	1,8	3
Açougue	2,5	5
Armarinho	0,9	2
«Lojas Americanas»	0,6	1
Acessórios para automóveis	0,6	1
Garagem	0,6	1
Roupas para homens e meninos	0,7	1
Vestuário feminino	1,2	2
Sapataria	1	2
Mobiliário e aparelhos domésticos	0,6	1
Bombeiro	0,7	1
Ferragens	1,2	2
Farmácia	2	4
Florista	0,6	1
Novidades e brinquedos	0,5	1
Barbeiro e salão de beleza	5,2	10
Lavandaria	0,5	1
Consertos de sapatos	2	4
Bancos	0,5	1
Teatros (cinema)	0,5	1

Os índices acima estão referidos à localidade norte-americana de Cuyahoga County (Ohio), Distrito Metropolitano de Cleveland, em 1945. No Brasil, estatísticas de tal natureza não são encontradas. Verificamos, todavia, que, salvo uma ou outra exceção, as necessidades se equivalem.

Pelo quadro observa-se que grande número de atividades comerciais não se justificariam em comunidades de 5.000 habitantes. Unidades de 10.000 habitantes comportam, no entanto, uma variedade considerável de comércio, o que resulta em mais conforto para os moradores.

ESTUDO DA POPULAÇÃO ESCOLAR DE UM BAIRRO

Tipo de escola	Idade	Número de anos	Capacidade das turmas	N.º de alunos em cada escola	Número de alunos	Número de escolas	% sobre total da população
Maternal ...	2/4	3	15	40	590	variável	5,9%
J. Infância ...	5/6	2	25/30	180	360	2	3,6%
Primário ...	7/11	5	25/30	420	840	2	8,4%
Secundário ...	12/15	4	25/30	500	500	1	5,0%
Colegial ...	16/18	3	20	300	300	1 ou fora do bairro	3,0%

Nos censos demográficos publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística não encontramos resultados referidos aos centros urbanos, quanto à população em idade escolar. Louvamos-nos, por isso, nos elementos percentuais fornecidos para o Distrito Federal que atendem, sem grande disparidade, à previsão para as necessidades de uma população de 10.000 habitantes, média admitida para os bairros da nova capital.

Pela tabela verificamos que para a escola primária existem, por série, 3 turmas de 28 alunos e 4 turmas de 31 alunos (ou 5 turmas de 25 alunos), por série, para a escola secundária. O ciclo colegial, em que os estudantes têm, em geral, mais de 15 anos, pode ser instalado em escolas que não estejam, necessariamente, no bairro. Unidades com população de 10.000 habitantes, conclui-se, apresentam condições satisfatórias do ponto de vista do ensino.

Dimensões e população das unidades

3) Para que consigam autonomia quanto a sua manutenção, as unidades devem possuir um número razoável de habitantes. Os cálculos obtidos pela observação e experimentação revelam que uma comunidade para funcionar como órgão completo, justificando a manutenção dos serviços de que carece, deve ser composta de 7.000 a 12.000 habi-

tantes (Ver quadro). Quando essas cifras ultrapassam a ordem dos 15.000, há risco de desintegração, devido à extensão da área e multiplicação dos serviços comuns.

Seria absurdo pretender fixar a exata população para perfeito funcionamento de uma comunidade. Mas, através o estudo comparativo entre as densidades de população e as distâncias entre os diversos elementos

que compõem a unidade vicinal, podemos chegar a uma conclusão, baseada em valores médios. São de importância primordial a densidade de população e as distâncias das moradias aos diversos centros de atividades comunais.

A densidade varia com o tipo de habitação: casas isoladas determinarão, necessariamente, densidade mais baixa que as obtidas por casas conjugadas ou por edifícios de apartamentos.

Uma densidade excessivamente alta prejudica a unidade vicinal, congestionando-a e roubando-lhe muitos dos seus atrativos. Por outro lado, uma densidade muito baixa implica em desperdício de espaço, onera em muito a manutenção dos serviços e, sobretudo, dá um aspecto desértico e monótono à unidade e comunica a intranquilidade nos seus moradores. As taxas de 80 a 120 habitantes por hectare nos parecem as que melhor se adaptam ao nosso caso.

Estabelecemos, portanto, em face desses elementos, as unidades vicinais em quarteirões de 800 por 1.200 metros, com uma população de, aproximadamente, 10.000 habitantes. Não é de mais repetir que esses números não obedecem a critério de rigidez absoluta. Cada caso permitirá modificações, dentro de limites que as condições de realização imponham. As populações não devem, porém, ser inferior a 5.000, nem superiores a 15.000 habitantes.

O núcleo das unidades

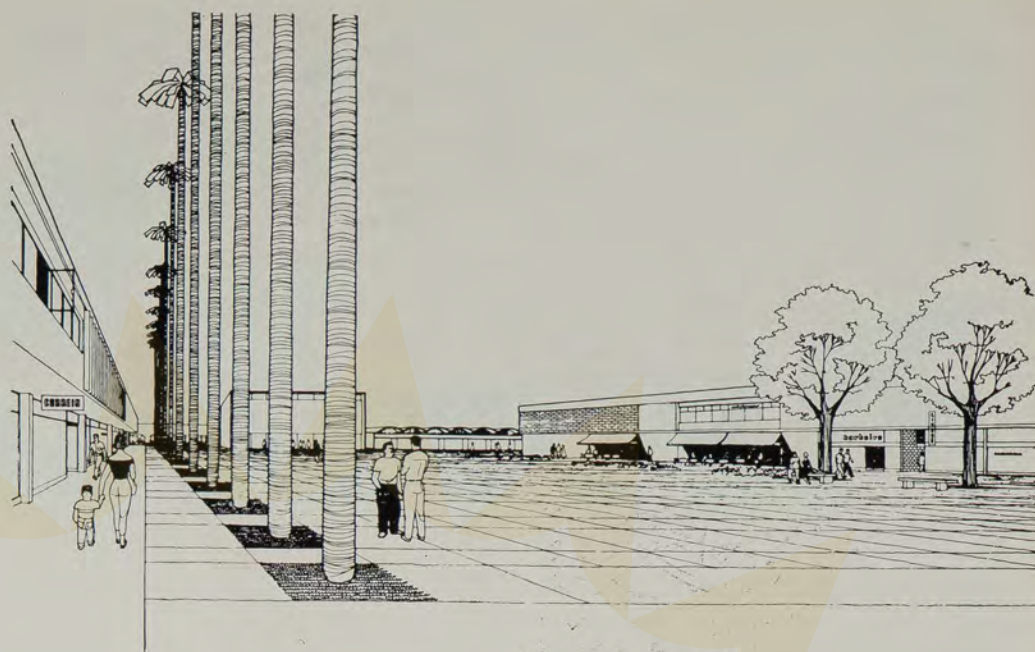
4) O núcleo da unidade vicinal possibilita aos grupos familiares, o contacto social entre si, desenvolvendo, desse modo, o espírito comunal. Esses contactos serão tanto mais constantes quanto os diversos serviços utilizados pelos moradores forem agrupados em praças que formam ambiente único. Se separássemos os diferentes centros de interesse da comunidade, funcionando esses em dias e horas diferentes, haveria um desequilíbrio provocando ora concentração ora rarefação, nas várias zonas de atividade comunal, com sensível perda dos resultados objetivados. A sua reunião desde que se mantenha clara a definição de cada setor, proporciona não só maior amplitude de ambiente como maior continuidade de utilização. Haverá vantagens para as diversas atividades que se estimularão reciprocamente, quando, por exemplo, uma festividade folclórica der motivo a um acréscimo de vendas ou quando um acontecimento de expressão cívica der oportunidade a um programa esportivo.

Circulação

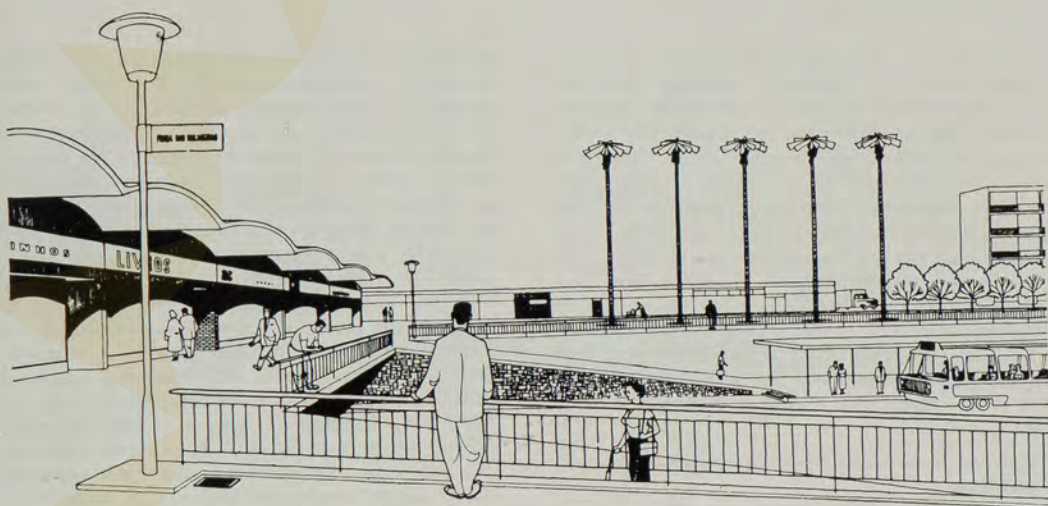
5) A circulação, pela sua importância vital, mereceu acurado estudo e foi solucionada em coerência perfeita com os pontos defendidos. O acesso dos coletivos à unidade se processa através uma via que a divide em duas partes. Essa via, justificada pela economia de distâncias, se desenvolve, porém, em leito rebaixado de modo a conservar a unidade do bairro e não interferir com a segurança e tranquilidade dos moradores.

O transporte individual circula de modo que permite ao pedestre atingir aos diversos pontos da unidade, sem atravessar, a nível, uma via de trânsito motorizado. Para isso os lotes residenciais foram dotados de duas frentes uma voltada para via de circulação de veículos, que processa a ligação com o exterior da unidade; outra, voltada para uma circulação exclusiva de pedestres, de ligação com o centro da comunidade. Essa segunda via, apenas ensaiada, constitui leito ideal para as canalizações hidráulicas, pois permite um acesso fácil a elas, sem as perturbações de trânsito e os prejuízos às pavimentações que tais obras geralmente significam.

O centro da cidade é o local onde se agrupam os diversos setores de atividade profissional e administrativa. É onde se encon-



CENTRO DE UMA UNIDADE VICINAL.



PARADA DE COLETIVOS DE UMA UNIDADE VICINAL.

Centro

tram os museus, clubes artísticos, associações de classe, teatros, comércio de luxo e especializado, as atividades, enfim, cuja manutenção não seria possível para cada bairro.

Interligação dos diversos setores

Os diversos setores devem ser interligados a fim de manter, tanto quanto possível, constante a densidade de utilização. Áreas isoladas e reservadas exclusivamente para determinadas atividades, tornar-se-iam tão especializados e desligadas umas das outras que seriam utilizadas só por aqueles diretamente interessados, trazendo, em consequência, uma perda da coesão do centro.

Atendendo a essa necessidade, procuramos:

1.º — ligar os diversos setores de modo a formar um conjunto único, de fácil acesso, o que proporcionará economia de circulação e condução;

2.º — realizar o processo de circulação e funcionamento de tal modo que cada gênero de atividade fique em zona especializada de situação ótima, evitando-se locais de categoria secundária;

3.º — prever um acesso rápido e fácil entre as diversas zonas, eliminando a variedade de transporte;

4.º — tornar claramente perceptível ao observador (pedestre ou em veículos) a

grande composição de conjunto e os grupos de edifícios correspondentes às zonas especializadas, graças a um sistema claro da circulação e à expressão funcional de cada tipo de atividade;

5.º — prever estacionamento a distâncias razoáveis para todas as zonas.

Para resolver os problemas estabelecidos nessas proposições, o plano comporta um eixo central de circulação, de onde todas as zonas são visíveis e acessíveis.

O caráter dos espaços abertos ou fechados, seus diferentes níveis, a altura e forma dos edifícios, exprimem a sua finalidade.

Transportes coletivos

Os transportes coletivos circulam por duas grandes avenidas, afastadas entre si de 500 metros, que, ladeando o núcleo da cidade, colocam todos os seus pontos à distância máxima de 300 metros da condução. Vias auxiliares de ligação entre elas, fazem a penetração, de modo a prover setores de atividade, como o comércio, hotéis, teatros, cinemas e museus que, pelas próprias características de funcionamento, exigem melhor atendimento.

Composição geral

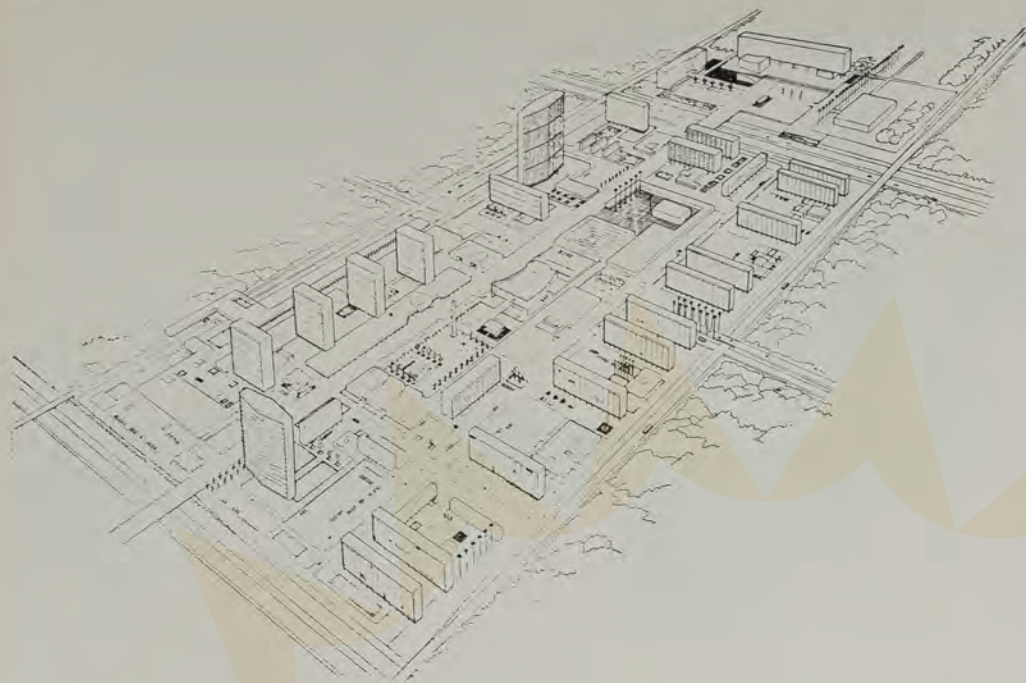
Na composição geral do plano, resultou que as formas de cada edifício rea-

gem nas formas dos edifícios adjacentes; que a composição dos ambientes formados por alguns prédios é mais importante que a composição geral, cuja proporção só é avaliada em planta. Os ambientes formados pelos espaços fechados ou semi-fechados entre os edifícios favorecem uma série de aspectos que mudam com o deslocamento do espectador, provocando e sustentando o interesse, pelos contrastes e surpresas.

Nos conjuntos que obedecem a um partido axial, a relação especial entre os mesmos é percebida pelo observador situado na linha de eixo da composição. Essa composição é válida quando o eixo está livre de qualquer barreira visual. No nosso caso, a intenção é dar ênfase a um determinado edifício, o do legislativo, colocado de modo a formar cenário com os dos outros dois poderes: executivo e judiciário.

O plano axial é de grande efeito na composição de conjuntos cívicos. É, porém, monótono, por atender apenas a determinados pontos de vista que não permitem uma relação de espaço mais complexa. Nesse partido não se conseguem obter os ambientes humanos e acolhedores, proporcionados por uma composição fechada que transmite maior noção de escala.

A composição em pequenos núcleos oferece, também, a vantagem de poder ser executada



CENTRO COMERCIAL E CULTURAL

- 1 Praça principal — O Core
- 2 Teatro aberto
- 3 Exposições
- 4 Grande Teatro
- 5 Biblioteca
- 6 Cinemas — Teatros
- 7 Museu
- 8 Catedral
- 9 Atividades culturais diversas
- 10 Embaixadas
- 11 Hotéis
- 12 Comércio
- 13 Bancos e Cias. de Utilidade Pública.
- 14 Escritórios
- 15 Paradas de coletivos

livremente e com improvisação. A mudança de programa de um dos setores não afeta o todo, o que não se daria se o conjunto obedecesse a uma composição rígida, como a do partido axial.

Não desconhecemos as vantagens desse partido. É franco, consegue unir grandes extensões, tem grandiosidade e é, enfim, o que melhor ressalta um determinado objetivo. É o partido com que os governos e governantes poderosos simbolizam a sua presença.

Tais considerações levaram-nos a adotar a formação de núcleos ou setores com características individuais. Para dar maior coesão à cidade, mostrar a sua importância e destacar a sua finalidade, uma larga avenida a atravessa e finda onde deve ser o ponto máximo do conjunto dirigente da Nação.

Mas a verdadeira essência ou característica da cidade seria a formada pelos conjuntos ou núcleos de edifícios, diferenciados por suas funções, proporcionando ambientes onde o homem tenha a prioridade, sem as preocupações de poder e falsa grandiosidade que hoje, pelo estado social atingido, não nos cativam nem impressionam.

Ligação e entrosamento dos setores

Não basta, porém, unir os diversos setores entre si. É preciso estudar a sua disposição, a fim de facilitar o entrosamento entre eles. Zonas há, cujo funcionamento perfeito depende da atividade de outras que a completam. Nenhuma zona, todavia, deverá ser integralmente especializada, pois a própria existência do homem comporta diversas atividades simultâneas, com a proeminência, embora, dumas, sobre outras. O núcleo da cidade deve ter os seus diferentes setores dispostos de modo que, atendendo a esse aspecto humano, pela contiguidade com outros devidamente selecionados, estimule e favoreça a atividade principal.

Através da análise de cada atividade, sua natureza, seus horários de funcionamento, sua utilização pelos habitantes e as necessidades de crescimento, é que as diferentes zonas foram ordenadas. Estudamos, por isso, particularmente algumas delas em suas características mais definidas, procurando enquadrar todos os setores urbanos.

Hotéis de trânsito

O hotel de trânsito serve para alojar, por breve tempo, o viajante que procura ou faz etapa na cidade. É, por isso mesmo, nitidamente urbano e deve ser situado, tanto quanto possível, nas proximidades dos pontos de chegada e partida.

Procura esse tipo de hotel quem vai à cidade tratar de negócios, assuntos políticos, administrativos ou, em determinadas épocas, assistir às conferências e espetáculos artísticos, esportivos ou cívicos. Tais ocupações tomam, ordinariamente, pouco tempo, deixando liberdade para a frequência de museus, cinemas, teatros, para compras e visitas aos pontos turísticos da cidade. Os hotéis de trânsito devem, portanto, ser localizados próximos dos restaurantes, comércio, diversões e centros de atividades culturais, a fim de proporcionar facilidades para que seus hóspedes possam desfrutar comodamente os prazeres que a cidade oferece.

Bancos e companhias de utilidade pública

Bancos e companhias de utilidade pública estarão melhor situados nas proximidades dos escritórios e do comércio, aos quais estão ligados pela natureza dos serviços.

Embaixadas

As embaixadas, pelos contactos culturais que mantêm, terão interesse em estar próximas dos museus, sociedades culturais e salões de conferências. Muitas representações estrangeiras se instalam, também, em edifícios de escritórios, havendo, portanto, conveniência de proximidade com esses. Hotéis na adjacência das embaixadas favorecerão o alojamento daqueles que vierem à capital tratar com essas representações.

Comércio

Para funcionamento adequado, o comércio será situado ao longo de uma via de transporte coletivo, permitindo o desembarque próximo ao local de interesse. Restaurantes, sorveterias e outras casas do gênero completarão as condições de conforto do centro comercial.

Centro recreativo

Teatros, cinemas, clubes, bibliotecas, museus e, bem assim, bares, sorveterias, restaurantes são elementos que dão sabor humano à cidade; são lugares que o homem procura para conforto e deleite espiritual. Devem, por isso, constituir um ambiente único que predisponha, por seus atrativos, os habitantes a procurá-lo.

Toda cidade, para ser agradável, deve ter um local assim que polarize os interesses

da população e onde ela encontre distração, repouso e convívio ameno. É o local mais conidado, pela manhã, à tarde e à noite, em todos os dias da semana e em qualquer época do ano. Centro de reunião da comunidade urbana, deve estar rodeado por todas as outras atividades da cidade, incentivando ao máximo a presença da população.

Exemplo expressivo de ambiente com essas qualidades é a praça de São Marcos, em Veneza, que congrega, em um só local, a igreja, com suas procissões, a biblioteca, o Palácio dos Doges, hoje museu e outrora centro administrativo de uma das maiores potências comerciais e navais do mundo, as lojas de recordações para turistas, os cafés ao ar livre e centenas de outros aspectos curiosos que distraem o olhar do espectador. Lugar onde se marcam os encontros, onde se conversa, se passeia, se namora, se diz galanteios às moças que passam, onde se dão espetáculos e se faz política é, enfim, o centro espiritual da comunidade. Napoleão, em uma frase significativa, expressou todo o valor social e urbanístico de São Marcos, quando a chamou de "le plus beau salon de l'Europe".

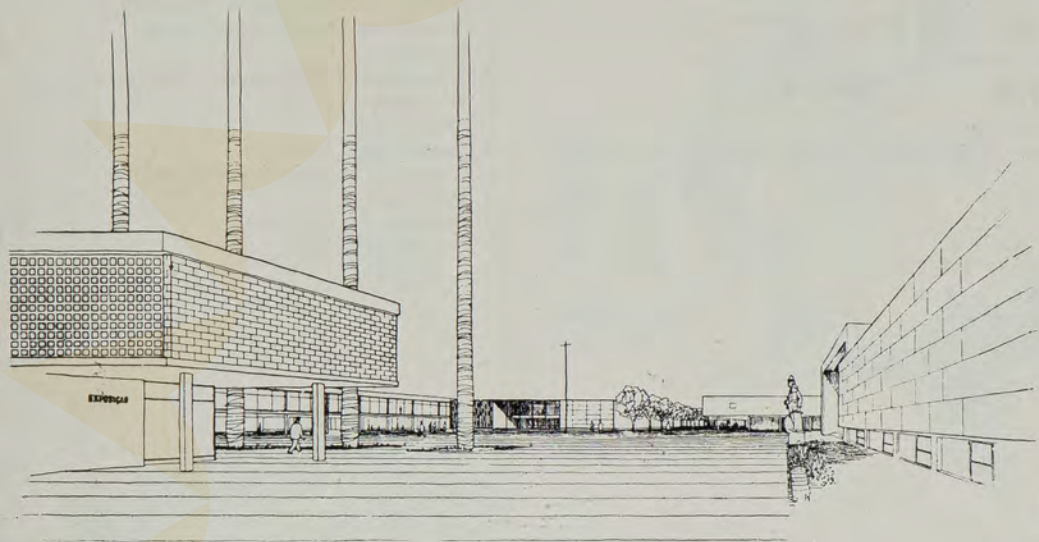
Edifícios públicos e administrativos

Os edifícios públicos e administrativos transcendem, em sua importância, a simples edifícios tomados isoladamente, para formarem conjuntos de características monumentais, de significativo valor histórico e simbólico que constituem elementos destacados no quadro urbano. Eles definem a personalidade, a riqueza e o grau de importância do centro cívico e, consequentemente, da cidade. A monumentalidade dos edifícios deve ter relação com o seu destino e com o conjunto, proporcionando perspectivas imponentes. A grande extensão dos espaços livres prevista, se justifica pela concentração de massas populares nas solenidades públicas cívicas, militares e religiosas, que ali se desenrolarão. A possível necessidade de acréscimos futuros determinou, também, a previsão dessas áreas.

Consideramos que, sendo isolado, o conjunto cívico ficaria deserto, frequentado somente pela parcela da população que ali trabalhasse ou tivesse assuntos a tratar. Sendo sugestivamente monumental e atraente, não conviria isolá-lo do grande público, pelo contrário, dever-se-ia facilitar-lhe o acesso aproximando-o de outros setores, transformados, também, em lugares de passeio. Um pormenor, no centro cívico, chamou-nos atenção, pela importância cada vez maior que vêm tendo os órgãos de defesa nacional. Devido ao poder destruidor das armas



VIA COMERCIAL.



CENTRO CULTURAL
E RELIGIOSO.

modernas, é cada dia maior a preocupação com a defesa. Nos Estados Unidos da América do Norte, sua importância é tal que merece as primeiras atenções. Os espaços requeridos para tais órgãos são enormes e admitindo que, em futuro não distante, o Brasil também terá que enfrentar o problema, uma área relativamente grande em continuação ao centro cívico foi para isso reservada. É ainda muito cedo para dizer como deverá ser instalada a organização de defesa, mas deve ser feita previsão de área para o seu funcionamento.

Utilização das zonas em diferentes dias e horários:

Constitui preocupação nossa, a utilização das zonas do centro da cidade, nos diferentes dias e horários. O quadro em anexo, embora sumário, mostra a frequência nos vários setores. Partindo da idéia de evitar, quanto possível, a desertão no núcleo urbano, combinamos os setores de modo a que, pela diversificação dos horários das diferentes atividades, haja sempre ali continuidade de utilização. Sendo a habitação um dos elementos que mais contribuem para tornar vivas outras áreas e, devido à conveniência para muitos de moradia no próprio centro da cidade, previmos grandes blocos de apartamentos, próximos às zonas centrais.

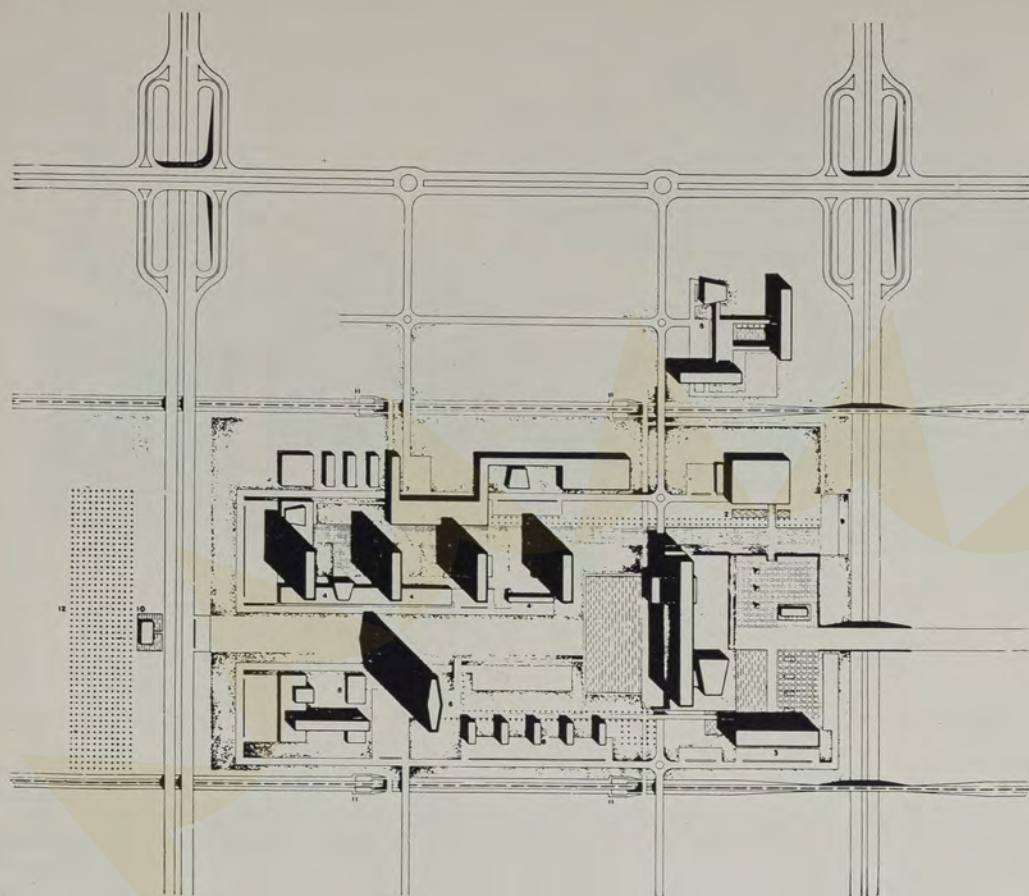
Centro Esportivo:

Pelo entusiasmo que desperta e pelos benefícios que derivam de sua prática, julgamos insuficiente limitar aos bairros as zonas de esporte. Os pequenos recursos de um bairro não dariam oportunidade ao seu desenvolvimento.

UTILIZAÇÃO DOS DIVERSOS SETORES DE ATIVIDADE URBANA

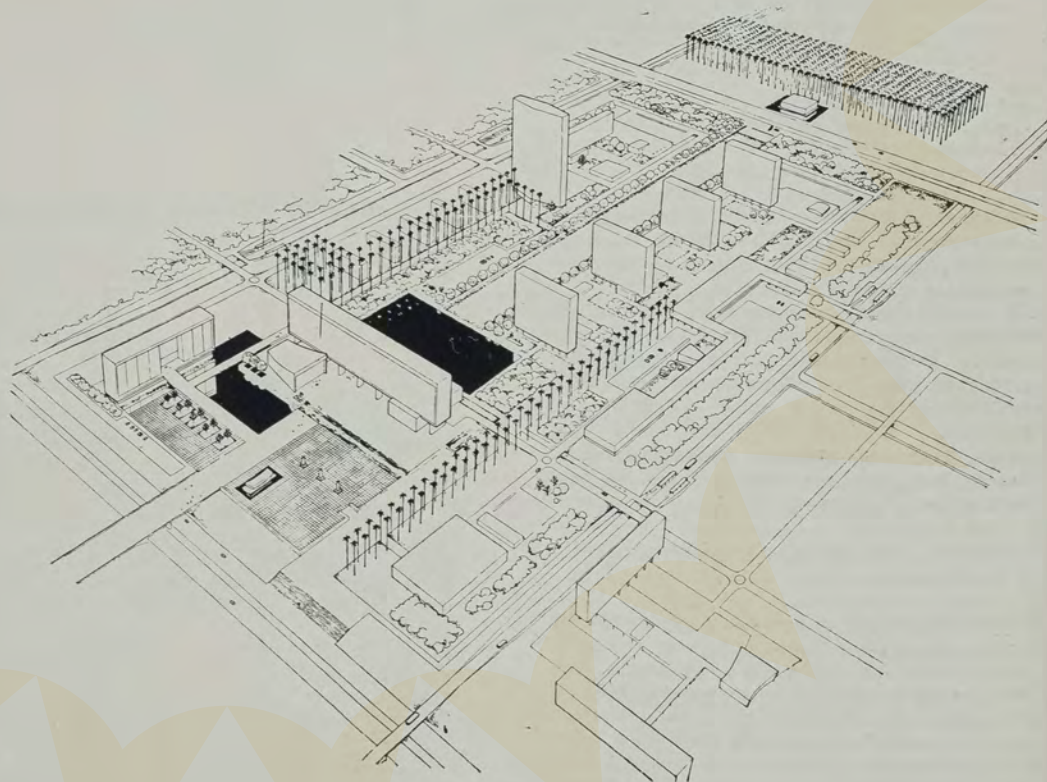
	Expediente Matinal de Trabalho	Expediente Vespertino de Trabalho	Atividade Noturna Diária	Atividade aos Sábados, Domingos e Feriados (à tarde)	Atividade aos Sábados, Domingos e Feriados (à Noite)	Atividade Ocasional
Cinema	O	X	XX	XXX	XXX	
Teatro	O		XX	X	XX	XXX
Restaurante	X	XX	X	X	XXX	X
Cafés — Bares		XX	XX	XX	XXX	XXX
Boates	O	O	XX	O	XXX	
Comércio	XXX	XXX	X	O	O	XX
Escritório	XXX	XXX	X			
Administração	XX	XXX		O	O	XX
Exposições	O	X	X	X	O	
Museus		X	O	XX	O	
Habitação	XXX	XXX	XXX	XXX	XXX	
Espectáculos Esportivos	O	O	X	XXX	XX	XXX
Esportes	X	X		XXX	X	XXX
Recreação	X	X	X	XXX	X	
Ensino	XXX	XX	X	O	O	
Conferências	O	X	XX	O	O	XXX
Hotéis	XX	XX	XX	XXX	XXX	XXX
Passelos	X	X		XXX	X	
Mercado	XXX	XXX	O	O	O	
Estação Rodoviária	XX	XX	X	XXX	XXX	XXX
Estação Ferroviária	XX	XX	XX	XXX	XXX	XXX

O estudo acima fornece elementos para entrosamento dos setores de atividade urbana. Estabelecemos, de modo geral, quatro graus de intensidade de utilização: nula, fraca, média e forte. Levamos em conta, também, nas soluções, a existência de atividades estimulantes de outras (habitação, restaurantes, bares etc.), e as que necessitam ser estimuladas (museus, conferências, exposições etc.).



CENTRO CÍVICO.

- 1 Congresso (Legislativo)
2. Palácio Presidencial (Executivo)
- 3 Palácio da Justiça (Judiciário)
- 4 Ministério
- 5 Ministério das Relações Exteriores
- 6 Secretarias
- 7 Autarquias
- 8 Repartições Públicas
- 9 Escadaria utilizável como tribuna
- 10 Monumento
- 11 Paradas de coletivos
- 12 Palmeiras



CENTRO CÍVICO — CONJUNTO.

Previmos, portanto, um centro esportivo em local nas proximidades do lago que oferece maior facilidade de transporte e apresenta configuração de terreno propícia à prática de esportes náuticos. O esporte não é apenas um fator de recreação. Desenvolve atributos humanos, quer físicos, quer sociais, o que lhe confere uma importância capital na organização educativa moderna.

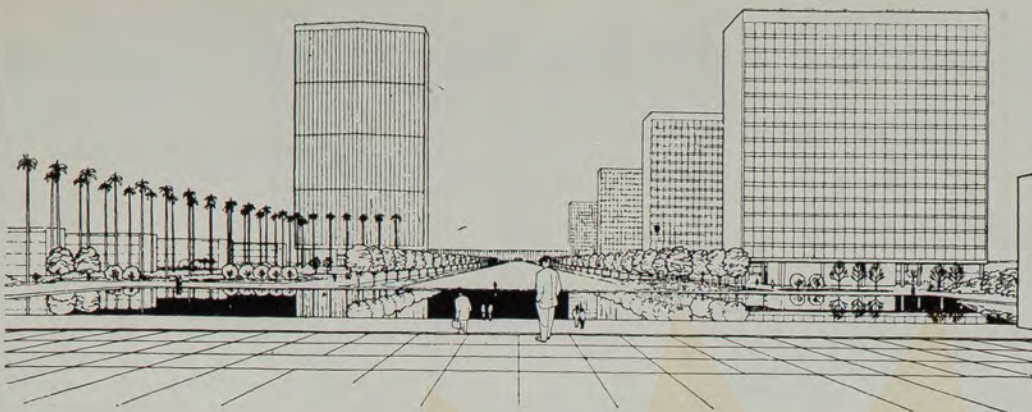
Munford, em *The Culture of Cities*, assim se expressa:

"A disciplina dos esportes ensina a cooperação, que se revela tão importante no sistema de vida atual. O relaxamento dos nervos que se obtém graças ao esporte, tem contribuído para prolongar a vida, constituindo, quiçá, a característica biológica mais significativa da civilização moderna".

E, ainda:

"A juventude considera o esporte seriamente e logra disciplinar-se; a maturidade considera o esporte como um jogo e logra rejuvenecer-se".

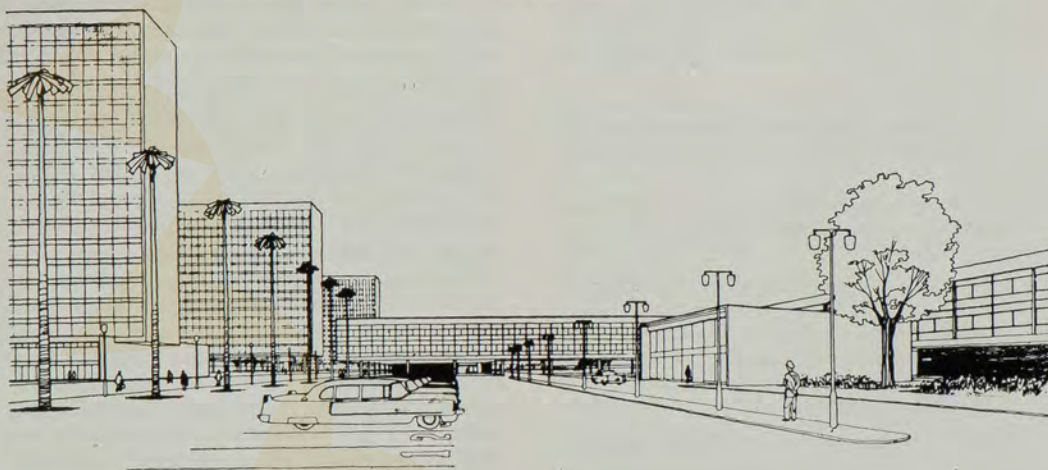
O esporte também se oferece como um espetáculo dos mais sadios. É uma das atividades que tem poder de reunir classes distintas e por vezes antagônicas em outras atividades. É, portanto, de imenso valor como estabilizador e nivelador social.



CENTRO CÍVICO, VISTO
DO LEGISLATIVO.



CENTRO CÍVICO, AO
CENTRO O LEGISLATIVO.



CENTRO CÍVICO, MINISTÉRIOS
E AUTARQUIAS.

Universidade

A universidade foi colocada perto do centro esportivo, por apresentar com êle certa afinidade. Os universitários se dedicam aos esportes com grande entusiasmo. É salutar a rivalidade esportiva entre as diversas escolas, pois propicia o conagraamento entre os estudantes, promove a camaradagem; dêsse contacto frequente desenvolve-se o conhecimento dos problemas referentes aos outros ramos da atividade profissional, o que constituirá cabedal para as elites que se formam no ambiente universitário.

Pelas suas exigências de espaço, necessidades de transporte fácil e condições de ambiente a que deve satisfazer, a universidade foi localizada no extremo leste da cidade, na zona do lago que, sendo dos locais mais agradáveis, amplos e de acesso rápido, constitui sítio ideal para sua instalação. Partindo de uma estimativa de população, para a nova capital, em tórno de 500.000 ha.

bitantes, quando desenvolvida, aos quais se deve acrescentar outro tanto para as regiões que a cercam, teremos cerca de 10.000 estudantes universitários, isso admitindo a percentagem a que cumpre chegar o país para satisfazer à premente necessidade de profissionais de nível superior. Para que se atenda ao tipo de "universidade bosque", ideal para a nossa formação e para o nosso clima, foi prevista uma taxa de 250 metros quadrados por aluno, o que perfaz a área de 2.500.000 metros quadrados, ou sejam 250 hectares.

Zonas de recreio

A zona do lago será, certamente, o local preferido para passeios domingueiros, piqueniques e excursões. A presença de diversos atrativos, como a residência do Presidente, a Universidade, o bairro dos diplomatas, além dos bosques e do próprio lago, torná-la-ão propícia a essas atividades recreativas.

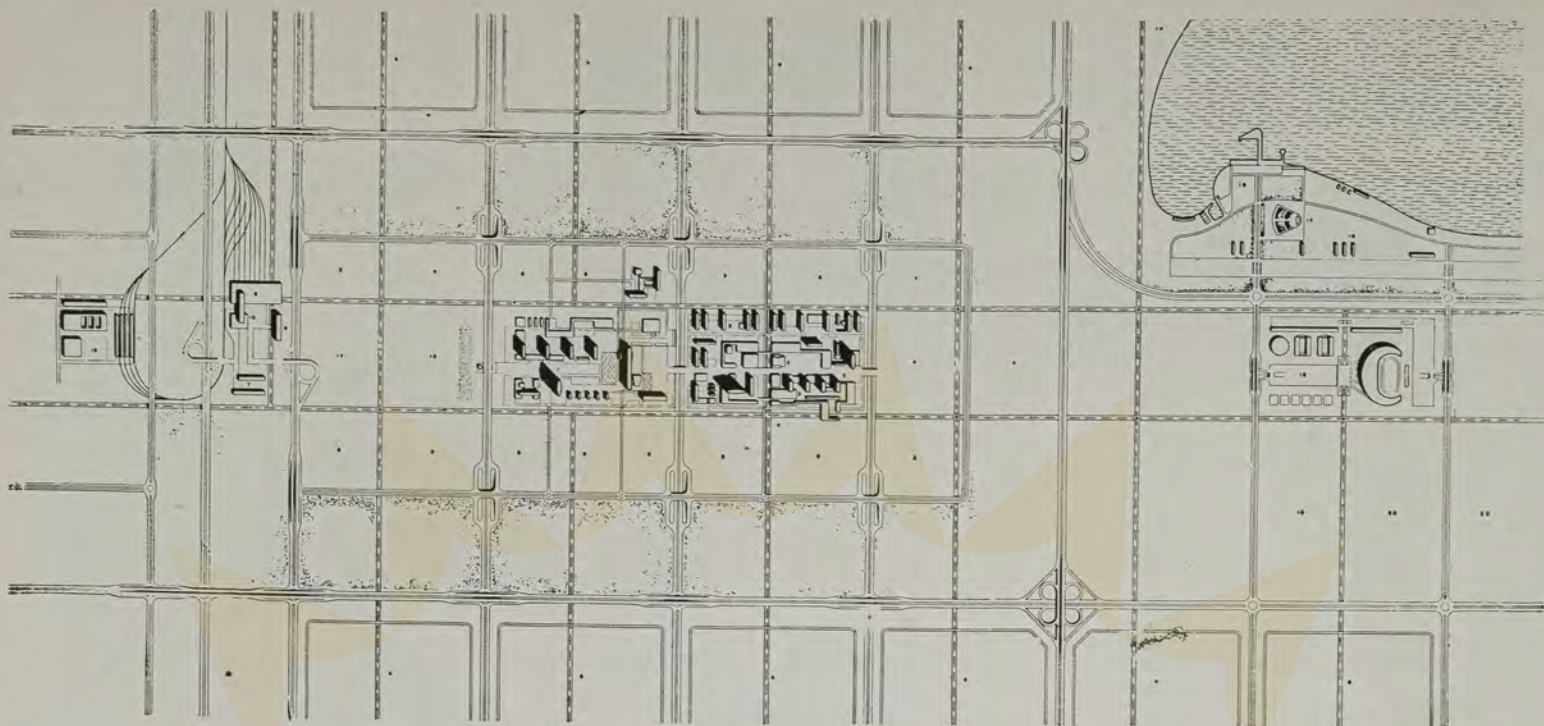
Por isso, ali foram dispostos os jardins botânico e zoológico que a farão mais atraente. Sendo instituições de cunho eminentemente cultural, é, também, de toda conveniência a sua proximidade da universidade. Nessa zona se localizaram, além do mais, casas de saúde, de repouso e hotéis residenciais.

Mercado

O mercado central de abastecimento, e os armazens do comércio atacadista que, pela própria natureza do ramo, necessitam a proximidade das terminais ferroviária e rodoviária, ficam na parte oeste da zona central da cidade.

Outros estabelecimentos

Convenientemente isolados ali também se localizaram hospitais, casas de saúde e, em setor próprio, estabelecimentos de ensino especializado, médio ou livre, como sejam, escolas industriais, de comércio e outras mais.



ZONA CENTRAL

- 1 Centro cívico
- 2 Comércio
- 3 Centro cultural
- 4 Área de crescimento do centro comercial
- 5 Habitação coletiva
- 6 Unidade vicinal
- 7 Garage de ônibus

- 8 Hotel
- 9 Estação ferroviária
- 10 Estação rodoviária
- 11 Estação de carga
- 12 Mercado
- 13 Órgão de defesa nacional
- 14 Universidade

- 15 Centro Esportivo
- 16 Clubes náuticos
- 17 Clubes esportivos
- 18 Anfiteatro
- 19 Polo
- 20 Golfe

Organização Econômico-Social

Ao estudar normas reguladoras para a organização econômico-social da nova capital e, por extensão, do Distrito Federal, tivemos em mente evitar, quanto possível, os resultados danosos da especulação imobiliária em alto grau a que, necessariamente, estará sujeita a região, se medidas eficazes não forem tomadas para coibir abusos que tendem a se verificar.

Duas foram as soluções que nos pareceram capazes de cumprir as finalidades objetivadas:

- 1.^o — Um sistema de enfiteuse, sem laudêmio, caracterizado pelo foro móvel;
- 2.^o — A cessão de terras pelos meios usuais, com um sistema tributário próprio.

A enfiteuse especial não constitui idéia nova, tendo sido, processo semelhante, aplicado com sucesso, quando da mudança da capital da Austrália para Camberra. Entre nós, é o Engenheiro Odilon Benévolo autor de estudos que visam, em bases novas, a exequibilidade da aplicação ao novo Distrito Federal.

Em síntese, são propostas as seguintes medidas:

- as terras do Distrito Federal serão desapropriadas e não poderão ser alienadas;
- serão feitos aforamentos, em caráter perpétuo, de lotes ou glebas demarcados, mediante concorrência pública;
- é lícito ao foreiro dispor livremente dos seus domínios e fruí-los de acordo com a lei, podendo vendê-los, dá-los em pagamento, doá-los, legá-los, permutá-los etc.;
- não será permitida a sub-enfiteuse;
- os emprazamentos não serão resgatáveis;
- nas transmissões de domínio útil e das benfeitorias não haverá laudêmio;
- o foro anual será fixado percentualmente sobre o valor dos terrenos com exclusão das benfeitorias; constituirá onus real que gra-

vará o imóvel e a sua quitação será indispensável à transmissão por qualquer título; — nenhum enfiteuta poderá ser isento de pagamento do foro;

— os valores territoriais que servirão de base ao cálculo dos foros serão revistos periodicamente, pelo menos uma vez cada cinco anos;

— não haverá impostos locais; os habitantes só pagarão os impostos de competência da União.

As normas propostas dão pleno valor à riqueza criada, isto é, às benfeitorias e põem em devido relevo a natureza social do valor da terra que resulta tão-somente do aumento de população, do progresso coletivo e das obras públicas realizadas.

Algumas das vantagens do sistema seriam:

— o capital, em outro sistema empregado na aquisição da terra, poderá ser pôsto em função produtiva;

— eliminação da especulação territorial;

— abolição do latifúndio, minifúndio e autismo;

— barateamento do solo e acessibilidade para todos;

— simplificação do aparelho arrecadador e segurança nas previsões orçamentárias.

As características radicais do sistema eliminam por completo a configuração clássica da enfiteuse que, por ser instituto ultrapassado, reminiscência da sociedade feudal, provoca repulsa em tantos dos juristas modernos.

A abolição do laudêmio, da sub-enfiteuse e a mobilidade do foro lhe conferem, especialmente para as condições do novo Distrito Federal, um significado econômico e social marcante.

Na alternativa de solução que propomos far-se-ia a cessão das terras pertencentes ao Distrito Federal pelas formas consagradas.

O sistema tributário apresentaria, todavia, características especiais, visando criar condições de alcance econômico e social.

Constitui problema, na administração das verbas arrecadadas pela tributação municipal, a sua distribuição equânime pelos diversos setores contribuintes. Não raras, por injunções várias, são as preterições que geram o desestímulo e o descontentamento.

A fim de sanar tais dificuldades, seria instituída uma taxa que reverteria em benefício da própria comunidade, pois seria uma quotização de despesas de manutenção ou de melhoramentos ali realizados. Essa taxa seria administrada e fixada, em faces de orçamentos prévios, por uma junta diretiva constituída por autoridades municipais, em ação naquele setor da cidade, por moradores e, ainda, por negociantes ali estabelecidos.

Os elementos não oficiais seriam eleitos pelos habitantes da unidade e prestariam os serviços sem remuneração. O sistema melhores resultados apresentaria se fossem criadas sub-prefeituras locais que, gozando de certa autonomia administrativa, facilmente poderiam desempenhar suas funções.

Das vantagens que a medida acarretaria, destacamos o desenvolvimento do espírito comunal dos habitantes, pela participação quase direta nos destinos do bairro. Haveria, ainda, melhor fiscalização da administração municipal e perfeita distribuição dos benefícios da arrecadação tributária.

Exclarecemos que não seriam abolidos os impostos para a manutenção dos serviços gerais do Distrito Federal. Apenas seriam reduzidos consideravelmente, pois se destinariam exclusivamente àqueles de âmbito comum a todo o município e que, mesmo assim, constituem uma grande parcela da atividade da prefeitura.

Novos valores na arquitetura moderna brasileira

II - Oswaldo Bratke

Geraldo Ferraz

Inserir-se a participação de Oswaldo Bratke na consolidação do terreno conquistado pela arquitetura moderna em São Paulo. É um técnico e um artista que emerge da década de trinta, quando desde a primeira casa moderna no Rio de Janeiro e a focalização do problema pela intervenção oficial, na Escola Nacional de Belas Artes, com Lúcio Costa na direção de Warchavchik-Reidy, na cadeira de arquitetura, as soluções renovadoras iriam se impor, até os marcos decisivos da sede da ABI e do edifício do Ministério da Educação.

Explica Bratke a formação de arquiteto que teve — por mais errônea a diretiva do ensino no curso do Mackenzie, aí se punha em equação a arquitetura. Foi a nossa primeira escola, realmente, num meio em que proliferavam os “gamelas” e a arquitetura-do-engenheiro-civil fazia a sua tímida aparição. É claro que a Politécnica teve o seu papel, e dali emergira, em 1925, Toledo Malta, com a sua aplicação construtiva, expondo como pioneiro o papel do cimento armado na construção. A escola do Mackenzie teve a fortuna de formar arquitetos, e entre estes Bratke, donde, pois, um benefício direto e legítimo, no funcionamento dessa escola.

Formado, Bratke encontrou-se em plena polêmica. Qualidades de ponderação informando as inspirações de uma juventude que visava a um lugar ao sol, marcaram a personalidade, a mentalidade desse arquiteto. Vindo do interior, trouxera as qualidades do homem que, do meio rural, marcha para a conquista da cidade. O seu idealismo orientou-o para alguns concursos: e era natural que assim fôsse: participou do concurso para o Viaduto Boa Vista, para o Matadouro Municipal, nas preliminares do concurso do Viaduto do Chã, do Tênis Club, etc. Deve-se a essa experiência, além do trabalho árduo realizado, que lhe aprimora a consciência de arquiteto, um conhecimento mais correto da realidade.

A biografia do arquiteto nos mostra os seus começos difíceis, em 1932, quando, em companhia de seu amigo Carlos Botti, empreende sua carreira de construtor num escritório que tomou a seu cargo a construção de aproximadamente quatrocentas residências, entre outros tipos de edificação. Foi esta uma fase de longo amadurecimento do arquiteto, que em contato material com a experiência do construtor, dia a dia lidava com os materiais e os interessados, num ensaio de trabalho humano de relações e na reflexão sobre os dados concretos da execução dos projetos. Pode-se afirmar que essa fase lhe deu um enriquecimento de idéias na cristalização dos elementos a manejar, ao mesmo tempo que lhe fundamentava um pragmatismo objetivo e consequente nas suas possibilidades, nas possibilidades do meio e da profissão, nas concepções que depois iria abraçar.

Desaparecido Carlos Botti em 1942, Oswaldo Bratke prosseguiu, ainda, por três anos no escritório de construções. Só em 1945 é que a formação de arquiteto lhe parece eficientemente acabada — só então encerrou as suas atividades de construtor. O arquiteto dominava o campo das realidades sobre que projetar a sua individualidade conceptiva, e ia agora empregar-se numa obra que abrangia ao longo do trabalho de projeção de residências, fábricas, hospitais, o campo mesmo do urbanismo. Territorialmente, Bratke,

que fizera experiências na cidade “que mais cresce no mundo”, a caótica Paulicéia, desbordou sua atuação para o interior e para todo o país — vamos encontrá-lo plantando casas em Campos do Jordão, Curitiba, Barretos, Botucatu, terminando por buscar campo de ação no Amapá, no extremo norte do país. Uma série de viagens ao exterior propiciara ao arquiteto uma constante atualização de seus conhecimentos aplicáveis à arquitetura, de tal maneira que novas concepções e novas soluções estão sempre favorecendo a sua posição diante dos problemas que tem a enfrentar. Uma espécie de laboratório de idéias é esse “atelier” da rua Avandava, onde o conhecemos, e que foi também o laboratório de novos valores para a nossa arquitetura. De fato por ali passaram dezenas de jovens estudantes e arquitetos brasileiros, que adquiriram em trabalho a sua primeira experiência formadora da carreira profissional em que gozam de renome nacional. Mas não foram só idéias ou colaboradores — materiais novos também conheceram a permanência dessa retorta de experiências, na frequência de industriais que tomaram conhecimento da atividade multiforme do arquiteto. Muitas das modernas soluções de partes da habitação tiveram início nesse escritório.

Oswaldo Bratke participou de uma série grande de juris de concursos de arquitetura, figurou nos juris das Bienais, presidiu o Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, de 1951 a 1952.

Um depoimento

Ouvindo Bratke, recolhemos o seu depoimento que oferece um quadro da vida profissional em que ele iniciou e realizou a sua notável experiência:

No período em que nos iniciamos em construção, São Paulo se apresentava com a arquitetura do “villino fiorentino”, com raros escritórios de arquitetos. A concorrência predominante era a do mestre de obras. Havia poucas firmas construtoras e aí os projetos não eram detalhados. Poderíamos afirmar que se executavam as obras exclusivamente com base em um “projeto da prefeitura”. Nelas sempre se deixava a parte chamada “decorativa” ao encargo do estuador que era, portanto, decorador. As soluções de escadas por exemplo, eram deixadas, ao “escadeiro”, espécie notável de artista circense, que resolvia qualquer tipo de escada desde que houvesse uma área sobreposta a outra com 2x3 metros.

Psicologicamente, há uma explicação para a introdução do “villino” na Paulicéia dos primeiros imigrantes enriquecidos. Havia ali reminiscências do menino pobre que trazia do “pattern” natal a visualização de cidades, casas e palácios oitocentistas. Quando pensava em construir com olhos de saudade, em escala reduzida, aquele fausto que para sempre os impressionara. Sublimavam assim a transferência dessa paisagem construída do berço europeu, calavam as ambições e se apasiguavam. O homem maleável para atender a essas reminiscências era o mestre de obras, apto a compreender os desejos que lhe eram manifestados, pois muitas vezes eram, também, os seus. Tratavam, então, ambos, de recompor o ambiente donde provieram, na identidade que os irmanava.

Entretanto, a arquitetura mundial tomava os seus rumos com a presença de Le Corbusier,

Gropius, Mies Van Der Rohe e outros tantos mestres que pesquisavam a adequação entre os novos materiais e a concepção arquitetônica, procedendo à primeira análise das novas situações urbanas. Era a revolução que se operava e em que deveríamos participar ou perecer, superados. Conhecidos os novos pontos-de-vista e os princípios essenciais que os informavam, seria simples seguir os caminhos que nos abriam. No estado de coisas em que nos achávamos em São Paulo, porém, o resultado de uma transformação radical seria nulo, desde que o mestre de obras continuasse a desempenhar o seu papel e o arquiteto relegado ao trabalho em seu escritório: note-se que havia pouquíssimos arquitetos.

Com diversos colegas jovens trocávamos idéias a respeito e cada um procurava em seu procedimento descobrir os meios pelos quais se começasse o grande trabalho de evolução para uma arquitetura que tivesse razões ponderáveis de vitalidade. Um outro iniciava-se nesse caminho, que para nós foi de lenta evolução, enquanto assistíamos a alguns que, sem meios suficientes para se manter em certo período, faziam extravagâncias, tentando projetos de espírito bastante avançado, muitas vezes cópias, apenas, de modelos europeus, com que chocavam o ambiente que os repelia. A alternativa então era esta: ou caíam no ostracismo ou enveredavam também para o “villino fiorentino”.

Vimos assim muitos casos de arquitetos avançados que, depois de anos de trabalho e insistência, acabavam praticando a arquitetura mais contra-indicada para eles e para nós, caindo nos gêneros ecléticos ou “pompiers”. Ainda hoje podemos ver, ao lado de muita arquitetura boa, de exemplos majestosos, certos pseudo-modernos, quando não a volta pura e simples à estaca zero da arquitetura contemporânea. Verificamos então plantas mal estudadas, estruturas que apenas produzem efeito fotogênico exterior, orientações que negam uma origem autêntica.

Assim, pelo fato de termos no Brasil alguns bons arquitetos, não devemos nos pavonear com esse novo ufanismo que inconscientemente vimos já auto-aplicando, como “os melhores do mundo”, designação falsa, que irrita qualquer pessoa de cultura razoável. Em muitos casos, a cópia continua firme, sem que o autor sequer pelo menos analise o trabalho que compõe.

Na verdade, “planta moderna” é um enunciado vazio de significação em nosso país, quando não se procura aprofundar o exame que é “moderno”, e isto se faz também válido tanto para as soluções do programa como para a execução da obra, estendendo-se ao acabamento, que é por sua vez precário. Infelizmente, não vemos se proceder à análise das condições em que deveríamos encarar o problema da habitação, do trabalho, da recreação, para o homem de hoje, certamente muito mais torturado do que o de outras épocas, sob a pressão desse fator tremendo que é a produção da velocidade, invadindo todos os domínios da vida, até o recessos do lar onde as comunicações se produzem com uma intensidade jamais imaginada, pelo imediatismo das ondas do rádio e da televisão. Seria, então, uma “planta moderna” — colocada a qualificação funcionalmente no quadro da contemporaneidade a que deve responder — àquela que fosse sufi-



Ao fim de sua atividade como construtor, Bratke passou a projetar: esta é uma das primeiras residências, no início desse período. Note-se o beiral sobre as linhas lisas e a boa distribuição dos volumes. Jardim Europa, São Paulo - 1942.

Prédio de apartamento na rua General Jordim, 51. A boa composição resultante desta frente dá a este edifício, quatorze anos depois, ainda, uma nota de modernidade, São Paulo - 1943.



ciente a atender às necessidades da vida de hoje, com a cobertura aproximada do que fôsse isso, enfrentando os problemas que se criaram e que repercutem, em torno e internamente, no recanto que abriga o cidadão, o homem, a mulher, a criança do século XX, nesta segunda parte da centuria.

Algumas definições

Naturalmente, quando se considera a questão de uma "planta moderna", deve-se ter em vista o que é moderno. Não se trata de uma conceituação vaga e imprecisa, mas de condições concretas e bem definidas. A planta é diferente por vários motivos que incidiram na vida do homem de hoje. Entre tais motivos, deve-se levar em conta o conforto exagerado que o industrialismo trouxe para o homem. Este homem não é mais aquele empregado, funcionário produtor ou o que seja, que tinha um dia de seis ou oito horas de trabalho. Na maior parte dos casos, o homem da cidade é um homem de mais de oito horas de trabalho. Isto influi na casa: a casa deste homem é menor, mais simplificada, a sala de jantar já não é mais separada, e porque tudo se reduziu, houve também redução de mobília, de equipamento. O homem que sai cedo de casa e volta tarde — para bem definir essa questão de tempo, não tem mais a residência como "permanência" na maior parte de seu tempo. A cozinha dessa casa é mais aparelhada do que a de antes — às vezes é a própria dona da casa que atua nela, e nem ela nem o marido se ocupam muito com recepções, o que antigamente era norma. Há também uma peça muito útil nessa nova casa — o guarda-roupa que é o "storage" do inglês. Ali se acumulam objetos e coisas que seriam feias no conjunto da casa.

Agora vejamos outras coisas que a "planta moderna" tem de levar em consideração: como não há visitas sempre, a antiga sala de visitas se metamorfoseou; é hoje o "living"... ali encontraremos uma parte de vivência dos habitantes da casa. A televisão, o rádio e a vitrola. A sala está quase sempre desarrumada, porque as crianças também vivem nela.

Uma peça que desaparece ou está em vias de desaparecer é a copa, ao mesmo tempo que a despensa — duas heranças do tempo em que tudo o que estava na casa grande ou na habitação solarenga provinha da economia da fazenda. A despensa desapareceu na cidade pela facilidade de abastecimento contínuo.

Há muita facilidade de vida ao ar livre. Em lugar do alpendre, surge o jardim de inverno. Tanto para isto como para outros casos, usa-se muito, em todo o mundo, o vidro. Não no Brasil, dadas nossas atuais condições de produção, mas em outros países industrializados, houve um grande barateamento do vidro. Este material então predomina: a transparência da casa moderna dá motivos de modificação da planta, porque anteriormente as aberturas eram poucas e estreitas.

Há também uma nova função inerente a todo programa, que não é sequer citada, mas que o arquiteto de nosso tempo leva consigo: a função da higiene na casa moderna. Vidro e higiene transformaram a casa de nosso tempo — transformaram a maneira de se compor uma planta.

À margem da construção existe um problema que tem sido pouco cuidado, e que é o da segurança do abrigo. Se a moradia é inviolável, devemos nos precaver contra os assaltos. Não se trata de um caso de polícia: é também função da arquitetura. Um assalto causa traumas psíquicos nos moradores, as senhoras sofrem com ele a falta de segurança demonstrada pela violação da casa.

Cumpra-nos, pois, contra o roubo e o choque psicológico que o envolve, empregar grades, verificar onde são necessárias, adotar todos os recursos de segurança.

Como o custo dos materiais em geral aumentou, como igualmente aumentou o custo da mão de obra, e a indústria tem avançado no domínio de partes pré-fabricadas da casa, a preferência que se voltou para a utilização dessas partes determina um certo conhecimento sempre atualizado dos tipos existentes, colocados à disposição dos arquitetos. Quando se leva em consideração certas contribuições desse gênero, até a própria planta pode ser influenciada, num sentido ou noutro. A "planta moderna" deve ser aquela que leve sempre em consideração o conhecimento do homem, da mulher dos seus hábitos e costumes, na vida de hoje, das possibilidades que eles podem ser tentados a incluir em seu ativo de experiências. Essas possibilidades são enormes; mas a planta não deve levar em consideração aquilo que pertence à natureza, e que não mudou. Até certos portmoneiros considerados superficialmente superados, são válidos ainda hoje: aí está o exemplo concreto no beiral; não vemos motivo para eliminá-lo da casa moderna. O alpendre com todas as suas condicionantes de orientação e adequação pode e deve permanecer. São fatos tão verdadeiros como a necessidade de se conservar a casa destacada do chão, preservando-se assim a construção da umidade, o que é uma condição intemporal de habitabilidade.

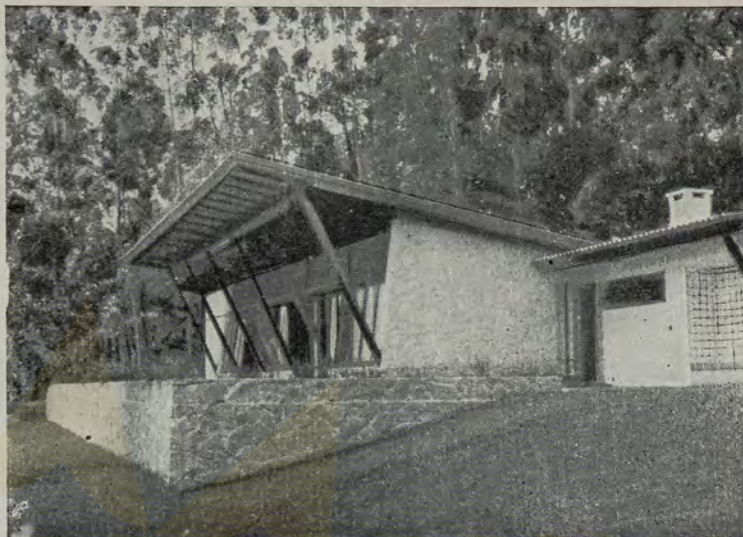
Quanto às possibilidades da experiência humana que devemos conhecer, há muitos tipos de vida a considerar. Por exemplo, a mulher, que vive mais em contato com a casa e lhe presta assistência diária até, no que se refere a equipamento, sabe-se que é uma mulher que indaga e pesquisa no campo das inovações. Há em nosso mundo mulheres que saem de casa com dinheiro para comprar coisas e mulheres que saem de casa com dinheiro para comprar determinada coisa. O primeiro caso é típico da mulher média norte-americana, tipificação que já invade outros meios urbanos, na Europa ou na América do Sul. Essa mulher está mentalmente preparada para chegar a uma loja ou a um bazar e olhar entre novidades e maquinazinhas qual a coisa de que está "necessitando" para facilitar a sua tarefa em casa. Sempre descobre alguma peça nova, e esta passa a lhe fazer uma falta enorme. O remédio é adquiri-la. É a mulher do tempo da industrialização que invade o lar com peças novas... Ela ficará feliz, não será contrariada, se a nossa "planta moderna" tiver bastante maleabilidade a lhe permitir que atenda às suas condições de utilização da casa, dessa espécie de Máquina maior, dentro da qual as outras pequenas máquinas que adquire devem funcionar. Até um certo ponto, estaríamos parodiando o slogan mecanicista de Le Corbusier: no princípio da racionalização da arquitetura.

Há naturalmente, que fazer referência a um ponto importante, que é a "planta livre" — adotei em minha arquitetura o telhado plano. Ele me permite, então, um jogo variado de formas, permite libertar-se das injunções do telhado. Contra o telhado plano só há um argumento: o preço. O segundo passo, então, é o de estabelecer um telhado plano econômico.

Portanto, a "planta moderna" é uma planta diferente.

Habitação popular

Naturalmente não se pode considerar que a arquitetura moderna tenha atacado o problema da habitação popular e as iniciativas governamentais parecem mostrar muito mais do que tem sido feito. O ponto-de-vista que defendemos é o da casa isolada, ou, no máximo, geminada.

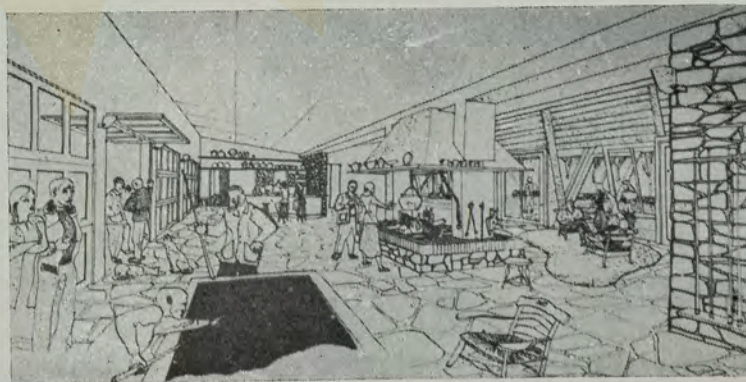


O pavilhão Aricanduva, construído em 1947, na chácara Rogério Giorgi, externamente, mesmo nas duas fotografias, não dá idéia do espaço interno organizado.

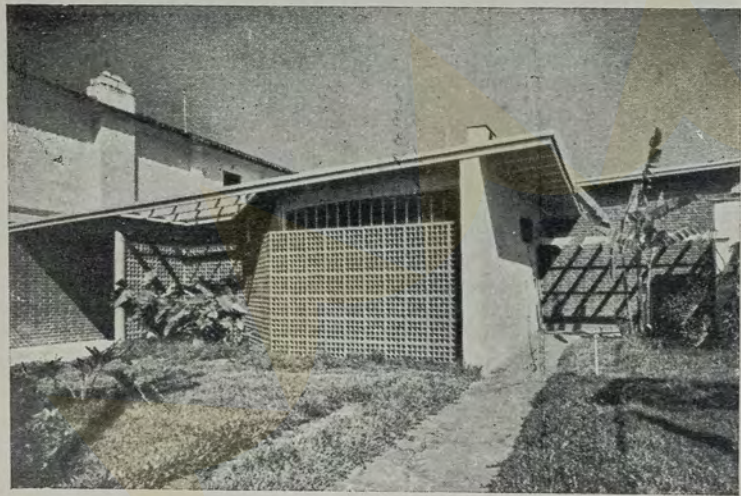


Defendido por uma ampla cobertura de chuvas, sóes e ventos, o pavilhão externamente nos mostra uma simples e modesta projeção de linhas no espaço com os materiais à mostra.

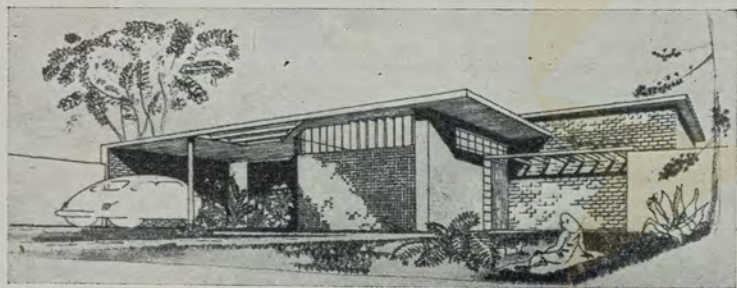
O desenho mostra o interior do pavilhão: distende-se por um espaço de 20 por 12 metros, com todas as instalações necessárias ao funcionamento de uma acolhedora localização para reuniões sociais, jogos, conversações, tudo centralizado pelo grande fogão.



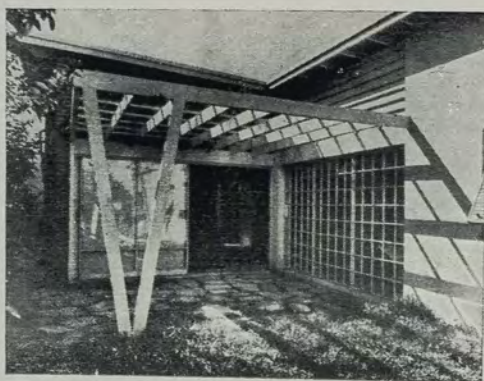
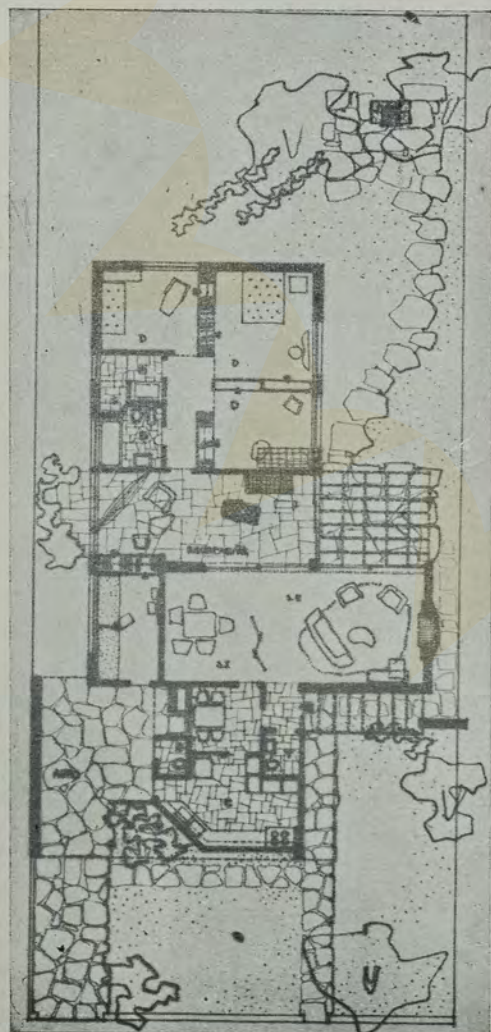
Em 1949, encetando uma experiência com cobertura de alumínio, o arquiteto Bratke compôs esta residência térrea, na rua Fonseca Teles, em São Paulo. Algumas constantes das soluções arquitetônicas que vão continuamente comparecer nesta produção de projetos, já se oferecem à atenção à superficial leitura desta casa térrea. Outra face da experiência na planta foram as paredes móveis. O rendilhado decorativo da vedação da frente é obtido graças a um emprêgo direto de blocos préfabricados de concreto. Começa a aparecer também neste projeto a tendência que se vai afirmar do emprêgo de simples coberta para a permanência do carro. Uma ponta de beiral ainda permanece, mas a cobertura já se tornou plana. São pormenores a que a experiência do construtor acostumou Bratke a dar atenção e procurar, para cada caso, uma solução adequada.



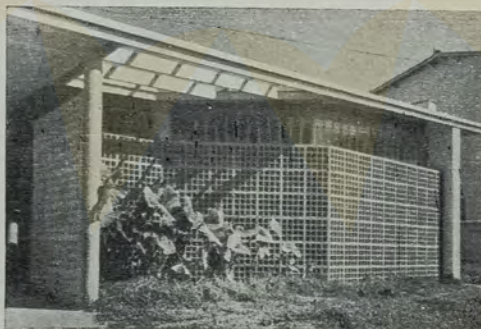
A frente da residência com sua vedação rendilhada.



Perspectiva da casa.

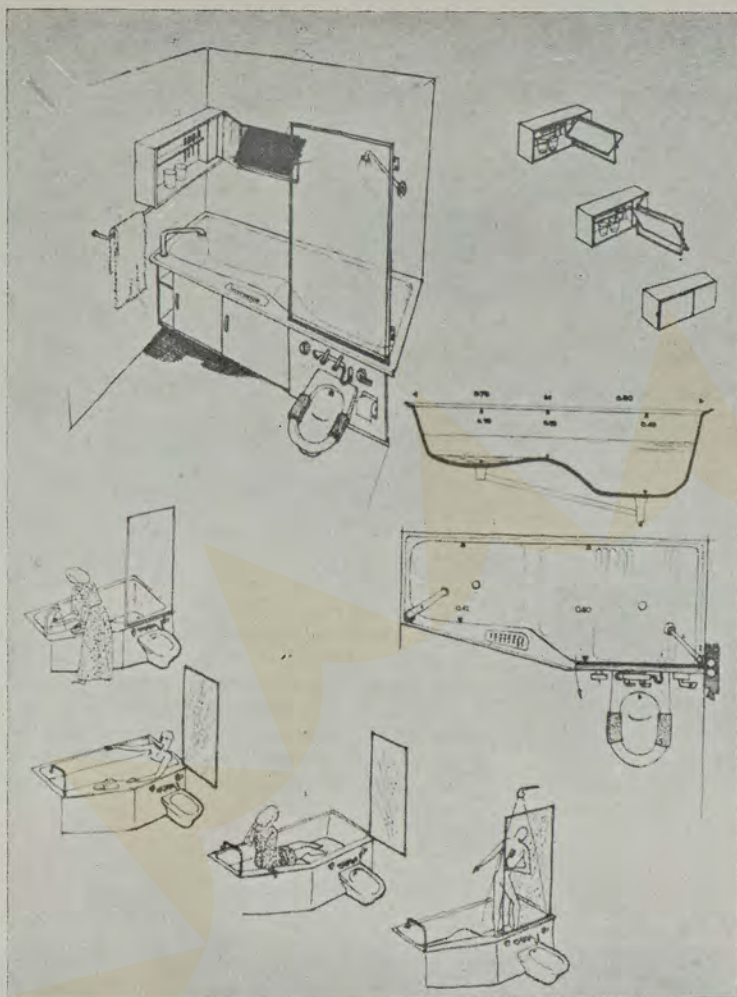


Outro aspecto da residência: o pátio.



Ainda o desenho nítido que exterioriza bem a realização, noutro ângulo da frente.

Planta da residência.



Dentro da noção de que todos os equipamentos da casa são elementos da atenção que o arquiteto deve dar aos seus problemas, Bratke tem estudado alguns aspectos da moradia econômica e do emprego mínimo de espaço. Este banheiro é resultado de um tal esforço: entrosaram-se no desenho rigorosamente calculados o banheiro propriamente dito, o chuveiro, lavapés e lavatório, bidet, W.C., armário com espelho móvel, e com toda a organização um sistema de conjugação de encaamentos, proporcionando uma economia de 30% de água — 1947.



O edifício da rua Major Sertório, esquina da rua Araujo — projeto de 1951 — é uma construção a que o vidro dá toda a graça decorativa. Ainda aqui o construtor trabalha de mãos dadas com o arquiteto. O sistema das fachadas foi todo estabelecido na base da "curtain wall", e infelizmente não teve a execução de alumínio, como a princípio fora projetado. Acabou sendo trabalhado todo em ferro. O sistema "curtain wall" compreende a maior leveza no revestimento fechando-se as fachadas com a maior rapidez, dada a aplicação dos elementos pré-fabricados.

Economicamente, tem sido muito defendida a solução vertical. Não fiz cálculos que condenem em definitivo a opinião dos que defendem as vantagens econômicas da solução vertical: mas tenho minhas dúvidas de que haja, sequer, essa vantagem. A habitação vertical requer hábitos, costumes, possibilidades de arranjo e de manipulação mecanizada de certas atividades domésticas. Requer uma mentalidade para essas outras maneiras de viver — modificações no preparo de alimentos, novos métodos de limpeza, lavagem mecânica da roupa com tudo o que implica em ordem e adequação, mas, principalmente, uma nova mentalidade econômica. Observaremos rapidamente que estamos praticando o uso mais inadequado da habitação, quando não só os varais enchem de bandeiras, que são muitas vezes roupas íntimas, tudo que é espaço aberto nos nossos andares superpostos, mas até mesmo chegamos a deparar com surpresas de um pitoresco irresistível, com a criação de galinhas, galinheiro e tudo, num quinto andar...

A casa isolada oferece todas as vantagens a um íntimo conhecimento vivo das coisas — ela reforça a unidade familiar ao permitir a vigilância da vida da criança interna e externa. Mas devemos dar especial realce à "economia de quintal" que é uma economia fecunda em inspirações para a mulher. Além de lhe propiciar o que lhe é inerente como contribuição à subsistência, essa economia dá à mulher do povo uma

idéia mais exata do que vale um maço de folhas de couve ou um pé de alface. A pequena avicultura deveria ser por sua vez estimulada, com os cuidados de higiene, de limpeza, que lhe são imprescindíveis.

Depois, a habitação popular, principalmente a que se situa em torno de instalações fabris, não deve fazer discriminação das categorias humanas da produção. A idéia de igualdade só deve ceder o passo dentro da engrenagem da produção, porque aí cada parafuso tem o seu lugar, cada homem funciona num setor hierarquizado da produtividade.

Uma contribuição muito interessante para a economia da casa, e que precisamos estudar e aplicar, é a de partes prefabricadas da habitação. Partes prefabricadas e não casas prefabricadas. Há, também, casos em que a habitação popular, por economia, tem de recorrer à importação de materiais de fora. Tudo parte do homem, do conhecimento minucioso do sistema de vida do povo, e, em última análise, das condições bem estabelecidas do solo, com as referências suficientes do clima — chuva, sol, ventos dominantes na região.

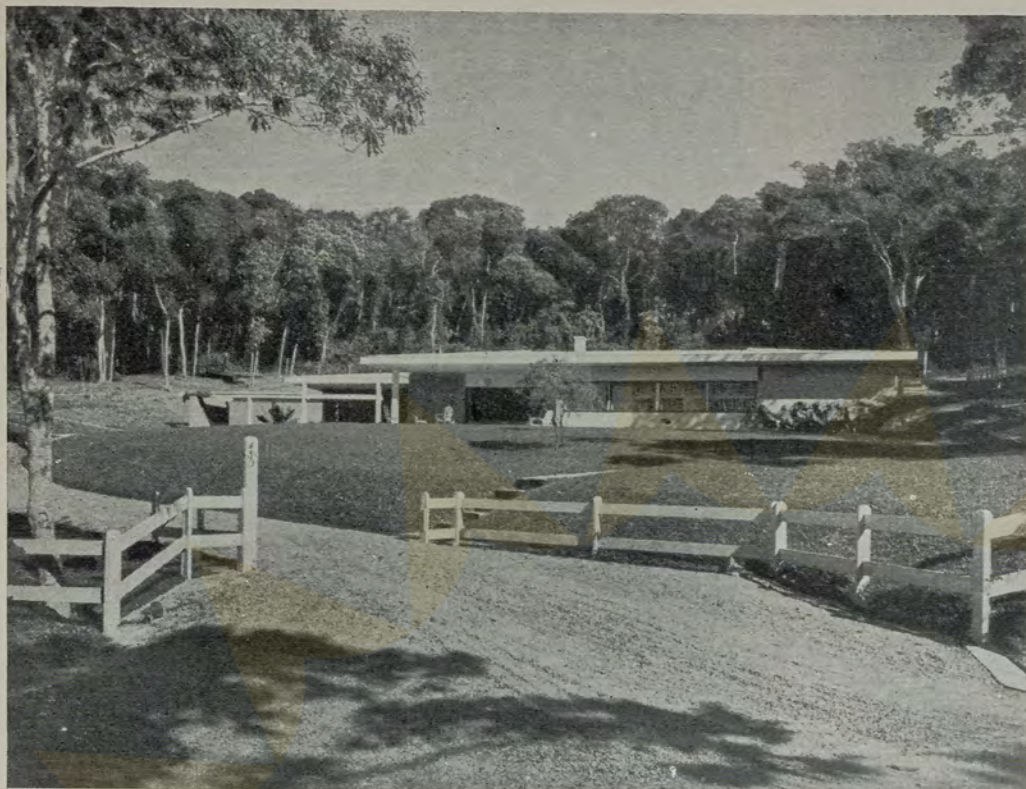
Não se poderá perder de vista o material local existente e a preferência do arquiteto e do construtor deve se fixar em condições bem definidas.

Quando aludimos a isto temos em vista não apenas uma hipótese de habitação popular, mas uma experiência por que passamos. Tivemos de construir nossas teorias diante de fatos novos e da construção em massa. Todo

problema de casa popular embora a concepção deva partir das células individualizadas da família, envolvem problemas da ordem coletiva porque "popular" é povo e povo não é uma família mas muitas famílias, em função de determinado meio. No caso em que tivemos a experiência acima aludida, não conseguimos sequer no local tijolos nem telhas. A própria madeira não era encontrável em quantidade e qualidade necessárias, nem trabalhada como seria necessário. Recorremos então, a materiais essenciais que ofereciam às condições de clima resistência bastante — em lugar de telhas de barro, telhas de fibro-cimento; em lugar de tijolos blocos de cimento.

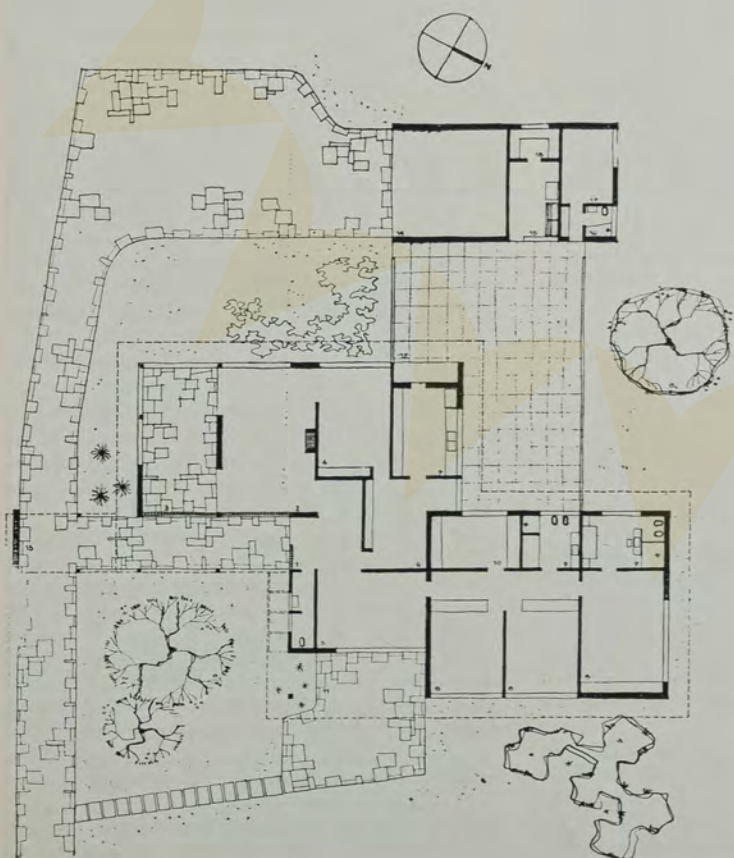
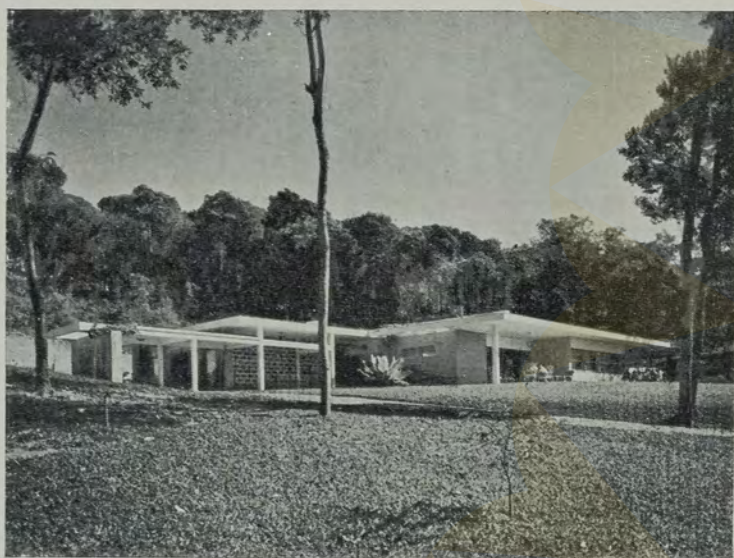
Para chegar a tais conclusões partimos, muito simplesmente do fato de que a habitação popular tem de ser barata no planejamento — mas o objetivo final é o de que ela seja obtida com materiais duráveis, simples, com remates fáceis que não encareçam o seu acabamento, que não requeiram mão de obra especializada e não exijam, finalmente, gastos constantes e elevados com a sua conservação. A constante "popular" que se deve ter sempre em vista, em casos como esse deve ser balanceada com materiais mesmos caros que, pelo "tempo" que servirem, venham reverter em economia perdurável para a habitação do povo. Popular, portanto mas sempre condicionada à duração, a casa não pode ser considerada econômica se ela for construída com materiais ordinários.

Ao cuidar do planejamento da casa, leva-

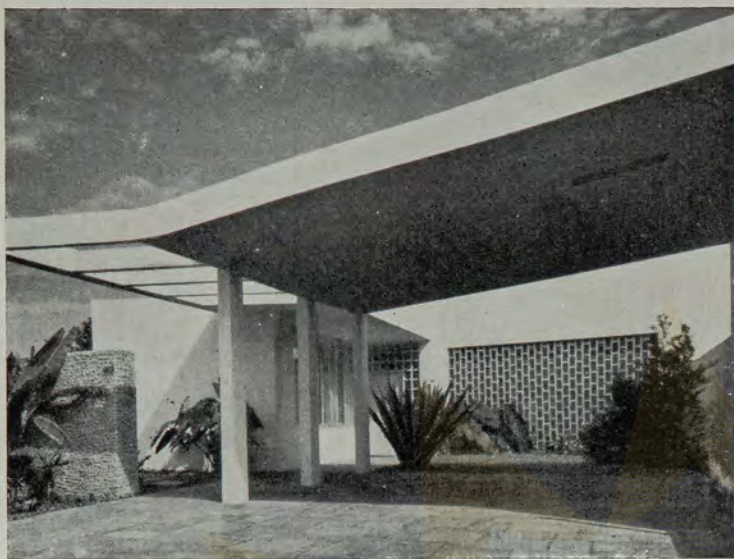


Eis um dos bons projetos da penúltima fase da arquitetura de Bratke. A residência Livio Gomes, em 1950, estende-se em grandes linhas horizontais que têm sua primeira sugestão no cercado de madeira, visualmente transportado. Insere-se num espaço verde raramente encontrável, e esteticamente é também rara: os dados plásticos se colocaram com originalidade e inteligência, decorrendo de uma planta conscienciosamente estudada.

RESIDÊNCIA LIVIO GOMES, 1950



- 1 Vestíbulo
- 2 Sala de estar
- 3 Jardim de inverno
- 4 Sala de jantar
- 5 Sala de estar
- 6 Copa
- 7 Cozinha
- 8 Dormitório
- 9 Banheiro
- 10 Rouparia
- 11 Terraço
- 12 Pátio de serviço
- 13 Carpot
- 14 Garage
- 15 Lavanderia
- 16 Banheiro
- 17 Quarto de criada
- 18 Closet

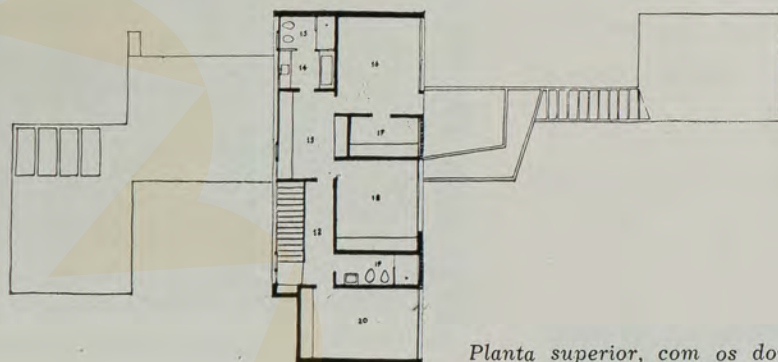
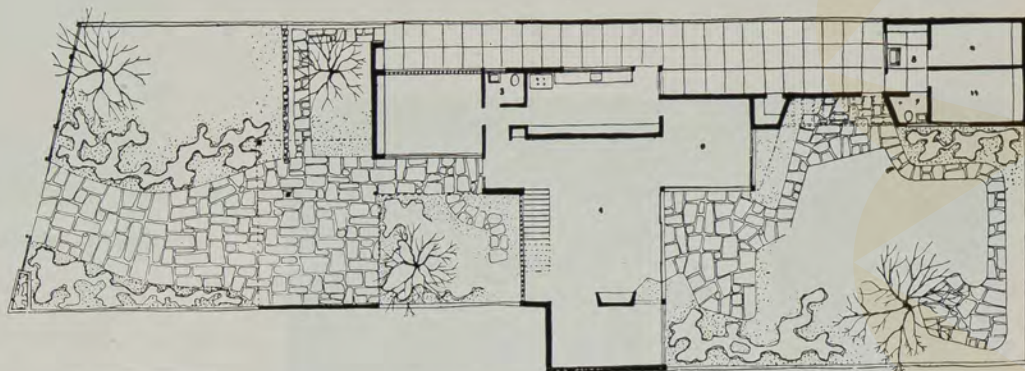


Vista em pormenor a casa, a cobertura para automovel funciona plasticamente como elemento de grande valorização decorativa.



A residência Gilberto Ferreira, estudada numa orientação tóda voltada para o Sul, partiu de uma idéia de correção protetora, contra os ventos. Daí a casa fechada para a frente, em que os elementos plásticos tiveram tamanha participação. No jôgo de linhas, foi encontrada uma justa medida em que os volumes não pesam excessivamente. Deu-se particular ênfase a essa harmonização limpa de formas. O coberto para automovel é aqui empregado em tóda a sua funcionalidade e ainda na valorização plástica da visualização externa, frontal.

Planta baixa com a incorporação do jardim, a parte social e de serviços.



- | | |
|--------------------------|--------------------------|
| 1. Entrada | 11. Dormitório empregada |
| 2. Escritório | 12. Hall |
| 3. Lavabo | 13. Rouparia |
| 4. Copa — Cozinha | 14. Banheiro |
| 5. Sala de estar | 15. W.C. e chuveiro |
| 6. Saleta | 16. Dormitório |
| 7. Sala de jantar | 17. Closet |
| 8. Lavanderia | 18. Dormitório |
| 9. Banheiro empregadas | 19. Banheiro |
| 10. Dormitório empregada | 20. Dormitório |

Planta superior, com os dormitórios e instalações acessórias.

remos sempre a idéia de que visando a higiene, a alimentação e a moradia, devemos evitar ferir a sensibilidade do homem e da mulher, sem abandonar, contudo, a orientação que vise alcançar uma evolução metódica e saudável em seus hábitos, projetando para eles, mas tendo em vista novas possibilidades ao seu conforto e à sua sensibilidade. Entregar elementos de fácil assimilação ao que pré-existe à casa que vamos construir e em que eles vão morar. Nunca procurar impor sistemas em que se vejam os moradores nas condições de brusca adaptação, com mudanças radicais em seu modo de vida. Isto criaria dificuldades e reações, pois seria a imposição de falsas condicionantes.

À margem do problema urbanístico

Como tóda focalização do problema arquitetônico deve necessariamente chegar ao fato urbanístico, provocamos o arquiteto Oswaldo Bratke para esse terreno. Suas considerações são as seguintes:

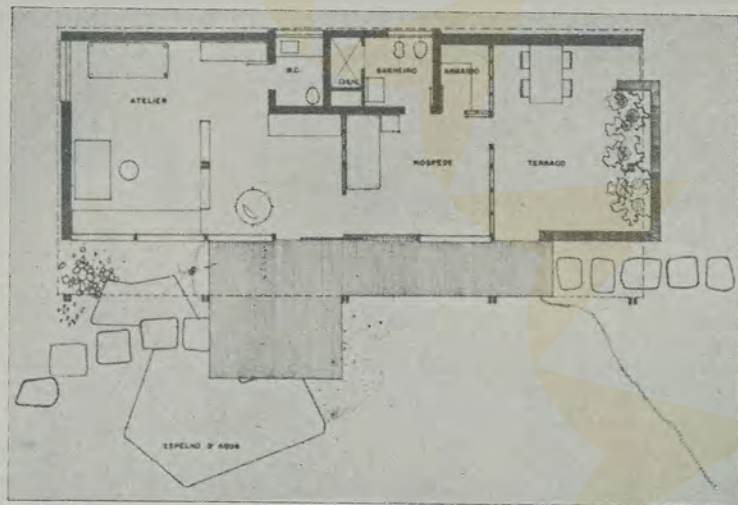
O problema da urbanística, em São Paulo, é um problema de descentralização. Há no nosso interior vários significativos de aglomerados urbanos, altamente servidos por serviços públicos. Não é preciso dizer quais são: refiro-me àqueles com cerca de 30 mil habitantes, em que um conjunto de serviços

funciona perfeitamente, chegando até a haver uma espécie de completa pavimentação de distritos, com administração e financiamentos próprios, deve facilitar a solução do problema em São Paulo. Nesses distritos, departamentos de Urbanismo, de Vias Públicas, de Abastecimentos, criados por acôrdo, para uso comum, a administração poderia então dedicar-se inteiramente a melhorias, atacando os problemas imediatos, locais, cuja solução serviria de estímulo e competição entre as várias partes do todo. Hoje, essas várias partes estão muito longe da administração central, e esta perde

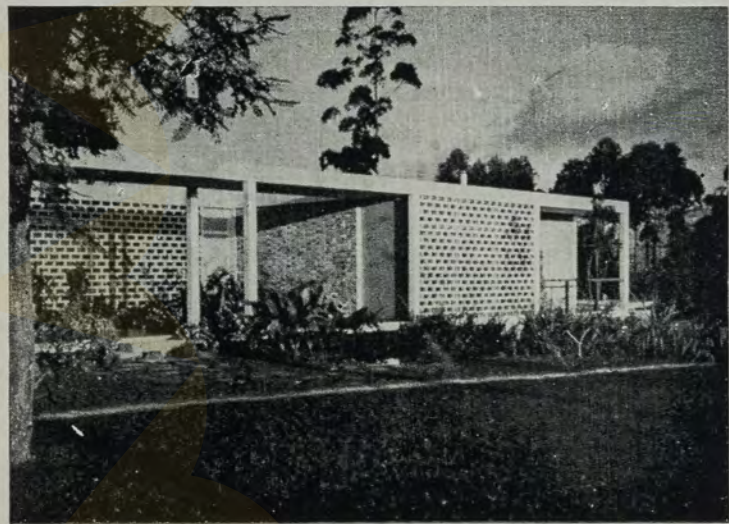


Ateliê do arq. Bratke, 1953.

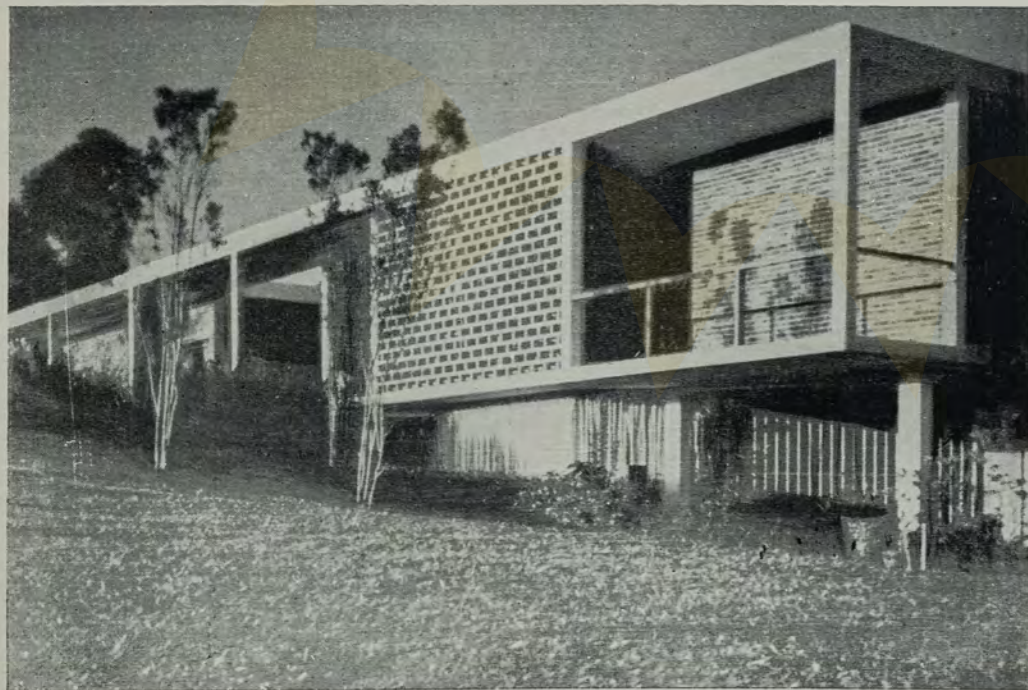
Ao projetar e construir seu ateliê e sua própria residência no Morumbi, o arquiteto resolveu pôr em prática algumas experiências interessantes: o ateliê é todo de madeira. No piso e nas paredes das instalações sanitárias foi empregado acetato de polivinil. O tijolo furado empregado como parede não foi objeto de revestimento algum. Aproveitou-se assim todo o seu valor plástico. A cobertura é de feltro asfáltico. Um tipo econômico de quebra-sol foi aqui empregado — 1953.



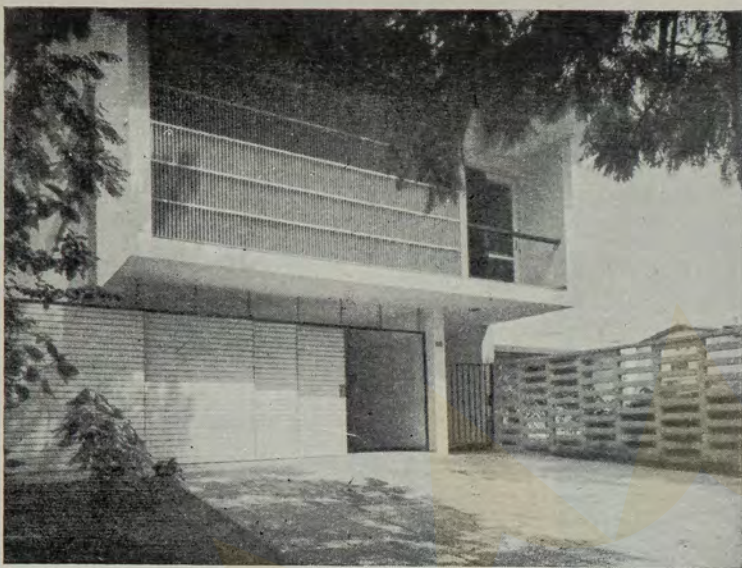
Planta do ateliê Bratke.



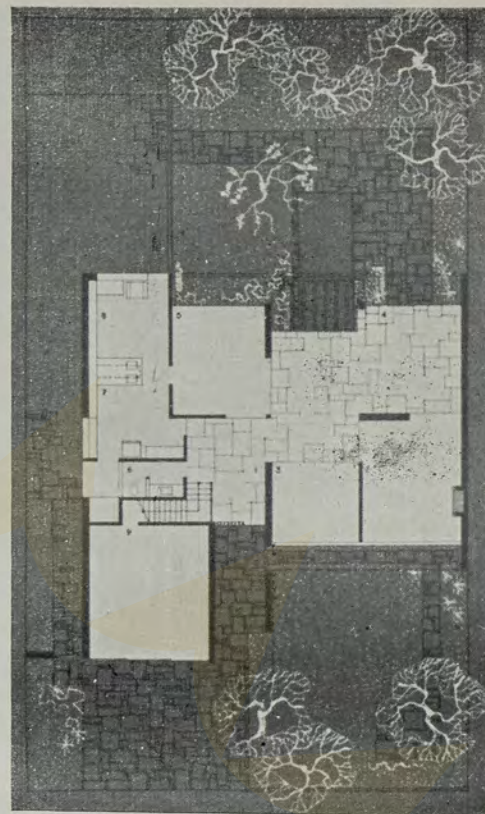
Dois aspectos do ateliê Bratke.



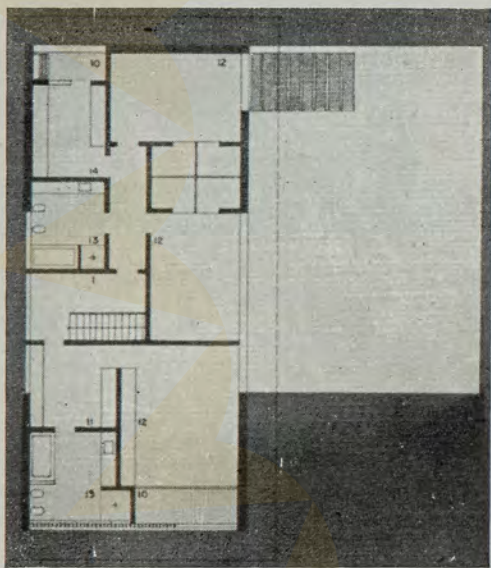
No projeto da residência Bratke, bem conhecida pois foi objeto de outras publicações em *HABITAT*, a cobertura foi estabelecida totalmente independente das paredes, formando aquilo que os norte-americanos chamam de "umbrella house", sistema esse que facilita um manejo muito elástico das divisões. A laje de cobertura é completamente plana, dispondo de três raios para saída de água. Reveste a cobertura uma pintura asfáltica isolada também por papel fino de alumínio. Um uso de cinco anos sem o menor indício de desgaste comprova que a experiência deu certo. Os materiais foram empregados todos ao natural, como tijolos à vista, madeiras nuas, cimento e pedra — 1953.



Um belo enquadramento defensivo da residência na orientação da face fria. A garage dá acesso ao interior.

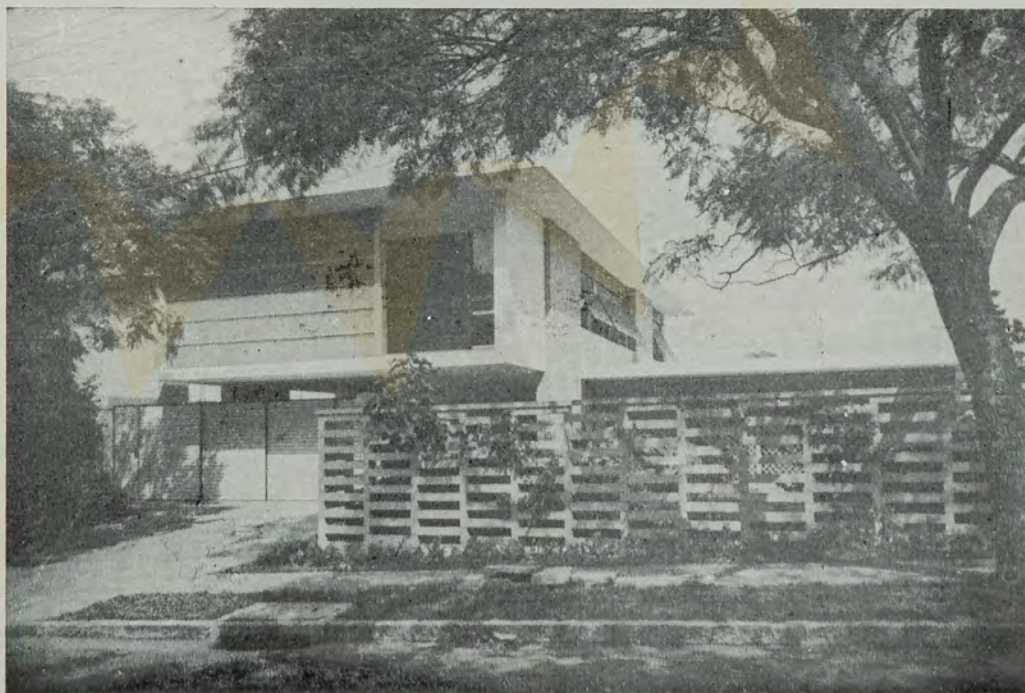


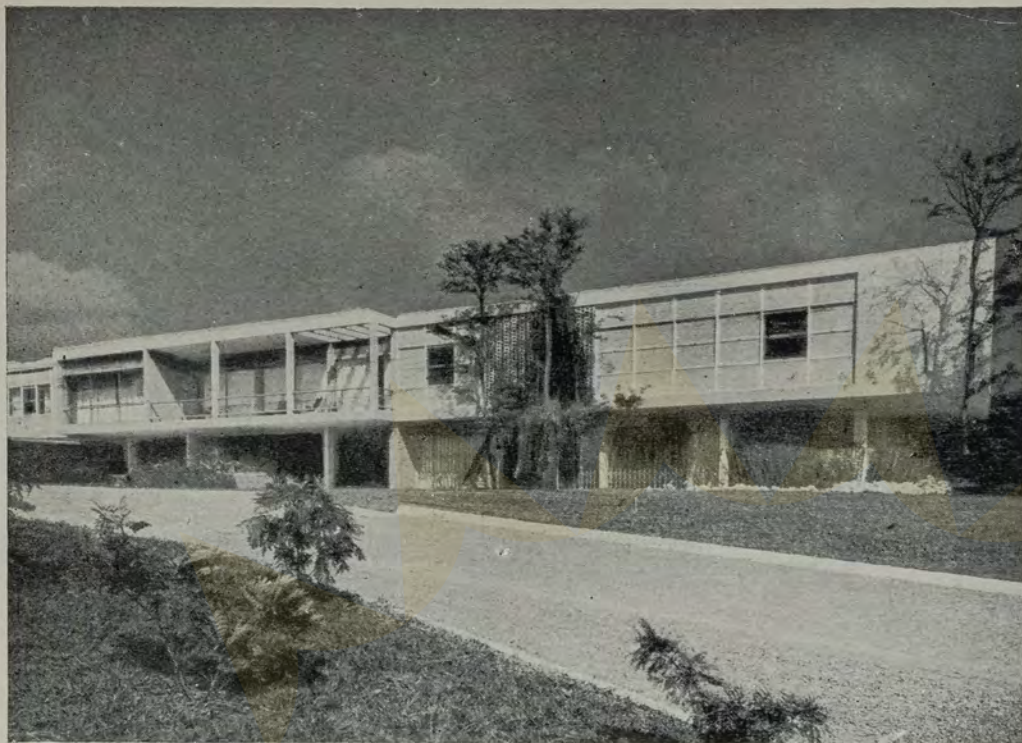
Planta baixa e jardim.



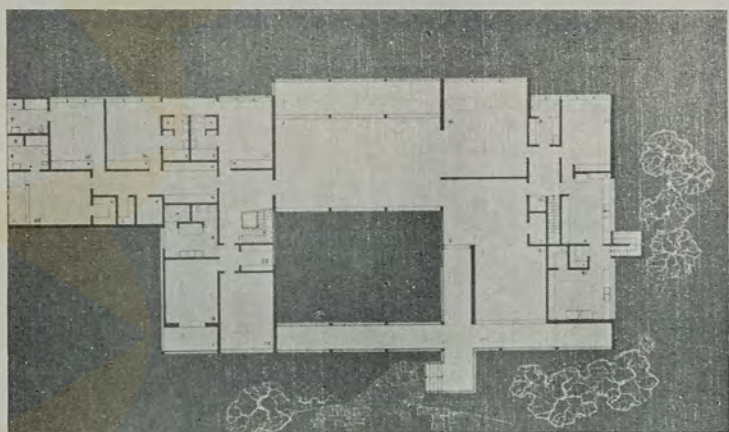
Planta do andar superior.

No planejamento da residência Joaquim Junqueira do Val, 1955, o arquiteto cede a uma reflexão que há tempos vinha lhe preocupando. O problema do beiral aflora na solução: mantendo o teto plano, ainda em benefício da planta livre, ele considera a imposição do beiral nas condicionantes climáticas. O beiral protege a casa: por que condená-lo? Depois de ter simplificado os vários elementos, Bratker, manteve o beiral. Voltada a casa para uma face fria, era preciso protegê-la da orientação. Aparentemente ela é aberta para a rua, mas o espaço interno se volta para dentro. 1955.





A residência Oscar Americano foi projetada com a mesma orientação de princípios da anterior, a casa do próprio arquiteto Bratke. Sendo uma casa grande em grande espaço, tôdas as disposições arquitetônicas foram aqui tomadas num sentido de dar à moradia a plenitude das condições ensejadas pela técnica. Do revestimento do piso externo ao alto da casa na continuidade das linhas horizontais, com o jôgo das passagens externas e os apoios em finas demonstrações estruturais, conseguiu o arquiteto estabelecer notável conjugação de elementos construtivos e plásticos. Jogando livremente com a planta, o arquiteto manejou o espaço em nome da luz e da sua concepção de casa biológica, para não usar expressões que êle não perfilha.



A planta alta da residência com toda a sua estruturação que cobre o espaço livre térreo.



De um golpe-de-vista pode-se ver a casa nesta planta baixa: ela é mais importante do que a outra planta.

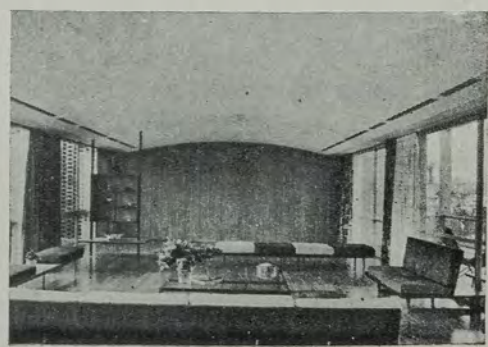
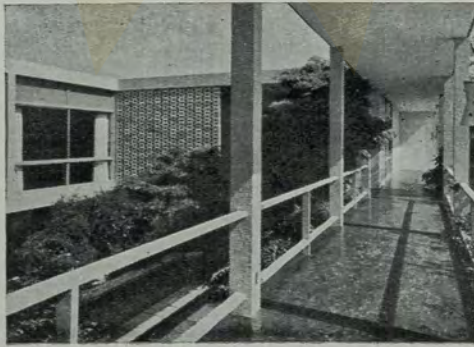


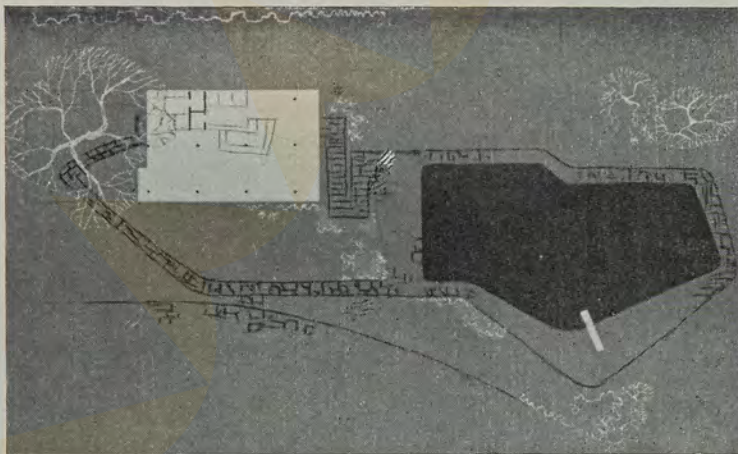
Mais um detalhe exterior.

Como tôda bôa arquitetura, os vários lados obedecem a um rigoroso tratamento: aqui se evidenciam as divisões.

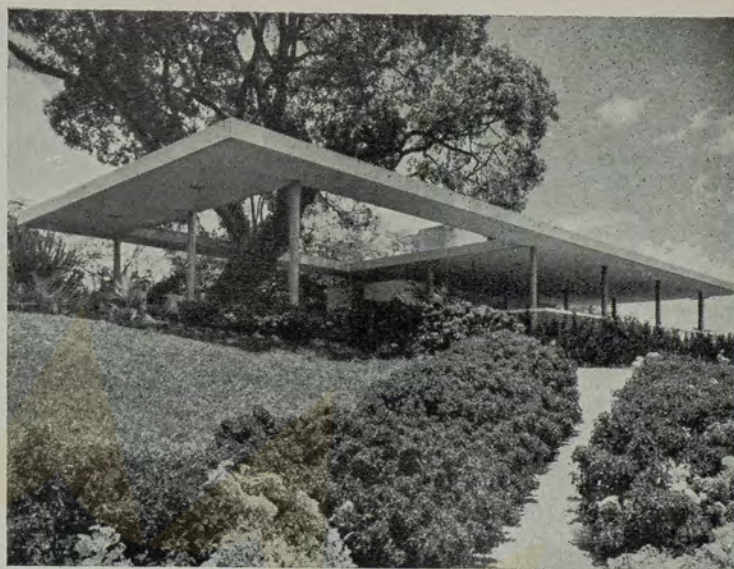
Pormenor interno sobre o pátio.

Um interior: o grande salão.

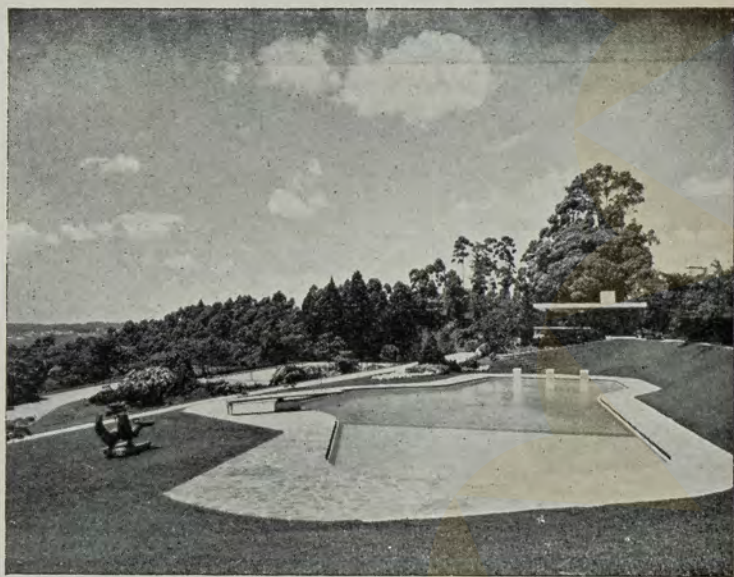




Planta demonstrativa da relação entre o pavilhão e a piscina no parque da residência.



Num grande espaço cabia um pavilhão de recreio que foi colocado a cavaleiro da piscina. Comporta êsse pavilhão vestiários e um bar. Foi conservada uma árvore no local abrindo-se espaço na cobertura para dar relevo ao tronco antigo. Plena cooperação entre a natureza e a construção.



de vista, concretamente falando, as melhorias necessárias. Da competição entre os distritos, surgiria uma afirmação da cooperação dos moradores internamente e em consequência um novo espírito informaria cada local — poderia haver então inspirações de melhoria dos padrões de recreio e cultura, bibliotecas, pequenos conjuntos musicais, teatros.

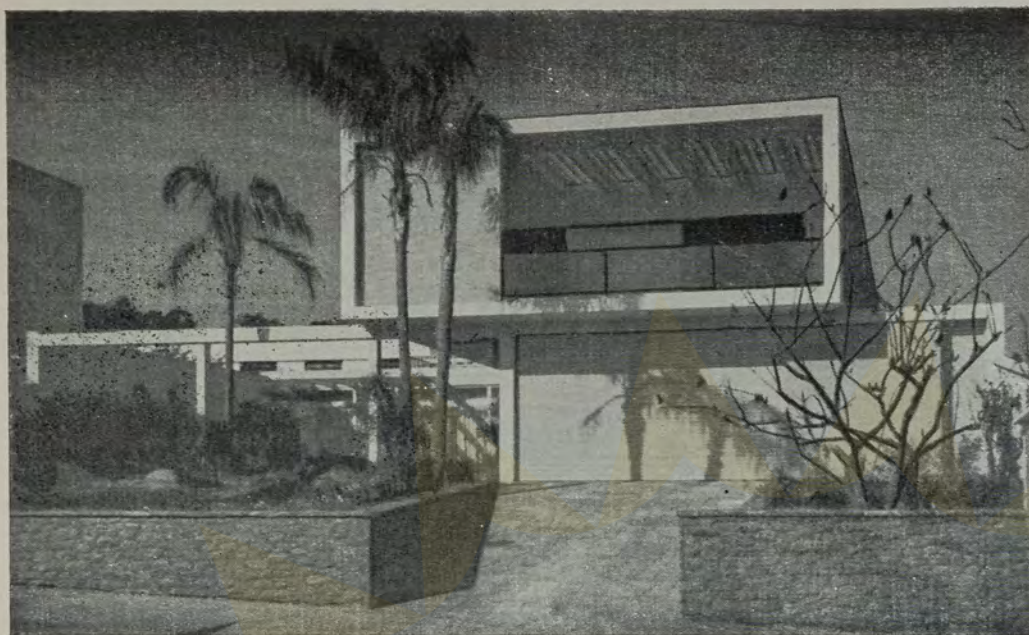
O zoneamento é uma questão a resolver depois que houver a descentralização: penso que o urbanista segue atrás da necessidade da população prontificando-se a ordenar as áreas a construir. Dadas as necessidades emergentes um urbanismo dútil e inteligente, deve intervir estimulando a concorrência do progresso entre os distritos. Fixada pelo zoneamento a taxa de ocupação dos terrenos em relação aos locais de tra-

balho, fábricas e oficinas, o predomínio dos espaços verdes deve constituir uma preocupação orientadora. O gabarito fixo de cada rua e a noção indispensável de respeito aos vizinhos, tanto na composição arquitetônica das massas como nas próprias condições de vida coletiva e de vida individual das unidades, completam o quadro imediato e prático. É claro que haverá necessidade de se escolher locais adequados para escolas e hospitais, em que ruídos e poeira não causem perturbações.

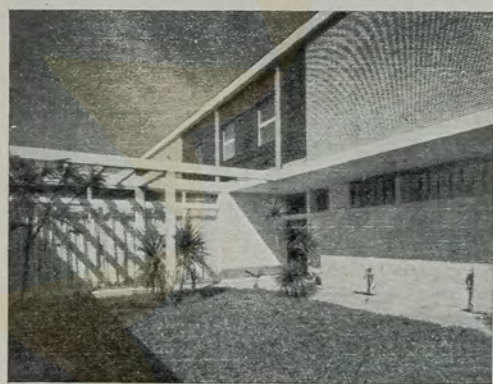
O gabarito fixo resulta em composição escultórica da cidade — o livre arbítrio desborda para a anarquia dessa paisagem. A construção vertical, de que não temos necessidade, surge em alguns casos da cidade moderna, mas não é nessa desordem que caracteriza São Paulo. Nova York não é o que se diz mas um conjunto imponente de arra-

nha-céus centrais em blocos que dão magnitude arquitetônica e visualmente escultórica à cidade; do centro de Chicago pode-se dizer outro tanto. Em ambos os casos, porém, a partir daí, o gabarito ganha uniformidade e a linha horizontal não sofre altos e baixos de abusos nítidos de arranha-céus esmagando residências baixas e lhes retirando toda a luz e todo o ar.

Desejaria, antes de concluir, citar o caso relevante da distribuição urbana de Buenos Aires, que sendo uma cidade populosa e grande, não deslizou para a anarquia da sua paisagem construída: os gabaritos bem proporcionados e tráfego ordenado tornam a capital Argentina um caso a ser estudado pelos que preconizam a liberdade de construir verticalmente, em qualquer ponto do perímetro urbano.



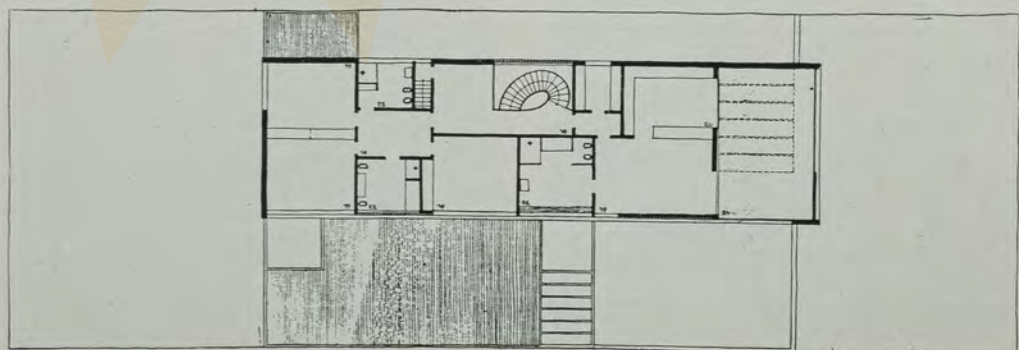
Aspecto lateral: a colocação dos tijolos nus empresta ótimamente uma decoração à parede, que entretanto, não tem decoração alguma.

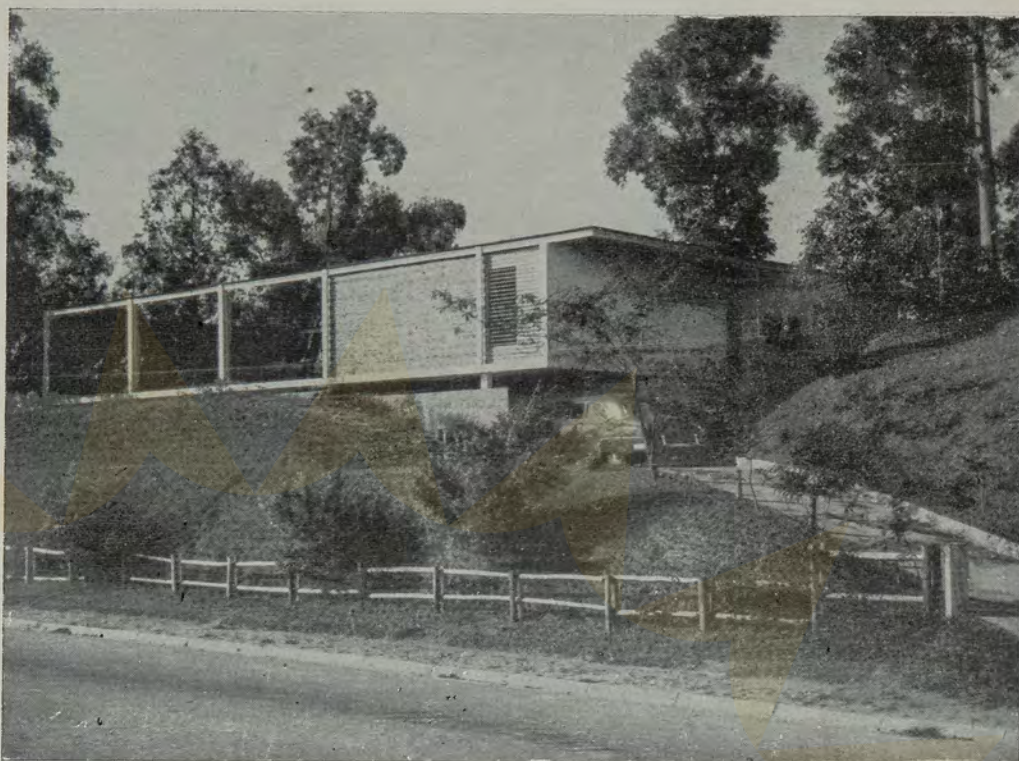


Belo ângulo em que se encontram várias linhas da casa Adel Azem.

A residência Adel Azem é uma das boas "reussites" de Bratke: responde à pureza da planta as linhas harmonizadoras de um conjunto admiravelmente bem traçado. Os materiais são empregados diretamente: nenhum revestimento na grande parede de tijolo, na pedra, no cimento. Tôda a ênfase é dada à colocação da garagem.

- 1 Hall
- 2 Sala de estar
- 3 Sala de jantar
- 4 Jardim de inverno
- 5 Bar
- 6 Terraço
- 7 Adega e despensa
- 8 Copa
- 9 Cozinha
- 10 Lavanderia
- 11 Pátio de serviço
- 12 Hall de serviço
- 13 Sala de Almoço
- 14 Toilet
- 15 Quarto de criada
- 16 Banheiro de criada
- 17 Garagem
- 18 Hall
- 19 Dormitório
- 20 Vestiário
- 21 Terraço
- 22 Banheiro



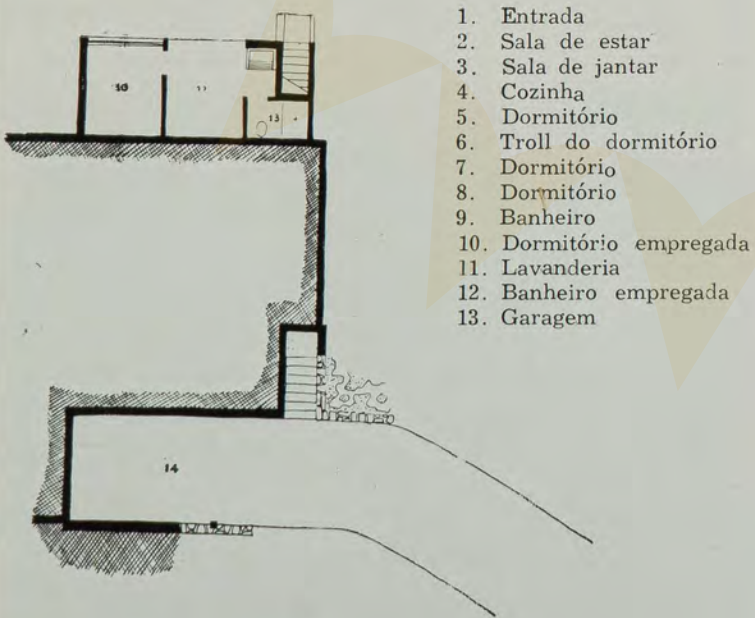


RESIDÊNCIA A. JOLY — 1955.

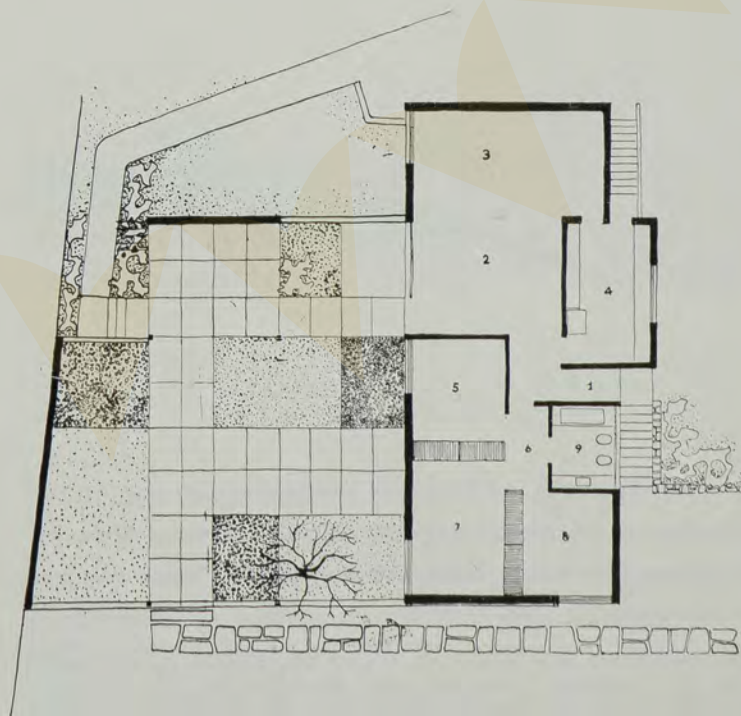


Aspecto do pátio interno, trabalhado em espaços retilíneos. Excelente aproveitamento em toda a organização.

A elevação foi aproveitada pelo arquiteto para situar a casa no alto e aproveitar os declives, num lado para garagem, noutro para as instalações do pessoal. Ao centro a casa não tem porão. A planta térrea informa bem a organização dada. Foi, pois, estabelecida a residência no alto da crista. Algumas experiências foram possíveis além dessa localização com que se planificou o terreno. O telhado é de lâ vegetal, eraclite, com feltro asfáltico. O tipo econômico do quebrassol foi escolhido no sentido da segurança. O pátio é trabalhado com areias e relva, tornando-se decorativa a sua divisão.



1. Entrada
2. Sala de estar
3. Sala de jantar
4. Cozinha
5. Dormitório
6. Troll do dormitório
7. Dormitório
8. Dormitório
9. Banheiro
10. Dormitório empregada
11. Lavanderia
12. Banheiro empregada
13. Garagem



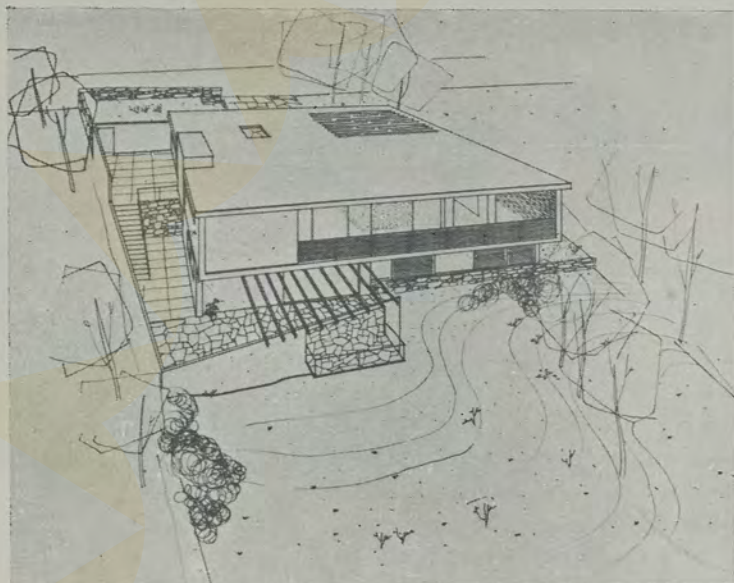
Planta.

Planta térrea, com discriminação dos dois apoios laterais organizados na declividade.



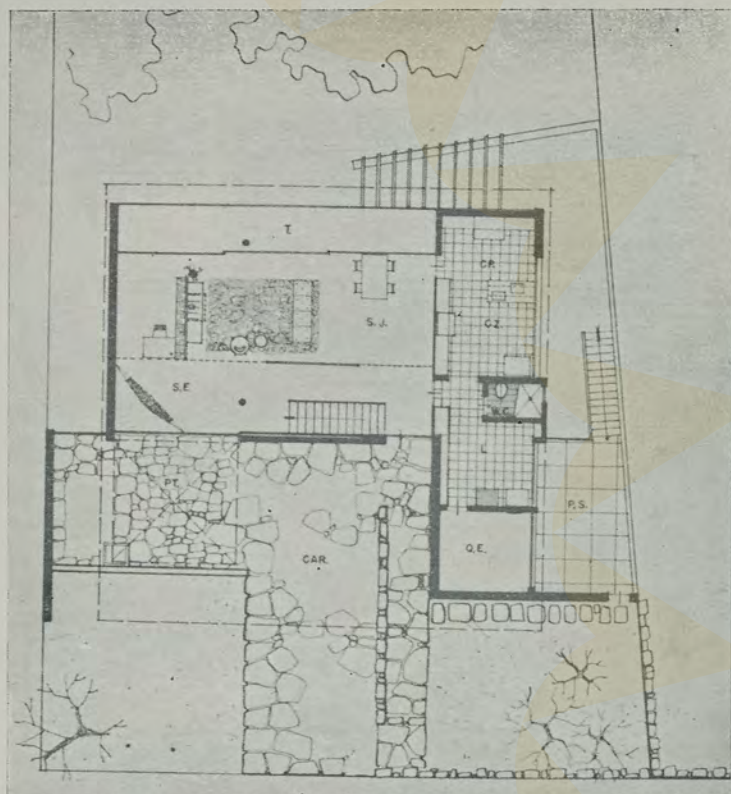
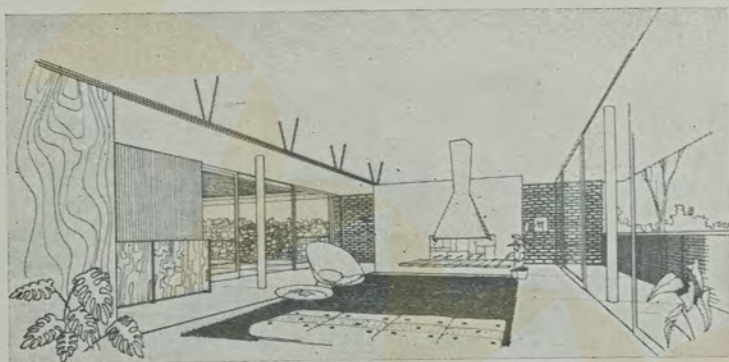
Perspectiva da frente para a rua.

RESIDÊNCIA ARTURO PROFILI

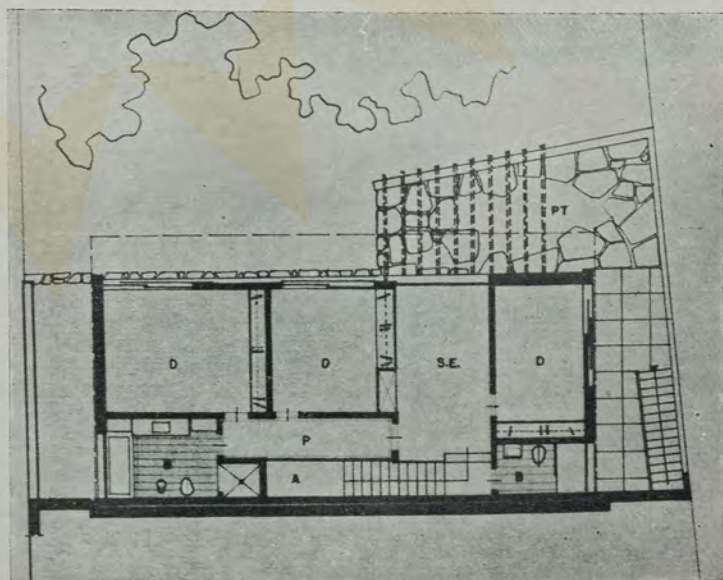


Perspectiva geral de trás.

O grande salão dividido em duas salas.



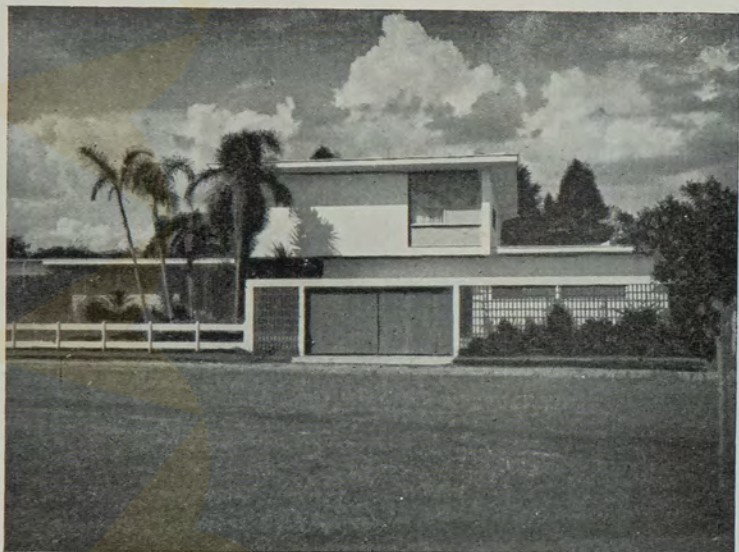
S E	Sala de estar
S J	Sala de jantar
T.	Terraço
CP.	Copa
CZ	Cozinha
L	Lavanderia
P.S.	Pátio de serviço
P	Pátio
Q.E.	Quarto de empregada
CAR.	Carport
D	Dormitório
S E	Sala de estar
B	Banheiro
P	Passagem
A	Armário
PT	Pátio



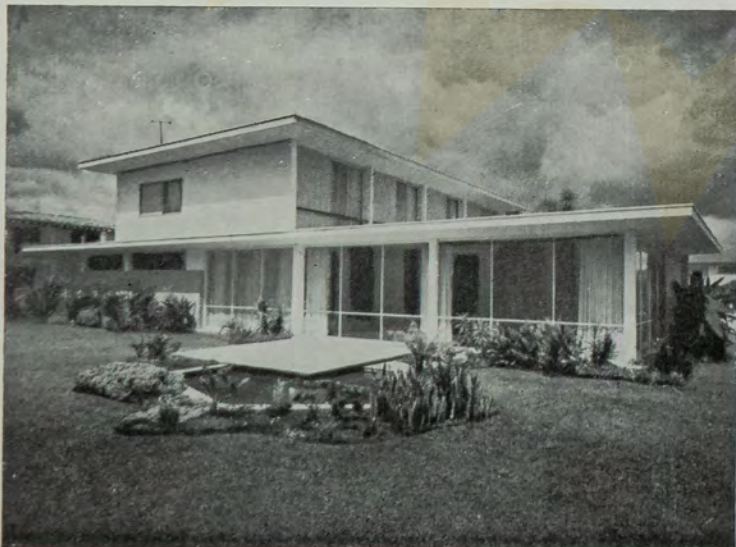
A residência Profili, no Morumbí, foi projetada no alto de uma elevação. Da rua que lhe passa pela frente é térrea e baixa, horizontalmente estendida. Colocada a cavaleiro, ela possui uma paisagem tôda pela parte de trás. Essa parte é colocada sôbre a área construída no declive. A leitura das plantas informa sôbre as preferências dadas pelo arquiteto à distribuição dos espaços da habitação que se encontra em final de construção.



RESIDÊNCIA PIERRE LOEB, 1955.

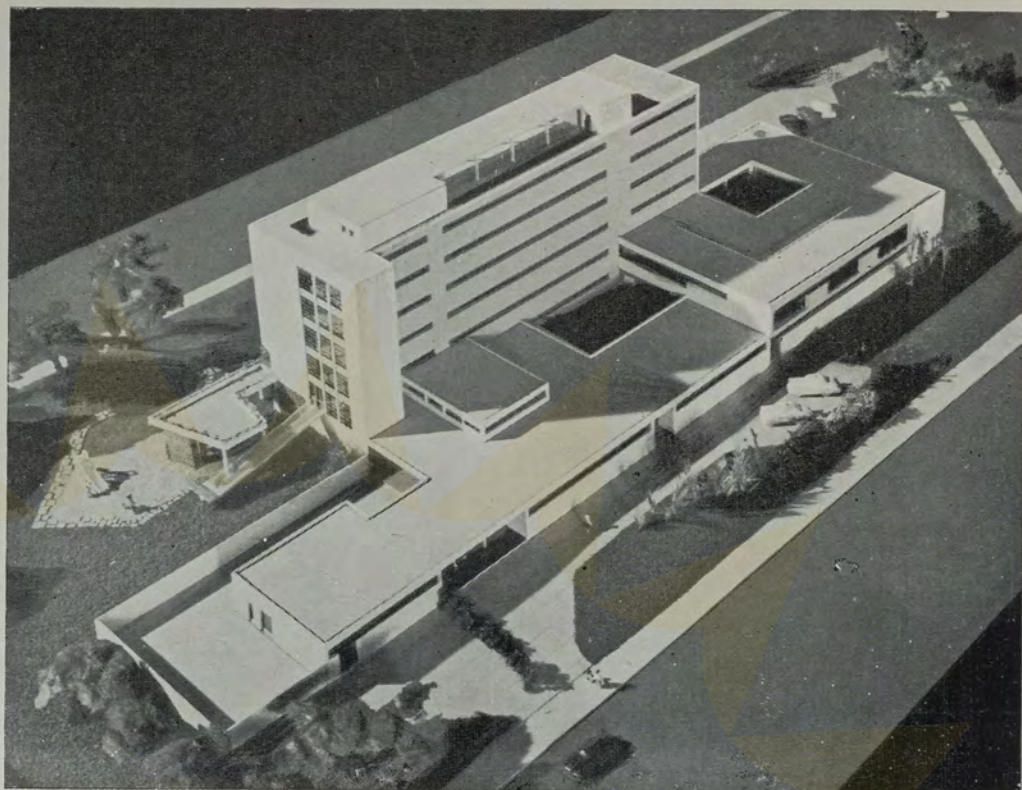


Aspecto lateral da residência e parte do jardim. Aqui há uma vibrante comunicação entre a organicidade interna e o espaço interno.

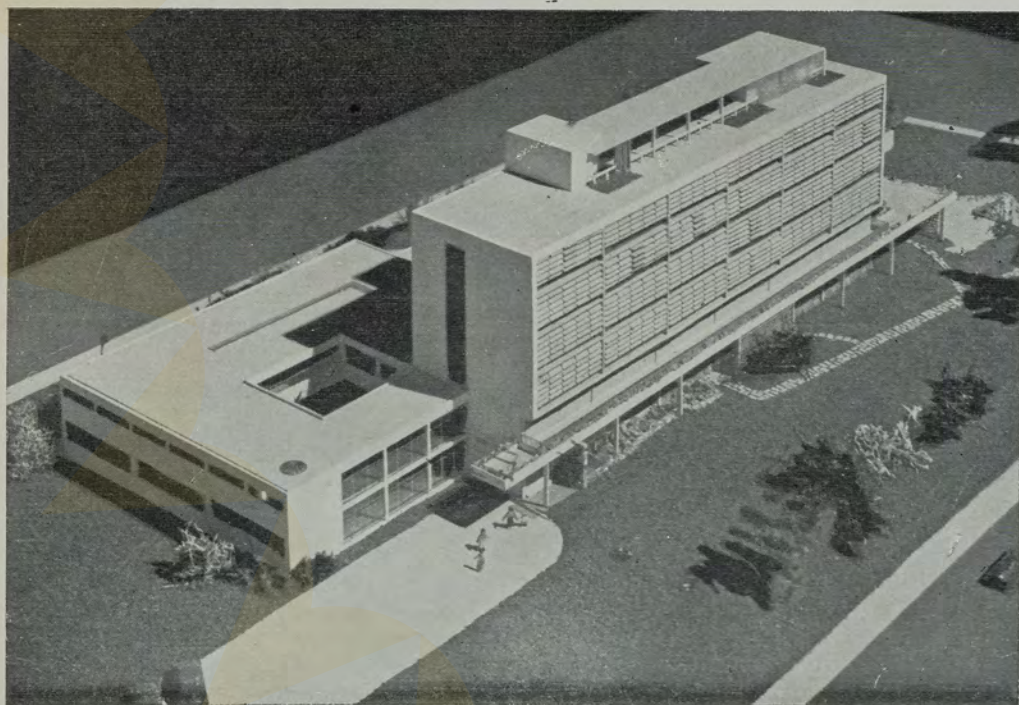


Um desenho abstrato se desprende de todo o conjunto em que se acusam todos os componentes internos, numa limpeza de organização que abrange todos os planos, enquadrando os volumes.

Os três aspectos da residência Pierre Loeb, que ilustram esta página, dão uma idéia bastante de como foi trabalhada a organização deste amplo espaço destinado à habitação. Domina o enquadramento desta residência ensolarada a linha ampla dos beirais aqui aplicados, já agora na confirmação prática da reflexão amadurecida. As linhas correm com pequenas inclinações, não deixando de dar uma impressão de tranquilidade mesmo quando se acusa a sua declividade dinâmica.



Maquetes do Hospital Infantil do Morumbi em fase final de construção. Um planejamento amplo, arduamente resolvido dentro da nova técnica do hospital. Bratke nele realiza um dos seus projetos mais estudados.



Hospital Infantil Morumbi, em fase final de construção

A arquitetura de hospitais encontrou no meio arquitetônico paulista uma grande receptividade: o problema era resolvido da maneira mais empírica. Nos últimos anos, alguns arquitetos e médicos puseram em relêvo a sua característica toda peculiar. Arquitetura funcional, tem sido expressa em alguns projetos realmente notáveis, merecendo relêvo mundial as soluções oferecidas pela arquitetura paulista de hospitais. Nesse sentido, a planta estudada para o Hospital Infantil do Morumbi irá constituir uma boa exemplificação da técnica racionalizadora de edifícios para hospitais. Ainda este ano o Hospital planejado por Bratke estará acabado.

Fachada principal.

Edifício do Banco de Colômbia, em Cali

Projeto: arqs. Fernando Borrero, Alfredo Zamorano e Renato Giovannelli

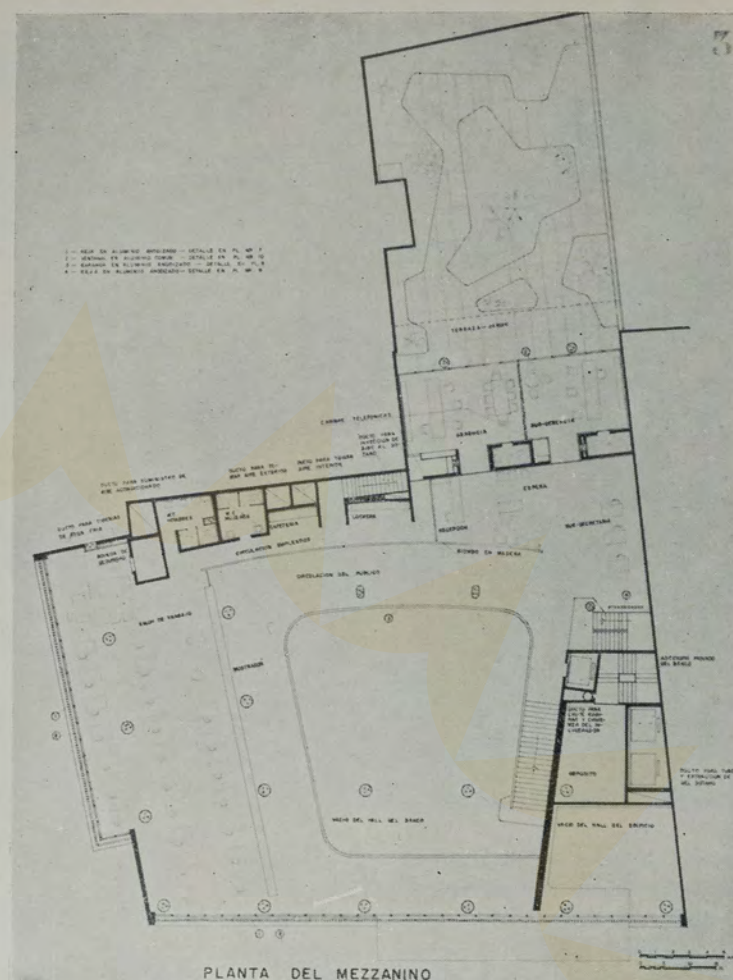
Inscribe-se o Banco de Colômbia, do projeto dos arquitetos Borrero, Zamorano e Giovannelli, entre os que melhor resolvem, na nova arquitetura que se busca nos países latino-americanos, a coexistência de uma formulação adequada e plásticamente defensável, e as exigências do funcionalismo. No caso deste edifício, uma dupla finalidade estava em vista: as instalações do Banco de Colômbia, por um lado e uma parte de escritórios, nos andares superiores, por outra. Tinha-se, dessa maneira, de solucionar uma duplicidade de ligações independentes, ao mesmo tempo, com a rua, para o público que se dirige ao Banco, e outra série de ligações com aquela parte dos usuários, que nada tinham a ver com o Banco, mas cujas

relações se tornavam, porventura, mais numerosas e mais ativas, por todo o edifício. Naturalmente, não é a primeira vez que tal problema se coloca. A maneira de solucioná-lo, entretanto, foi interessante, sob vários aspectos, e é por isto que o projeto dos arquitetos de Cali destaca-se no quadro das novas edificações sul-americanas. Se é verdade que a boa arquitetura é ainda parte tão mínima em nossas normas de vida, é certo que esta obra se apresenta entre as que melhores se configuram, num plano de alto nível artístico e técnico. Tratado em todos os seus aspectos visíveis, a separação das duas funções do edifício foi feita de maneira por assim dizer completa. Nada de inter-relações, nem mesmo arquitetônicas.

Passando aos andares superiores, em que o aproveitamento da construção se dirige ao interesse de usuários que aproveitam um edifício moderno e a sua referência tão significativa na vida da Colômbia, os arquitetos passaram também a considerar aspectos outros que a funcionalidade, e uma ambientação arquitetônica-decorativa se inseriu entre as preocupações dos técnicos. Uma exteriorização bonita, nos diversos planos, foi assim obtida, não apenas com rigor lógico, mas com possibilidades decorativas muito acentuadas, na superposição de linhas verdejantes à borda das longas sacadas, harmoniosamente dispostas. Os andares superiores se levantam sem excessos de altura, sobre o corpo do edifício bancário, até o alto em

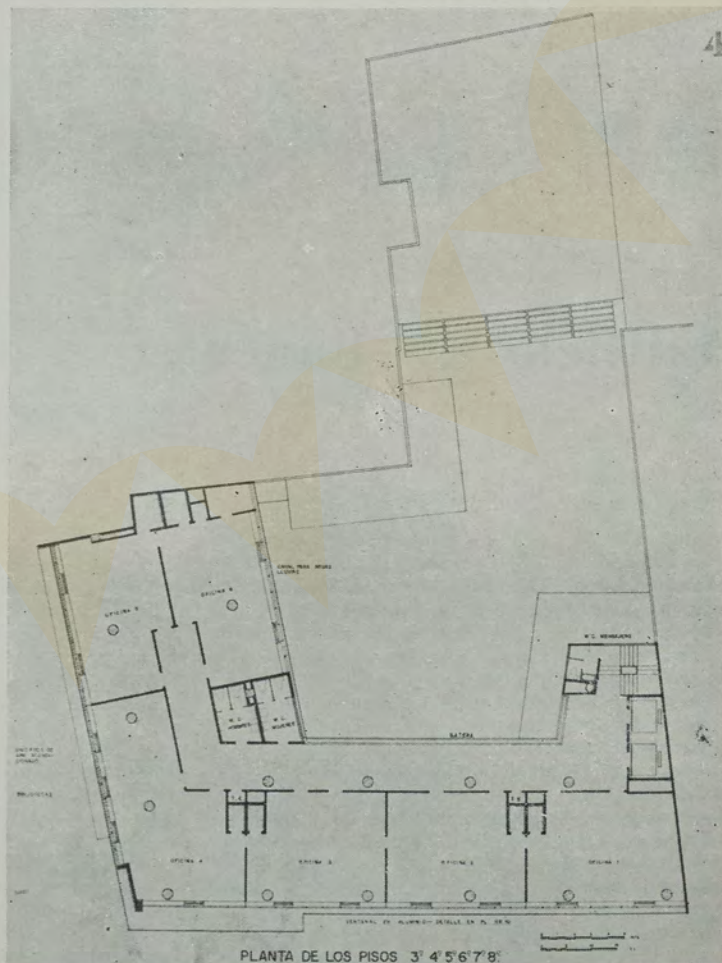


Planta do primeiro andar.

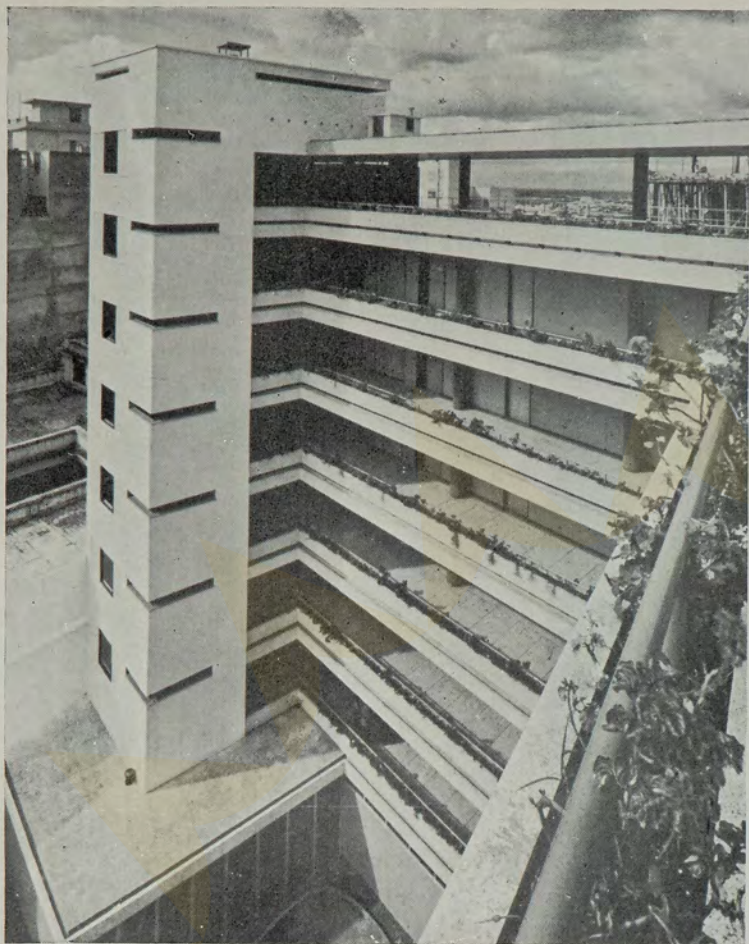


Planta do Mazzanino.

Planta dos 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º andares.



que um coroamento da obra é colocado no terraço do último andar, numa conjugação inteligente de formas de cimento e jardim. Sem buscar o exagero de certos arranços estéticos, a obra, em que se conciliam como elementos principais o cimento, o vidro e o alumínio, impõe-se pelo seu equilíbrio de volumes, duas soluções de sombra e iluminação, sua elegante base sóbriamente imposta, não obstante a imediata comunicação com a via pública, no alinhamento dos passeios, como se pode verificar. Sob todos esses aspectos, o projeto que apresentamos nestas páginas firma a sua importante contribuição, na arquitetura colombiana, que está surgindo, com características bastante pessoais.



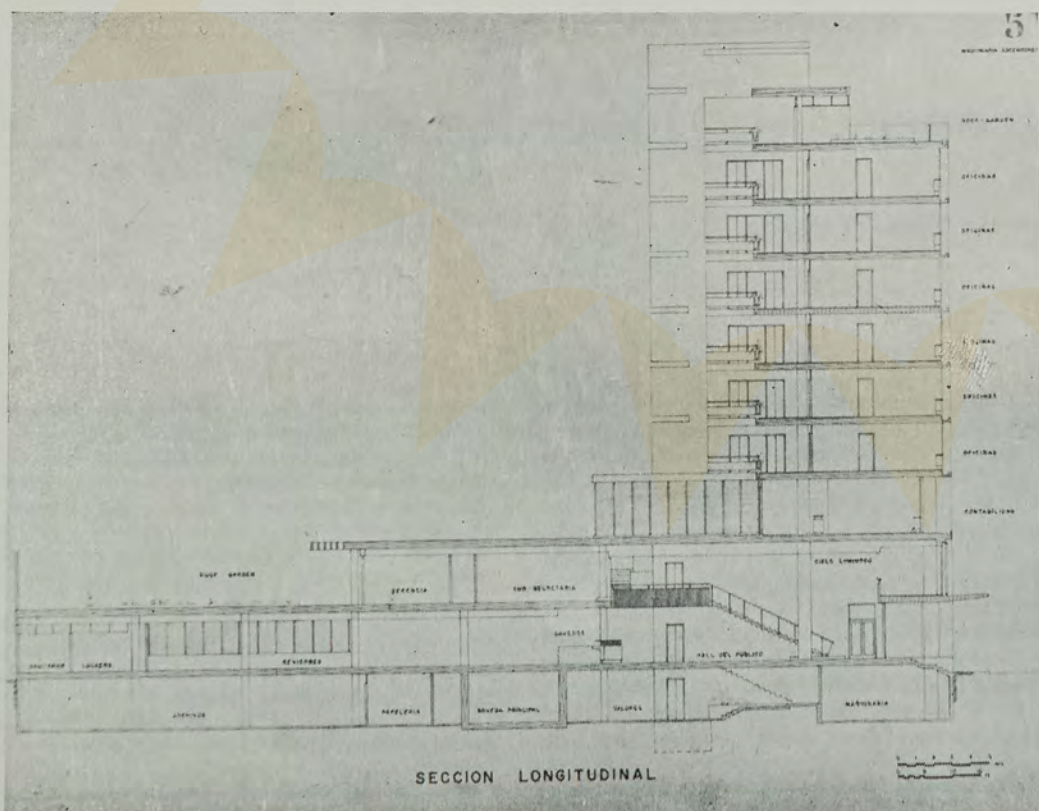
Fachadas interiores.



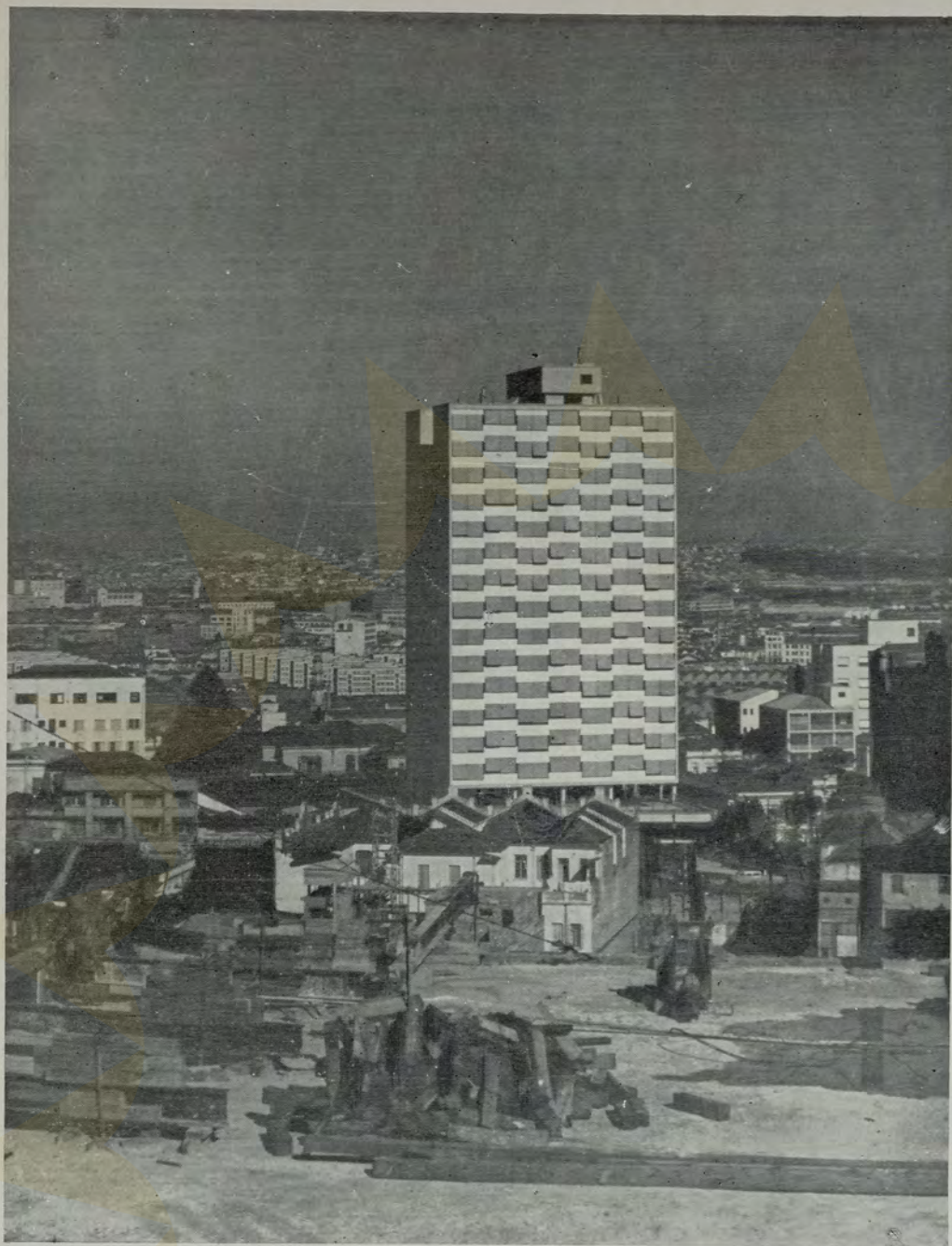
Terraço do último andar.



Salão Principal.



Corte longitudinal.



Um edifício pioneiro, moderno, em sua límpida plasticidade, no panorama urbano, antiquado, de um bairro onde a densidade demográfica é ainda baixa.

Edifício de apartamentos, na Liberdade

Projeto: arq. Rino Levi. Colaboração: arq. Roberto Cerqueira Cezar

O projeto para edifício de apartamentos, de propriedade da Cia. Seguradora Paulista, foi estudado no ano de 1948, para o bairro da Liberdade, em São Paulo, e a construção foi terminada neste ano.

Destinando-se a um aproveitamento todo de moradias, com as áreas inferiores aproveitadas para a instalação de serviços comerciais, dependentes ou independentes do todo, o conjunto que surge na base de um bairro em que não existe ainda densidade maior de população, pois se trata de uma área menos visada pela especulação imobiliária, foi distribuído em dezoito pavimentos, num complexo que merece discriminada exposição, como se segue:

1.º pavimento, em sub-solo, acessível da rua por uma rampa junto a uma das divisas do

terreno. Além da entrada de serviço e da garagem, que comunicam com os apartamentos dos andares elevados pelos ascensores, compreende um grande depósito guardamalas, caixa de água e as cabinas elétricas e de caldeiras.

2.º pavimento, já no nível da rua, aproveitado para a entrada principal do edifício que fica circundada de lojas comerciais, em espaços amplos, com uma concatenação bem estudada, em variadas conformações. Uma galeria pública dá acesso às lojas internas ali abrigadas, assim como ao conjunto dos elevadores.

3.º pavimento, ocupado por sobrelojas em comunicação com as lojas do andar inferior por meio de sistemas de escadas internas,

sendo as instalações sanitárias das lojas localizadas todas nesse andar.

4.º pavimento, terraço-jardim, em "pilotis", para uso das crianças moradoras nos apartamentos. Compreende um "play-ground", e, na parte coberta pelos andares superiores, um salão com grandes portas envidraçadas munidas de equipamento que permite fechá-las em corrediça.

Sobre essa armação de base, complexa, mas habilmente solucionada, os arquitetos colocaram quatorze pavimentos, cada qual com quatro apartamentos iguais.

No alto do edifício é prevista a torre para as máquinas dos elevadores e caixa da água.

O andar em "pilotis" destinado ao recreio das crianças, divide nitidamente o edifício

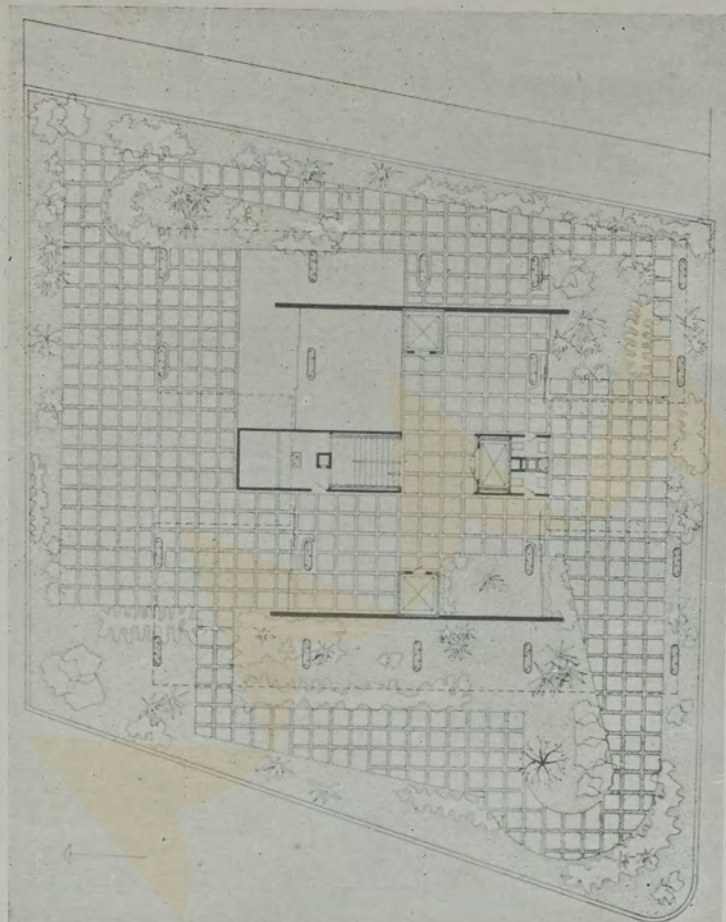
O aspecto peculiar dos parapeitos resulta da alternância de parapeitos-armários de 1,15 metros, e parapeitos-banco, com altura de 50 centímetros. O paramento externo dos parapeitos é feito com placas pré-moldadas de concreto armado.



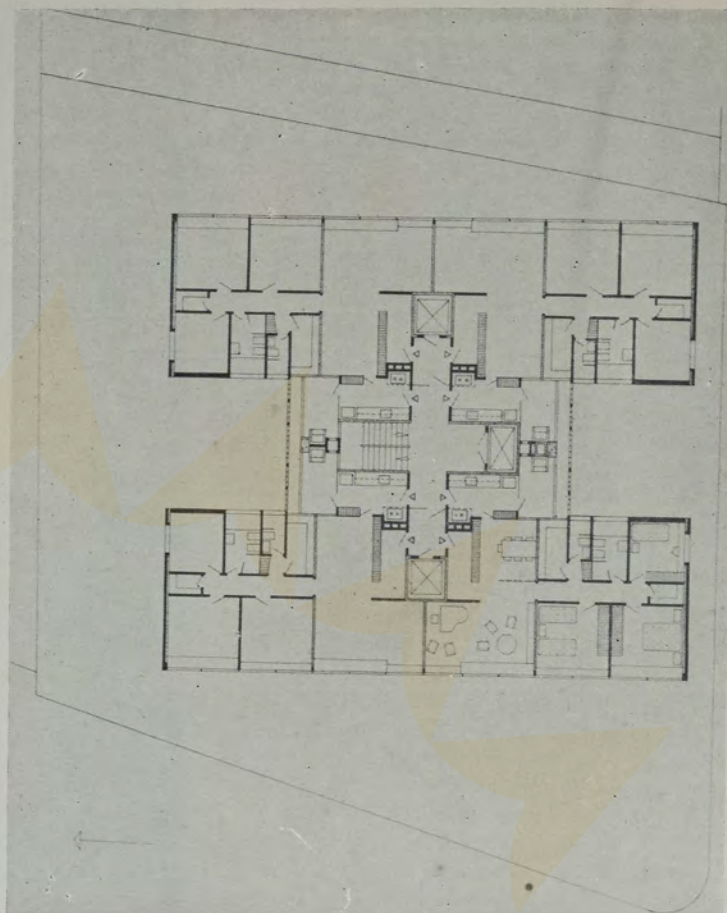
em duas partes: a inferior, compreendendo o sub-solo, rés-do-chão e sobreloja, e a superior, os andares de apartamentos. O arranjo dos dois andares reservados ao comércio permite fácil conjugação de duas ou mais unidades de lojas e sobrelojas, com grande variedade de combinações. A planta dos andares elevados, em forma de H, é livre em relação ao terreno. Cada apartamento possui três faces externas, de modo a garantir boa insolação e ventilação e evitar que um apartamento possa ser devassado por qualquer outro. No centro do H são localizados os elevadores, a escada e os cômodos de serviço. Nas faces mais insoladas são dispostas as salas-de-estar e os dormitórios.

O aspecto peculiar dos parapeitos nas duas fachadas maiores, resulta da alternância de parapeito-armário, com altura de 1,15 metros e parapeito-bancos, com altura de 50 centímetros. O paramento externo destes parapeitos é feito com placas pré-moldadas de concreto armado. Um painel vasado, de material cerâmico, reforçado com pequenas nervuras de concreto armado, em frente dos terraços de serviço, impede a vista externa da roupa, que frequentemente é estendida nestes terraços, sem prejuízo da ventilação e iluminação. A separação das circulações, principal e de serviço, foi conseguida pela disposição dos acessos externos em dois níveis, junto à rua, e pela disposição dada aos halls principais

e de serviço, equipados por elevadores distintos, nos andares. Merece particular referência a estrutura de concreto armado. Os pilares habitualmente usados nos edifícios deste tipo, são substituídos, nos andares de apartamentos, por paredes de concreto armado, de 12 cms. de espessura. Estas paredes se transformam, nos andares inferiores, em colunas redondas. A concordância é feita numa altura de cerca de 10 metros, abrangendo o andar em "pilotis", a sobreloja e a loja. Assim, sem recorrer a estruturas especiais, foi possível reduzir o número de pilares nos dois andares destinados ao comércio e sub-solo, no qual pôde ser disposta uma garage, com toda a facilidade para manobra dos automóveis.

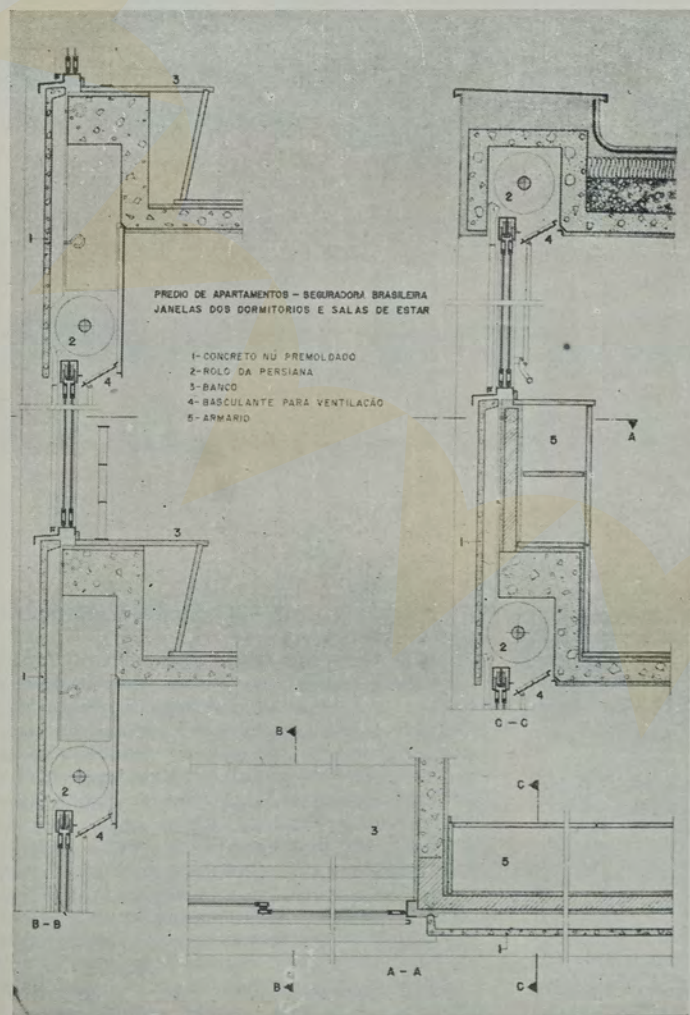


Planta dos apartamentos do 5.º ao 18.º andar.



Planta do Terraço-Jardim para crianças, no 4.º andar.

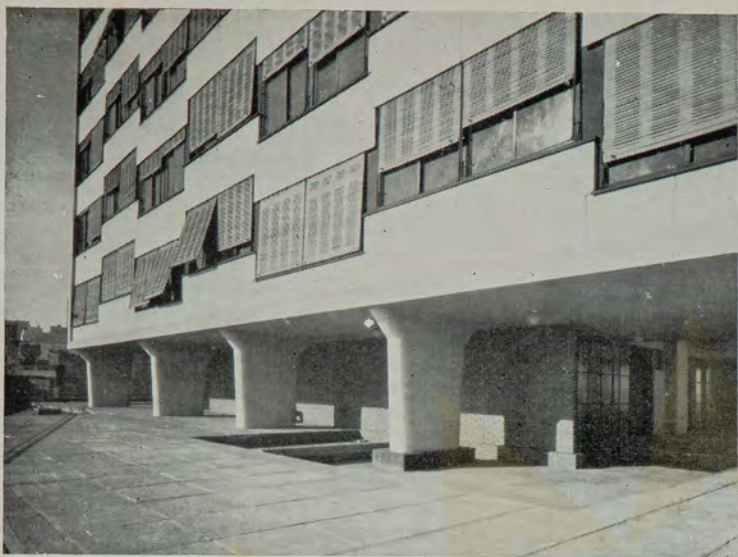
Janelas dos dormitórios e salas de estar.



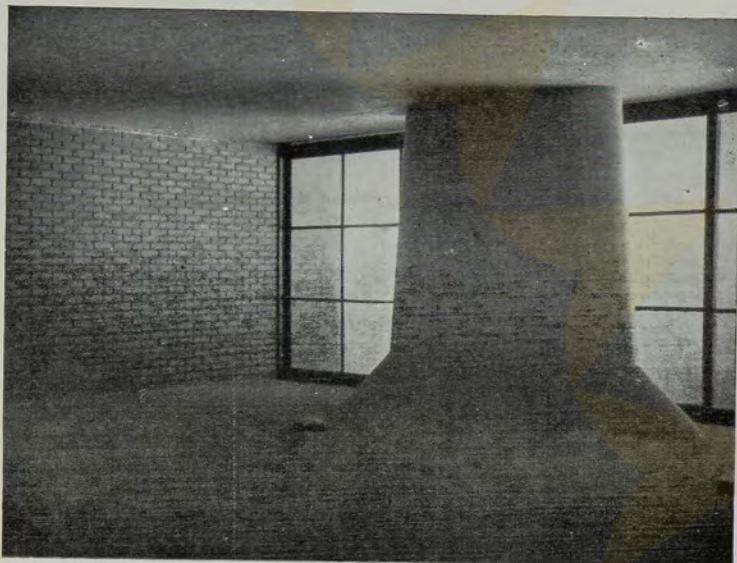
A necessária inserção da área de recreio, no complexo do edifício, situado fora da ligação a trechos verdes, de fácil acesso, é uma condicionante, que está se impondo à atenção da arquitetura aplicada ao meio paulistano.

A solução da planta em H, que os arquitetos nitidamente estabeleceram na composição dos andares tipo, oferece, como tão claro se faz, vantagens de uma coabitação em que a intimidade fica resguardada ao mesmo tempo que as moradias se abrem à luz e ao ar.

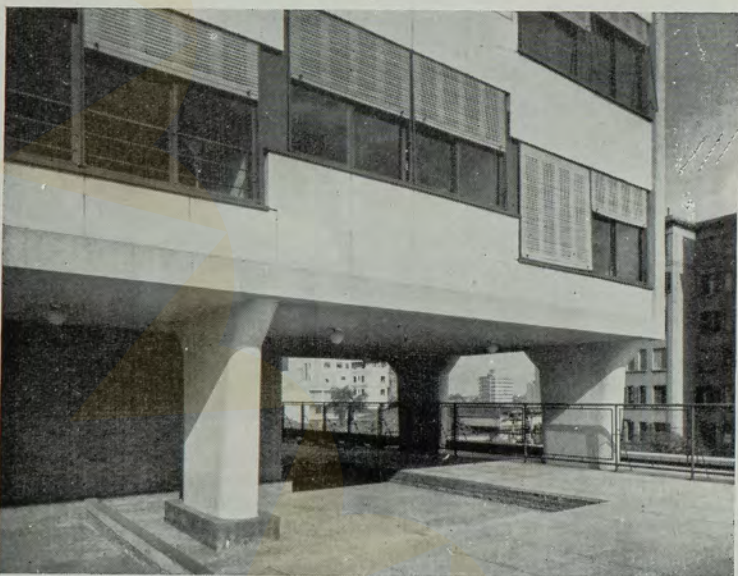
Êstes gráficos de funcionamento das aberturas esclarecem a participação do arquiteto nos pormenores com a atenção dedicada à parte mecânica ao mesmo tempo que a um módulo de projeção decorativa.



Terraço-Jardim, Entre a parte baixa do edifício, compreendendo dois andares destinados ao comércio, e a parte alta, destinada aos apartamentos, é previsto este andar em "pilotis", com jardim e "play-ground", para as crianças do prédio.



Coluna de concreto armado, no nível do terraço-jardim.



Terraço-Jardim.

O arquiteto Rino Levi resolveu neste edifício, admiravelmente, todos os problemas de uma eficiente impostação, em terreno de esquina, voltado para duas faces livres. Na paisagem urbana da capital paulista, esta realização lembra outra, de há vinte anos atrás (projeto de 1928), quando o jovem técnico iniciava a sua carreira, e se apresentava, pioneiro, com o edifício Columbus, noutro setor da cidade, em que era, também, o primeiro a inserir, no panorama de edificações antiquadas, um contraste moderno, sem qualquer desbordamento formalístico, de barroquismos coloniais, de arabescos plásticos, mas sólidamente construtiva, na utilização de qualquer elemento funcional como razão bastante a uma decoração sóbria. O edifício presente é uma inovação de textura quanto à sua apresentação das janelas reguladas, dos basculantes para ventilação. Êsses retângulos, sãbiamente dispostos, criam no entrecho da edificação, um decorativismo modulado, a que a côr de tonalidade baixa empresta uma eficiente harmonização. Nos demais elementos da construção, a mesma cuidada razão construtivista, comparece, em sólidas bases de pilotis, elegantemente dispostos, na relação direta das necessidades básicas da construção. — G. F.

As Escolas de Richard Neutra

Udo Kultermann, Bremen

Há mais de três décadas ocupava a Europa o lugar de liderança no campo da construção de escolas. Já então faziam-se sentir ali as consequências de uma evolução que visava a realização de um novo tipo de escola, uma escola que permitisse a entrada em torrentes da luz e do ar nas salas de aula.

Richard Neutra, um dos maiores pioneiros no campo da moderna construção de escolas, emigrou naquela época para os Estados Unidos e lá exerce suas atividades desde 1923. Como arquiteto personifica ele a grande tradição da escola vienense, que já em 1900 havia produzido construções notáveis. Neutra mudou-se para a América porque, segundo ele mesmo se exprimiu mais tarde, tinha a impressão de que lá a ampliação do seu mundo de idéias, "que tinha suas raízes no continente mais clássico, poderia, por assim dizer, resultar numa universalidade agora necessária".

Como teórico da arquitetura, Neutra quer que se considere essa matéria como fisiologia aplicada; a arquitetura — ou, como também diz Neutra: "o ambiente construído" — não deve ir de encontro às funções orgânicas da vida, mas deve ajudar a trazê-las a uma revelação completa. Em 1954 disse ele numa palestra em Darmstadt: "A definição e concepção fisiológica da comodidade, que hoje se pode basear em experiências

quantitativas, não teria constado na ordem do dia ao tempo do Palladio, mas tem progredido tanto que o projetista já não pode ignorar esse progresso. Hoje podemos, com novas bases e sempre com maior certeza, distinguir aquilo que realmente é falso no projeto. O falso é o discordante, o contrário à vida".

Do ponto de vista da natureza, diferenciam-se muito essas observações das de Mies van der Rohe e Le Corbusier, que descobriram novos caminhos fundamentais para todos os campos da arquitetura. O ponto de partida da idéia de Neutra não é, como para aqueles dois grandes expoentes da arquitetura do século XX, uma visão artística, imanente, daquilo que deve ser modelado, mas uma asserção, tirada das condições da vida humana, sobre os requisitos daquilo de que o homem precisa, em construção e instalações, para poder viver como ser humano. Como era de esperar-se, essas idéias finalmente foram dedicadas a uma tarefa que em 1923, por ocasião da vinda de Neutra para os Estados Unidos, estava à espera de ser executada: pois embora Neutra ainda hoje seja estimado sobretudo por suas luxuosas vilas na Califórnia, construções essas que para as condições climáticas do local e para as razões sociais dos que as encomendaram encontraram a solução apropriada, o verdadeiro feito de Neutra está nas suas

experiências e realizações no campo da construção de escolas. Sua ocupação intensiva com essas construções, até agora subestimadas em sua maioria, causou tal comoção na vida americana, que elevou a construção de escolas ao plano dos negócios nacionais e fez com que ela alcançasse um nível que nos outros países mal encontra possibilidades de comparação. É preciso notar que muitas das novas linhas de evolução na Europa, especialmente depois da segunda guerra mundial, não seriam concebíveis sem o estímulo decisivo da construção escolar americana, embora esta há três décadas fosse determinada pelos arquitetos europeus e ainda o seja pelo austríaco Richard Neutra. Através dos revolucionários trabalhos preliminares de Richard Neutra, a construção de escolas como exercício arquitetônico sofreu na América uma segunda transformação decisiva no século XX: da escola já aberta à luz, ao ar e à natureza circunstante dos últimos vinte anos formou-se a escola comunal, componente integrante da vida numa comunidade. As escolas do futuro não devem mais ser tão somente escolas para a geração em crescimento, mas centros espirituais de uma comunidade. Nelas não deve apenas ser ensinado o aluno, mas deve também poder continuar a instruir-se o especialista em sua profissão, a esteno-dactilógrafa em sua atividade, a dona de casa em



A sede do clube no parque de Eagle Rock é um centro para o recreio dos jovens e dos velhos. Por enquanto foi apenas iniciado o desenvolvimento do grande parque, onde será estabelecida a sede que dominará os vales e as colinas ao redor. As duas paredes laterais podem ser levantadas para permitir que um número muito maior de pessoas possa aproveitar do local numa noite de reunião social, expandindo as atividades para os terraços externos.

Durante os intervalos, praticamente, um único professor pode observar toda a área de recreio, as classes abertas, os corredores ou passagens cobertas, a sala destinada a vários usos no meio do pátio central, e a entrada dos sanitários.





Escola primária da Kester Avenue

Uma parede de tijolos protege as crianças. A classe se abre — através de uma grande porta de correr — para uma área de recreio, calçada. A luz filtra pelo lanternim de alumínio acima do vidro. Vêem-se ainda outras classes, para além da segunda parede de tijolos.



A parede de tijolo cinza-claro forma um recinto seguro para as atividades ao ar livre do jardim de infância. Um portão de madeira fecha a entrada principal.

puericultura e o homem de posses em astronomia, botânica e filosofia. A elas devem-se acrescentar atividades sociais, tais como representações teatrais, concertos, esportes e dança, e também conferências em geral, serões de conversação, reuniões e debates. A escola do futuro pode e deve voltar a ser o centro da vida espiritual de uma comunidade, como o foi em séculos passados. Assim, deve também a forma arquitetônica da nova escola corresponder a essas múltiplas e variáveis exigências e ser apta a conter em si os diferentes grupos.

Partindo do dilema apresentado por salas usadas apenas temporariamente e que podem sempre ser aproveitadas para outros fins, deve-se encontrar uma nova solução que seja conveniente para cada uma das variadas possibilidades e possa ao mesmo tempo combiná-las todas arquitetonicamente sob o denominador comum de um centro cultural.

Depois de sua emigração para a América, o austríaco Richard Neutra resolveu, em sua parte essencial, esse indubitavelmente não fácil problema. Através de suas idéias re-

volucionárias influencia êle decisivamente a arquitetura escolar americana.

No ano de 1923 já surgia o famoso projeto para a Manufactured Ring Plan School, com uma disposição em forma anular das salas de aula em torno de um pátio interno animado por um tanque de água. As salas, ao rés-do-chão, têm cada uma espaço livre, demarcado por pequena sebe, para o cultivo de um jardim. Assim, o ensino também é possível ao ar livre. Em suas observações sobre esse projeto já formulava Neutra em 1923 os seus seis pontos que encerram as condições para a construção de escolas:

- 1.) Independência da planta pará, de maneira adequada, dar forma ao tipo adaptado às condições variáveis.
- 2.) Independência de uma ordem fixa de assentos nas salas de aula a fim de possibilitar um agrupamento livre das crianças em torno do professor, que é parte do grupo e não deve estar colocado defronte o mesmo. A luz vinda de cima substitui a face de janela, que é parcial, e permite a liberdade à qual se aspira.
- 3.) Ampla mas sempre controlada decen-

tralização dos materiais de ensino, bibliotecas, lavatórios e acessórios, de modo a conferir a cada aposento a própria atmosfera de ensino, ligada ao estudo ativo de determinada disciplina.

4.) Cada sala de aula com a possibilidade de expansão das atividades de ensino para o ar livre; daí, a construção plana, com espaços descobertos para cada classe, em disposição anular.

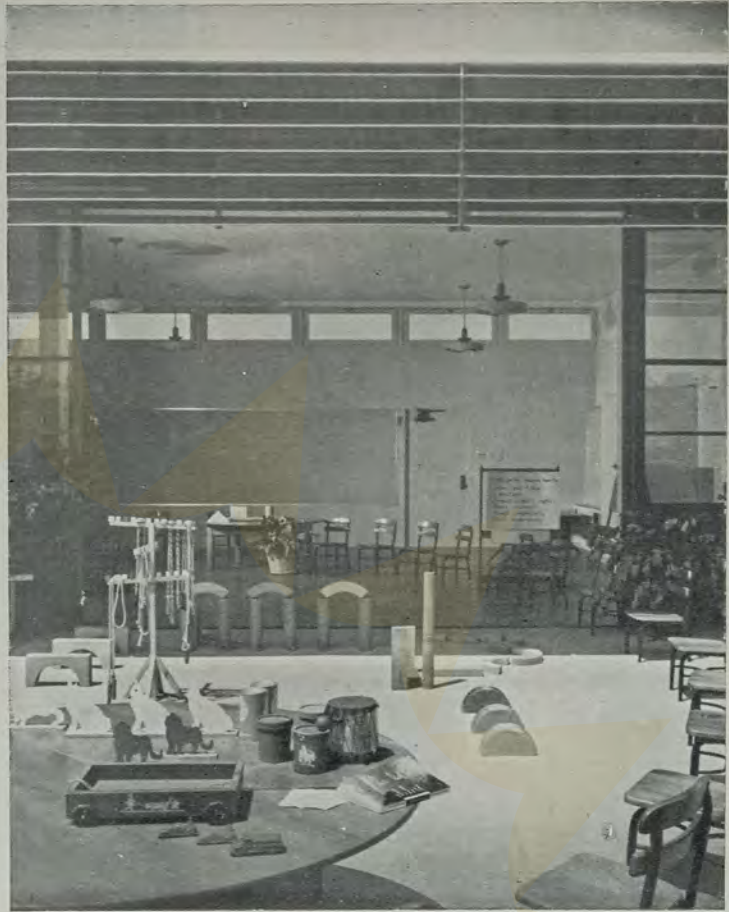
5.) Por princípio, em vez do uso do ônibus escolar, caminhos escolares adaptados às crianças, para reduzir os acidentes de trânsito e aumentar a segurança. Por essa razão, a localização ideal para a escola elementar é na faixa verde do distrito residencial, fora do centro comercial.

Emprêgo do melhor e mais apropriado material à venda tanto para a construção como para o acabamento externo, equipamento e instalações.

Resumo: enquanto as despesas para as vantagens enumeradas, em prédios de escola elementar planejados separadamente, se apresentam como custo preventivo, é favorecido



Local para as refeições e passagem coberta das classes. O ripado acima das janelas-clerestório protege da forte luz meridional.



Durante muitos anos R. J. Neutra tem sustentado a idéia de que as áreas educacionais internas e aquelas seguras ao ar livre deveriam ser amplamente combinadas, sempre que o clima e o tempo o permitir, e o treinamento de uma atividade se beneficiar disto. Essas soluções, praticadas na Califórnia do Sul e em Porto Rico, despertaram — localmente — o interesse dos educadores, bem como dos arquitetos de vários países, mesmo de clima muito menos favorável.

o financiamento da construção escolar caracterizada por planejamento abertamente controlado e execução com unidades pré-fabricadas.

Esses fundamentos continuam aplicáveis à escola moderna até hoje, embora nem sempre possam ser postos em prática.

Até hoje não foi executado o Ring Plan de 1923. Essa solução, ousada ainda em nossos dias, tem indubitavelmente perturbado tanto a maioria das autoridades escolares e pedagogos que não pôde resultar em uma construção. Entretanto, como acontece frequentemente, não deve o projeto ser classificado como utópico. Ele oferece, sem dúvida nenhuma, possibilidades de realização e ainda hoje, pela disposição das salas de aula, do giratório e dos escritórios, supera numerosas construções escolares modernas do mundo inteiro.

Embora Neutra mais tarde se tenha afastado de algumas idéias desse projeto e tenha chegado parcialmente a concepções opostas, certamente foram aplicados e completados em suas construções escolares posteriores os princípios básicos essenciais. Suas escolas em San Francisco, Los Angeles, Bell, Porto Rico e Guam, climatêricamente quase todas em situação especialmente favorável, vivem essencialmente da dupla função da classe como local interno e externo.

Especialmente a sua Corona Avenue Elementary School em Bell, subúrbio de Los Angeles, chamou no ano de seu término (1935) a atenção geral. Enquanto que o público considerava a nova escola como uma combinação de "drive-in-market", "airplane-hangar", "penthouse" em Marte, dizia Neutra então: "Agora o professor tornou-se membro de um grupo ativo, e trabalha livremente na sala de aula toda, constrói, costura, colore e maneja todos os materiais e

utensílios juntamente com as crianças... A situação toda é interessante e estimulante, mantendo desperto o interesse da criança, de modo que o problema da disciplina é consideravelmente afastado.

Diferente do Ring Plan é a disposição das salas de aula na Corona Avenue School de Bell e também na maioria das escolas posteriores de Neutra não são mais as salas dispostas circularmente em torno de um pátio interno, mas alinhadas uma ao lado da outra. Permanece igual, entretanto, a iluminação e aeração bilateral e, sobretudo, a abertura de uma das paredes com adaptação de vidraça, comunicando a sala com o jardim e ampliando estruturalmente as possibilidades de ensino.

O ensino ao ar livre é uma das grandes descobertas que, após as formas pioneiras das escolas inglesas e, paralelamente, as realizações contemporâneas da Alemanha (May) e França (Beaudouin e Lods), se tem difundido cada vez mais pelo mundo, especialmente graças às escolas de Neutra. A tarefa do presente e do futuro será unir essa nova concepção de uma escola ao ar livre ao objetivo da escola comunal para jovens e adultos.

Um passo importante no sentido da realização dessa síntese é a Eagle Rock Playground Club House em Los Angeles, que Neutra terminou em 1953. No meio de um parque de colinas e vales transformou-se essa construção num verdadeiro centro comunal para adolescentes e adultos.

No ano de 1944 Neutra ainda uma vez deu expressão às suas exigências para a nova construção escolar:

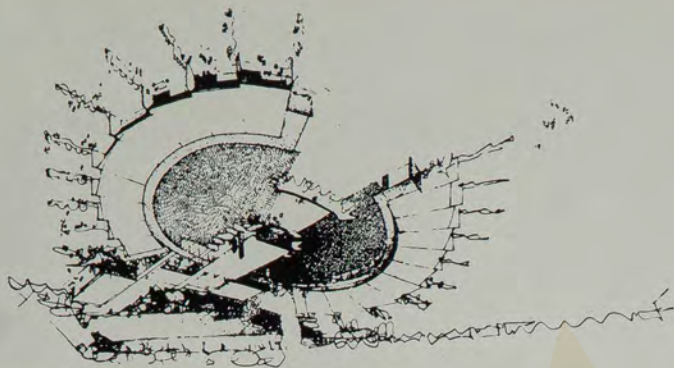
"Mais espaço, mais luz dispersa e, se necessário, luz proveniente de vários lados; menos contaminação do ar devida a econo-

mia na construção. Menos aposentos fechados e maior expansão para fora.

Objetivos acústicos: o maior silêncio obtido pela proteção contra ruídos e perfeito controle do eco, para dar ao som a articulação desejada assim como também a palavra falada e ao som reproduzido mecanicamente. Objetivos visuais não só com relação à posição de um objeto isolado, mas também com relação ao desenvolvimento espiritual das crianças, o que se deve alcançar por meio de clareza, simplicidade e sensibilidade do projeto arquitetônico, das salas, dos detalhes de iluminação e da distribuição das côres, de tudo o que no futuro determinará o ambiente diário da criança.

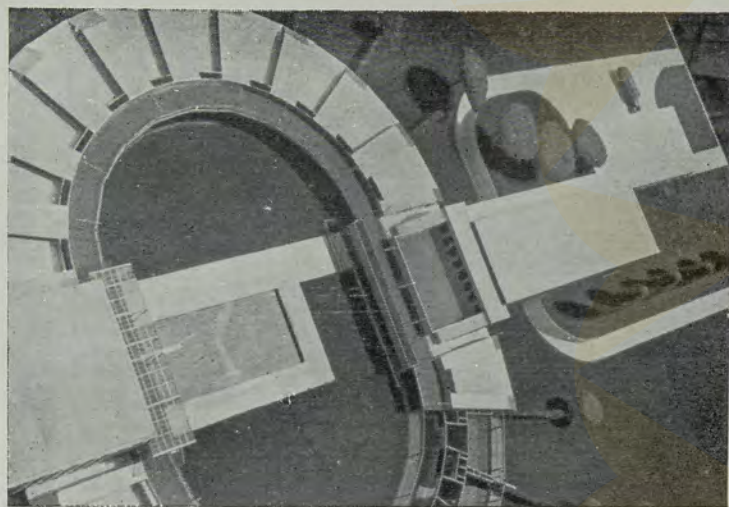
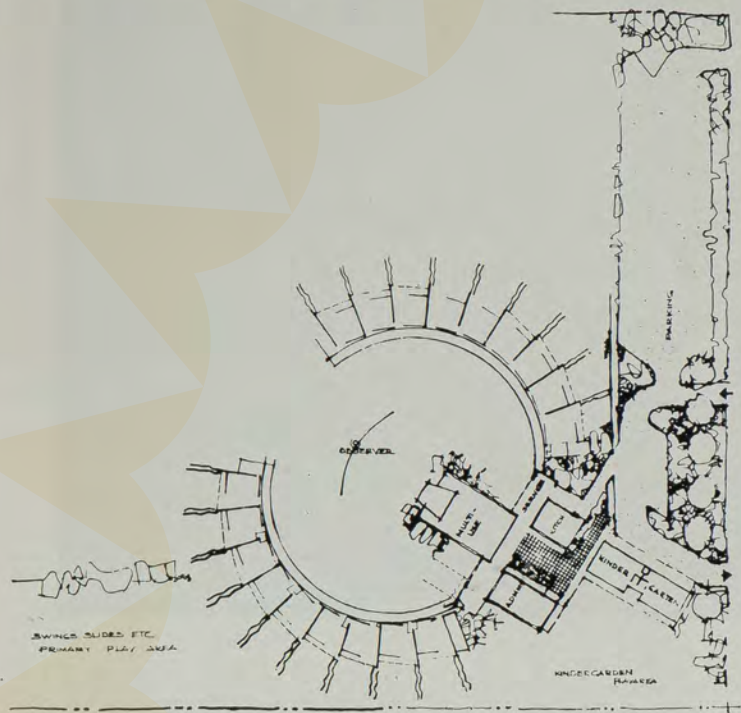
Até mesmo o odor peculiar a cada classe deve ser considerado pelo arquiteto. As exalações não devem ser motivo contínuo de transtorno. Os materiais superficiais com a tendência de absorver, armazenar e emitir novamente esses odores devem ser evitados. A ordem e o asseio devem caracterizar cada objeto usado. A estrutura superficial deve ser de tal qualidade que a manutenção da limpeza seja um prazer para a criança. A medida do todo e das suas partes não deve ser crua e estranha para a criança em suas diferentes idades. Um dia, a sempre presente influência do meio físico há de ser considerada em si mesma como um fator educativo de primeira ordem, e por isso o lugar de ensino, bem como aquele para fins especiais, os pátios abertos, os campos de jogos e ante-salas tomam um significativo importante. São os componentes de uma ordem ligada à educação e sobre essa base o entrosamento da planta deve ser completo e nela devem-se evitar as falhas e contradições."

(*) — Mercado com entrada de carro, hangar para aviões e galpão.



Escola meridional Garden Grove Califórnia.

Planta térrea. A idéia de uma escola de planta circular, com corredores de comunicação mais curtos e classes que irradiam para pátios educacionais ao ar livre, tem ocupado Neutra por mais de um terço de século. Atualmente a firma dêle, Neutra & Alexander, estuda um projeto dêsse tipo para Garden Grove, na Califórnia.



Fotos: Julius Shulman, Los Angeles, Cal.

Escola em planta circular, construída por Richard Neutra, em 1925

Os edifícios escolares, a par de livros escolares, não deveriam depender dos projetos arbitrários de agentes locais; deveriam, outrossim, ser estudados por um grupo de educadores, arquitetos, engenheiros e urbanistas avançados.

O edifício escolar, produzido em série para as comunidades, será não só de custo consideravelmente mais baixo, devendo personificar também, em alto grau, as seguintes:

- 1) Orientação independente, a fim de que possa se adaptar as mais variadas condições.
- 2) Abandono do sistema rijo de sentar na classe, permitindo agora o agrupamento livre das crianças ao redor do professor, que faz parte do grupo em lugar de se contra-

por a êste. A iluminação do alto substitui as janelas laterais e permite esta liberdade desejada.

- 3) Ampla mas sempre controlável descentralização das coleções de material de ensino, livraria, santários e acessórios, a fim de que cada classe forme um centro em si e tenha uma atmosfera instrutiva particular, dedicada ao estudo ativo de uma matéria específica.

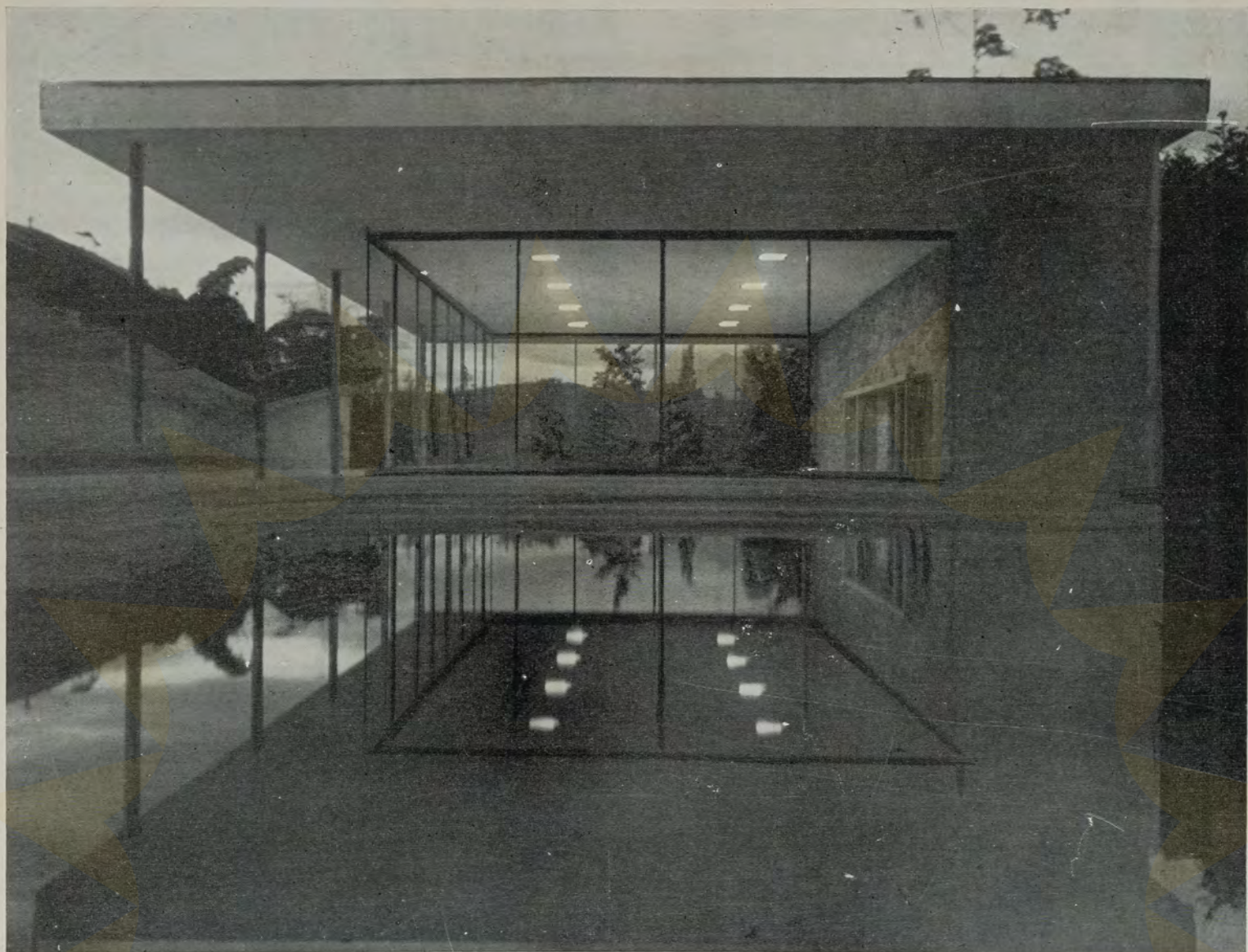
- 4) Cada classe com possibilidade de expandir a atividade educacional para o ar livre. Haverá portanto uma simples planta térrea, com pátios para cada classe, formando um anel periférico.

- 5) Substituição — em princípio — do transporte com ônibus escolar, devendo as crianças andar da casa até a escola, a fim de

diminuir os acidentes de tráfego e aumentar a segurança. O local típico para o edifício da escola primária será, portanto, um cinturão verde da zona residencial tributária, fora da zona de construção, de alto valor especulativo ou outro.

- 6) Emprêgo do melhor e mais satisfatório material à disposição no momento, para a estrutura, acabamento, instalações e equipamento.

Conclusão: as vantagens acima enumeradas seriam de custo não permissivo em edifícios escolares planejados individualmente; tornar-se-ão entretanto possíveis, do ponto-de-vista econômico, se os edifícios escolares forem uniformizados graças a um planejamento controlado e à execução elaborada em todos os detalhes.



Vista noturna do pavilhão de estar em Itaipava.

Um pavilhão de estar em Itaipava

Projeto: arq. Wit-Olaf Prochnik

Este pavilhão se destina a centralizar as atividades de recreio de uma propriedade para fins de semana em Itaipava.

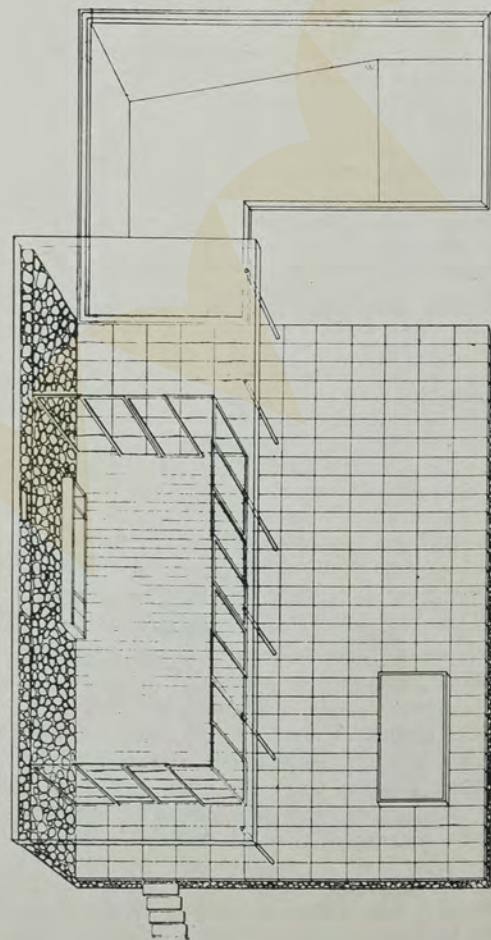
A construção é constituída de um "deck" em placas de granito, ligado em frente a um lado de plantas aquáticas e sobre um embasamento de seixos rolados retirados de um rio que passa nos fundos da chácara.

A parte envidraçada tem o piso em frisos de madeira, sendo provida de uma lareira também em granito. A placa de cobertura se apoia sobre uma parede de seixos rodados e uma série de colunas de tubo de aço.

Faz parte do conjunto uma piscina, em forma de L, com a borda em granito lavrado à mão e o interior em pastilhas azul-turquesa.

O jardim é de Roberto Burle Marx.

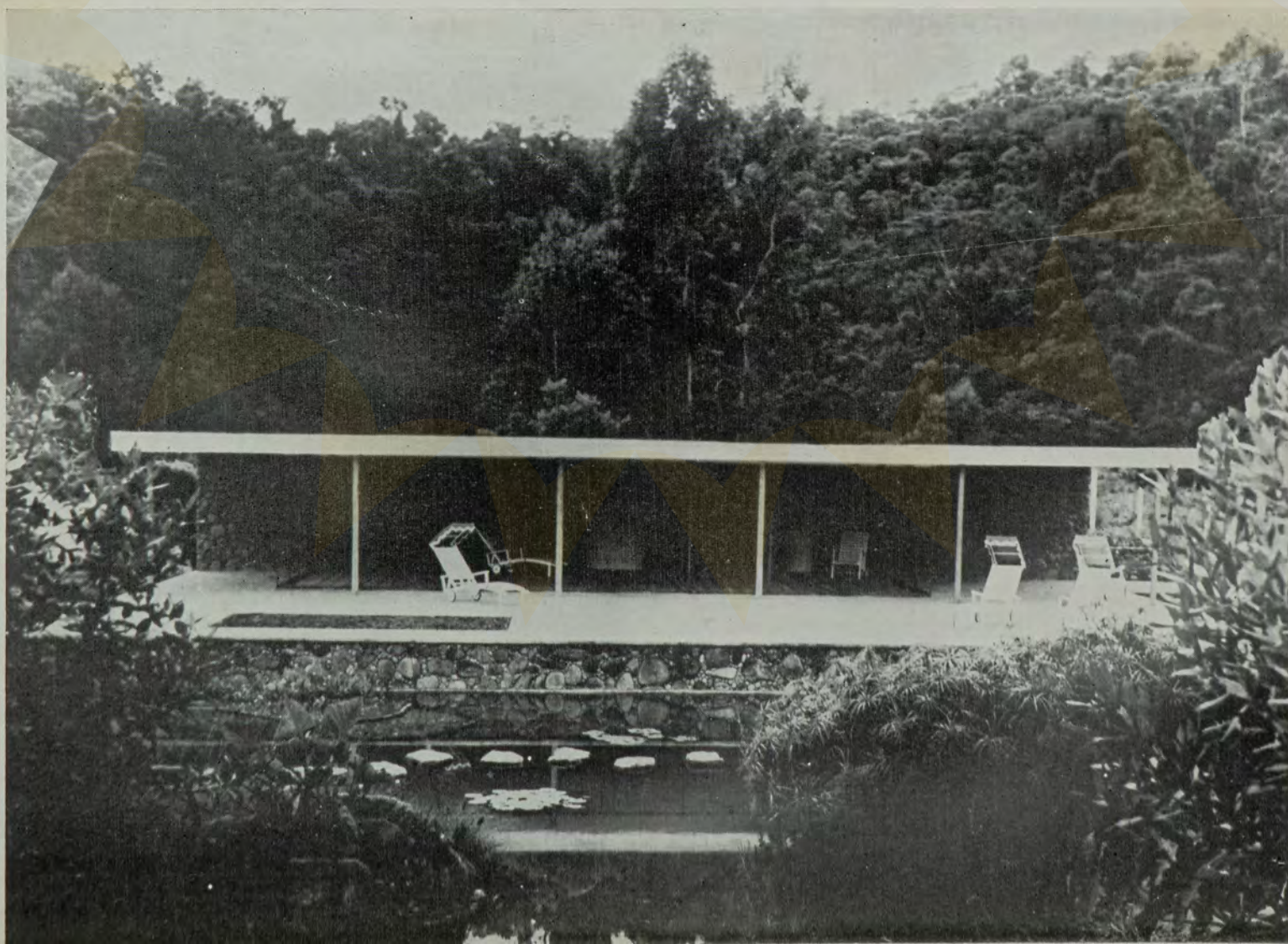
Perspectiva axionométrica.

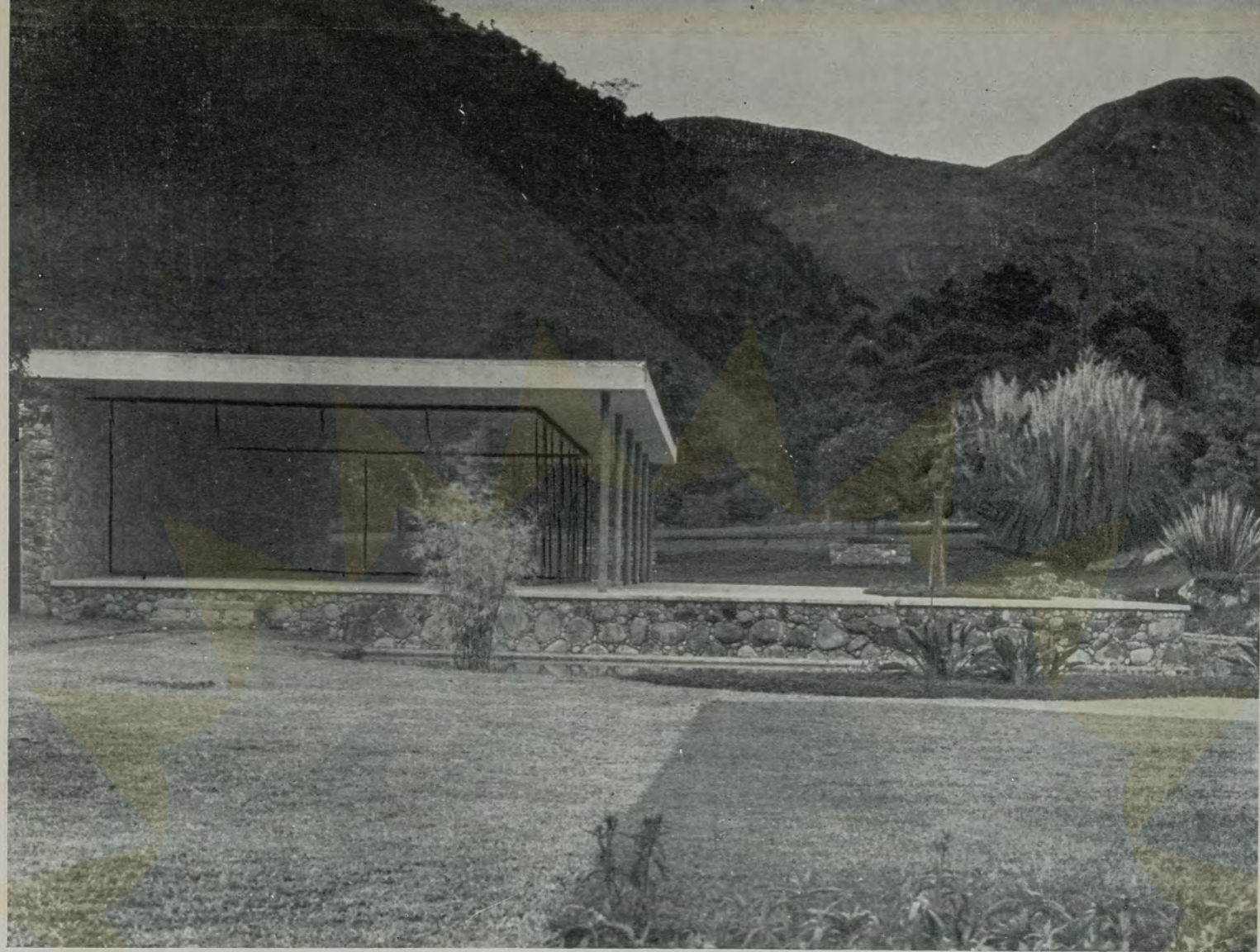




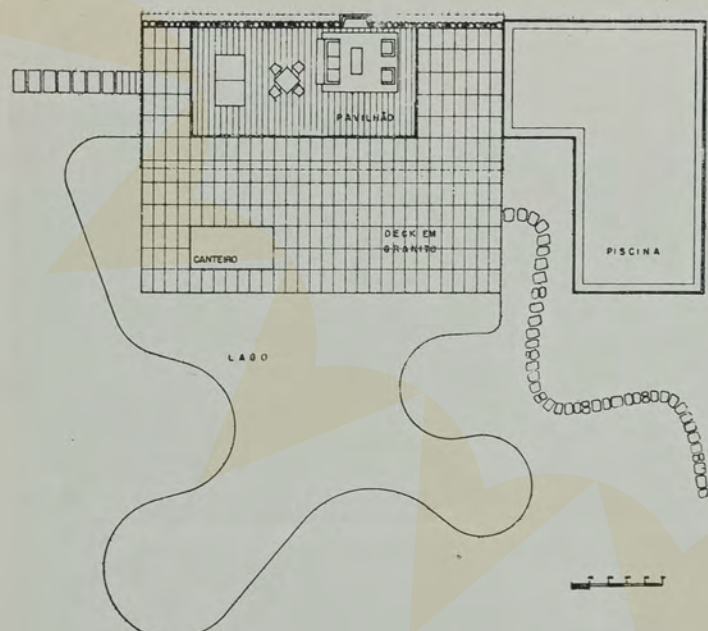
Vista do lado da piscina

Elevação principal com o lago.





Elevação lateral.



Planta do conjunto.

Detalhe.





A pintura na decoração de uma loja

A renovação da arquitetura das lojas levou a considerar muitas novas fórmulas, ao mesmo tempo funcionais e decorativas; viu-se porém que — em geral — a decoração não foi estudada do ponto de vista mais lógico isto é, do ponto de vista da pintura. Por um lado a necessidade de serem utilizadas todas as paredes, por outro, o interesse sempre menor dos pintores para trabalhos decorativos, concorreram juntos para a presente constatação. Entretanto, pôde-se notar recentemente em São Paulo, um certo retôrno à decoração mural das lojas que até há pouco era proporcionada pelos painéis de cerâmica, representando quase sempre o “Grito do Ipiranga”, mas limitados aos bares da cidade. Por exemplo, uma boa composição de Aldemir Martins ocupa uma parede inteira de um café da rua B. de Itapetininga, sobria anedótica de caboclos, em branco e preto. Os cafés paulistas do fim do século, eram ainda decorados com painéis de pintura, e até há alguns anos podia-se admirar um exemplo disto, de gosto popular, num local público do Brás. São poucas as decorações murais, além daquelas dos bares, e esperamos não fique um caso único esta que aqui ilustramos.



Loja de roupas para crianças no Brooklin, com grande decoração mural, de temas infantis. Decoração de Valeria Piacentini-Cirell.



Fachada da loja.

AMBIENTE - F O R M A CONTEÚDO

Projeto: arq. Carlos B. Fongaro
Ornamentação vegetal: W. Cordeiro

O remanejamento da loja de "Ambiente", móveis, mostras de arte, decoração — foi considerado sob sua dupla expressão de forma e conteúdo, para um eficiente funcionalismo, correspondente aos fins em vista.

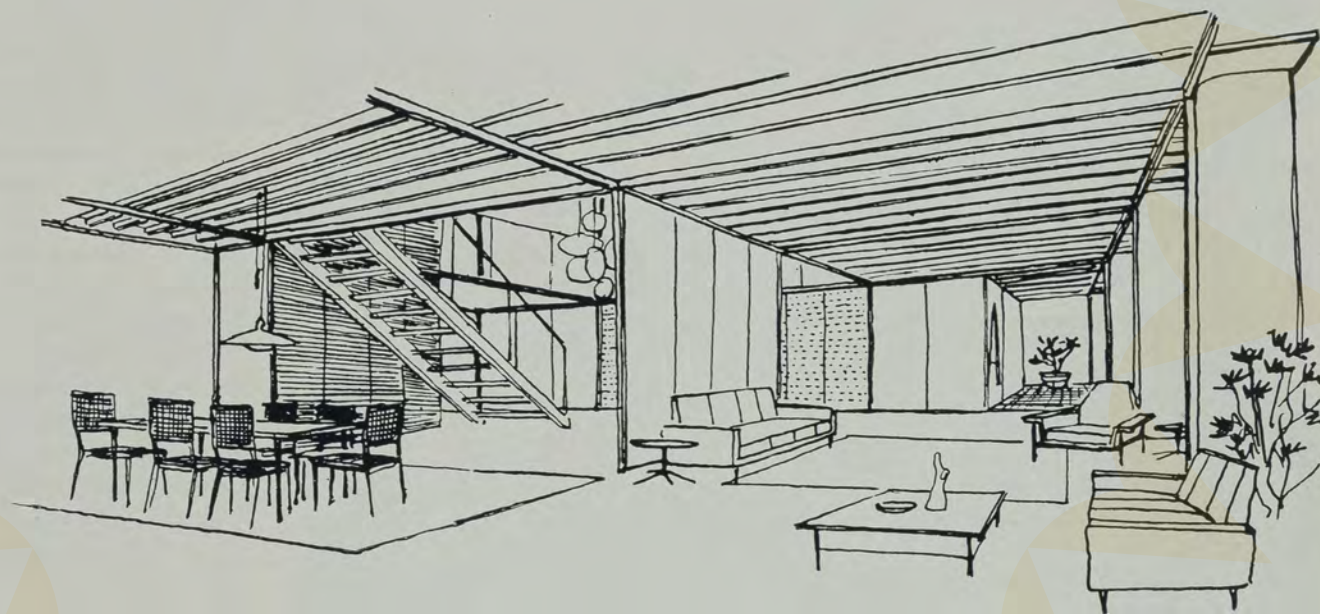
Antes de tudo, tanto em seu seccionamento pela entrada, quanto pelas colunas assimetricamente distribuídas na área, o espaço exigia uma completa remodelação

que o colocasse em condições de bem servir ao mostruário, circulação dos clientes, e parte comercial, isto com o aproveitamento eficiente dos cinco metros e meio de altura.

Entregue aos cuidados do arquiteto Fongaro, o projeto de reforma, a primeira idéia foi a de se criar a sobreloja na parte superior, na qual se situariam ambientes mobiliados, para separar-se o mostruá-

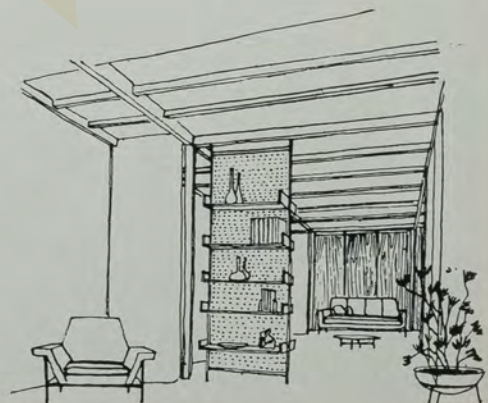
rio da parte propriamente referente à loja. Essa idéia dividia-se em composição hábil como forma, mas também tecnicamente solucionada, pois impunha-se não alterar estruturalmente a loja.

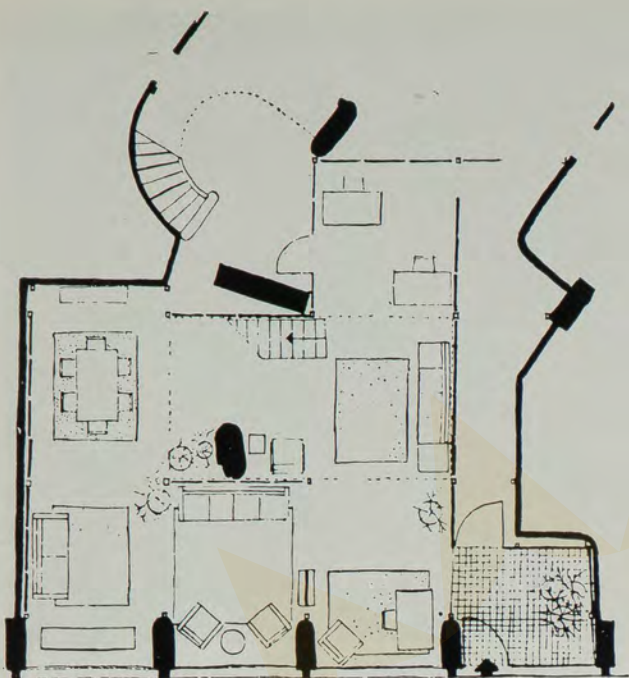
Esteticamente, na organização do espaço impunha-se cuidar dos vários aspectos irregulares da planta — os cantos quebrados, os pilares, e até mesmo um plano de "background" adequado a dar relevo aos



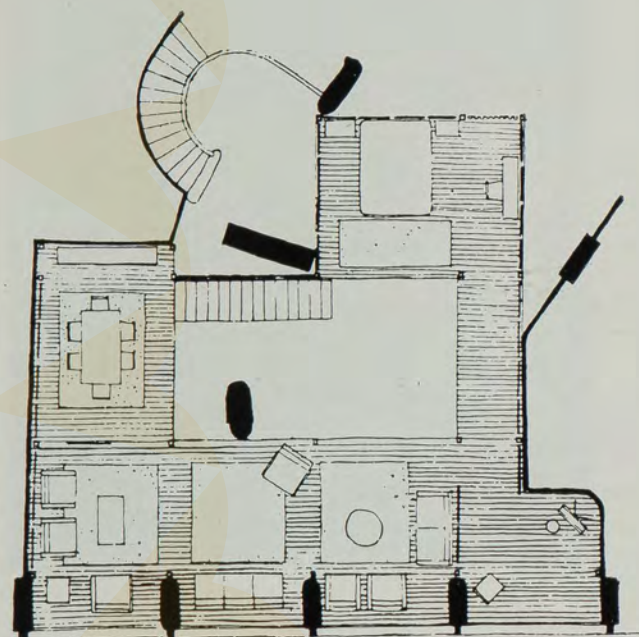
móveis e objetos em exposição, sem que houvesse um acúmulo de elementos, para boa apreciação, por um lado, e para eficaz hierarquia dos fatores em presença. Procurou-se, assim, entre elementos estáveis e móveis, em atenção aos materiais de futuras exposições, de pintura, escultura cerâmica etc., formar o ambiente também para a proposta de uma galeria de arte. Dadas as condições de funcionamento da loja, a reforma foi ainda planejada para ser executada sem interrupção do traba-

lho, o que é um pormenor, mas exemplifica as dificuldades que tinham de ser vencidas. Partiu-se, então, primeiramente, de estabelecer-se a estrutura da sobreloja, baseada em um entarugamento de madeira pré-fabricada e encaixada, em poucas horas, no interior da loja, sobre pontaltes, previamente marcados. De tal maneira, a estrutura colocada ficou inteiramente livre das paredes da loja, com uma separação de dez centímetros em toda a volta. Essa estrutura compreende ao mes-

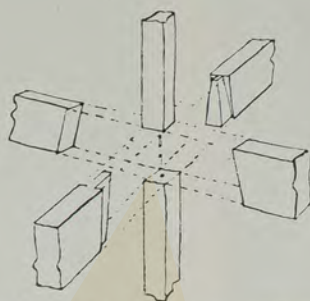




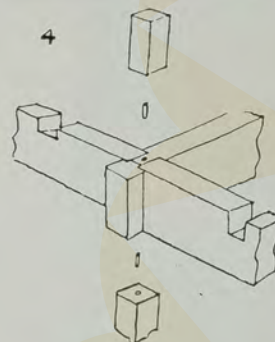
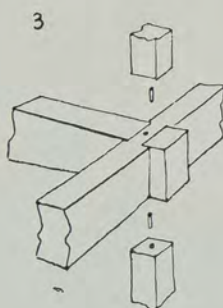
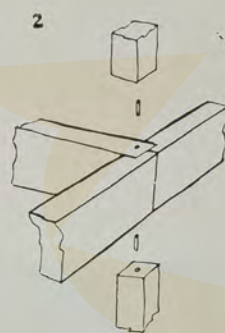
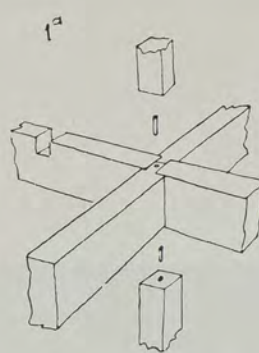
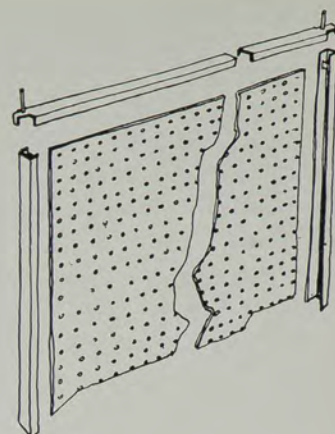
B — Planta do andar térreo depois da reforma.



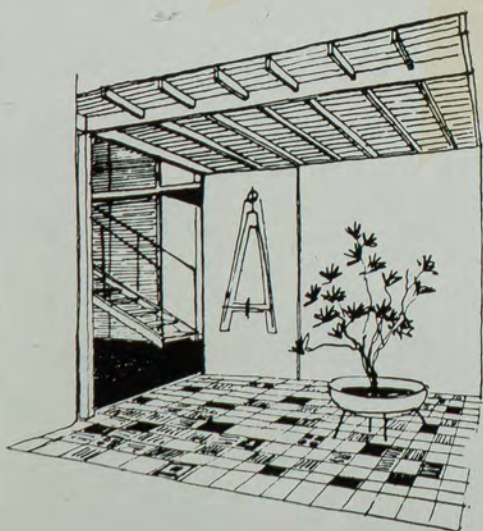
C — Planta da sobreloja, criada pela reforma.



A — Pannel com armação de ferro e almofada.



Detalhe de 4 encaixes utilizados na estrutura do "mezzanino" (vide planta A).



mo tempo soalho e fôrro, adotando-se para sua decoração nas vigas e pontaletes, preto brilhante envernizado, contra o fôrro de madeira côr de vinho. Ainda decorativamente, ripas de pinho enceradas foram colocadas sôbre vigas de concreto no alto do forro.

Completando a nova organização dada à loja, foram criados painéis móveis aptos a servir de paredes divisionárias. De tal maneira, baseada na secção criada pela sobreloja e com êstes painéis, o esqueleto ensejou áreas regularizadas para os futuros conjuntos e todos os seus arranjos.

A porta que dividia a loja em duas partes, à direita e à esquerda, foi deslocada para

a extrema direita, criando-se um hall, no qual, sem qualquer indicação comercial, o símbolo da firma está presente, em tôda a sua evidência. Um piso de cerâmica porcelanizada faz a ligação entre a rua e a loja através desse espaçoso hall. E é, também, através, dele, que se liga o serviço de entrada e saída de mercadoria, sem interferir com o funcionamento da loja. Um vaso com uma "drácena" de belo efeito decorativo, é o único adorno constante desta área.

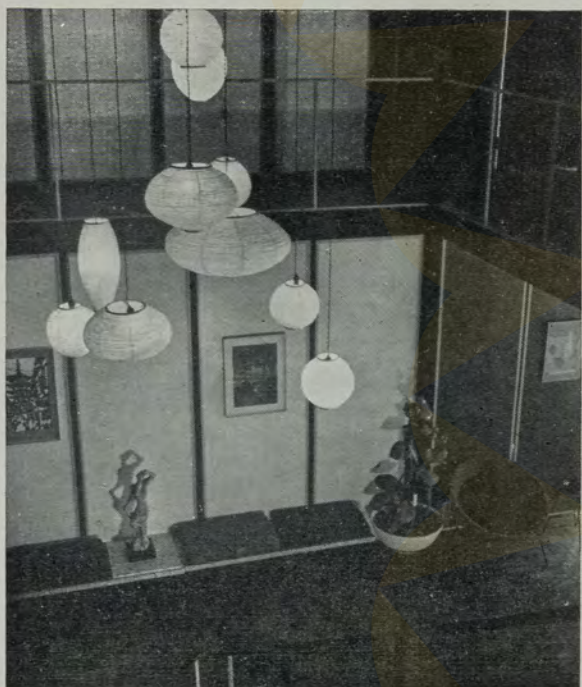
A entrada dos clientes se faz à esquerda do hall, e logo se oferecem à atenção os móveis em disposição ambientada, como é do objetivo da loja. Abre-se em toda a

altura o vão aqui deixado pela estrutura da sobreloja, e nesse espaço descem as lâmpadas de papel de arroz japonês, numa disposição arbitrária, ritmicamente distribuídas. Essa é a única fonte de luz, cuja iluminação forte e difundida irradia uma claridade dosada por todo o ambiente. É um trabalho de Shin Obayashi, esta iluminação, que adquire um grande efeito decorativo.

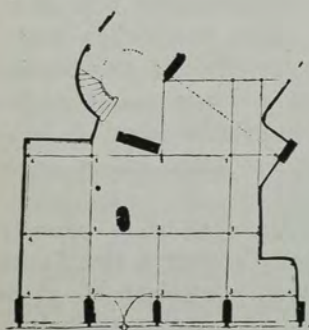
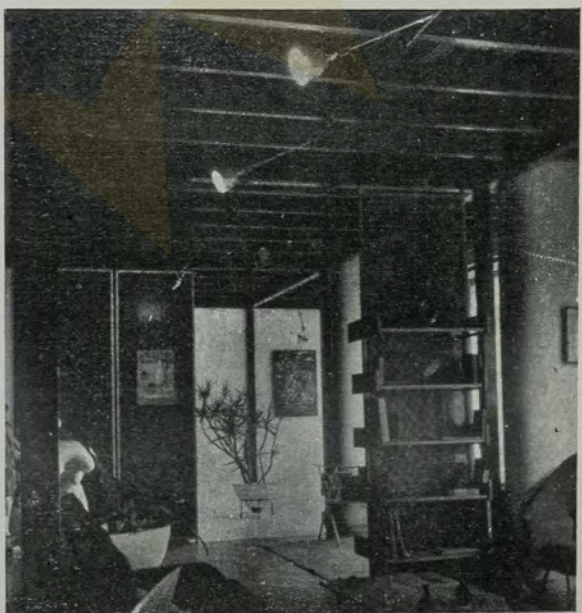
Sobe-se à esquerda para a sobreloja. Uma escada leve e transparente, toda de madeira, com uma grade de ferro quadrada, em cinza, grade esta que dá volta a toda a plataforma, leva à sobreloja. Reunem-se, ali, mais de um ambiente residencial, fortalecido pelas divisões, marcado pelas cortinas de diversas texturas e cores. Além de aumentar em 70% o espaço útil da lo-



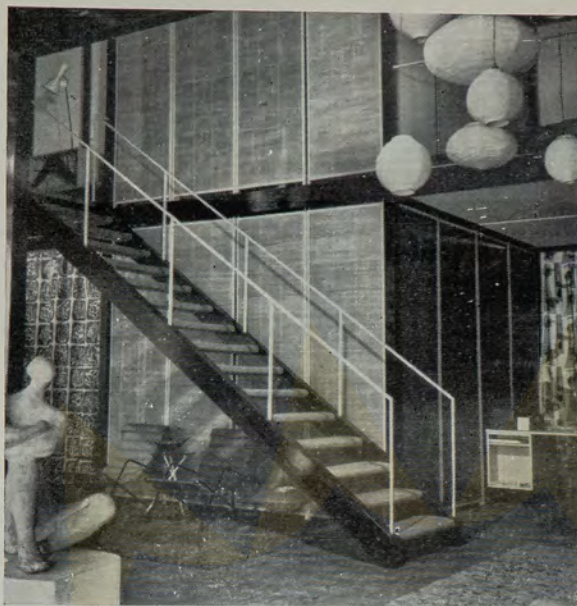
Outro ângulo da loja: painéis de Eucatex, furados, pintados em branco fosco.



Painel com estante desmontável.



A — Planta da reforma com esquema da nova estrutura.



Vista da escada para o mezzanino, ladeando os painéis de bambu.



Recanto da loja; ao fundo dois quadros de Karl Plummer, sobre painéis de madeira de amendoim.

ja, a sobreloja serviu para dar um desdobramento de interiores, de que só uma visita ao local pode dar idéia.

Numerosos materiais foram utilizados para fornecer, além do arranjo, pormenores de decoração que valorizam muito o conjunto. Sob todos os aspectos, Ambiente tornou-se uma das lojas melhor compostas da cidade, em que todos os elementos se oferecem ao visitante na justa situação em que devem funcionar em seu habitat, favorecendo, portanto, uma escolha judi-

ciosa sob a sugestividade da harmonia adotada.

Conseguiu-se, assim, estabelecer, numa loja, uma atmosfera de arte e de arranjo decorativo, que corresponde a um pensamento modernizador da casa e de sua adequação, de molde a colocar o toque de bom-gôsto sobre todos os recantos da habitação. E' contudo sem excessos que Ambiente faz as suas indicações, favorecendo um enriquecimento de visão a quantos busquem conhecer êsse amplo repertório de sugestões.

Interior com painel móvel.



Outra vista da escada para o "mezzanino".



Pratos de madeira

arq. Wit-Olaf Prochnik



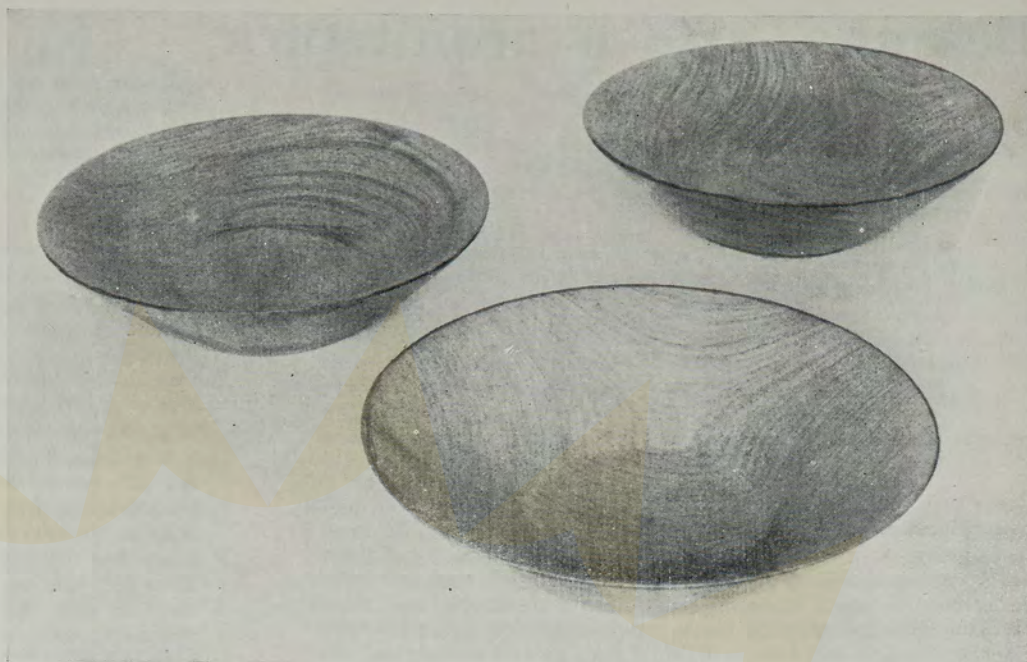
Prato para nozes, pão etc., em pinho de Riga.

Fotos: Hans Domke e Hans Wunn, Rio de Janeiro.

Os leitores de HABITAT devem ter notado, e nós mesmos recebemos frequentes solicitações a respeito, a carência do desenho industrial e da produção artesanal brasileira. Há uma justificação para isto, devendo-se lembrar, em primeiro lugar, que o Brasil não tem ainda uma produção industrial com a participação do desenho estético — ou pode-se dizer, pelo menos, que as atividades neste campo vão-se delinhando fadigosamente. Não é fácil encontrar — e por conseguinte publicar — os poucos artigos desse tipo, quer pela falta de verdadeiros desenhistas, quer pelo fato de a maioria das indústrias não se preocupar ainda com a feição do produto; valem-se antes, de exemplos encontrados facilmente em catálogos de produtos americanos e nas várias revistas publicadas no exterior.

Já se viu que escolas realmente sérias de desenho industrial, não dão resultado — mesmo pela simples razão de os alunos mais inteligentes preferirem iniciar sua carreira “de qualquer jeito”, uma vez que se familiarizam um pouco com o assunto, e sem outra ambição daquela de trabalhar “de qualquer jeito”. Alunos daquela escola que foi o Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte, acabaram indo para o exterior, onde se fizeram notar. De regresso ao Brasil não encontraram, entretanto, da parte da indústria, a acolhida que tinham direito de esperar, em virtude da seriedade de seu preparo. Outro obstáculo, a boa produção de desenho industrial, àquela dedicada aos objetos de decoração (cerâmica, móveis, lâmpadas etc.), é a absoluta ausência de interesse dos arquitetos para com ês-

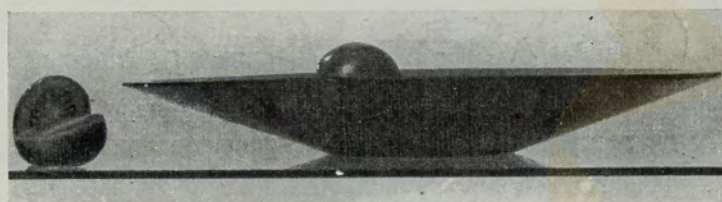
te campo. Não faltaram porém arquitetos que tomassem em consideração este setor da arquitetura interior; HABITAT tem registrado esta atividade. Trata-se entretanto de uma atividade à margem da própria arquitetura e não de um verdadeiro interesse para o assunto. Publicamos portanto com satisfação algumas peças do arquiteto Wit-Olaf Prochnik, do Rio de Janeiro, que já fez parte do “atelier” de Roberto Burle Marx. Trata-se de uma série de pratos e de tábuas de madeira — de gosto bem controlado e de ótimo resultado estético. O arquiteto Prochnik, além de oferecer-nos uma bela produção que gostaríamos de ver na praça, dá também um exemplo daquele espírito que orienta a arquitetura contemporânea, quer dizer, que a arquitetura pode começar por um simples prato.



Prato para frutas etc., em cerejeira.



Saladeira, em peroba.

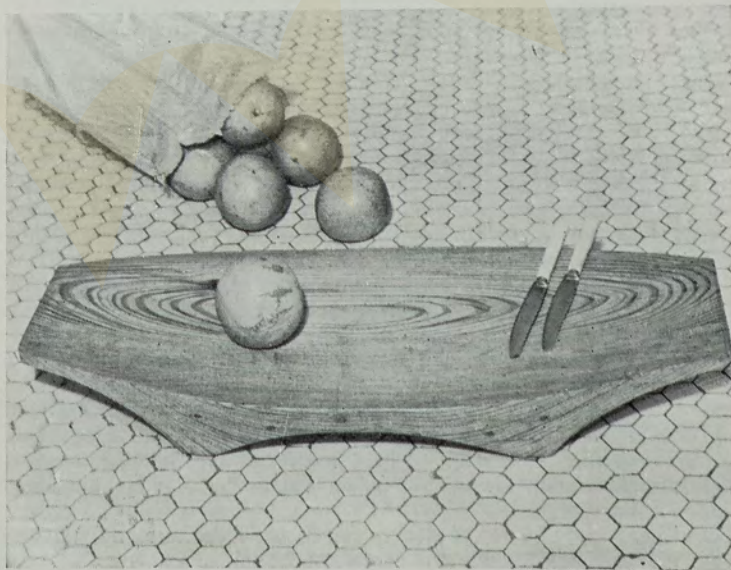


Prato para salada, em jacarandá.

Prato para queijos, em pinho de riga.



Prato para queijos, etc., em pinho de Riga.



Desenho, arte e arquitetura

Prof. Benjamin de A. Carvalho

Sêres há, que em uma única existência, constróem, sem estardalhaço, tantas, tão úteis e tempo exita em obliterá-las, belas cousas, que o próprio Jurandyr Paes Leme foi um dêles.

1. - Nas origens da arte e do desenho

1.1. — A origem visível da arte.

Como tudo, a arte exibe uma aparente *origem visível* e uma outra real e *invisível*.

A primeira pode ser pesquisada através da História da Humanidade, enquanto que a outra pode ser investigada por intermédio do estudo da parte invisível do Homem; queremos nos referir às faculdades humanas de cunho intelectual e as de âmbito emocional.

Pensamos residir aí a verdadeira pista para a descoberta da origem da Arte, da qual é o Desenho sem dúvida alguma, um dos mais poderosos meios de expressão.

Iniciando a nossa busca entre os animais, nada encontramos que justificasse a existência de qualquer sombra de sentimento artístico entre êles.

Muito ao contrário, nada ali existe que anuncie um provável amanhecer da arte, ou uma fonte mesmo em extinção que traia a origem, a herança dos nossos atuais pendores artísticos.

Em vez de ali surgir, denunciando dêste modo um pacto, uma aliança sólida e eterna entre o animal e o Homem, a arte muito inversamente incorpora-se aos "atos inúteis" que definem a conduta do Homo Sapiens como escreve *LECOMTE DU NOUY*:



Desenhos com mais de 20.000 anos de idade e que demonstram que o fenômeno arte não evolui. (Gruta de la Marche em Viena).

"Por fim o madalenense é grande artista. As pinturas com que êle ornamentou as suas cavernas, são em muitos casos admiráveis. As suas esculturas as suas gravuras no osso ou no marfim, são de um realismo extraordinário, os seus utensílios são soberbamente ornamentados, as suas jóias e os seus adornos são de uma engenhosidade e graça notáveis."

"Estas manifestações *inúteis* (tomo esta palavra no sentido de não-absolutamente necessárias para conservar ou defender a vida) *marcam a data mais importante de toda a história dos sêres organizados*. São a prova do progresso do espírito humano, no sentido do afastamento do animal. Os atos inúteis do homem são na realidade os únicos que contam: levam consigo o germe das idéias abstratas, o germe da idéia de Deus, desligado do terror puro, o germe da moral, da filosofia e da ciência."

"Os outros atos necessários à manutenção da vida e ao prolongamento da raça, os atos ancestrais, únicos que até ali contavam servem, apenas, aos primeiros para se manifestarem. Se houvesse de uma prova da diferença fundamental essencial entre o homem e o animal, o aparecimento imprevisto, inconcebível, dos atos *inúteis* a forneceria. Nada de comparável jamais se produziu no decurso de mil milhões de anos acabados de transcorrer; uma só preocupação imperativa: a luta contra os terrores da fome, e, periodicamente, em épocas marcadas, a excreção das células imortais, os gametas depois a morte". (1)

Como bem se pode ver, é dentro da História da Humanidade que vem à luz a Arte, como um acréscimo providencial aos atos nes-

cessários e suficientes à manutenção da Vida completando dêste modo as atividades rotineiras dêste último esforço vitorioso da Natureza no campo da biologia: o Homem.

Quanto à razão dêste *acrêscimo*, é o que pretendemos ventilar agora.

Sem dúvida alguma o Universo é muito bem feito.

Mas se é certo o maravilhoso que há em todo êste mecanismo que se mostra da trajetória dos astros até a involução bacteriana, se é um fato, a infindável cadeia de mistérios que desfila diante dos olhos perplexos do Homem que contempla o dinamismo da Natureza em toda a sua indescritível fenomenologia, não é menos fabulosa a estranha e indefinível *propriedade* que possuímos de *saber que êle existe*.

Deve ter sido em uma noite escura, onde as estrelas brilhavam mais do que nunca, que um homem paleolítico até bem pouco sem noção de si próprio como unidade, lançando um olhar ao alto, percebeu atônito no céu constelado, o célebre deslizar de uma estrela cadente.

Em vez de *reagir* como animal, êle torce o pescoço girando a cabeça, e assim acompanha a evolução do meteoro, adquirindo dêste modo imprevisto a noção de tempo diante da magnitude. Diante do *enigma do tempo* inaugura-se nêle a noção de presente, passado e futuro, o anseio que segundo *SPENGLER*

"nascendo da riqueza e beatitude da vida interna é ao mesmo tempo, nas mais profundas rugas de cada alma: terror." (2)

Consciente agora diante da variedade das côres, dos sêres, que se exibem, e da pluralidade dos acontecimentos que se desenrolam durante a parte clara do dia, por outro lado suspicaz e amedrontado diante do fracasso da sua percepção da monotonia e grandeza do céu na metade escura do dia, o *terror cósmico* apodera-se do homem incorporando-se ao seu psiquismo. O terror cósmico, ao qual devemos a concretização da nossa vida interior consciente, que origina por seu turno as manifestações externas da cultura, todas as expressões formais das obras de arte e filosofia, tudo o que pode haver de importante, enfim o *terror cósmico*.

"o mais criador de todos os sentimentos primários". segundo afirma o gigante de Blankenburg.

Deve ter sido de fato, o temor o anseio, a origem das religiões. Difícil, muito difícil mesmo, afirmar qual das duas situações torna o homem mais tímido, se quando se viu pela vez primeira consciente diante de tanta coisa *estranha e fatal*, ou quando analisa nos dias que correm a sua posição no Cosmos tendo em mãos o copioso acervo de alta sabedoria, que a tradição lhe deixou... A estranheza é agora substituída pela visão de uma sequência ininterrupta de prodigiosos fenômenos interdependentes, que revelam na sua precisa correlação muito mais fatalidade ainda. A hipertrofia do estado conceptual do homem primitivo, mostra-lhe o Universo mais em detalhe, como se fosse ampliado por um poderoso sistema diótrico.

E é somente por isto que ainda existem religiões...

De qualquer modo as primitivas religiões exteriorizavam-se por meio de magia, de práticas apotropaicas...

Existe um princípio de magia, o princípio da semelhança, que segundo *FRAZER* define a magia homeopática; por êste princípio o semelhante produz o semelhante.

E é por isto que aos primitivos desenhos rupestres, do Cro-Magnon, foi atribuída uma significação essencialmente mágica.

"As figuras de animais das pinturas da Idade da Pedra na Europa levam com frequência flechas cravadas. *FROBENIUS* descreveu suas aventuras com os pigmeus da selva Ituri na África Central. Os homenzinhos queriam matar um antílope e assim, na véspera da caçada, limpavam uma parte de terreno e traçaram nêle a silhueta do antílope. Ao entardecer, quando os raios do sol caíam sobre o desenho, uma mulher se colocou de pé junto da figura e cantou uma feitiçaria enquanto que um dos caçadores lançava uma flecha que tocou o pescoço do antílope desenhado. Então, três caçadores se internaram na mata enquanto a mulher permanecia junto ao desenho mágico. Em pouco tempo regressaram com o antílope morto, por uma flechada no pescoço. Em seguida tingiram o desenho mágico com pelo e sangue do animal morto. Havia-se cumprido a sorte mágica". (3)

E exemplificando a magia homeopática escreve FRAZER:

"Também com objeto de multiplicar os emús, que são um importante gênero comestível, os homens do totem do emú desenhavam sobre o solo a sagrada figura do seu totem, especialmente as partes do emú que mais gostam de comer, como as que possuem muita gordura e os ovos. Os homens se sentam ao redor do desenho e cantam." (4)

Aí está de maneira muito resumida até onde se pode pesquisar, a aparente origem visível do Desenho e da Arte.

1.2. — A origem invisível da arte

Mas é bem possível que pelo menos um homem paleolítico tivesse desenhado e desenhado muito, sem a intenção de fazer magia. Desenhado por desenhar mesmo...

E basta que tenha um só destes homens, e o que não é impossível, para que caia a hipótese de FRAZER e outros, quando pretendem que a Arte teve como única fonte as práticas feitiçarias.

READ, citando SPENCER e GILLEN, escreve a propósito de não poder afirmar que toda arte de desenhar seja de origem religiosa:

"Quando se lhes interroga sobre o significado de certos desenhos... os indígenas constantemente responderam que eram somente obra de distração que não significam nada...; mas... desenhos similares, mas desenhados agora sobre algum objeto cerimonial ou em lugar especial, tem um significado muito preciso... O mesmo indígena lhes dirá que um desenho determinado não tem significado em um lugar mas sem dúvida, lhe relatará com toda a exatidão o que se supõe que ele significa quando está desenhado em um lugar diferente. Este último, tenha-se-lo bem presente ocupa sempre o que poderíamos chamar solo sagrado, a cujas vizinhanças não podem chegar as mulheres".

"Portanto (continua agora READ) só podemos chegar à conclusão de que o desenho pode ou não ser o resultado de um impulso de realizar um desenho, pode ser puramente autônomo, mesma conclusão a que chegamos no caso do homem pré-histórico. O religioso é o que bem mais se lê no desenho do que o próprio ato de realizá-lo." (5)



Pintura parcial, representando três bailarinas (África do Sul).

E por que?

Porque a origem da arte e do desenho transcende o "terror cósmico" de SPENGLER, ultrapassa a esfera física, para aninhar-se, para preexistir em potencial no mundo interior de cada artista. É pacífico entre os estetas entre os estudantes destes assuntos, que os mundos interno e externo do homem primitivo, assim como dos selvagens de hoje, acham-se perfeitamente entrosados, sem a menor delimitação.

E é graças a esta conexão que o mundo interior se consegue comunicar com o mundo exterior, entrosamento que no início permanente, facultada pela vez primeira ao germe da Arte, até então latente exibir-se de modo pleno.

Com a marcha do tempo o conúbio entre os dois mundos torna-se periódico espaçando cada vez mais por força da Evolução.

E hoje, a esta manifestação cíclica entre dois mundos que se encontram já quase totalmente desligados, manifestação misteriosa e estranha, se convencionou chamar *intuição*.

A intuição é, segundo BERGSON, aquela prolongamento das faculdades de perceber, que permitem, ao filósofo e ao artista, falarem a sua linguagem, e a nós entendê-las.

"...prolongar a visão do olho por uma visão do espírito" (6)

o que

"seria, por um poderoso esforço de visão mental, perfurar o envólucro material das coisas e ir ler a fórmula invisível a olho, que desenrola e manifesta sua materialidade." (6)

como pretendia ARISTÓTELES o mais sábio dos estagiritas, uma das mais robustas inteligências que o mundo já conheceu.

"eu direi do modo mais simples que a arte é visão ou intui-

ção" (7) escreve UBI BAVA citando BENEDETO CROCE. E mais adiante conclui magistralmente UBI BAVA:

"Sendo intuição, a Arte não se define em linguagem comum." (7)

Nada mais sábio!

E é o próprio CARREL que vem confirmar esta magnífica acerceção na sua não menos profunda obra "O homem perante a Vida".

"A inteligência dá-nos o conhecimento e o domínio do mundo material. A intuição penetra a realidade mais profundamente do que a inteligência, e diretamente nos une as cousas. É principalmente devido às suas atividades não intelectuais que o espírito se evade do mundo material. Essa propriedade da substância físico-mental se encontrar, ao mesmo tempo no universo físico e num universo inacessível (pelo menos de momento) à razão e à ciência, faz do ser humano um objeto diferente de todas as cousas que se encontram à superfície do mundo terrestre. E aqui está o que nós somos." (8)

E é por isto que só o homem faz arte, que só o homem desenha! E assim um belo dia, o homem paleolítico, desenha por desenhar, iniciando deste modo a cultura do germe da arte em potencial, e que define o conceito de "vontade de arte" de RIEGL.

"Por vontade artística absoluta deve-se entender aquela exigência latente, que existe por si só, independente por completo dos objetos e do modo de criar e que se manifesta como vontade de forma. É o "momento" primário de toda criação artística; e toda obra de arte não é em seu mais íntimo ser, senão uma objetivação desta vontade artística absoluta, existente a priori." (9)

E é ainda a sabedoria do Oriente que nos vem confirmar esta parte da discussão.

Depois de procurar durante muitas páginas aclarar em *linguagem comum* o ministério da Arte, ou melhor explicar tecnicamente o que é intuição na arte, JINARAJADASA conclui tão sábia quanto elegantemente:

"O Supremo Artista mora em nós outros, e não somente fora de nós. O que Ele faz também podemos nós fazer. É certo que Ele tem sua Hoste escolhida de profetas, os criadores artistas de cada nação; mas posto que Sua natureza, esteja em todos nós, também existe em nós oculto um artista. Pode ser um artista da palavra, um artista em humildes modos de serviço, um artista em paciente sofrimento e perfeito heroísmo. Existem muitos outros tipos de artistas como os poetas, pintores, músicos e escultores. Artista é o que toma a vida como vem e a transforma até que lhe revele uma oculta glória. GIORDANO BRUNO, que pereceu na fogueira, disse e demonstrou com sua morte que "saber morrer em um século é viver nos séculos vindouros". O artista que nele morava preferiu a fogueira a uma servil liberdade."

"Os Upanishads, o Dhammapada, o Sermão da Montanha e as sentenças dos profetas ensinam como viver e como morrer. É a lição que ensina o Partenon, o Taj Mahal, o Borobodur, a catedral de Milão e o templo de Madura. É a lição que ensina Shakespeare e Kalidas Esquilo e Wagner, assim os pintores, escultores, músicos e coreógrafos de substância. A sétima sinfonia de Beethoven é uma solução do mistério da vida tão verdadeira como um Upanishad. Por que nossos antepassados ao verem a aurora a chamaram Ushas e a adoraram? Os gregos a chamaram Eos, a "alba de rosados dedos" e entoaram hinos a sua beleza? Por que? Porque uma alvorada e um acaso dão uma solução tão verdadeira como a religião, a filosofia ou a ciência. Cada flor soletra uma palavra do Mistério Divino, e também a soletra cada angústia de nosso coração, porque em nosso coração atua o Supremo Artista. Quando aprendamos a descobrir o Oculto Artista que tira beleza de nossas aflições então saberemos o que em verdade é a arte."

"Não saberemos viver verdadeira, justa e prudentemente até que aprendamos a viver também belamente. Seria fácil a aprendizagem se abrissemos os olhos. Cada florzinha nos ensina o que temos de aprender e a palmeira balouçada pela brisa nos diz como aprendê-lo." (10)

E é de fato por aí que se deve encontrar a origem invisível da arte. Emana de uma região misteriosa, que o pensador da Teosofia chama Buddhi, e que despassa o que de mais puro possa existir na esfera emocional, no campo mental.

No entanto partindo do "verdadeiro reino da arte" como lhe chama JINARAJADASA, o impulso artístico atravessa toda a cadeia de corpos do homem e impregnando-se por isto de um conteúdo mental e emocional oscilante, variável portanto, quer do lado quantitativo quer do qualitativo.

É por isto que a obra de arte desperta geralmente uma emoção e um pensamento filosófico, duas cousas que ela já traz em si como resíduos de seu percurso através da mente e do campo emocional do artista.

Desta maneira coincide com o velho pensamento filosófico indiano, a hodierna teoria da "projeção sentimental" (Einfühlung) de TEODOR LIPPS, que desloca o clássico conceito estético da plana do objetivismo para a esfera do subjetivismo, propondo-se assim a estudar o comportamento do indivíduo que contempla o objeto, ao invés de preocupar-se com a forma do objeto.

"3 O seguinte intento de caracterização expõe as idéias fundamentais da teoria de LIPPS, aproveitando em parte as formulações que o mesmo lhes deu em um resumo de sua teoria, publicado em janeiro de 1906 na revista *Zukunft*."

"A fórmula mais singela para caracterizar esta forma da vida estética é: O gozo estético é um auto-gozo objetivado. Gozar esteticamente é gozar-me a mim mesmo em um simples objeto diferente de mim mesmo, projetar-me nêle, penetrar-me nêle, com meu sentimento. O que projeto nêle com meu sentimento, é atividade. Mas atividade é aquilo em que experimento um esforço. Esta atividade é por natureza, esforço volitivo. É o aspirar, o querer em movimento." (11)

É o mais novo aposto à mais velha controvérsia no infundável campo de beleza, este constante oscilar no metrônomo estético dos "formalistas" para os "conteudistas" e vice-versa.

De um lado agrupam-se agora os estetas da Forma, e do outro alinham-se os do Conteúdo.

Herbart e Hegel.



Lipschitz, "Mulher deitada". Produto de pendor artístico e muito desenho.

2. O desenho linguagem

2.1. — O homem comum.

Em dois ramos totalmente distintos se divide o Desenho: o desenho tipo de linguagem e o desenho artístico ou "descobridor de artistas" como nós o costumamos chamar.

Observados do mais alto plano didático e filosófico se assim quiserem, o primeiro significa utilidade e o segundo quer dizer cultura.

Argumentaremos com a regra geral, pois por definição as exceções não podem figurar aqui.

Por seu turno os indivíduos também se bipartem de acordo com a sua sensibilidade, com a sua capacidade de expressarem o Belo, em artistas e "homens comuns". Por sua vez os artistas apresentam-se no desfile de uma infundável gama que abrange dos limites da existência do "homem comum" até as fronteiras de um Rafael, "o das frescas e rosadas epidermes".

Por esta tentativa classificadora, e pelas linhas que seguir-se-ão, já veremos que o homem "comum" necessita e muito do desenho como utilidade.

Escoava-se o final do Período Paleolítico para dar entrada ao Neolítico quando se deu o advento da linguagem articulada, que forneceu ao homem uma vigorosa estaca, na qual ele atou com o desespero e o nervosismo do mudo, a sua capacidade de cooperação.

Percebendo que esta aquisição maravilhosa que lhe facultava a transmissão e a recepção desta misteriosa cousa que é o pensamento, se diluía no espaço físico, o homem procurou guardar gravando por meio de símbolos aquilo que hoje se chama, os sons da linguagem articulada.

Deste modo nasceu a linguagem escrita, expressão gráfica da linguagem falada, que por sua vez procurou viver inicialmente através do desenho, expressão gráfica da forma.

Da mesma maneira, que tornara possível a realização da magia homeopática, o pendor artístico é agora de fato útil, pela primeira vez a uma grande manifestação mental: a linguagem escrita.

Esta é a origem do pictograma, a escrita-desenho que ainda hoje podemos ver em prática entre os povos bárbaros e selvagens, e que mesmo entre nós ainda se afirma por intermédio de traços vestigiais nas placas das estradas de rodagem, onde um trem desenhado anuncia uma próxima passagem de nível, uma flecha curvada para a direita, uma curva para este lado, etc.

Aí está a origem remota do desenho como utilidade, como meio de expressão mais genérica. O pictograma é eloquente por si e por sua finalidade, pois tenta suprir a inibição que assalta o homem quando em contato com línguas que não conhece, como no caso das placas rodoviárias internacionais...

Hoje todo homem "comum" formado ou não, médico, engenheiro ou advogado não raramente necessita expressar-se pelo desenho o que só lhe será possível, no entanto se tiver convenientemente exercitado nesta matéria durante a realização do seu curso de humanidades.

Quantas vezes uma perícia, ou um assunto confidencial, secreto de um causídico, exige um desenho, uma planta, um esquema que geralmente ele nunca sabe fazer.

De maneira inversa, através dos desenhos técnicos expressam-se comumente os engenheiros, indivíduos desprovidos de pendor artístico mas que manejam eruditamente os idiomas especializados de geodésia, da mecânica e da construção.

E isto sem falar dos professores, que estão obrigados por definição e profissão a desenhar e *desenhar bem*, e ainda mais se levarmos em consideração o moderno princípio pedagógico que afirma ser a capacidade de apreensão do aluno diretamente proporcional ao número dos seus sentidos (visão, audição, tato, etc.) aplicados durante o desenrolar da aula.

Em outras palavras o aluno que somente *ouviu* uma aula, aprenderá menos do que o que ouviu a mesma aula paralelamente com a exposição de desenhos ou projeções luminosas, o que lhe obrigou a utilizar mais um dos seus cinco sentidos: a *visão*.

É pacífico entre os professores de desenho e de qualquer outra matéria o valor e o poder do exercício, que se afirma assim como elemento de primeira linha nas cogitações pedagógicas.

Exercícios de Desenho geométrico, de Desenho decorativo, e de Desenho do natural devem ser realizados intensivamente pois só assim os "artistas" e os "homens comuns" adquirirão o automatismo da conjugação dos nervos e músculos das mãos, com o seu cérebro, como seu pensamento.

Experimentando escrever umas poucas palavras com a mão esquerda veremos que é o exercício constante que efetiva o milagre do desenho de um "O" ou um "a" minúsculo sem linhas quebradas e uma posição certa em relação a duas horizontais paralelas denominadas pautas.

E depois desta tão simples quanto séria experiência convencemo-nos definitivamente de que a expressão correta da linguagem escrita a caligrafia é um *desenho convencional* acessível a todos, e que por contingências prementes somos obrigados a constantemente nos adestrarmos nêle.

E traindo as suas ocultas relações com o desenho eminentemente artístico, não caracteriza a letra, a caligrafia, um determinado indivíduo, assim como um desenho de MICHELANGELO define um gênio diferente do de LEONARDO DA VINCE?

De maneira análoga as relações existentes entre o automatismo que se patenteia entre os rápidos, precisos e imprevisíveis movimentos da mão que escreve, também existe uma espécie de sequência de atos automáticos no indivíduo, no "homem comum" quando foi adequadamente adestrado no desenho.

Esta prática, este sentido especificamente adquirido no exercício, provém de ligações extremamente complexas entre o cérebro e os nervos, entre o pensador e o executor, e que se estabelecem graças as três aquisições que se seguem:

a) — Desenvolvimento máximo das faculdades de observação e análise, e ainda muito especialmente da memória gráfica, o que é conseguido pelo desenho natural.

b) — Obtenção de sólidos conhecimentos técnicos que serão exibidos e desenvolvidos futuramente, conhecimentos estes originários do estudo feito a mão livre, de precisos conceitos de morfologia geométrica e das construções de Desenho Geométrico, realizadas por intermédio de instrumentos.

c) — Observação e aquisição do sentido de composição de arrumação o que é veiculado pelo Desenho Decorativo, e que inicia tentativas naturais de criação, já num campo de aplicações de construções geométricas, o que bem define um exercitamento situado dentro do possível, na fronteira que separa a Arte da Ciência.

Em outras palavras a aprendizagem intensiva do desenho impregnará o indivíduo da noção de espaço, de posição e de medida originária da prática do Desenho Geométrico, somada às conceituações de feio e de bonito, de côr e de ritmo, frutos do Desenho Decorativo, e à observação, a interpretação mais profunda do elemento formal, no mais amplo sentido vocabular que se possa

conceber, o que é realizado pela experiência advinda do Desenho do Natural.

3. - O desenho artístico

3.1. — O arquiteto um artista.

Como já vimos existe uma sequência, uma gama infindável de artistas, se os classificarmos enquadrando-os dentro dos limites extremos de uma escala, que vai do homem "comum" (que não é artista) até um **RAFAEL** ou um **MICHELANGELO** o "Sansão da arte" que "abriu a murros as portas de todos os conhecimentos que desejava dominar".

E é desta fileira de artistas cujas sensibilidades se inscrevem dentro dos mais diversos graus, que são recrutados muitas vezes até contra a própria vontade, os alunos que se candidatam ao currículo da Faculdade Nacional de Arquitetura.

A nossa Faculdade de Arquitetura, exibe uma característica que a distingue de todos os estabelecimentos de ensino da Universidade do Brasil: destina-se a aperfeiçoar, a lapidar artistas, que mais tarde transformar-se-ão em Arquitetos, em artistas que construirão bonito e útil, que enfim realizarão todas as construções de sua vida sob o signo da Beleza.

No vocábulo grego *architekton* "arche" quer dizer substância primordial, e "tecton" significa construtor, o que já dá ao sentido vocabular, uma orientação singularíssima, se começarmos a atentar que a "substância primordial" é algo de misterioso, e, transcendente e que na esfera científica corresponde ao "átomo primitivo" do ensaio cosmogônico de **LEMAITRE** ou seja a ordem dinâmica de tudo o que existe.

E assim "arquiteto" quer dizer *construtor da substância primordial*, almo por excelência: criador.

E é esta razão pela qual o Demiurgo é chamado o Grande Arquiteto do Universo.

Platão via na obra de arquitetura não a representação da *cousa*, mas a *cousa em si* real.

Assim partindo da esfera sutil das ignotas regiões do pensamento abstrato, concretiza-se a Idéia na mente do Arquiteto assumindo desta maneira um aspecto unidimensional que se translada ao papel, já com duas dimensões para finalmente ser materializada na obra, plena do aspecto tridimensional.

É como se o abstrato penetrasse totalmente o próprio concreto, é o imaginário realizando-se plenamente a si próprio, adquirindo existência, rompendo o tempo e exibindo-se automaticamente no conjugado quadridimensional espaço-tempo.

Vai agora o real mostrar-se em toda a exuberância de sua beleza material e proteica, em razão da variedade de substâncias que integram uma obra de arquitetura.

Os materiais mais diversos são agora alinhados em harmonia estética e estética para construir um corpo ôco dotado da esdruxula propriedade de criar espaços...

O arquiteto mais criador do que nunca ordena, utiliza e manipula agora a substância primordial que deu origem e constitui tudo o que existe, diferenciada nas variegadas estruturas dos edifícios atômicos dos vários materiais de construção para concretizar um ideal de Beleza que é capaz de rivalizar com seu próprio Espírito no campo da originalidade.

Quem no mundo pode realizar tal façanha?

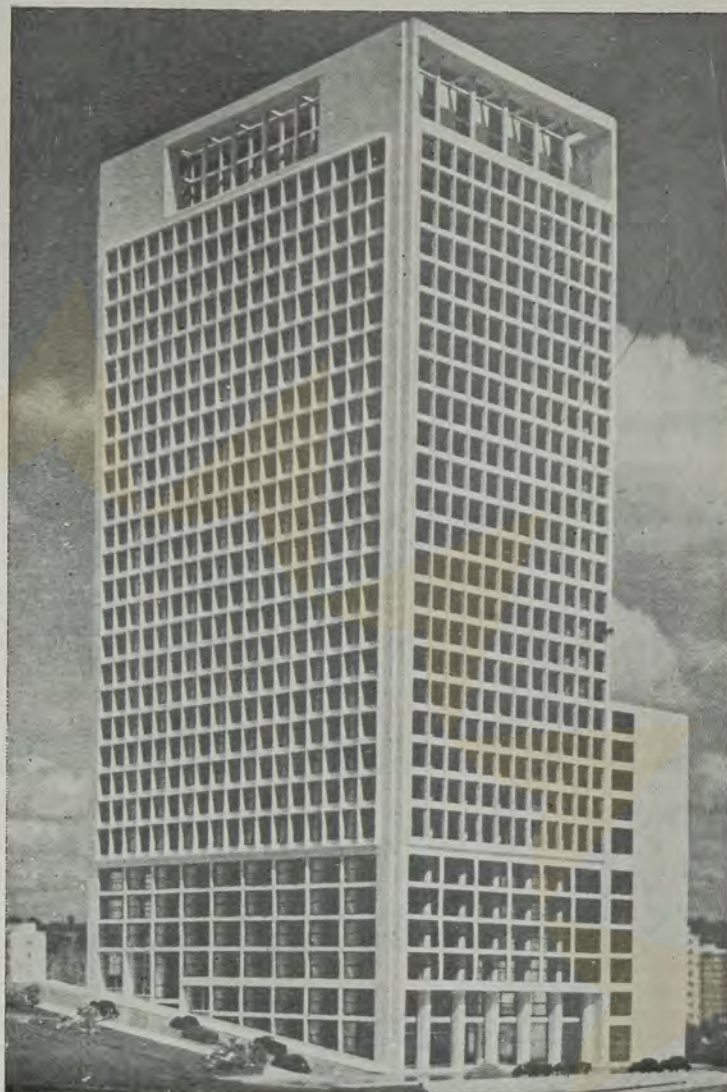
"O arquiteto, diz **BORISSAVLIEVITCH**, faz uma casa real enquanto que o pintor representa esta casa. Mas esta representação não é segundo **PLATÃO**, mais do que uma imagem, um fantasma desprovido de existência verdadeira". (12).

Idealizou para concretizar, projetou para criar, para construir bonito.

"Ora, de todos os atos, afirma **PAUL VALERY**, o mais completo" é aquele de construir. Uma obra pede amor, meditação, sujeição ao teu mais belo pensamento, a invenção de leis pela tua alma, além de outras que ela retira maravilhosamente de ti mesmo e que tu nem suspeitavas possuir".

"Esta obra se aparta do mais íntimo de tua vida sem nunca se ter confundido contigo. Se lhe fosse dado pensar ela pressentiria a tua existência que não viria jamais estabelecer e nem concluir claramente. Tu serias um Deus para ela." (13)

Mas o "Deus" está tolhido, peado. Estranhos contratos e bizarros pactos o prendem por um lado, temores de origem econômico-financeira de outro, enquanto que a escassez de idealismo e de entusiasmo embargam-lhe também por mais um lado a capacidade de criar livremente. Não raras vezes as peas surgem de dentro dele, e viram-se contra ele mesmo, e é neste ponto que culmina o drama do alma, que fraco se avilta e se estereliza por ter pensado mais em si do que na obra que criava; é aquela forma de exaltado narcisismo, tão comum hoje em dia e que empareda o artista, a qual **BLASCO IBANEZ** critica com a sua invulgar maestria "No país da arte" quando escreve sobre "a catedral por fora".



Para que serve o desenho artístico: permitir a concepção e criação de obras como esta?

Quando nasceu a Catedral, a arte era vocação irresistível, amor a beleza sem cuidado algum pela glória pessoal. O arquiteto era artista; associados todos pela comunidade de idéias aspiravam a imortalidade da obra sem se importar com o esquecimento do autor". (14)

Ao que acrescentamos: na época das equipes, nos dias que correm, o Grupo Profissional não mais comporta sentir os efeitos perniciosos de uma linha de conduta interesseira egoísta e egocêntrica de um membro, o que poderá acabar em um desastre de consequências imprevisíveis, no enfraquecimento do Todo em detrimento do indivíduo e o conseqüente desequilíbrio na linha evolucionária da Arquitetura.

Necessariamente munido das técnicas de construção, dos indispensáveis conhecimentos matemáticos, biológicos, etc., inerentes à profissão, como há dois mil anos escreveu **VITRUVIO**, o arquiteto permanece Artista; e passe pelas mãos de que mestres passar, médicos, engenheiros e advogados, competentes ou não ele será sempre um Artista pela mesma razão que as sementes de roseiras geram sempre roseiras em qualquer terra que se as plantem.

3.2. — O desenho artístico.

Outrora o ensino se orientava no sentido de adextrar "alunos-máquinas fotográficas" que recebiam a missão "tático-artística" de fotografar a Natureza custasse o que custasse numa interpretação estrábica do conceito artístico-pedagógico.

Mas o pior é que esta "Natureza" se resumia numa fileira de bustos descorados, cópias de cópias de esculturas célebres onde a marca do artista e o símbolo do gênio já se tinham perdido em algumas das fôrmas que integraram aquela sequência de moldagens.

A "Natureza" de então, era apenas aquela procissão estática de bustos brancos e ofuscantes iluminados artificialmente, o que gerava nêles o aparecimento de rígidas e violentas sombras que não raramente terminavam por desfigurar-lhes as fisonomias, aqueles delicados ou másculos semblantes esculpidos para a luz difusa dos interiores gregos...

O aluno devia copiar e copiar mecânicamente como um autômato as esculturas dos artistas célebres como se o gênio de um **PHIDIAS**

ficasse armazenado em um busto anêmico, para as terças, quintas e sábados de oito as dez da manhã, ser irradiado sobre os alunos na sala de aula durante o exercício.

Novos tempos chegaram com o professor UBI BAVA, e com eles sadias e inteligentes alterações se processaram na Cadeira de Desenho Artístico.

E assim hoje nos exercícios de paisagem, de figura humana, nu e arquitetura, com aquele conceito emanado daquilo que a arte sempre levou em seu bojo, e que agora se começa a ver mais nitidamente: a liberdade para o amplo desenvolvimento de uma personalidade artística.

E segue-se o desenho de memória

Assim na paisagem o aluno se identifica e se harmoniza com as formas da Natureza, tão salutares ao Espírito artístico pela sua variedade, exuberância e riqueza de motivos. Bem disse DELACROIX que a natureza é o dicionário do artista...

Na figura humana o futuro arquiteto observa como na paisagem as proporções e as formas, aliadas agora ao movimento e as atitudes.

Na cópia dos edifícios ele interpreta e procura reproduzir a seu modo o que o conjunto possui de essencial: o ritmo, as proporções, a harmonia e o claro escuro que reunidos fazem soar aquela tão subjetiva quanto legítima nota tônica que é precisamente a integração e verdadeiro lugar do edifício na paisagem e por conseguinte na Natureza.

Finalmente através do desenho de memória, o futuro artista exibe e simultaneamente desenvolve a sua capacidade de reter aquilo que mais lhe falou à personalidade.

O Desenho Artístico, não tem mais aqui a finalidade de dotar o aluno de uma habilidade sem substância que se destina aos artifícios das célebres "apresentações" falsas cujo único escopo era cativar e prender o cliente dentro de uma concepção comercial indigna de um criador.

Não é para desenhar bonequinhos, automóveis e árvores, que eles se preparam no desenho. Não!

Arquitetura é Arte e Arte não é desenhar bonequinhos "arrematando" perspectivas. No entanto, para aqueles que soem fazer tal "arte", deixamos aqui a grave advertência do atual Catedrático da disciplina em jogo:

"A arte sempre acaba traindo o artista que pretende traí-la. A posteridade é a prova" (15)

É única e exclusivamente para através do contínuo exame interno e externo da Natureza viva, desenvolverem as suas faculdades criadoras latentes que na sua culminância os diferenciará por exemplo do engenheiro civil.

Também está em jogo o lado objetivo da técnica pedagógica, que se denomina motivação, e que afasta do aluno a monotonia das anêmicas formas gessadas para introduzi-lo na policromia estimulante que se encontra no recanto do mais modesto jardim. E não nos esqueçamos nunca de que a arquitetura sempre que atingiu um apogeu, em qualquer época vestiu-se alegremente de formas coloridas.

E de fato o aluno responde a este sistema com sua surpreendente assiduidade, e interesse pousando de boa vontade e desenhando com afino e consultando constantemente os professores numa demonstração de entusiasmo e que afinal das contas é a única cousa que um mestre pode desejar de um seu discípulo.

Pena é que esta disciplina tenha tido o seu curso de dois anos reduzido para um só, como se a arquitetura não fosse uma Arte, a mais difícil e complexa das artes!

O "virtuosismo" hábil, o "maneirismo" que são em última análise a degenerescência e a anulação da personalidade artística, pelo abuso do gesso e por falta de uma firme orientação, são substituídos agora pela expansão livre de um temperamento que se desenvolverá ao máximo...

E assim por estes métodos, são descobertos nas aulas de Desenho Artístico, não só os verdadeiros arquitetos mas também os outros artistas, ao mesmo tempo que se plasmam todos da mesma massa, os futuros continuadores da obra de INHOTEP e CORBUSIER.

4. - A importância na prática do desenho para a composição de arquitetura

4.1. — O drama seletivo.

Depois de uma peregrinação por sete estádios de diferentes graus chega o estudante vitorioso ao exame vestibular de Desenho a mão livre da Faculdade Nacional de Arquitetura.

E nesta hora que é dado aos examinadores, a constatação lamentável dos alunos em exame se encontrarem naturalmente divididos em dois grupos: os que frequentaram cursos auxiliares de vestibular e os que trouxeram apenas o ensino recebido nos cursos ginasial e colegial.

E é dentre os primeiros que virtualmente se encontram os poucos alunos de fato em condições de prestar um tal exame, o que fala a favor de uma precária orientação e de uma grande falta de exercitamento nos cursos oficiais.

Isto tudo é deveras estranhável e incompreensível, se levarmos em conta que o programa em vigor, que aliás se apoia em inteligentes Instruções metodológicas, é muito bem feito revelando o grande descortínio e os raros dotes pedagógicos de seus elaboradores.

Infelizmente em virtude do sistema de média global cinco, aliado às eliminatórias com grau três nas cadeiras de Desenho a mão livre e Desenho projetivo, fica a seleção um tanto perturbada e destarte os artistas são e não raramente preteridos pelos homens comuns que melhor estariam estudando engenharia ou eletrotécnica.

É fácil a explicação.

Dificilmente se pode estabelecer o limite, a fronteira onde o Desenho Projetivo se transforma em Geometria Descritiva e assim aquele que vem se submeter a um exame, a uma prova gráfica de desenho geométrico e projetivo, são de fato sujeitos a uma prova de Geometria Descritiva, como aliás a chamam quase todos os professores e candidatos à matrícula.

E é assim que colocada antes da prova gráfica de desenho à mão livre a "descritiva" já famosa pelos seus elevados índices de eliminação em vários anos, realiza a ceifa dos artistas que pelo menos tem um ano de atraso na sua vida de criadores.

A par disto é comum uma certa benevolência com o exame de Desenho à mão livre, mesmo porque "os cortes foram muito grandes em Descritiva"...

Não somos contra a entrada de "homens comuns" uma vez que o sistema seletivo tal permite, mas não podemos concordar é com o fato de um só, um único artista poder ser eliminado sem ao menos terem os professores consciência de terem eliminado um homem sensível, de pendores artísticos, o que naturalmente sucede pela própria colocação da "prova gráfica de desenho à mão livre" depois da de "Descritiva".

Se ceifa devesse existir em um tal exame vestibular, mais justo seria que se processasse em Desenho à mão livre pois pelo menos esta cadeira é de fato a única credenciada para selecionar artistas. E àqueles que me fizerem a embaraçosa pergunta se ao "homem comum" é dado o direito de ser arquiteto, eu já respondo antecipadamente que um "homem comum" poderá se diplomar em arquitetura, por imposição dos métodos seletivos do exame vestibular e das provas de currículo mas nunca será um Arquiteto com A maiúsculo, um artista na acepção do vocábulo, porque não nasceu dentro daquela imensa gama que se estende entre os limites do "homem comum" até as proximidades de um Rafael, como esvemos em 2.1.

Não queremos com isto enfraquecer a densidade de população da Faculdade, mas antes elevar nela o índice de artistas.

4.2. — O exercício.

Voltando de novo a nossa Faculdade de Arquitetura, o desenho tem ali a finalidade de lapidar artistas, repetimos, de desenvolver as suas faculdades criadoras, donde se conclui, juntando com o anteriormente exposto, que esta Casa de ensino foi criada única e exclusivamente para abrigar artistas.

E nem podia ser de outra maneira.

Desenvolver-lhes as latentes faculdades de criadores, pois só a obra de arte é criação, se emprestarmos a este último vocábulo o sentido de realizar algo autônomo, algo escoimado de resíduos atávicos, ou melhor algo desprovido totalmente daquela sequência ancestral que lhe dá continuidade e existência como as descobertas científicas.

Por trás de cada salto no campo da Ciência está um vasto patrimônio que lhe serviu de base ao passo que no terreno das criações artísticas tal não sucede.

A criação independe de algo que lhe tenha antecedido como o provam os desenhos magníficos dos cavernícolas. A criação é sem dúvida alguma, um tipo de eclosão até hoje inexplicada, mas que apesar de sua origem misteriosa não deixa de sofrer acentuadamente a influência da disciplina do desenho.

Desde a pré-história que existem mestres e alunos, os quais levaram tempos, aprendendo se exercitando.

E assim à disciplina do Desenho chamamos nós: tempo mestre e aluno, em uma palavra — ensino.

O ensino do desenho requer exercício, muita prática por parte do discípulo. Não somos daqueles que acreditam em pseudas-manifestações artísticas repletas de "ingenuidade", "pureza", "simplicidade" e outros atributos hoje em uso precisamente por que damos ao fator tempo a decisiva influência que de fato ele exerce sobre o artista e o julgador.

Assim como o escritor fala por letras, e os departamentos rodoviários por placas que nada mais são do que vestígios de pictogramas, o criador, o artista fala por formas e o desenho é a expressão gráfica destas formas...

Mas não temos dúvida que a linguagem do artista será como a nossa escrita com a mão esquerda, se ele não tiver tido disciplina, exercício e se não tiver se identificado com as formas da Natureza, identificação esta que implica na posse da intuição da realidade concreta.

"Em princípio, todo artista se vale da Natureza. O contacto com esta, quando aquêle, ainda está em formação, quando a elaboração se inicia, é vago, e a imagem não se apresenta com nitidez no espírito desse mesmo artista. Dizemos que o contacto é vago porque não há a necessária familiaridade; e nos artistas plásticos essa familiaridade se relaciona imediatamente com as formas da Natureza. Na integração paulatina, que se realiza, com a observação, acompanhada da prática do desenho o artista começa a conceber com clareza. Portanto é a Natureza com suas formas o modelo comum." (16)

Mas é claro que não é o "modelo" no sentido rigoroso do vocábulo, aquêles sentido literal e ortodoxo daqueles que tão estreitamente interpretam a idéia de "arte-imitação".

Para êsse a Arte é a cópia, fiel, servil da Natureza.

Nada mais falso!

E para êsses vai também aqui a resposta proficiente de MARITAIN:

"O adágio antigo: *as artes imitam a natureza*, não significa a arte imita a natureza reproduzindo-a, mas sim a arte imita a natureza, fazendo, ou operando como ela, as artes imitam a natureza em seu operar." (17)

Isto significa em outras palavras: a expressão da união do mundo interno com o externo como vimos na secção 1.2., porque a *Natureza que atualmente conhecemos* nada mais é do que a reunião destes dois mundos.

O artista diz sempre algo por meio de formas abstratas, pois estas em si já têm um significado definido, uma vida própria.

É evidente que não pode criar formas aquêles que não conheceu as formas da Natureza.

É no constante exercício de transferir estas formas para um pedaço de papel, que se desenvolve tudo aquilo que está em potencial: a sua personalidade, a sua sensibilidade, o seu temperamento artístico que desabrochará um dia através da graça, da delicadeza ou do vigor.

E não param aí as cousas pois tem agora início o drama do professor de Desenho Artístico da Faculdade Nacional de Arquitetura. É com êste material, subproduto de um ensino ginásial e colegial precários, onde os professores de desenho interpretam as Instruções Metodológicas programáticas, como bem entende, material filtrado pelo já conhecido sistema seletivo, que tem de se haver o Cate drático e Professores Auxiliares da Cátedra em questão.

Um ano para despertar em tais alunos faculdades criadoras, um ano para fazer brotar água da rocha...

Incompreensivelmente, esqueceram-se os responsáveis pelo funcionamento da máquina do Ensino, que os alunos devem chegar aos umbrais da Faculdade Nacional de Arquitetura, já tendo aprendido a desenhar, e que

"Aprender a desenhar não é adquirir possibilidade de lançar certas, desde o primeiro traço, tôdas as linhas indicadoras do desenho, todos os valores de sombras. Mas principalmente, adquirir possibilidades de corrigir a si mesmo, desenvolver o espírito crítico, acentuar pendores de observação dominar expressionalmente o instrumento de realização do desenho, desenvolver-se na sua capacidade de compreensão e raciocínio, ajustar-se à complexidade de várias tarefas, enfim de ser capaz de dizer alguma cousa pela escrita sumária da forma." (18)

E assim não é raro termos de nos haver com estudantes que tiveram nota três na cadeira de Desenho Artístico do Concurso de Habilitação, mas que conseguiram elevadas notas nas outras matérias, o que os habilitou a entrar para a Faculdade supra referida, e em bom lugar de classificação, mas que não estando familiarizados com o desenho, mal sabem sustentar corretamente um lápis entre os dedos, totalmente vãos de exercício sistemático.

Pobre Arquitetura!

E desta maneira está o professor de Desenho Artístico a braços com o exíguo prazo de um ano, já demasiadamente escasso para despertar qualquer cousa também destinado a corrigir vícios ensinar a desenhar a legítimos principiantes, quando não são acabadas negações artísticas, das quais o professor é obrigado a esconder a verdade que o médico com o doente desenganado. Acharmos pouco, miserável mesmo, o tempo de um ano para a permanência de um aluno nas aulas desta disciplina básica, recordando-se ainda o autor destas linhas que no seu tempo de estudante, esta mesma disciplina se estendia pelo tempo de dois anos. O professor de Desenho Artístico não pode relegar à uma plana secundária os fatores psicológicos inerentes aos seus alunos.

Destarte só poderá ser deveras eficiente se cautelosamente fôr extirpando um a um todos os vícios e as "falsas personalidades" originária da obtenção de "efeitos" que ocultam tudo aquilo que realmente de proveitoso e puro pode haver no verdadeiro artista. E para isto é necessário tempo, e não pouco.

Conclusão

Depois destas considerações, esperamos ter exposto com clareza embora sem brilho, o nosso ponto de vista, sobre a "importância da prática do desenho para a composição de arquitetura" e que recebeu o nome de "DESENHO ARTE E ARQUITETURA".

Data vênha sem querer desparrar as fronteiras das nossas modestas atribuições, apresentamos a seguir, resumidas em três itens distintos, as sugestões oriundas deste trabalho, sem outro intento que não seja o de deixar bem delineado o nosso pensamento quanto à configuração dos rumos, dentro dos quais deve ser tratado, em nosso entender, o Desenho Artístico na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, desde o Concurso de Habilitação até o final do terceiro ano, onde pensamos deva ser colocado o término de tão importante Disciplina.

Assim:

1.º — Deverá ser aumentada de três para cinco, a nota limite de aprovação da prova de Desenho Artístico do Concurso de Habilitação.

2.º — A prova supra-citada, deverá ser a primeira de tôdas na ordem de realização.

3.º — O ensino da Cadeira de Desenho Artístico deverá ser entendido pelo menos até o terceiro ano do Curso de Arquitetura.

(1) — LECOMTE DU NOUY PIERRE — O futuro do espírito — Pg. 219 — Editora Educação Nacional — 1950 — Porto.

(2) — SPENGLER OSWALD — La decadencia de occidente — Pg. 132 — Tomo I — Editorial Albatros — 1945 — Buenos Aires

(3) — BRODRICK A. HOUGHTON — La pintura prehistórica — Pg. 10 — Fondo de cultura económica — 1950 — Mexico — Buenos Aires.

(4) — FRAZER SIR JAMES GEORGE — La rama dorada — Pg. 40 — Fondo de cultura económica — 1951 — Mexico — Buenos Aires.

(5) — READ HERBERT — Arte y sociedad — Pg. 95 — Editorial Guillermo Kraft Limitada — 1951 — Buenos Aires.

(6) — BERGSON HENRI — La pensée et le mouvant — Pg. 258 — Presses Universitaires de France — 1950.

(7) — BAVA UBI — Forma e conteúdo — Pg. 8 — Tese de concurso para provimento da Cadeira de Desenho Artístico da Faculdade Nacional de Arquitetura da U. B. — 1949.

(8) — CARREL DR. ALEXIS — O homem perante a vida — Pg. 200 — Editora Educação Nacional — 1949 — Porto.

(9) — WORRINGER WILHELM — Abstraccion y naturaleza — Pg. 23 — Fondo de Cultura Económica — Mexico — Buenos Aires — 1953.

(10) — JINARAJADASA C. — El arte como voluntad y idea — Pg. 91 — Biblioteca orientalista — 1930.

(11) — WORRINGER WILHELM — Abstraccion y naturaleza — Pg. 19 — Fondo de Cultura Económica — Mexico — Buenos Aires — 1953.

(12) — BORISSALIEVITCH MILOUTINE — Las teorías de la arquitectura — Pg. 10 — Librería y editorial «EL ATENEO» — Buenos Aires — 1949.

(13) — VALERY PAUL — Eupalinos — Pg. 120 — Ballimard — 1944.

(14) — IBÁÑEZ VICENTE BLASCO — No país da arte — Pg. 45 — Livreria Bertrand — Lisboa — 6.ª edição.

(15) — BAVA UBI — Forma e conteúdo — Pg. 44 — 1949.

(16) — BAVA UBI — Forma e conteúdo — Pg. 82 — 1949.

(17) — MARITAIN JACQUES — Art et Scolastique — Pg. 269 — Nota 134.

(18) — PAES LEME JURANDYR — O desenho do natural. (Conferência pelo saudoso mestre JURANDYR PAES LEME, no Curso de Extensão Cultural da Cadeira de Desenho Artístico da Faculdade Nacional de Arquitetura da U. B. em agosto de 1950) — Revista de Arquitetura — Julho-agosto de 1950 — Pg. 12.



Monvillea sp. — *Cristata Oponfia succulata*.

Euphorbia neviifolia forma *cristata*.



Euphorbia neviifolia forma *cristata*.



Arte plástica e botânica

A propósito de Walter Lewy

Antigamente, quando o ensino científico tinha pretensões discretas no âmbito do humanismo seus prolegômenos eram estudados em cursos secundários com o nome humilde de *Lição de Coisas*.

Amava-se mais a superfície da terra do que as suas entranhas, e por isso a botânica era mais estudada do que a geologia. Um bom humanista intercalava na sua conversa literária, ao lado dos nomes de Horácio e Virgílio, os nomes de Lineu e de Malpighi; poetas parnasianos que ainda gostavam do cientificismo amável de Goethe, faziam sonetos à romã ou às raízes adventícias, empregando termos de botânica geral, aplicada e industrial e citando sua nomenclatura em latim. Por que motivo, numa revista de arte e arquitetura, se recordar isso? Como intróito a uma arte em que se especializam um Burle Marx? Não. Isso requereria conhecimentos

especiais sobre a complementação arquitetônica do *play-ground* dos arranha-céus, dos jardins públicos, dos campos de aviação, dos revedos de hipódromos e dos jardins que rodeiam piscinas. Queremos apenas recordar que a morfologia da planta, sua fisiologia, sua geografia e sua histologia podem servir ao desenho, à pintura e à escultura da mesma forma que em literatura e taxinomia e a glossologia botânica servem para enriquecer o léxico e ajudam nas metáforas.

Esgotada ou pelo menos saturada a temática da arte figurativa, tornada por demais geométrica ou então impregnada de tachismo amórfico, coube primeiro à escultura, através de Giacometti e de Germaine Richier, procurar na botânica florestal inspiração plástica. Recentemente Julien Alvard num artigo *ECHEC A LA FORME*, provava como pintores da categoria de Tsingos, Fautrier e Laubiés procuravam na fitologia, nos tecidos vegetais, formas microscópicas e cromáticas para o seu processo de tachismo. Quanto à escultura, além de Giacometti e Germaine Richier, acima citados, Theodor Roszak, numa conferência feita no Instituto de Arte de Chicago, projetava na tela esculturas de sua autoria onde a inspiração vinha diretamente da natureza vegetal e mineral, e sua conferência teve o título: *À PROCURA DE IMAGENS E FORMAS NÃO SATURADAS*.

Conhecem-se os desenhos de nervuras de plantas de H. G. Adam sobre os meses de outono e inverno.

A morfologia vegetal por ser quase sempre simétrica, oferece os mais belos exemplos de fatura, composição, espaço, ritmo e colorido de que há exemplo, e seria um pleonasmo irritante dizer que uma flor é bela, que os estames e os pistilos parecem harpas, plumas, etc.



A morfologia externa da planta se adequa à beleza e ao embelezamento por seu efeito de síntese, e o jardim está ligado às sociedades humanas e aos complexos familiares como um oásis à realidade árida da vida.

Queremos, porém, evitar perorações ditirâmbicas e portanto meramente impressionistas sobre a botânica como razão essencial ou como complementação arquitetônica. O que pretendemos é acentuar as pesquisas de Julien Alvard e Theodor Roszak no sentido de, na falta de modelos humanos, o artista figurativo e aparentemente abstrato se voltar para a fitografia como fonte de inspiração de formas. Dada a tristeza da arte atual, arte desvalida, com síndromas profundos de complexo de inferioridade, arte simuladora, que se evade do real e se distrai no onírico e no surrealismo, uma atenção leiga ou científica nos produtos da botânica oferecerá aos problemas de forma, substância, valor e fatura, bem como de composição, um rico acervo de morfologia permanente, constante, que as estações do ano, os climas, a jardinagem e a força bruta, porém sábia da terra, não se negam em demonstrar para quem quer que se detenha diante de uma planta.

Muito jardineiro empírico ao arrumar num canto de jardim, junto a um muro velho e junto de um tanque limoso uns vasos de flores, está organizando sem querer não só uma moldura como um plano de formas, côres, trabéculas, ritmos, mudanças e gamas.

Quem estuda a colocação de uma série de cachos em latas, está destacando sem saber um modelo cruel de independência biológica,



Kafanchor benarensis.

alheio a chuvas e a adubos, espécie de vida vegetal que não vive da terra nem da água e sim dos raios do sol e das emanções cósmicas.

Quem observa certas telas oníricas de Walter Levy, de configuração ogival, parecendo setas de catedrais medievais, ignora por certo que êle se inspirou em morfologia de dicotomização de troncos, galhos, ramos e franças. Por isso, por haver chegado à noção da beleza não apenas conplacente do vegetal, mas à noção de sua fonte inspiradora permanente para a arte, é que êsse mesmo Walter Levy criou seu jardim, seu horto, suas estufas, seus viveiros, cujas fotografias publicamos ilustrando esta nota, onde cria ninhadas de plantas com o mesmo interêsse com que um professor de bailados adestra desde cedo seus corpos de adolescentes para a *souplesse* dos movimentos e dos ímpetos.

Caules, raízes, troncos, estipes, flores, corimbos, campânulas, dicotomizações, fibras, nervuras, espinhos, umbelas, corolas, pólenes, sépalas, frutos, sementes, tôda a intimidade fisiológica da botânica, todos os seus segmentos de embriologia, de inflorescência, de maturação e principalmente sua variedade em ritmos de poesia criadora ou em deformações florestais de catadura teratológica, inclusive a velha arte da paleofitologia, respondem bem aos anelos de busca de forma, de inspiração de leis de composição que se anunciam de novo em artistas voltados para a botânica, transformados em horas vagas em horticultores e jardineiros. Aliás repetimos que se trata de uma pesquisa renovadora, pois o velho Arcimboldo, dos velhos tempos só fez telas antropomórficas, efígies e corpos humanos, organizando-os com flores, frutas, sementes, ramalhetes, amentilhos, cachos, espigas, cimeiras, espadices e tôdas as demais maneiras raiosas das inflorescências uniflorais e multiflorais tanto as auxiliares como os terminais.

Euphorbia grandicornis. — *Euph. ammak.*
Euph. coerulescens.





Raul Soldi, "Ensaio", Óleo.



Raul Soldi, "Aula de Música", Óleo.

Artistas Argentinos

Raul Soldi

Soldi é o lírico entre os pintores argentinos. É o eterno criador de um mundo individual maravilhoso, cheio de mulheres em lindas roupas, de um mundo da música, da dança, sonho de nossos sonhos.

Quem é esse mágico da beleza no desenho e na pintura?

Raul Soldi veio ao mundo em 1905, filho de um músico de circo. E a atmosfera do circo emana ainda hoje de muitos de seus quadros. Soldi começou os estudos na Academia Nacional de Belas Artes da sua cidade natal, Buenos Aires. Na Itália, pátria de seus pais, fez seus estudos na Academia de Brera, em Milão. Lá pertencia ele ao grupo "Avanguardia Artística" e "Il Milione".

Roma, Paris, Nova York, São Francisco são os nomes de algumas cidades onde foi exposta a sua obra. E isso já durante a sua

juventude. Na Argentina possui ele toda consideração que pode ter um artista e já foi necessário encontrar um novo valor para conferir à sua arte um reconhecimento ainda mais expressivo.

Em favor da sua popularidade falam os muitos murais que ele executou nos últimos anos como exercício, à frente dos quais está a decoração da cúpula da Galeria Santa Fé, em Buenos Aires, mural que cobre quase 400 metros quadrados e que consiste de 24 cenas diferentes e 63 figuras. Para mencionar apenas os seus maiores trabalhos de decoração, podemos também citar os afrescos de uma capela em Glew, nas proximidades de Buenos Aires.

As suas decorações e costumes para o ballet "Los Caprichos de Mariana", ópera recentemente estreada em Paris, têm a mesma

graça de todas as criações desse artista-poeta. Soldi ilustrou inúmeros livros (entre eles poesias de Pablo Neruda) e tanto o seu trabalho gráfico quanto os seus desenhos mostram sempre a nota pessoal, aquela linha delicada e sensível de um artista de vontade própria, cuja arte alegre pertence às criações duradouras da arte argentina da atualidade. Suas encantadoras formas femininas em trajes do século XIX, seus graciosos prestidigitadores de circo cujas suas delicadas naturezas-mortas são perfeitas poesias de um poeta-pintor do nosso mundo prosaico. A obra de Soldi é um exemplo de genuíno romantismo conservado em nosso século. É uma espécie de reencarnação de um Fragonard. E sua pintura permanecerá viva enquanto houver pessoas que procurem edificação na arte.

Sigwart Blum, Bs. Aires



Raul Soldi, "Os Musicistas", Óleo.



Raul Soldi, "Ballet", Óleo.

Raul Soldi. "Trabalhadoras", Têmpera, Decoração mural.



Raul Soldi, "Nú", Óleo.



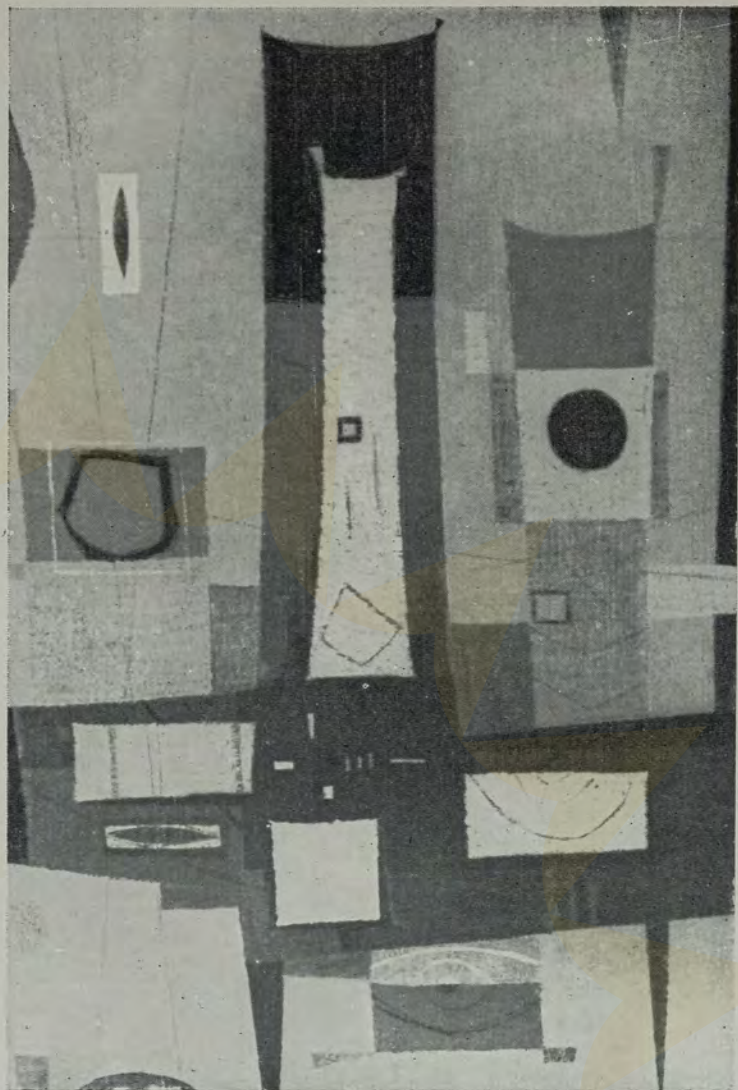
Raul Soldi, "Tocadores de cítara", Óleo.

Raul Soldi, "Estudo de movimento para um ballet" (Monotipo).





Oscar Herrero Miranda, "Composição 74", 1957.



Oscar Herrero Miranda, "Composição 75", 1957.

Oscar Herrero Miranda

Mais ou menos a cinco horas de trem de Buenos Aires está a segunda cidade argentina, em tamanho: Rosário. Mais corretamente: Rosário de Santa Fé. Uma cidade cinzenta, extensa e plana, com mais de meio milhão de habitantes. Rosário tem um pôrto importante, um museu considerável, magnificamente situado num grande parque. Nesse museu encontramos, ao lado de um El Greco e outros tesouros da arte, toda a linha de ancestrais da pintura argentina, desde os primeiros tempos até hoje. Entre os últimos quadros pendurados nesse simpático museu figura um quadro grande de um jovem pintor rosarino: Oscar Herrero Miranda. Este pintor nasceu em 1918 em Caxada de Gomez, (província de Santa Fé). Como pintor, é autodidata. Mas já muito cedo começou

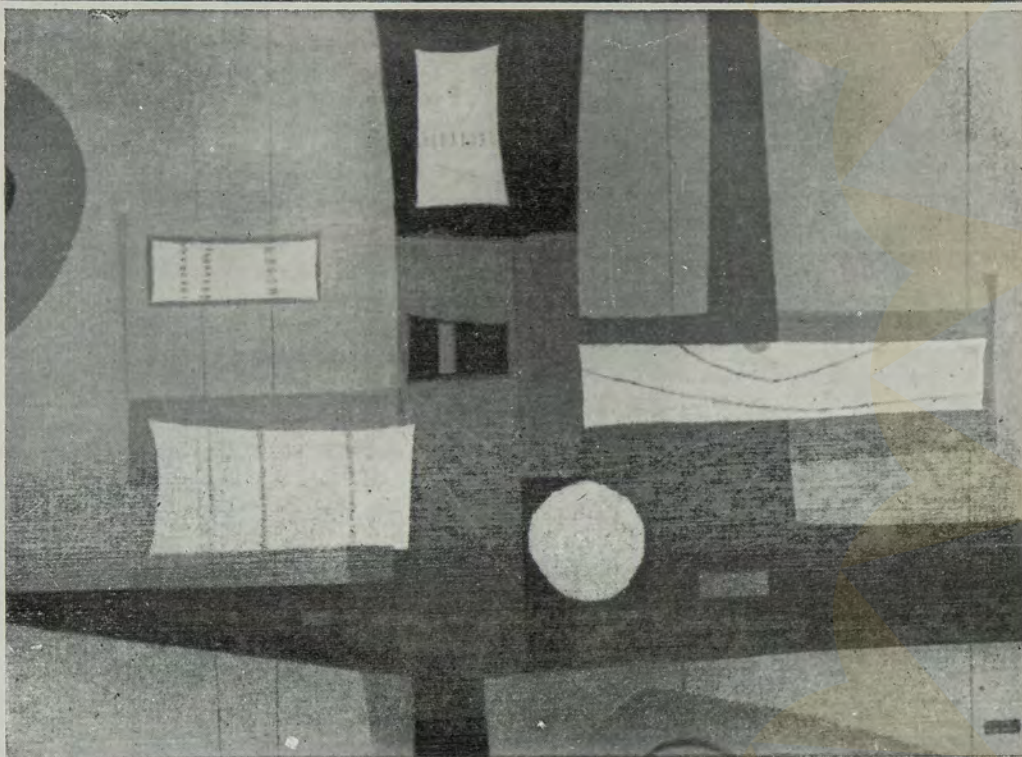
a desenhar e pintar; e justamente o Museu Municipal de Belas Artes Juan B. Castagnino, em Rosário, do qual falamos acima, possui um quadro do seu primeiro período: a cabeça de uma mulher, impressionante, que se poderia enraizar no Renascimento italiano. A pintura de Oscar Herrero Miranda desenvolveu-se segundo o caminho de um surrealismo entre Dali e Max Ernest. No ano de 1951, começa a apresentação de uma pintura abstrata, que de início é permeada de elementos aparentemente surrealistas, dispostos bizarramente contra um "background" escuro, mas que se dirige cada vez mais para as formas puras. Aquilo que ele conservou dessa pintura é a preferência pelas cores discretas, apagadas. Elas estão de acordo com o temperamento do

artista. É a calma, a sabedoria. Ao artista já não interessa apresentar as cousas através de seus múltiplos elementos; ele prefere, por meio de sinais, deixá-las reviver na fantasia do observador. Por isso ele não dá títulos aos seus quadros, mas numerá-los em continuidade. Oscar Herrero Miranda vive e trabalha em Rosário. É professor na Escuela Superior de Bellas Artes da Universidade Nacional do Litoral. Sua importância dentro da arte nacional é demonstrada pela participação do artista na exposição de pintura argentina em Washington (USA), tendo seu trabalho sido exposto em outras cidades da América do Norte. No campo da pintura abstrata pertence ele às poucas esperanças da Argentina.

Oscar Herrero Miranda, "Composição 71",
1957.



Oscar Herrero Miranda, "Composição 72",
1957.



Oscar Herrero Miranda, "Composição 73",
1957.



José Luis Cuevas e a tradição mexicana

José Gomes Sicre



Há cerca de três anos Felipe Orlando me deu a conhecer pela primeira vez e apenas por fotografias a obra de José Luis Cuevas, um jovem mexicano que “desenhava magistralmente”, segundo a opinião do nosso pintor. Estabeleci contacto epistolar com ele e, numa viagem que efetuei pouco tempo depois ao México, o procurei. Trouxeme à casa de um outro artista algumas coisas recentes tiradas a esmo do seu ateliê. À medida que ele extraía papéis de sua pasta, compreendi que estava diante de um criador legítimo, com incrível grau de maturação técnica. Cada desenho que me apresentava era um choque, uma angústia desenvolvida em síntese da maior força plástica. Dada a qualidade da obra que me era mostrada de maneira modesta e tímida, como um colegial que deixa examinar seus cadernos de classe, o convidei a expor na União Panamericana dentro de prazo relativamente breve.

Conquanto eu estivesse perfeitamente seguro da alta qualidade daquela obra onde não havia o menor balbucear e que se definia com segurança inquebrantável, me inquietava a reação que poderia ter o público perante os temas. Ainda mais, inseguro como estava do mal-estar que poderia causar, quando Cuevas chegou ao meu escritório com seus trabalhos, quis que os vissem alguns companheiros de tarefas cuja opinião estimo. Alguns logo demonstraram interesse em adquiri-los. Quando se abriu a exposição em julho de 1954, em meio a uma dessas ondas de calor que fazem vibrar Washington, uma quarta parte dos trabalhos já estava vendida. Ao fechar-se o recinto, aquela noite, a metade dos desenhos já tinha donos. Três dias depois não restava uma única obra disponível. A reação favorável, porém, era retida um tanto por uma parte do público que saía nauseado da sala. Esse é o termo, pois houve quem dissesse que aquilo causava náuseas. Outro propôs logo um auto-de-fé. Contudo, a crítica séria foi unânime na apreciação, e a revista *Time* dedicou ao jovem artista recém-descoberto uma página que o situou de imediato entre os novos valores da arte gráfica na América.

Que tinham — perguntar-se-á logo — êsses desenhos? A resposta é simples: o genuíno, o inalienável. Se os temas eram rechaçados

por alguns, o tratamento, a busca, a expressão, tomava logo conta do espectador e fascinavam-no.

Cuevas continuava uma tradição plástica do seu país, na qual o realismo vai do objetivo ao patético, mercê de gradações sutis. Guiado por um instinto criador que o agita desde os doze anos de idade, o jovem se lançou às ruas da sua cidade natal a procura da dor e a angústia em suas formas mais dilaceradas. As prostitutas da Calle del Organo, as crianças macrocéfalas do bairro de Nonoalco, as adivinhas do bairro de Tacuba, foram os seus primeiros temas.

O que poderia ter sido descrição ilustrativa, documento de conteúdo social ou arte de propaganda, se tornou pouco a pouco interpretação sutil, fastasmagórica, de um ambiente alucinante. José Guadalupe Posada estava, com suas macabras gravuras populares, a um lado de Cuevas, ligando-o à sua expressão. De outro lado, aparecia José Clemente Orozco, com uma linha incisiva e fustigante. Ambos depositavam valores quintessenciados da arte do México na personalidade deste adolescente preocupado com a dor e a realidade dos bairros miseráveis da grande capital.

Pouco depois, Cuevas pôde obter licença do Manicômio Geral do seu país para desenhar lá dentro. A produção emanada dessas longas sessões de desenho em salas povoadas por uivos desesperantes, figuras assexuadas de cabeças rapadas e olhos perdidos no infinito, extremidades magras e corpos informes, constituíram sua primeira exposição no México, e foram o núcleo central da de Washington. Uma humanidade de bruxos que tinha muito que ver com o Goya dos últimos anos, invadia seus papéis. Crânios abertos em dois lóbulos proeminentes, lábios leporrinos, vestimentas que eram como grandes capas para conservar aqueles seres convulsivos, estavam descritos com traços nervosos, com sombras envolvente que acrescentavam mais drama a uma horripilante série de imagens sem equivalente na vida cotidiana. Às vezes, na sala dos eletro-choques, um corpo exânime lhe provocava uma linha oustera, rica de maticizes, com uma gravidade e um sentido envolventes do espaço, cujos ascendentes se teria que ir buscar no grande desenho japonês do século XVIII.

Êstes monstros golpeados, excreções de um mundo em decomposição, provocavam-lhe uma grafia ágil. Como em todo grande desenho, só restava retido o essencial, eliminando o acessório e o irrelevante. Por isso, a obra de Cuevas, ao invés de servir de documento de implicações patológicas ou sociológicas, se converte em testemunho do subjetivo, em mostra do espírito de uma juventude sem sossêgo que remexe no detrito que a náusea, porque aspira a uma humanidade melhor. Por isso, seus temas estão concebidos com fúria e com repugnância; por isso, suas linhas são como latejos e bofetadas; por isso, a cor, sempre parca e incidental, não aparece nunca para suavizar e sim para intensificar o horror e o desespero. Recentemente, numa entrevista para uma publicação mexicana, declarei em relação ao desenho de Cuevas “que faz muito tempo que uma linha de desenhista não se expressava tanto”. Ao dizer isso, eu não deixava um instante sequer de pensar na boa tradição dos artistas gráficos que tem produzido o México no decorrer da sua história. Queria assim situar o artista em sua hierarquia, representante da última geração, já libertada do literário, que foge do arancel político, da arenga de esquina da adulação fácil e superficial dos que se apoiam em doutrinas partidárias para proteger a incompetência e a mediocridade. Como Orozco, seu antecessor genuíno, Cuevas é de uma independência total. Se faz crítica mordaz, não é para servir programa algum e sim para satisfazer seu próprio anelo de extirpar a imundície. Se insiste no escatológico, é para destruí-lo com seu comentário candente. No ano passado, sem sair do México, o artista apresentou em Paris uma exposição individual. A crítica francesa, inclinada para a razão e para o comedimento, para as insinuações e as sutilezas características da pintura que predomina naquele meio artístico, não se mostrou indiferente nem alheia ao valor deste jovem. Jean Cassou dedicou-lhe um longo artigo que terminava dizendo: “Cuevas é mexicano, como os mexicanos mais verdadeiros, e mexicano porque, como eles, se acha possuído exclusivamente por uma preocupação apaixonada e cruel (1). Num ensaio prolixamente elaborado, Philippe Sou-



Estudo para uma "Crucificação", 1956.



"Cretinism", litografia colorida, 1956 (Edição de 5 exemplares).

pault declarou: "O descobrimento das obras de Cuevas me parece de um valor singular. Este jovem pintor me recorda, com sua precocidade, a violência de Rimbaud, e a contemplação de seus desenhos me trouxe inevitavelmente à memória os *Chercheurs de poux* (2).

Enquanto um escritor o associa a Rimbaud, os críticos podem insistir em vinculá-lo à tradição — mais do que à influência — que

na arte universal instituíram em épocas diferentes Rembrandt, Goya, Daumier e Soutine, grandes criadores de *impromptus* passionais de uma incontida força subjetiva. Ainda mais nítida é sua ligação com Posada e, sobretudo, com o espírito que arima as formas violentas de Orozco. Isso nos induz a situar Cuevas dentro de certos delineamentos que têm animado em boa medida a arte do seu próprio país. Assim, não só perma-

nece intacto o eixo de toda uma tradição, como também, com sua visão despojada de elementos circunstanciais e peremptórios, dá uma nova força à arte mexicana que, com a exceção do insigne Tamayo, estava nos últimos anos enlanguescendo numa repetição de fórmulas e efeitos intrascendentes. O importante desta sobrevivência do tradicional é que se está gestando agora em mãos de um artista que todavia ainda não tem vinte e cinco anos.

(1) Cuevas est mexicain comme les plus vrais mexicains, et mexicain parce que, comme eux, il est exclusivement possédé d'un passionné, d'un cruel souci de la vérité.

JEAN CASSOU

(2) C'est pourquoi sans doute la découverte des oeuvres de Cuevas me paraît d'une valeur singulière. Ce jeune peintre me rappelle par sa précocité la violence de Rimbaud et je n'ai pu m'empêcher de penser aux *Cherches de poux* en regardant ses dessins. Mais j'ai reconnu aussi, et sans avoir besoin de me souvenir, les individus qui, depuis mes séjours au Mexique, n'ont cessé de me hanter.

PHILIPPE SOUPAULT

Estas duas citações foram extraídas de *Collection Artistes de ce Temps*: «José Luis Cuevas». Textos de Philippe Soupault, Horacio Flores-Sánchez e Jean Cassou. 68 páginas, ilustradas. Paris, Michel Briant, editor. 1955

Dados biográficos

José Luis Cuevas nasceu na Cidade de México em 1933. Ingressou com dez anos de idade na Escola de Pintura e Escultura de "La Esmeralda", onde cursou apenas um ano letivo. Data dessa época uma série de autorretratos, suas primeiras obras de importância. Em 1947 expôs óleos e desenhos numa galeria da Calle de Donceles. Em 1953 efetuou exposições na Galeria Prisse e na Galeria San Angel. Em 1945 é apresentado pela União Panamericana, expondo na sua sala de Washington, e um ano mais tarde na Galeria Edouard Loeb, em Paris. Foi publicada uma monografia sobre a sua obra na coleção *Artistes de ce Temps*, com textos de Jean Cassou e Philippe Soupault. Em 1955 participou da III Bienal de São Paulo com seus desenhos, na seção apresentada pela União Panamericana. Entre 1955 e 56 participou de numerosas mostras cole-

tivas em diferentes galerias mexicanas, bem como nos museus de Houston, Dallas, Cincinnati e Caracas. Efetuou uma exposição individual no Palácio de Belas Artes de Havana em fins de 1956, e outra em fevereiro de 1957 na Galeria de Aenlle, em Nova York. Desde começos do ano passado é professor de desenho na Universidade Ibero-americana, na Cidade de México.

Obras de José Luis Cuevas encontram-se em numerosas coleções particulares no Brasil, Argentina, México, Estados Unidos, França, Inglaterra e Japão, e também nas coleções do Museu de Arte Moderna de Nova York; Museu de Belas Artes de Dallas, Texas; Museu de Marselha, Museu de Lião e Museu Toulouse-Lautrec, m Albi, os três últimos em França; Museu de Brooklin, N. Y.; Museu de Arte de Cincinnati.

A obra de Cuevas é representada no México exclusivamente pela Galeria Souza, da Capital.



Estudos do natural no manicômio do México, 1954.





Frontispício do “Navio Negreiro”.

Karl- Heinz Hansen
“Navio Negreiro”

A gravura ancila da poesia

Karl- Heinz Hansen, que aportou ao Brasil trazendo como bagagem artística sua arte gráfica impregnada do expressionismo crítico-social bem alemão do tempo, da Nova Objetividade, finalmente se radicou na Bahia ficando logo *envouté* pelo sortilégio colonial e barroco de sua efígie arquitetônica e plástica. Residindo no Rio Vermelho, não tardou a adaptar-se àquela base onde raças humanas criaram áreas típicas. Depois de exercitar seu artesanato à realidade tradicional das fachadas de igrejas e conventos, às linhas tortuosas de ladeiras e congostas, e

de inserir-se no meio artístico do Salvador, ampliou suas pesquisas. Natural, pois, que acabasse interessado por uma literatura social como a de Castro Alves, tão condizente com o expressionismo. Agora, aqui em São Paulo, estava expondo, na Galeria Ambiente, xilogravuras atinentes ao temário do *Navio Negreiro*. Não é o mar, não é a África nem é a América que êle procura interpretar segundo a temática do vate baiano. É a intimidade promíscua do navio de escravos, são seus porões, seus tombadilhos, suas luzernas, sua carga humana.

*Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bôcas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nûas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ânsia e mágua vãs!*

*Prêsa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírio embrutece,
Cantando, geme e ri!*



Karl-Heinz Hansen, Xilogravuras da série "Navio Negroiro".

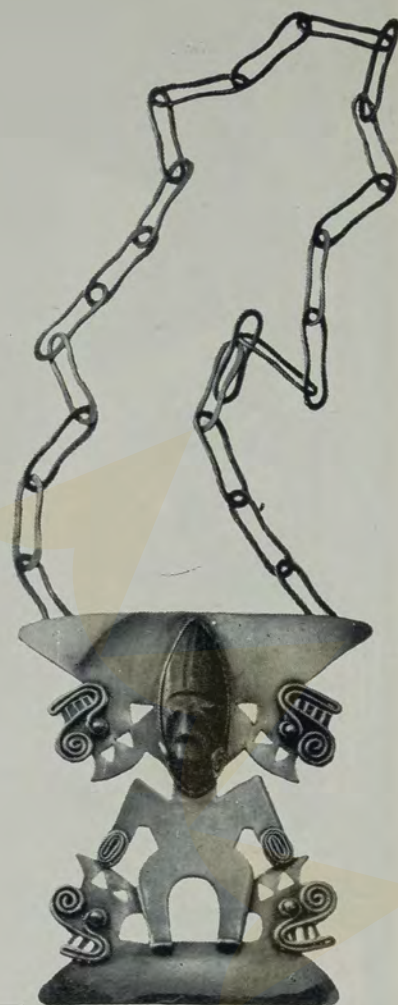
O artista por sua vez torna sua gravura ancila do poema, ilustra-o, documenta e testifica a viagem, dêsses "filhos do deserto onde a terra esposa a luz". Karl-Heinz Hansen objetiva as estrofes do cantor, dando em suas gravuras outros tantos cortes transversos de proa à ré, entre o convés e o porão, e cria assim uma matéria de cavernames e de velas, de mastros e escotilhas, em cujos planos, como no navio de emigrantes de Segall, se destribui ou se amontoa o escravo destinado a Salvador, a São Luís do Maranhão, a Angra dos Reis e a Ubatuba.

Bojos de naus, com suas trevas e ritmos emprestados ao mar, com seus torsos humanos de descendentes de Agar e Ismael, formam nas ilustrações em aprêço, perspectivas internas do navio negreiro, em tons negrejantes onde as trevas e as claridades por sua vez fazem contrastes plásticos. Na tarefa que se impôs de interpretar o temário do poeta, o gravador se valeu de todos os processos de um expressionismo através do qual perpassa, sonoro e estridulo, o vocativo de Castro Alves: Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus,

*Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?...*

Aliás, o poema é muito plástico como imagens e metáforas, como vocativos e anatemáticas, de modo que um artista gráfico dispõe de sucessivas gradações para movimentar os aspectos.

*Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado
E o baque de um corpo no mar...*



As jóias de Nilda Nuñez del Prado

Recentemente, enquanto sua irmã, Marina Nuñez del Prado, expunha no Museu de Arte Moderna de São Paulo sua retrospectiva de esculturas em granito e madeira, Nilda Nuñez del Prado apresentava na Galeria Etoil seus trabalhos de jóias inspiradas em motivos primitivos americanos. Dir-se-ia que as duas irmãs repartiram suas tarefas, uma fazendo uma arte macroscópica, outra uma arte microscópica.

Para chegar a êsse domínio da prata, do ouro e da pedra preciosa submetidos a feições puras, Nilda Nuñez del Prado se submeteu a uma integração física e espiritual com a sua pátria, a Bolívia, com o seu passado aimará e quechua, com sua geologia interandina, amazônica e platina, com sua efígie milenar incrustada de cobre, zinco e cobalto.

Primeiro estudou as danças e a indumentária indígena, percorrendo o país com o grupo *Ameríndia*. Partiu para os Estados Unidos onde estudou bailado com Erika Thimey e Martha Graham, não tardando a aplicar sua desenvoltura artística na interpretação das danças nacionais e dos trajes regionais. Já em 1946 se dedicava exclusivamente a um estilo de joalheria realizando uma arte impregnada de profundo sortilégio ecológico bem boliviano. Adquiriu nessa especialização o dom de fixar aspectos tradicionais, pré-colombianos, nos quais há vibrações das raças sedimentadas entre Pilcomaio e Titicaca, ritmos cromáticos da Puna brava e indômita, sensações florais do mático e da ipecacuanha, representações minúsculas de guanacos, vigonhas, lontras, falcões, corujas, colibris, borboletas, e conden-

sações reluzentes de antimônio e wolfrânio. Criou assim um reino múltiplo de jóias, cujas fontes populares estudou em Potosi e Cochabamba, Colquechaca e Punata, para poder metamorfosear tudo isso em unidades coruscantes, sutis, de sínteses briosas, com efígies solenes de peças litúrgicas, com efeito mágico de mitos desentranhados de Cosapa e Licancahur.

Razão houve, portanto, para que essas jóias viajassem pelo mundo, fôssem expostas no Museu de Scranton, na Carlebach Gallery, na Bertha Schaffer Gallery e viessem ter a São Paulo. Muitas delas ficaram na American House quando da exposição internacional de jóias onde apenas oito concorrentes edificaram como um escritório o certame chamado *De la Roca a la Belleza*.

Arte moderna brasileira no Exterior

Carlos Flexa Ribeiro.



Djanira Motta e Silva, "Feira da Bahia".

Lasar Segall, "Paisagem de Campos do Jordão".



Por duas vezes excelentes conjuntos artísticos nossos foram remetidos momentaneamente ao exterior. A primeira vez quando da verdadeiramente triunfal excursão de grande parte da Pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo através de grandes centros museológicos da Europa e da América do Norte, provando possuímos um acervo de alta categoria. A segunda vez em meados deste ano quando o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro organizou, em colaboração com o Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires e sob o patrocínio da Embaixada Brasileira na Argentina, uma notável exposição de desenhos, gravuras, pinturas e esculturas de artistas contemporâneos. Sua Excelência o sr. João Carlos Muniz, Embaixador do Brasil, apresentou o conjunto, acentuando a diversidade de formas e inspiração da arte moderna brasileira neste século. Jorge Romero Brest, conhecido crítico de arte e interventor do Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires, destacou o generoso gesto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro que com aquele certame possibilitou ao povo argentino uma visão objetiva e pormenorizada das diversas correntes formais e estéticas da nossa arte tanto no teor gráfico quanto plástico. Mauricio Nabuco, presidente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, referiu-se à mensagem cultural significada pela dita exposição.

Carlos Flexa Ribeiro, professor catedrático

de História da Arte e Estética da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil e um dos principais responsáveis pela organização e pelo êxito da exposição, discorreu sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, a ruptura com as fórmulas acadêmicas, a busca de caminhos novos, a tomada de consciência no campo de pesquisas e eurísticas fugindo-se à iteração. Traçou a seguir a influência e o testemunho dos principais pioneiros, citando Lasar Segall, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti. Estudou a seguir a década de 30, citando a obra de Portinari. A seguir estudou os módulos da arte brasileira após o influxo de fatores novos, como os Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo, e as Bienais, pontos de convergência de gerações cujos principais elementos integram a exposição em apêndice. O certame teve o concurso de esculturas de Victor Brecheret, Sérgio de Camargo, Bruno Giorgi, Felícia Leirner, Maria Martins, Zélia Salgado e Franz Weissman. Remeteram gravuras Lívio Abramo, Edith Behring, Roberto Burle Marx, Iberê Camargo, Marina Caram, João Luís Chaves, Oswaldo Goeldi, Marcelo Grassmann, Poty Lazzarotto, Vera Bocayuva Mindlin, Fayga Ostrower, Lygia Pape, Rossini Perez, Arthur Luís Pisa, Cândido Portinari, Carlos Prado, Vera Tormenta e Darel Valença. Dos nossos desenhistas constaram trabalhos de Roberto Burle Marx, Lothar Charoux,

Aldemir Martins, Anísio Medeiros e Arnaldo Pedrosa d'Horta.

O lote de pintura foi constituído por unidades de Tarsila do Amaral, Antônio Bandeira, Geraldo de Barros, Ubi Bava, Paulo Becker, Aldo Bonadei, Iberê Camargo, Flávio de Rezende Carvalho, Aluísio Carvão, Lygia Clark, Milton Dacosta, Emiliano Di Cavalcanti, Cícero Dias, Hermelino Fiaminghi, Sanson Flexor, Clóvis Graciano, Alberto da Veiga Guignard, Franz Krajcberg, Déa Campos Lemos, Maurício Nogueira Lima, Anita Malfatti, Emeric Marcier, Maria Leonina, Yolanda Mohalyi, Djanira Mota e Silva, Teresa Nicolao, Raimundo Nogueira, Cesar Oiticica, Hélio Oiticica, Pancetti, In'á de Paula, Cândido Portinari, Heitor dos Prazeres, Maria Helena Andrés Ribeiro, Firmino Fernandes Saldanha, Ione Saldanha, Tomás Santa Rosa, Frank Schaeffer, Lasar Segall, Mário Silésio, José Antônio da Silva, João José da Silva Costa, Elisa Martins da Silveira, Décio Vieira e Alfredo Volpi.

Só a nomenclatura acima esclarece a uniformidade do conjunto como representação nacional bem atual e a diversidade de tendências e soluções como representação de figurativos, abstratos e concretos, dentro das variantes expressionistas, pós-puristas, pós-cubistas, etc., inclusive a ala dos nossos primitivo ou ingênuos. Na verdade um panorama bem estratificado da arte nacional neste século depois da Semana de Arte Moderna de 1922.



René Louis Smet, "A noiva".



Matilda Capisani, "O castelo", 1956.

Exposições, Museus e Galerias

No Rio:

ARTE MODERNA ITALIANA: Foi inaugurada no Museu Nacional de Belas Artes mostra intitulada DEZ ANOS DE PINTURA ITALIANA. Trata-se de um conjunto de 104 telas de 25 artistas contemporâneos porém das tendências mais diversas: Afro, Biorolli, Campigli, Cantatore, Carena, Carrà, Casorati, Cassinari, Cesetti, Corpora, De Pisis, Guidi, Guttuso, Menzio, Morandi, Moreni, Morlotti, Paullucci, Reggiani, Rosai, Saetti, Santomaso, Semeghini, Tosi e Vedova. Conforme se vê, 25 artistas ligados sobremaneira à evolução da arte moderna na Península após o movimento metafísico e o Futurismo.

O Departamento Cultural da Embaixada Italiana organizou um programa de conferências no Salão Nobre do Museu Nacional de Belas Artes. Assim é que Fernando Cappecchi falará sobre a pintura de Rosai; Mário Barata dissertará sobre Início e Atualidades do Modernismo na Itália. E Mário Pedrosa discorrerá sobre Morandi e outros. Como se vê, é a segunda vez que o Governo Italiano remete, de 1954 para cá, um conjunto que signifique deveras o ápice de sua arte em determinados períodos. A primeira vez foi com a remessa espetacular do conjunto *De Caravaggio a Tiepolo*. E isso sem precisar aludir à participação italiana às Bienais de São Paulo.

O PETIT SALON: A Ma'son de France resolveu, a partir de 26 de novembro, manter um pequeno salão de exposições rotativas. Convidará três pintores, um gravador e um desenhista, nacionais e admitirá mais quinze artistas, também nacionais, que passarão por

um júri de seleção. Será conferido o Prêmio do Petit Salon; uma viagem de um mês à França.

Em São Paulo

Os artistas paraguaios Josefina Plá e José L. Parodi apresentaram no Museu de Arte Moderna de São Paulo excelente conjunto de cerâmicas, principalmente terracotas de inspiração indígena, com grande efeito equidistante do folclore e da ecologia.

Karl-Heinz Hansen expôs na Galeria Ambiente uma série de gravuras ilustrando textos de Castro Alves. Destaca-se o material referente a *Navio Negreiro*.

No Instituto de Arquitetos do Brasil expôs Pedro Tort Ros, artista catalão, excelente colorista de paisagens e composições. No mesmo local está expondo agora o jovem artista belga René Louis Smet, um figurativo com especial tendência para o cartaz figurativo.

No Clube dos Artistas e Amigos da Arte, Clovis Graciano apresentou avultada quantidade de desenhos e guaches, tendo tido o certame notável êxito artístico. No mesmo local expõe atualmente o desenhista Paolo Maranca.

Na Etoile Boutique, Calabrone expõe pinturas, mosaicos e cerâmicas. No Instituto Hebraico, Alameda Barão de Limeira, 473, o artista Samuel Zaidensztadt, nascido na Polônia e ora radicado em Israel, apresenta uma retrospectiva com temas poloneses e israelitas.

No Museu de Arte Moderna, Claude Friedli expõe mosaicos de gênero bizantino. No mesmo local há uma exposição do Guilde da

Gravura, com trabalhos de artistas contemporâneos internacionais.

Na Galeria Hall, rua Augusta, 131, a artista italiana Matilda Capisani apresentou uma série de trabalhos de pintura no teor das suas mais recentes exposições em Milão, Veneza e Buenos Aires.

No Museu de Arte de São Paulo está apresentando uma retrospectiva de seus desenhos, gravuras e óleos a artista Marina Carram. Trabalhos desde 1948, outros da fase de Paris, gravuras do Salvador e desenhos, litografias e óleos do período boliviano.

No Estrangeiro

Na Bélgica há que destacar as exposições do escultor Dodeigne no Palácio das Belas Artes; dos pintores Bulcke, Burssens e Mara e do escultor Vonck na Galeria Les Contemporains. Entre os artistas estrangeiros, expuseram o pintor italiano Dova, e o escultor italiano Mastroianni.

Em França há que acentuar no Museu das Artes Decorativas (Palácio do Louvre) *A Arte Antiga na Checoslováquia*; a exposição de Roger Wild na Galeria René Drouet; o conjunto de A. Lévêque na Galeria Palmes; e o conjunto de Cathelin na Galeria Saint-Placide.

Na Inglaterra houve exposições de Max Ernst na Galeria Marlborough, de Kisling na Galeria Redfern, de Merlyn Evans na Galeria Whitechapel.

Na Itália houve exposições de Arte Sacra Contemporânea, e individuais de Merz, Sofiantino, Ruggeri e Chigione.

Na Suíça houve exposições de Theo Eble e René Acht na Galeria de Arte Moderna de Basileia.



Guentaro Komaki

Do expediente anual de exposições no Museu de Arte Moderna constaram no ano passado três artistas nipônicos: Sugano, Kinochita e Arai. Agora em novembro, expôs no salão da mesma entidade o pintor Guentaro Komaki. Nascido no começo do século em Kioto, êle se diplomou pela Faculdade de Ritzumei e em 1935 ingressou na Sociedade Independência da Arte, fundando daí a dois anos a Associação Cultural. Já em 1954 era membro do Clube da Vanguarda, do Japão. Expôs em sua pátria em certame sobre os auspícios dos jornais *Assahi* e *Mainichi*. Expôs também nos Estados Unidos e na Índia. Sua pintura filia-se a duas modalidades, sen-

do uma tradicional, hierática, onde constam não o folclore nem a paisagem do Japão, mas certos signos artropomórficos e zootáxicos; e outra de modernidade, influenciada pelo Ocidente, onde consta principalmente uma singular mistura de cartaz surrealista e fantástico.

Podemos pois dividir o seu acervo de 46 unidades em dois lotes distintos: Um de peças tradicionais, tais como *Amitaba* e *Bodisatva*, *Buda em Meditação Eterna*, *Flores Simbólicas*, *Amuleto* e *Nirvana*. Outras de grafismo cinético, rodopiante, cujos temas mais constantes são peixes e aves. Têm todos uma deformação surrealística, puxada para o fantástico lúgubre, o que torna sua contribuição nesse setor muito pessoal. Certas

sínteses transformam às vêzes alguns de seus quadros em cartazes, e nesses módulos vemos influxo de Pollock; não que Guentaro Komaki faça tachismo, mas porque se impregnou muito das deformações surrealistas do artista norte-americano ao tempo em que êste por sua vez estava influenciado pelas sínteses gráficas de *Guernica*.

Entre os dois lados não pode a crítica distinguir preferencialmente aquele ou êste. Pois se a fase tradicional nos dá uma arte quase mística, principalmente com as telas *Nirvana*, *Darma* e *Buda em Meditação Eterna*, já a fase ocidentalizada mostra a capacidade de assimilação do artista nipônico que com sua razão é considerado elemento da vanguarda em sua pátria.

Renée Sasson



Na Galeria Piazza di Spagna, em São Paulo, Renée Sasson realizou mais uma exposição de seus trabalhos executados em esmalte e onde mais uma vez demonstrou ser possuidora de bom-gosto artístico e alta técnica na execução dos mesmos.

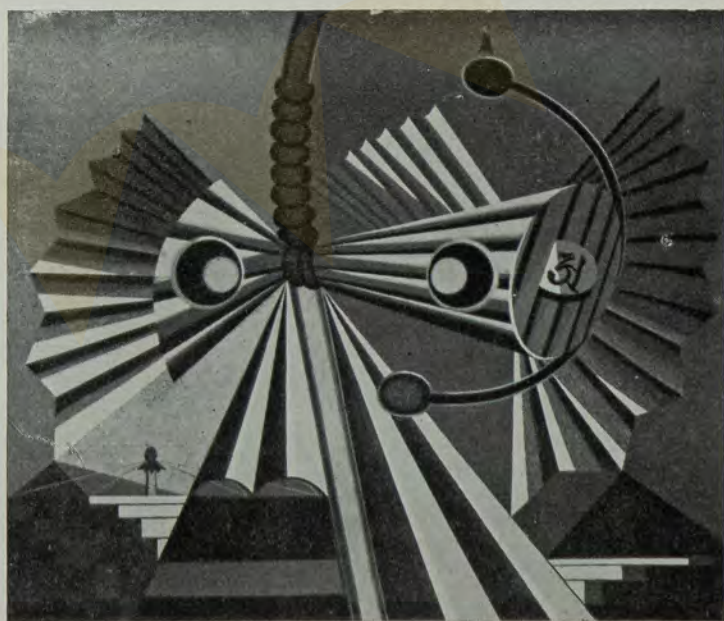
Documentário francês

Um admirável documentário de arte francês foi apresentado no Rio, em benefício de Obras Sociais francesas e brasileiras. Baseia-se sobre o poema de Péguy "Présentation de la Beauce à Notre-Dame de Chartres" e mostra a mais perfeita das catedrais ogivais, vista através da fé de um grande poeta. Filme completo graças a uma leitura perfeita de uma grande poesia e fotografias que nos fazem penetrar em todos os recantos da catedral de Chartres e ver os vitrais preciosíssimos que nunca foram iguais, antes nem depois. A aproximação com uma obra arquitetônica surgida de uma necessidade e criada por uma fé autêntica demonstra a ligação estreita da arquitetura com o pensamento de cada época. A pureza das linhas está posta em valor pela câmara fotográfica. Filmes como êstes muito fazem para a divulgação da arte e deveriam ser apresentados nos cinemas e não só em galas de beneficência e algumas filmotecas.

Paolo Maranca, "O circo".



Fintura de Guentaro Komaki.





Reflexões de uma artista

Alice Brill-Czapski



Para o artista figurativista, a obra de arte nasce de uma inspiração espontânea. Muitas vezes é transformada a concepção original, surgem problemas formais de composição e estética, mas, em geral, um momento fugaz da vida cotidiana deu vida à uma ideia pictórica. O artista abstracionista, ao contrário, declara sua independência absoluta do mundo que o rodeia e se entrega a um estudo de ordem formal cujas raízes se acham perto da matemática. Não quero discutir concepções artísticas; há artistas sérios nos dois campos e só podem estimular-se mutuamente.

Pessoalmente, não consegui me desprender da vida. Para mim, a arte representa um meio de comunicação — o momento pictórico se impõe, nasce a vontade imperiosa de segurá-lo. E dali, ele cumpriu sua missão e o que se segue é um estudo pictórico, corrigido e refeito inúmeras vezes, até satisfazer uma exigência mínima de ordem estética e tão difícil de alcançar. E não há mais satisfação na contemplação do trabalho terminado. O caminho do artista é tortuoso. Repete-se um desenho, elimina-se mais uns detalhes, realça-se outros, na tentativa eterna e vã de alcançar uma imagem ideal que se tem diante dos olhos. Nesta fase o trabalho é de ateliê, saiu da rua há muito, já está esquecido o instante da anotação rapidíssima do lapis, e comparando o resultado final, não há mais semelhança entre ambos.

Estão aqui dois pequenos exemplos: Dois desenhos, reproduzidos ao lado. Quero contar como nasceram. Ambos têm sua origem em Salvador: cidade inspiradora dos artistas...! Passeando no famoso Pelourinho, tendo já admirado a famosa igreja e as casas antigas e pictóricas, dediquei-me à contemplação da vida cotidiana por aí. E o que me atraíu foi uma modesta garagem que servia de oficina a um sapateiro, rodeado de sapatos e trabahando sozinho, enquanto em sua volta havia inúmeros espectadores. Fenômeno não raro de se encontrar mesmo aqui, em São Paulo... Surgiu dali uma série de desenhos do croquis original, compondo as diversas figuras — belíssimos corpos que têm êsses pretos baianos — de dois em dois, geralmente um na atitude ativa e outro entregando-se de corpo e alma à contemplação fascinante dos que trabalham.

O outro desenho fugiu da concepção original até converter-se em seu contrário; e isso contra minha vontade. Fiquei fascinada com o espetáculo de crianças pretas contra a areia branca da Lagoa do Abaeté. No estudo posterior, a preocupação principal foi a composição das figuras juvenis sobre o fundo branco, e como o fundo ia se encurecendo durante o trabalho, na última versão, as crianças já são brancas contra um fundo escuro.

Esculturas do Aleijadinho

Congonhas do Campo, Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, com as esculturas em Pedra-sabão dos Profetas.



Mais um álbum sobre Antônio Francisco Lisboa. Trata-se de esmerada publicação das *Edições de La Lanura*, de Buenos Aires, com capa de Seoane. Horacio Coppola andou escrupulosamente percorrendo o tesouro deixado pelo nosso maior escultor em Ouro-Prêto, Sabará e Congonhas do Campo, fotografou excelentemente diversos conjuntos e unidades, obtendo assim um material de alta significação. Orientou-se de modo pormenorizado no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Rio de Janeiro, bem como no Museu de Sabará. Textos elucidativos em espanhol, português e inglês. Poemas do poeta espanhol Lorenzo Varela, no original e em versões de William Shand.

Esta contribuição de Horacio Coppola para a divulgação bem objetiva dos trabalhos do Aleijadinho principalmente na igreja de São Francisco de Assis, em Ouro-Prêto, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Sabará e dentro e fora da igreja do santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, merece nosso alto aprêço pela exposição didática, pela categoria das fotografias e, principalmente, pelo carinho demonstrado nos *close-ups* e nos *multiple-views*; pois do conjunto se tem uma aula do tesouro que o gênio andou talhando e esculpindo entre 1750 e 1814, a fase mais produtiva de sua criação mística e humana, de índole monumental.



II Exposição Internacional de Gravura em Liubliana

Dentre as exposições gráficas deste ano cumpre destacar o certame realizado na Iugoslávia, na Moderna Galeria de Liubliana, sob a presidência de Josip Vidmar, organizada sob o alto patrocínio do Comitê Popular daquele distrito. Houve 6 prêmios, um de 250.000 din, um de 200.000 din, 3 de 100.000 din e 1 de 75.000 din. O comitê de julgamento foi constituído por Jean Bourret (francês), Gustave von Groschwitz, conservador do Museu de Arte de Cibcinnati (norte-americano), Bozidar Jakac, pintor (iugoslavo), Emile Langui, crítico (belga), Giuseppe Marchiori, crítico (italiano), Zdenka Munk, diretor do Museu de Arte de Zagreb (iugoslavo), Mieczyslaw Porebski, crítico (polonês) e W. Sandberg, diretor do Museu de Amsterdão (holandês).

Concorreram artistas da Áustria, Bélgica, Bulgária, Brasil, Checoslováquia, Chile, Dinamarca, Egito, Finlândia, França, Índia, Japão, Iugoslávia, África do Sul, Canadá, China, Colômbia, México, Holanda, Noruega, Polônia, Rumania, Espanha, Suécia, Suíça, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e América do Norte.

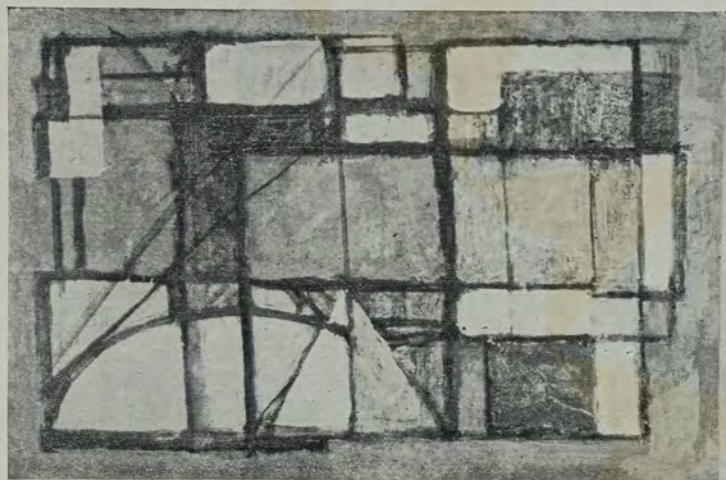
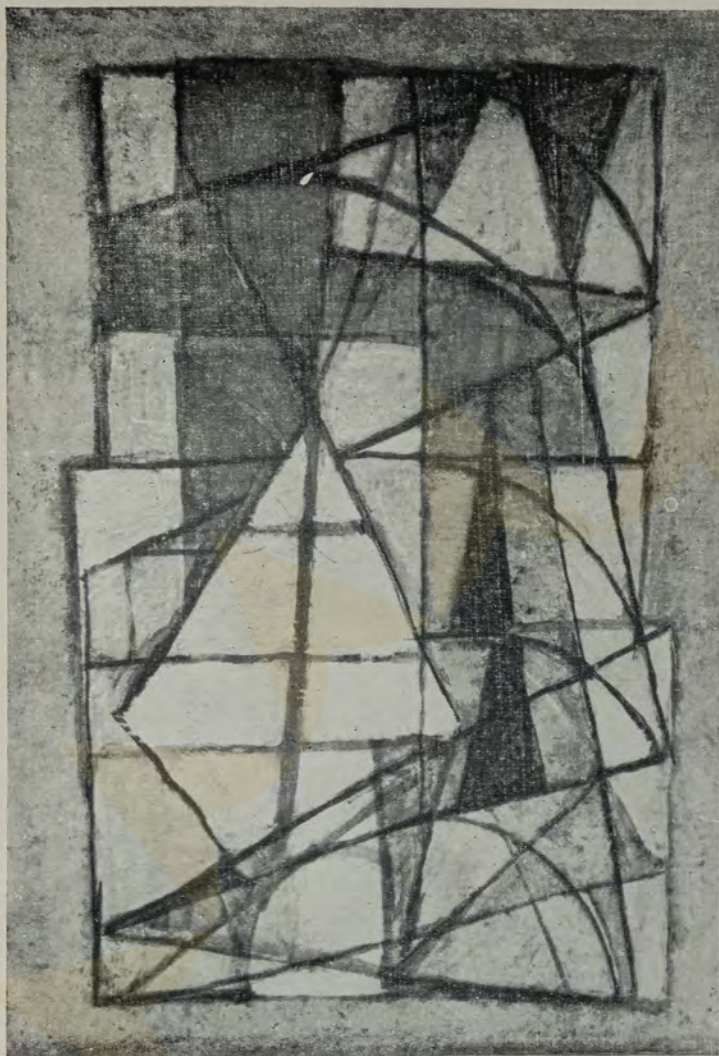
Tôdas as tendências estavam representadas, desde o expressionismo social dos figurativos até ao grafismo de Masson e Stanley, a composição formal de Henri Aadam e o abstracionismo de Estêve, Hartung e Restek. Houve grande acervo de surrealistas iugoslavos. Do Brasil concorreram Edith Behring, João Luís Chaves, Artur Toledo Pisa



Jean Carson (França), "Veneza", 1955.

e Fayga Ostrower, com trabalhos que atualmente se acham na IV Bienal de São Paulo. O interesse dessa exposição dos maiores gráficos do mundo esteve principalmente liga-

do ao seu caráter universal, diríamos de arte de boa co-existência. O prêmio realizou-se na mesma época em que a II Bienal Italiana de Gravura Contemporânea.



Henrique Boese

Na carreira artística de Henrique Boese há dois períodos técnicos, porém um mesmíssimo universo como tema e inspiração. Até 1939 o aluno da Academia de Berlim fez desenho coberto com côres estereotipando a natureza. Hoje sua pasta é que elabora l'mites e formas, objeto e matéria, porém a natureza continua a ser a inspiradora. Na fase européia Henrique Boese foi um figurativo em sentido gráfico, procurando reconstituir formas da Criação. Na fase brasileira, êle é um figurativo plástico, procurando interpretar formas da Criação.

Cheio de experiência artesanal, foi estilizando de tal modo os objetos, impregnando-os de tanto vibração, compondo-os através de geometrias tão esquemáticas que a-

ting'u o rigor da sobriedade e a ciência da deformação.

A atual mostra na Galeria Ambiente surge assim ante os olhos como um *trompe-œil*. O observador julga, ao primeiro relance, estar diante de um abstrato. Mas depois os planos e as perspectivas vão adquirindo estereoscopia, as côres dão em fibrilar, e eis que surgem abas de colinas, flancos de montanhas, rampas de desfiladeiros, tufos de flôres, setores de jardins, grupos de mulheres, atmosferas de mercados, e o efeito passa a ser duplo. Primeiro é o efeito das analogias, o resultado da ordem plástica possibilitando uma visão definida de pa'sagens com seres vivos. Depois é o efeito libertado da analogia, isto é o efeito puro das

massas equilibradas, dos cromatismos eficazes, da vida em si de cada tela, independentemente de qualquer episodio ou reprodução da realidade.

E' êsse estado de transe, essa transfiguração entre o real e o abstrato, entre o objetivo e o fluídico, entre o *dejá vu* e o inédito que estabelece na arte de Henrique Boese sua característica pessoal. Af'rmou muito bem Santa Rosa que em Henrique Boese tudo é realizado em sua fusão afetiva, criadora de uma atmosfera impregnante. Daí o domínio em seus trabalhos duma escala tonal que lhe caracteriza as telas como uma assinatura fluídica. Aquela mesma capacidade que faz a gente reconhecer logo um Dufy, por exemplo.

"Na pintura de Henrique Boese as qualidades excelentes de verdadeiro artista estão ao alcance da visão mais elementar. Diante de qualquer de suas telas ou desenhos, podemos dizer categoricamente: Estamos diante de uma obra de autêntico pintor, porque são de um autêntico pintor os modos de realizar figuras e paisagens de uma linguagem plástica admirável. Sua pasta generosa constrói as formas, a justa posição de suas cores, a matéria rica e trabalhadora, a estilização do objeto, tudo é realizado na sua função afetiva, criadora de uma atmosfera de que se impregna a obra. A escala formal de Boese, expressionista pela sua natureza essencial se funda e harmoniza delicadas harmonias que revelam uma coragem, um desejo do domínio do difícil".

Santa Rosa

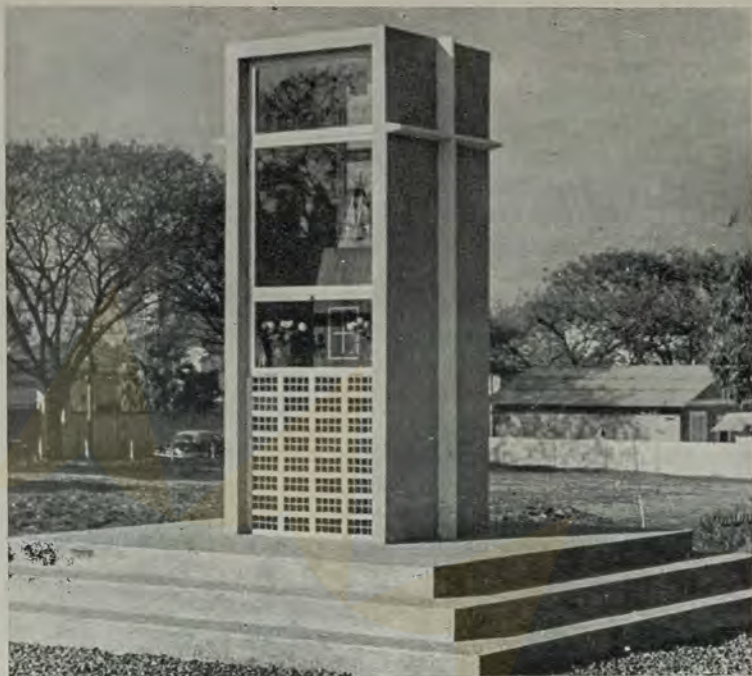
Concordamos com a crítica que está considerando a exposição de pinturas de Henrique Boese uma das melhores exposições realizadas neste ano, em São Paulo. Houve muitas exposições nos museus e galerias de nossa capital, poucas, entretanto, apresentaram aspectos bem vivos e bem agradáveis, dos pontos de vista estético e pictórico, comparáveis às paisagens brasileiras de Boese, ora, expostas na Galeria Ambiente.

Deve-se esta satisfação em boa parte ao fato, que Boese não se prendeu a problemas unilaterais, nem de ordem formal, como os encontramos apresentados na pintura puramente abstrata, especialmente nas suas variações, baseadas em configurações geométricas, nem de ordem das representações ilustrativas, puramente destinadas a mostrar-nos recortes do mundo que nos circunda.

A pintura de Henrique Boese é baseada nos elementos ópticos e estruturativos, só que ela tem uma vivacidade bem mais ampla quanto a beleza da apresentação colorística. É, por intermédio das interpretações de motivos de paisagens, especialmente, que ele consegue esta riqueza de tons, esta estruturação da superfície do quadro, que finalmente nos faz relegar ao ostracismo os meios usados e nos leva a passear no seu interior como em uma floresta de fadas, no alto das colinas do litoral e dos arredores de S. Paulo. A riqueza de tons nestas paisagens estabelece uma textura tão rica, que em qualquer formato elas se mantêm firmes e plenamente agradam a vista do espectador. Estes efeitos são absolutamente baseados na criação imanente do pintor e não se ligam apenas às nossas associações com a parte paisagista, a qual está bem concentrada e sublimada nêles, mas não impediu de chegar a uma organização de caráter artístico de nível bem elevado.

W. P.





Oratório - altar de Campo

Projeto: arqs. Edvardo Rosso e Yoshimasa Kimach

Local: Quartel da 2.^a Cia. de Polícia do Exército rua Abílio Soares.

Finalidade: Abrigar a Imagem de Nossa Senhora Aparecida e permitir a celebração de missas no pátio do quartel.

A obra é constituída por um pórtico em concreto aparente colocado ao centro de três

patamares quadrados cujos pisos são de pedregulho à vista. A imagem abriga-se sob esse pórtico e é protegida na frente e ao fundo, por vidros transparentes. O céu é o cenário natural sobre o qual se destaca a imagem; à noite um feixe de luz a ilumina verticalmente. Duas grandes cruzes, também

em concreto, têm o seu relêvo, sobre as faces laterais, acentuado pela sombra a mudar-se com o sol e indicam o caráter religioso da obra ao observador externo. O rebatimento até o plano horizontal de um vidro da frente transforma o oratório em altar de campo.

Dia Mundial do Urbanismo e Centro de Pesquisas e Estudos

No ensejo do Dia Mundial de Urbanismo, transcorrido a 8 de novembro último, o professor Anhaia Melo fez uma palestra, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, em que colocou em foco os trabalhos do Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos cujo funcionamento começou em junho deste ano. Os trabalhos, efetivamente importantes, levados a efeito pelo Centro, tornam-se singularmente evidentes, quando se reporta o prof. Anhaia Melo à formação, nestes quatro meses de funcionamento, de cerca de 200 profissionais urbanistas, habilitados a um trabalho que, principalmente, levará à "consciência urbanística", de que há tanta necessidade entre nós.

O Centro, entretanto, procedeu, na verdade, a trabalhos mais altos, quando colo-

cou em contraposição ao mapa de onze zonas do serviço de pesquisa levado a efeito pelo padre Lebre, no Estado de São Paulo, uma divisão zonística primeiro de 54, depois de 73 zonas homogêneas, homogeneidade essa ditada pelas características solo, subsolo e meios de vida.

Estudando o povoamento das cidades, verificou-se que das 435 sedes municipais paulistas, apenas 56 estão acima de dez mil habitantes, e para essas é que o mestre urbanista reclama a "intervenção do planejador". Um inquérito levado a efeito pelo Centro revelou que em mais de 87% dos municípios (mais de 300), não ofereciam para o planejamento base alguma — não tinham nem uma planta, nem um técnico, ou seja um arquiteto, um engenheiro civil, agrônomo, ou o que fosse.

De toda a forma, os trabalhos iniciais do Centro, em apenas alguns meses de trabalho, já revelou possibilidades imensas — e é o Centro que vai ao encontro dos municípios, para que ensejem a "intervenção do planejador".

Foi, portanto, num plano de realizações, que o Dia Mundial do Urbanismo se comemorou este ano em São Paulo. Porque é pelo urbanismo que a maior parte de nossas deficiências de administração municipal deverá ser tratada e curada. Fora do urbanismo moderno, racionalmente orientado, não será possível sairmos do "impasse" que o desajuste atual entre a civilização e a técnica e nossas condições precárias, criou para o nosso desenvolvimento.

A direção do IAB 1957-1959 e C.D. do Departamento do Rio

Pela primeira vez neste ano organizou-se a Diretoria Nacional do IAB, que se compõe dos seguintes nomes:

Presidente — Ary Garcia Roza; vice-presidente — Rino Levi; 1.^o secretário — Paulo Antunes Ribeiro; 2.^o secretário — Roberto Magno de Carvalho; 1.^o tesoureiro — Ícaro de Castro Mello; 2.^o tesoureiro — Paulo Ferreira dos Santos.

Essa diretoria administrará o IAB no biênio 1957-1959. Reunindo-se periodicamente, o Conselho estudou, em novembro último, entre outras coisas, a manutenção do órgão central do IAB, a regulamentação da profissão do arquiteto em função pública, o ensino da arquitetura e do urbanismo, o incentivo aos planos regionais.

A Comissão Diretora do Departamento do Rio compõe-se dos seguintes nomes:

Presidente — Maurício Roberto; vice-presidente — Sérgio Bernardes; 1.^o secretário — Darci Bove de Azevedo; 2.^o secretário — Rubens do Amaral Portella; 1.^o tesoureiro — Crispim Pereira de Almeida; 2.^o tesoureiro

— Marcelo Accioly Fragelli. Comissão Fiscal — Lucas Mayerhofer, Hélio Ribas Marinho. Delegados do Departamento ao Conselho Superior do IAB — Jorge Machado Moreira, Paulo Ferreira dos Santos. Suplentes — Álvaro Vital Brazil, Carlos Frederico Ferreira. Delegados do Departamento à Assembleia Nacional do IAB — Affonso Eduardo Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Ernani Mendes de Vasconcelos, Sérgio Bernardes. Suplentes — Aldari Henriques Toledo, Flavio Marinho Rego, Hélio Modesto, Roberto Burle Marx.

E' o seguinte o programa dessa Comissão Diretora, para o Rio de Janeiro:

I — Obtenção do terreno para a sede definitiva. II — Estudo sobre o Plano Diretor do Rio de Janeiro, e necessidade de uma legislação sobre financiamento imobiliário. III — Estudo de novas normas para aprovação dos projetos da P.D.F. IV — Divulgação da Arquitetura e Urbanismo em Praça Pública — Exposições — Projeções. V — Visita Permanente de Arquitetos estrangei-

ros. VI — Conferências para Arquitetos, por Economistas, Ecologistas, Agrônomos. VII — Catálogo de Materiais. VIII — Mobiliário da sede. IX — Normas de contrato. X — Coleção de revistas à disposição dos sócios. XI — Coleção de "slides" e fotografias — Organização de um arquivo das principais obras da cidade. XII — Estudo sobre a possibilidade de construção de uma Colônia de Férias em Cabo Frio. XIII — Estudo sobre a possibilidade da criação de um Centro de Exposições na Zona Sul. XIV — Concurso para Estudantes da F.N.A. com premiação em dinheiro. XV — Estudo para organização de uma Cooperativa para compra de livros e material de desenho para associados — Titulares e Aspirantes. XVI — Instituição de 5 (cinco) prêmios anuais de viagem aos seus Estados de origem, para os alunos classificados nos primeiros lugares, em arquitetura, de suas respectivas turmas. Os assuntos constantes dos itens I, II, III, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XIV, XV e XVI já estão sendo estudados, por arquitetos designados para as respectivas Comissões.



O cimento Portland MAUÁ supera as especificações exigidas para cimento Portland no mundo inteiro.

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

Rio de Janeiro

Concurso do Paço Municipal de Campinas

Entre as dificuldades que têm cercado os nossos concursos, e a irregular conclusão a que se tem chegado muitas vezes — ressaltamos a necessidade de um louvor para a execução do Concurso de Anteprojetos para o Paço Municipal de Campinas.

Este acontecimento foi, para a arquitetura, um dos fatos marcantes do ano, e seria interessante que outros prefeitos considerassem o esforço realizado pelo governador de Campinas, no sentido de efetuar um concurso que pode ser apresentado como modelar desde a sua origem, ao final desenvolvimento e resultado colhido.

Foram rigorosamente observados todos os itens constantes do edital, inspirado pelo departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, e não houve qualquer protelação de prazo para a entrega. Os concorrentes que chegaram atrasados com os seus trabalhos perderam a oportunidade, pura e simplesmente. Essa nova maneira de proceder deveria constituir-se em norma para sempre estabelecida. Não se admite sequer o atraso de horas, quando o prazo estipulado foi por todos aceito, sem qualquer restrição.

O concurso, então, foi encerrado no prazo e julgado no prazo. Compuseram o Júri os arquitetos Rino Levi, presidente, indicado pelo IAB de São Paulo; Afonso Eduardo Reidy, indicado pelo IAB (departamento central) e Umberto Aveniente, indicado pela delegacia de Campinas do IAB. Como assistente, agregou-se ao Conselho Julgador o arquiteto Plínio Croce. O resultado do julgamento foi o seguinte: arquitetos Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers, em 1.º lugar (400 mil cruzeiros); arquiteto Adolfo Rubio Morales, em 2.º, com prêmio de 100 mil cruzeiros; arquiteto Jorge Wilhelm, em 3.º, com 50 mil cruzeiros; arquitetos Giancarlo Gasperini, Salvador Candia e Fabio

Moura Penteado, em 4.º, 5.º e 6.º lugares, com 30 mil cruzeiros cada um.

O projeto vencedor, por certo, constitui a solução mais simples obtida entre os anteprojetos apresentados.

São as seguintes as observações feitas pelo Conselho Julgador em relação a cada um dos trabalhos classificados:

"Anteprojeto vencedor (arquiteto Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers) — boa implantação do edifício no terreno; a solução adotada apresenta um conjunto singular, harmonioso e imponente, adequado à sua finalidade. Orientação desfavorável do bloco do Executivo nos pavimentos elevados, tendo sido, todavia, previsto dispositivo de proteção. Flexibilidade e boa disposição dos serviços e circulações. Deficiências na distribuição dos serviços do Legislativo, de fácil correção. A simplicidade do partido adotado facilita eventuais correções internas.

2.º colocado (arquiteto Adolfo Rubio Morales) — boa implantação dos edifícios, prejudicada, todavia, pela obstrução da visual do bloco elevado do Executivo para o observador colocado na Avenida Anchieta. Orientação desfavorável de bloco do Executivo, tendo sido, todavia, previsto dispositivo de proteção nos pavimentos elevados. Flexibilidade e boa disposição dos serviços e circulações. Apresenta apreciáveis qualidades plásticas e consegue conferir nobreza aos espaços internos. Facilidade para ampliações.

3.º colocado (arquiteto Jorge Wilhelm) — boa implantação no terreno principalmente quanto à disposição dos espaços abertos entre os edifícios e a sua posição em relação ao parque. Estas qualidades são evidenciadas, também, pela argumentação feita no relatório. Boa orientação do bloco do Legislativo nos pavimentos elevados o qual apresenta facilidade de futuras ampliações.

Boa solução plástica do conjunto. Ao lado das boas qualidades acima apontadas o anteprojeto apresenta graves falhas na disposição dos serviços e das circulações. Interessante a solução estrutural apresentada para o bloco do Executivo.

4.º colocação (arquiteto Giancarlo Gasperini) — boa implantação dos edifícios, principalmente devido à sua localização na parte mais alta do terreno, tendo em vista, também, a preservação da vegetação existente. A solução adotada, entretanto, dificulta ampliações futuras. Orientação desfavorável do bloco do Executivo, nos pavimentos elevados. Dispersão e graves falhas de circulação e disposição dos serviços do Legislativo. Razoável disposição dos serviços e circulação dos blocos do Executivo e do Centro da Comunidade.

5.º colocado (arquiteto Salvador Candia) — implantação dos edifícios um tanto dispersa. Não é feliz a disposição dada aos vários blocos em relação às visuais do conjunto.

Orientação desfavorável do bloco do Executivo, tendo sido, todavia, previsto dispositivo de proteção. As plantas do bloco do Executivo, nos andares elevados, são claras e com circulação bem resolvida. Dispersão e graves falhas de circulação e disposição dos serviços no Centro da Comunidade e no Legislativo. Boa solução da garagem com acessos diretos para o Executivo e o Legislativo.

6.º colocado (arquiteto Fábio Moura Penteado) — razoável a implantação dos edifícios, apresentando dois blocos de forma singela, sem indicar, contudo, a solução paisagística. Boa insolação do bloco elevado destinado ao Executivo. Má distribuição dos espaços internos sob os aspectos funcional e da circulação.

No próximo número ofereceremos ampla documentação do projeto vencedor.

Bureau Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

O I Seminário Nacional de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, promovido pelo Bureau Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo, após se reunir, em São Paulo, de 7 a 12 de Outubro, resolveu tornar público o seguinte manifesto:

"Após examinar detidamente a situação do ensino e do profissional de arquitetura nas várias regiões do país, reconhece que ambos não correspondem à realidade histórica do Brasil — e esta é causa principal da inquietação que domina os arquitetos e estudantes de arquitetura.

Embora ainda evidencie sua transformação, interessada no desenvolvimento industrial. Em consequência modifica-se a estrutura social determinando novas contingências a serem atendidas também por novos processos resolutivos.

Injustificavelmente, após um primeiro passo consubstanciado pela sua autonomia em relação às Belas Artes e à Engenharia, e a despeito de excelentes manifestações individuais, a arquitetura brasileira não acompanhou, como se impunha, o processo evolutivo do país.

Assim, enquanto outras profissões vêm tentando satisfazer as necessidades fundamentais da população, seja na técnica da produção, na ordenação do trabalho ou na especulação das aspirações do povo, a Arquitetura, adstrita a interesses específicos de reduzidas camadas da população, não tem acompanhado o desenvolvimento do país, nem colaborado na solução de seus graves problemas, através de sua função criadora e planejadora.

Considerados os informes apresentados pelas delegações escolares presentes e as aspirações nêles contidas, o I Seminário Nacional de ensino de Arquitetura e Urbanismo, levando em conta a necessidade imediata de permitir que o arquiteto possa contribuir, em toda sua plenitude para o bem estar social, apresenta as seguintes proposições nos campos do ensino, da formação e do exercício profissional:

No campo do ensino

Verifica-se que os métodos e sistemas de ensino, embora já melhorados em alguns de seus aspectos em algumas escolas, padecem ainda de graves defeitos. Para a revisão que se impõe o I Seminário Nacional de Ensino de Arquitetura e Urbanismo recomenda:

Quanto aos programas: — Originados das Escolas de Engenharia e de Belas Artes, no geral obsoletos, devem os programas ser revistos criando-se sua constante adaptação à sucessiva realidade da arquitetura. Por outro lado, seja por intermédio de Departamentos ou de outros processos adequados, devem ser os programas correlacionados entre si, visando a unidade do curso.

Quanto à seriação — Considerada a necessidade de ordenação de conhecimento adequado à função do arquiteto convirá que a seriação atenda a um agrupamento que vise uma série crescente de assuntos de ordem cultural e uma série decrescente de assuntos técnicos, mantida como eixo constante a composição propriamente dita.

Quanto à composição — Considerada a importância do trabalho de criação e de objetivação dos conhecimentos adquiridos no curso, há necessidade premente de: a — serem instituídos ateliers e o exercício efetivo de docências livres; b — ser obtido maior número de horas destinadas aos trabalhos de atelier; c — ser entendido este trabalho de atelier como a linha mestra do ensino.

Quanto à prática: — Ligar o ensino teórico, artístico e o atelier de composição à prática da construção, desde as oficinas experimentais nas escolas até a participação efetiva nos canteiros de construção.

Quanto à especulação: — Embora o ensino tenha como premissa formação de profissionais aptos ao desempenho de específicas tarefas, é fundamental que as escolas se dediquem à pesquisa, não só aquelas voltadas para o aproveitamento das possibilidades oferecidas pela técnica como, e principalmente, para as que visam um conhecimento cada vez maior da realidade brasileira, indispensável à proposição de soluções que atendam ao seu plano de desenvolvimento.

Quanto à formação escolar: — Considerada a necessidade de estimular o estudo e incentivar as atividades do ensino, devem ser obtidas: a — bolsas de estudo que possibilitem o aproveitamento do ensino por parte de jovens bem dotados, cuja economia particular não permita sua manutenção nas escolas; b — prêmios particulares a determinadas disciplinas e prêmios gerais relativos ao conjunto das matérias ministradas, inclusive compreendendo viagens e estágios de pós-graduação remunerados, que permitam a transição do estudante na vida prática e acesso a fontes de cultura mais amplas.

Quanto ao corpo docente: — Tendo em vista que todas as soluções no âmbito do ensino dependem, em última análise, da composição dos corpos docentes, impõe-se: a — que sejam oferecidas aos professores condições econômicas compatíveis com sua função e capazes de atrair os profissionais mais habilitados ao âmbito do ensino; b — que sejam promovidos meios tendentes a estreitar o contacto entre mestres e alunos, no sentido de evitar a simples dissertação monológica, com o objetivo de atingir o diálogo indispensável à autêntica transmissão de conhecimentos; c — que seja incrementado o aproveitamento de profissionais altamente categorizados, por meio de contratos, cursos paralelos, conferências ou exposições respeitando a legislação em vigor.

No campo da formação profissional

Tendo em vista as exigências da diversificação das atividades humanas no país, sua consequente especialização, o exemplo fornecido por outros ramos, da cultura e as inclinações particulares de cada profissional para determinado aspecto da arquitetura, impõe-se:

Quanto à especialização: — Que sejam providos meios ao estudante para dar maior ênfase a determinadas disciplinas, quer por meio da instituição de cadeiras optativas, quer por meio de assistências específicas.

Quanto ao desdobramento escolar: — Que, na medida das condições oferecidas pelo meio, sejam criados nas escolas, independentes dos fundamentais, cursos autônomos e específicos que se entrem no campo da arquitetura.

Quanto à ampliação dos conhecimentos: — Que sejam aceitos os cursos de extensão universitária apenas como complementação da seriação normal, enquadrando-se em cursos paralelos ou integrados, aqueles conhecimentos que — como o planejamento ou o urbanismo — exigem melhor e mais profundo tratamento. Assim, a idéia do urbanismo deve ser associada praticamente a todas as disciplinas da escola e, sobretudo nas cadeiras de Composição.

No campo profissional

O I Seminário Nacional de Ensino de Arquitetura e Urbanismo entende que o aperfeiçoamento do ensino está intimamente ligado à obtenção de condições dignas do trabalho para o arquiteto. Assim sendo, algumas reivindicações se apresentam como inadiáveis, quais sejam:

1 — Revisão das atribuições profissionais contidas no decreto n.º 23.569, no sentido de se tornar privativo do arquiteto e do urbanista o exercício da arquitetura e do planejamento material. Assim, conviria interressar certas especializações profissionais na definição de suas atribuições, de acordo com as disciplinas que compuseram seus currículos; 2 — Criação de cargos e funções públicas destinadas ao arquiteto em igualdade de condições com os demais profissionais de nível superior; 3 — Maior entrosamento do estudante com o diplomado, principalmente através do I.A.B., no sentido de maior unidade de pensamento e ação em torno de problemas comuns; 4 — Maior vigilância em torno das atividades que interessam a arquitetura e o planejamento visando evitar que sejam encaradas ou resolvidas sem a participação do arquiteto; 5 — Maior participação nas atividades culturais, artísticas e sociais do país, visando não só contribuir para seu desenvolvimento como conquistar posições que permitam ao arquiteto influir na evolução histórica do país.

Ocorre ressaltar que na situação atual não há condições para a atuação particular de determinado indivíduo ou grupo, mas, ao contrário, como no caso dos estudantes ou dos arquitetos, qualquer ação destinada a obter êxito deve necessariamente pressupor seu enquadramento nas iniciativas e nas lutas conjuntas que, principalmente no plano da cultura, almejam soluções amplas correspondentes aos anseios do povo brasileiro. 6 — Maior atenção à formação de equipes profissionais destinadas ao apuro dos trabalhos realizados, e à multiplicação das oportunidades de trabalho.

O I Seminário Nacional de Ensino de Arquitetura e Urbanismo entende que é indispensável a participação conjunta do estudante, do professor e do profissional neste movimento e espera que cada estudante, cada professor e cada arquiteto, se empenhe, tão cedo quanto possível, na concretização destas proposições."

Papéis pintados para parede

Proveniente dos Estados Unidos chegara certa quantidade de papéis, destinados a colorir paredes antigas de Lojas de Decoração, e de móveis.

Apresentam grande valor estético quando usados em fundo de vitrinas, displays, fundo para exposição de móveis, e, de excelente aspecto motivador quando usado em residências particulares.

Vende-se pelo preço de custo comprando-se o lote todo. Tratar com Da. Thelma Rotberg, pelo telefone: 80-3562.

HABITAT EDITÔRA LTDA

ESTABELECIMENTO GRÁFICO

REVISTAS - CATÁLOGOS
FOLHETOS - ALBUNS
TESES - JORNAIS
IMPRESSOS EM GERAL

R. LAVAPÊS, 538

TEL. 36-3689

S. PAULO

BRASIL

ARTE-DECORAÇÕES

HENRIQUE LIBERAL S/A

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL DE



JANSEN

PARIS

AVENIDA IMPERIAL, 73 - ITAIM - FONE 8-3664 - S. PAULO

Centenário de Breitner

Será celebrado este ano, em Amsterdam e Paris, o centenário do nascimento do pintor holandês George Breitner (1857-1923).

Não é exagero falar-se num "caso Breitner", se levarmos em conta o renome desse pintor, nos Países-Baixos, onde é considerado como um artista de primeira grandeza e que, no entanto, mal é conhecido fora das fronteiras de sua pátria. Na Bélgica, é conhecido, mas bem raras são as pessoas de outros países — fora de um pequeno círculo de iniciados — que conhecem a obra desse artista de excepcional valor, nascido em Rotterdam quatro anos depois de Van Gogh, que, aliás, conheceu em Haia.

Não deixa de ser estranho o fato de Breitner, natural de Rotterdam, ter passado pela escola de Haia — trabalhou no estúdio de Willen Marijs — para se fixar mais tarde, depois de uma breve estada em Paris, em Amsterdam, cidade onde jamais saiu, a não ser para viagens aos Estados Unidos, Londres, Noruega e Bélgica.

Breitner foi, essencialmente, o "pintor de Amsterdam" do fim do século, de seus portuários e suas mulheres, de seus dias de chuva e de neve, quadros e cenas que pintou com um ardor que nada tinha de comum com a doce melancolia da Escola de Haia. Foi pintor da realidade de uma cidade viva, vista através de um espírito alerta de artista, matizado, ora de nostalgia, ora de um amor incondicional à vida e à atividade de uma cidade em plena expansão. Foi também um grande pintor de nus e crianças.

Mas, como disse Auguste Vermeylen, quando se trata de Breitner é inútil, felizmente,

fazer literatura. E o poeta flamengo acrescenta que, mesmo na Holanda, país que pode se orgulhar de uma tão rica tradição, Breitner é um dos maiores. "Não negarei que Breitner aparece, na evolução da pintura européia, após a ação libertadora de Manet — diz ele — porém Manet, que ele, aliás, não conhece, não explica o que mais profundamente me toca nos holandeses. Manet contemplou muitas vezes Frans Hals, mas, quando me vejo diante de Breitner, é num outro Frans Hals que penso... Como Frans Hals, no fim da vida, e como Rembrandt, Breitner é um "visionário" da realidade..."

Para o crítico holandês Hammacher, Breitner e sua geração representam "um outono, uma última floração de uma tradição" que se renovou na Europa no momento em que a pintura se renovou essencialmente... Olhando Breitner, sentimos o sopro dessa pintura; reconhecemos o homem secular que, depois de cada vaga em que se perde, levanta-se com uma pureza maior. A fidelidade a Breitner é irresistível, como é irresistível tudo que é autêntico e verdadeiramente grande".

Em Amsterdam, o centenário de Breitner será celebrado com uma grande exposição no Stedelijk Museum. A 23 de dezembro será inaugurada essa exposição, que se denominará "Breitner e os pintores de Amsterdam". Os inúmeros quadros de Breitner serão rodeados de telas de pintores de séculos anteriores e de pintores modernos, que conheceram a capital da Holanda, como Manet, Marquet, Kokochka, etc.

Calendário Goodyear para 1958

Por intermédio das suas filiais e dos seus distribuidores a Goodyear iniciou a distribuição do seu calendário para 1958.



Mudando completamente a orientação mantida por vários anos a Goodyear apresenta, desta vez, um calendário completamente diferente, com 4 belíssimos ektachromes, mostrando aspectos pitorescos do Brasil e de outros países. É um ótimo trabalho de litografia, num brinde artístico e dos mais atraentes, destinado a confirmar, mais uma vez, tradição mantida há vários anos pelos calendários Goodyear como preferidos em todo o Brasil.

Transforme em cliente conhecido o comprador desconhecido

H A B I T A T

Revista mensal brasileira inteiramente dedicada à divulgação do que de mais importante vai nos setores da arquitetura, urbanismo, decorações, artes plásticas, artes gráficas. Grande circulação no Brasil e no exterior entre arquitetos, engenheiros, decoradores, artistas plásticos e mais interessados em cultura geral.

E N G E N H A R I A

Órgão oficial do Instituto de Engenharia de São Paulo, a cujos sócios a revista é enviada gratuitamente, divulga, mensalmente, artigos, comentários e informações sobre problemas de engenharia, urbanismo, técnica em geral. Circula ainda, entre as firmas distribuidoras ou especializadas em equipamentos para engenharia e indústria bem como firmas construtoras.

B R A S I L T Ê X T I L

Como órgão oficial do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em geral, no Estado de São Paulo, circula mensalmente nos importantes setores da Fiação de lã, Fiação de algodão, Fiação de juta, Fiação de linho, Fiação de nylon, Linha para bordar e coser, Tecelagem de algodão, Tecelagem de lã, Tecelagem de linho, Tecelagem de rayon, Tecelagem de artefatos de lã e algodão, Tecelagem de toalhas, Tecelagem de juta, Meias, Cordoalhas, Estôpas, Lavanderias e Tinturarias, Confecções, Processos químicos e de acabamento, etc.

E L E T R I C I D A D E

Como órgão oficial da Associação Brasileira de Engenheiros Eletricistas, divulga bimestralmente, problemas da Eletrotécnica do Brasil; empreendimentos nacionais referentes à produção e distribuição de energia elétrica; projetos concernentes à eletricidade; movimentos técnicos das nossas Escolas de Eletricidade.

C E R Â M I C A

Órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica, entidade que congrega os profissionais e as principais cerâmicas do país, publica, trimestralmente, o que de mais importante vai nos múltiplos setores da cerâmica industrial ou artística do país e do exterior.

ENGENHARIA MUNICIPAL

Órgão oficial da Sociedade dos Engenheiros Municipais de São Paulo divulga, trimestralmente, problemas de engenharia municipal, urbanismo, arquitetura, problemas da classe. Enviada gratuitamente aos associados e mais engenheiros e prefeituras do interior deste e dos demais Estados brasileiros.

Os maiores entusiastas do anúncio são os profissionais, comerciantes e os industriais prósperos: eles têm experiência.

Quem não faz ou interrompe a publicidade durante uma crise é bem comparável a quem demolisse um dique durante a maré vasante.

O cliente não pode adivinhar que tem interesse em se dirigir a V., se não fôr lembrado ou propagado. A publicidade transforma em cliente conhecido o comprador desconhecido.

Não suspenda a publicidade a pretexto de que os negócios vão mal; continuando-a ela trará a prosperidade.

O povo vai aprendendo que só anunciam intensamente os profissionais de categoria ou produtores e vendedores de produtos de qualidade. E por isso quando se lhes oferece um produto menos conhecido, recusa-o, por não lhe inspirar confiança um produto ou artigo em que nem sequer o produtor ou vendedor confia, pois se neles confiasse não hesitaria em gastar mais com sua propaganda.

Consulte sem compromisso o Departamento de Publicidade da

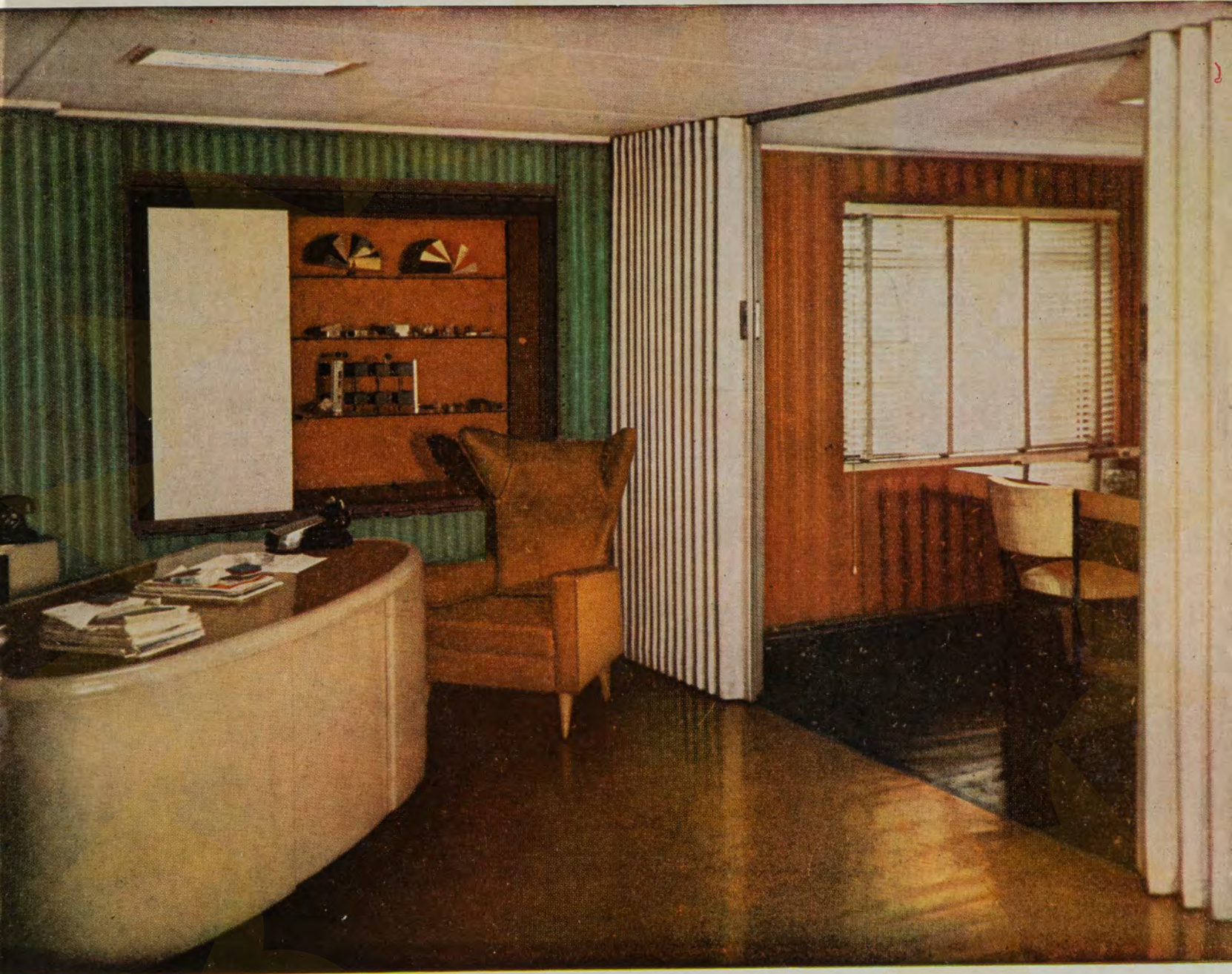
HABITAT EDITÔRA LTDA.

R. 7 de Abril, 230; 8.º and.; conj. 837/38; tel.: 35-2837; S. Paulo

modernfold
PORTAS

ganha espaço e dá beleza

Se V. precisa de mais espaço, para ganhar salas mais amplas ou dividir dependências — MODERNFOLD resolve o seu problema. E V. terá mais lugares para dispor móveis. Seu escritório se enriquecerá com mais espaços úteis, com mais harmonia e com mais beleza decorativa.



modernfold se adapta a todos os ambientes

Homens de negócios também apreciam MODERNFOLD, porque nos escritórios, nas lojas ou nas salas de reuniões e conferências, MODERNFOLD propicia espaços economicamente... e graças à beleza de suas côres, atrai mais freguêses. Em qualquer parte — escolas, hospitais, hotéis ou restaurantes — MODERNFOLD obtém o máximo de espaço aproveitável.

Distribuidor

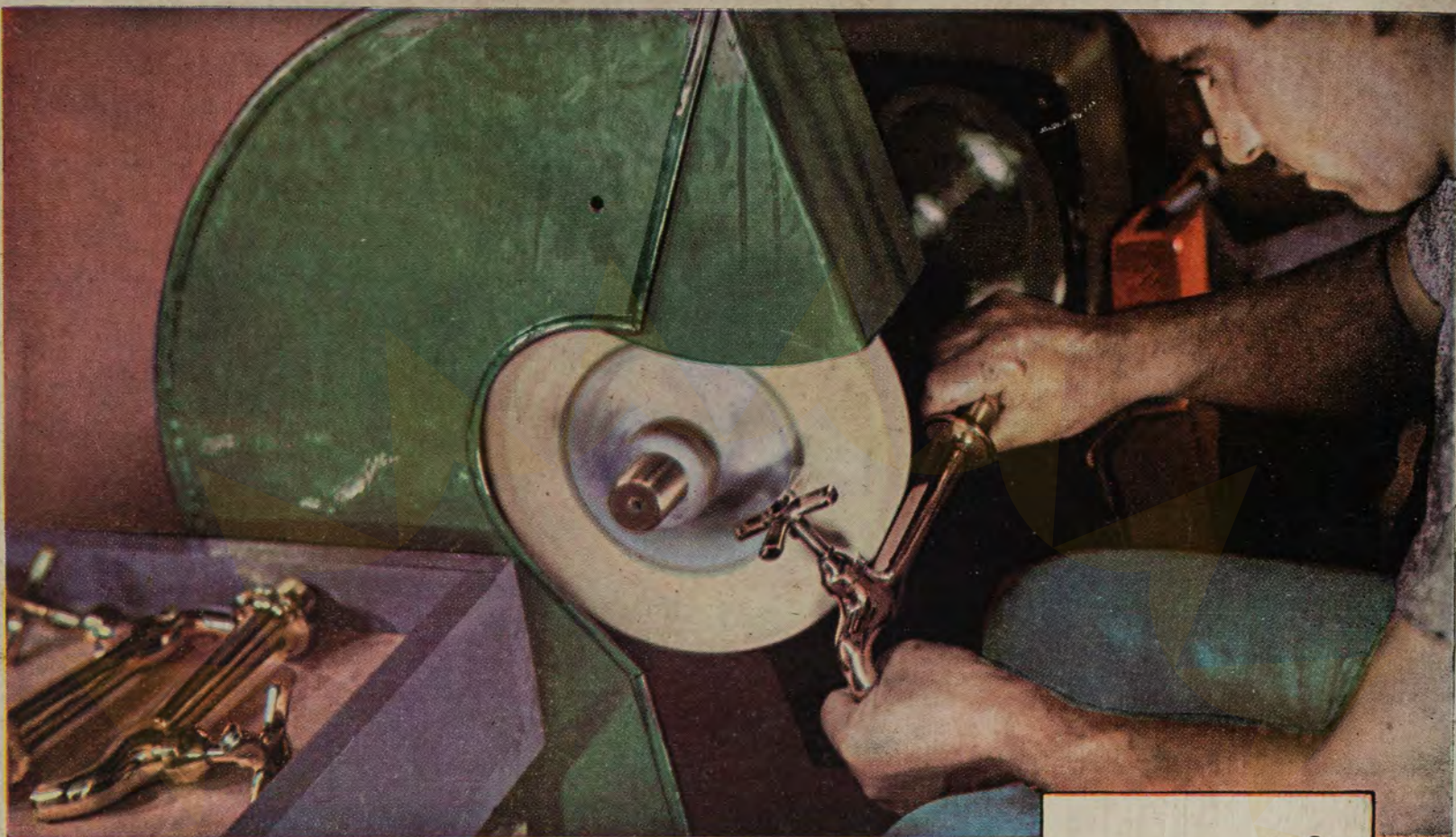
modernfold

LOJAS KIRSCH DECORAÇÕES LTDA. - R. Barão de Itapetininga, 124 - 5.º and. - Fone: 32-6041

Fabricadas por

 **home fittings do Brasil s.a.**

Rua Maria Marcolina, 848 - Fones: 9-7507 e 9-7508 - São Paulo



FASE FINAL DO POLIMENTO DE UMA TORNEIRA

de 8 em 8 segundos...

um produto DECA chega ao término do ciclo de fabricação. 100.000 unidades por mês são produzidas na maior fábrica de metais sanitários do país. Esta produção em larga escala permite que a DECA mantenha, além de modernas instalações, uma equipe de técnicos especializados. O elevado padrão de qualidade dos artigos DECA, já conhecido por todos os engenheiros e instaladores é portanto o produto destes fatores e mais:

- Projeto racional de cada detalhe.
- Utilização exclusiva de bronze da melhor qualidade.
- Rigoroso controle técnico na fundição.
- Usinagem de precisão em máquinas modernas.
- Ensaios de funcionamento e vedação de cada peça produzida.
- Acabamento perfeito e cuidadosa inspeção.
- Modernos processos de niquelação e cromação.

a venda nos melhores distribuidores do ramo

ARTEFATOS DE METAL DECA S. A.

Escritório: Rua Líbero Badaró, 582 - 11.º andar
Fábrica: Rua Comendador Souza, 179 - São Paulo

